

RAMATIS
Com participação do espírito
ATANAGILDO

**A Sobrevivência do
Espírito**

Obra mediúnica ditada pelo espírito RAMATIS
ao médium HERCÍLIO MÃES

Minha Homenagem

Ao estimado confrade Comandante Edgard Armond, espírito operoso e disciplinado, trabalhador da revelação espiritual, cujas vibrações amigas me são gratas desde o velho Egito dos Faraós.

Curitiba, fevereiro de 1959.

Hercílio Maes

OBRAS DE RAMATIS .

1. A vida no planeta marte	Hercílio Mães 1955	Ramatis	Freitas Bastos
2. Mensagens do astral	Hercílio Mães 1956	Ramatis	Conhecimento
3. A vida alem da sepultura	Hercílio Mães 1957	Ramatis	Conhecimento
4. A sobrevivência do Espírito	Hercílio Mães 1958	Ramatis	Conhecimento
5. Fisiologia da alma	Hercílio Mães 1959	Ramatis	Conhecimento
6. Mediunismo	Hercílio Mães 1960	Ramatis	Conhecimento
7. Mediunidade de cura	Hercílio Mães 1963	Ramatis	Conhecimento
8. O sublime peregrino	Hercílio Mães 1964	Ramatis	Conhecimento
9. Elucidações do além	Hercílio Mães 1964	Ramatis	Conhecimento
10. A missão do espiritismo	Hercílio Mães 1967	Ramatis	Conhecimento
11. Magia da redenção	Hercílio Mães 1967	Ramatis	Conhecimento
12. A vida humana e o espírito imortal	Hercílio Mães 1970	Ramatis	Conhecimento
13. O evangelho a luz do cosmo	Hercílio Mães 1974	Ramatis	Conhecimento
14. Sob a luz do espiritismo	Hercílio Mães 1999	Ramatis	Conhecimento
15. Mensagens do grande coração	America Paoliello Marques ?	Ramatis	Conhecimento
16. Evangelho , psicologia , ioga	America Paoliello Marques ?	Ramatis etc	Freitas Bastos
17. Jesus e a Jerusalém renovada	America Paoliello Marques ?	Ramatis	Freitas Bastos
18. Brasil , terra de promessa	America Paoliello Marques ?	Ramatis	Freitas Bastos
19. Viagem em torno do Eu	America Paoliello Marques ?	Ramatis	Holus Publicações
20. Momentos de reflexão vol 1	Maria Margarida Liguori 1990	Ramatis	Freitas Bastos
21. Momentos de reflexão vol 2	Maria Margarida Liguori 1993	Ramatis	Freitas Bastos
22. Momentos de reflexão vol 3	Maria Margarida Liguori 1995	Ramatis	Freitas Bastos
23. O homem e a planeta terra	Maria Margarida Liguori 1999	Ramatis	Conhecimento
24. O despertar da consciência	Maria Margarida Liguori 2000	Ramatis	Conhecimento
25. Jornada de Luz	Maria Margarida Liguori 2001	Ramatis	Freitas Bastos
26. Em busca da Luz Interior	Maria Margarida Liguori 2001	Ramatis	Conhecimento
27. Gotas de Luz	Beatriz Bergamo 1996	Ramatis	Série Elucidações
28. As flores do oriente	Marcio Godinho 2000	Ramatis	Conhecimento
29. O Astro Intruso	Hur Than De Shidha 2009	Ramatis	Internet
30. Chama Crística	Norberto Peixoto 2000	Ramatis	Conhecimento
31. Samadhi	Norberto Peixoto 2002	Ramatis	Conhecimento
32. Evolução no Planeta Azul	Norberto Peixoto 2003	Ramatis	Conhecimento
33. Jardim Orixás	Norberto Peixoto 2004	Ramatis	Conhecimento
34. Vozes de Aruanda	Norberto Peixoto 2005	Ramatis	Conhecimento
35. A missão da umbanda	Norberto Peixoto 2006	Ramatis	Conhecimento
36. Diário Mediúnico	Norberto Peixoto 2009	Ramatis	Conhecimento
37. Umbanda Pé no chão	Norberto Peixoto 2009	Ramatis	Conhecimento

Índice

Invocação às Falanges do Bem	5
Invocação às Falanges do Bem	6
Explicações	7
Preâmbulo de Ramatís	9
Palavras de Atanagildo	12
A Sobrevivência do Espírito	14
1. Aspectos da mediunidade .	15
2. O "Sentido" da vista, no Além	23
3. Noções sobre o perispírito e suas delicadas funções .	29
4. Revitalização do perispírito no astral - Processos empregados	38
5. A volição e o poder da vontade	43
6. As forças mentais e seus poderes	45
7. Um chafariz de alta função terapêutica .	51
8. O diabo e a sede do seu reinado	56
9. A música e seus efeitos	67
10. Uma academia de esperanto e sua modelar organização .	90
Esclarecimentos de Ramatís	108
11. A missão do Esperanto na Terra	109
12. Os "Mantrans" e a Língua	127
13. O Espírito do Esperanto	133
14. O Esperanto e o Espiritismo	140
15. Zamenhof e o Esperanto .	143
16. Sonhos e recordações do passado	151
17. Os estigmas do pecado no corpo físico e no perispírito	170
18. O suicídio e suas conseqüências cármicas	187
19. O Espiritismo, seus princípios e sua missão sobre a Terra.	222

Invocação às Falanges do Bem

*Doce nome de Jesus,
Doce nome de Maria,
Enviai-nos vossa luz
Vossa paz e harmonia!*

*Estrela azul de Dharma,
Farol de nosso Dever!
Libertai-nos do mau carma,
Ensinai-nos a viver!*

*Ante o símbolo amado
Do Triângulo e da Cruz,
Vê-se o servo renovado
Por Ti, ó Mestre Jesus!*

*Com os nossos irmãos de Marte
Façamos uma oração-
Que nos ensinem a arte
Da Grande Harmonização!*

Invocação às Falanges do Bem

Do ponto de Luz na mente de Deus,
Flua luz às mentes dos homens,
Desça luz à terra.

Do ponto de Amor no Coração de Deus,
Flua amor aos corações dos homens,
Volte Cristo à Terra.

Do centro onde a Vontade de Deus é conhecida,
Guie o Propósito das pequenas vontades dos homens,
O propósito a que os Mestres conhecem e servem.

No centro a que chamamos a raça dos homens,
Cumpra-se o plano de Amor e Luz,
e mure-se a porta onde mora o mal.

Que a Luz, o Amor e o Poder
restabeleçam o Plano de Deus na Terra.

Explicações

Prezado leitor.

Eis em tuas mãos uma obra mediúnica ditada pelo espírito de Ramatís, e da qual ainda participa o espírito de Atanagildo, que cumpre assim a sua promessa feita anteriormente, quando se dispôs a atender-nos quanto às solicitações sensatas que posteriormente fizéssemos sobre a realidade da vida do Além-Túmulo.

Embora a presente obra ainda se entenda especialmente com as condições comuns da vida dos espíritos desencarnados, devo esclarecer que encerra novos assuntos que, obedecendo ao habitual sistema de perguntas e respostas dos espíritos de Ramatís e Atanagildo, constituem mais um acervo para o estudo dos complexos problemas do plano espiritual. Assim é que certos capítulos, como "Sonhos e Recordações do passado", "A Volição", "As Forças Mentais e Seus Poderes" e "Aspectos da Mediunidade", são dedicados particularmente aos processos e à técnica familiar com que os espíritos desencarnados intervêm durante os sonhos, como exercem a sua visão astral e operam nas suas relações mediúnicas.

O presente livro é bem um prolongamento do anterior, que se intitula "A Vida Além da Sepultura", expondo diversos assuntos que não foi possível serem ventilados naquela obra, o que redundaria na confecção de um volume demasiadamente grande. Ramatís sugeriu que a presente obra fosse logo impressa, porquanto o assunto não deveria ser interrompido, uma vez que se trata de mensagem destinada especialmente à nossa época. Por isso, dei logo à publicidade este novo livro e incluí nele o admirável estudo de Ramatís sobre o Esperanto, quando respondeu às inúmeras perguntas que lhe haviam sido endereçadas por diversos esperantistas, bastante ansiosos de conhecer o pensamento ramatisiano a tal respeito.

Também alguns confrades espíritas se interessavam por detalhes sobre a existência de escolas ou instituições de Esperanto, situadas no Espaço e em torno do globo terráqueo, a que se referem algumas obras mediúnicas. Ramatís, consultado a respeito, apontou Atanagildo como sendo o espírito mais credenciado para dar uma descrição do assunto a nosso contento. Efetivamente, logo depois Atanagildo brindou-nos com sugestiva e detalhada comunicação, descrevendo-nos com bastante minúcia a natureza dos trabalhos e dos departamentos da "Academia de Esperanto" que faz parte da metrópole astral do "Grande Coração", onde ele reside e da qual já nos contou as particularidades na obra anterior.

O espírito de Atanagildo não participa das demais obras de Ramatís, pois no livro "A Vida Além da Sepultura" apenas cumpriu a promessa de nos transmitir detalhes sobre o cenário tão discutido do mundo astral. O seu trabalho foi semelhante ao que já tem realizado outros desencarnados, que também trataram do mesmo assunto por intermédio de alguns

médiuns experimentados e dignos. Entretanto, Atanagildo prometeu-nos ditar, futuramente, uma série de contos sobre acontecimentos verificados nas vidas pregressas de várias criaturas terrenas, assim como revelar os respectivos efeitos cármicos a que se sujeitaram posteriormente.

Depois destas singelas explicações, só tenho a dizer que me sentirei bastante recompensado da espinhosa tarefa mediúnica desde que estas páginas de advertência espiritual se transformem em novas esperanças para algumas almas combalidas, ou então resultem delas algumas reflexões benfeitoras, que possam remover a dúvida naqueles que ainda não puderam discernir os propósitos sublimes da vida imortal.

Embora os proventos desta obra se destinem a minorar algumas necessidades humanas, o meu ideal será que ela possa conjugar o pão do corpo ao conforto do pão do espírito, pois só este é que realmente pode transformar a alma no seu próprio guia e artífice do seu glorioso destino imortal!

Curitiba, 20 de junho de 1958

Hercílio Maes

Preâmbulo de Ramatís

Paz e Amor.

Ao ensejo de transmitir-vos algumas palavras no início desta obra, que abrange diversas comunicações enviadas do "lado de cá" da vida espiritual, cabe-me o grato dever de ressaltar também o heróico trabalho dos espíritas, que desde há um século vêm divulgando Os princípios elevados do Espiritismo codificado por Allan Kardec.

Como o Espiritismo não é apenas um conjunto de postulados doutrinários ou simples repositório científico, garantido somente pela pesquisa e produção de fenômenos submetidos às leis invisíveis e do domínio dos desencarnados, mas, acima de tudo, é admirável ensejo de renovação espiritual sob o Código Moral do Evangelho de Jesus, é preciso que saibais quais são os favorecimentos ou os prejuízos que podem se suceder após a morte do corpo físico, conforme seja a maior ou menor integração da alma nesses postulados evangélicos. A porfia do espírito algemado ao organismo de carne terrena é o mais eficiente fator para ele acelerar a sua dinâmica de pensar e desenvolver a sua pureza de sentir! Os problemas econômicos e as vicissitudes morais, que se apresentam cotidianamente à perplexidade do espírito reencarnado, têm por função obrigá-lo a movimentar os recursos da razão e afinar a emotividade do coração.

Não é preciso "morrer" fisicamente para se "sobreviver" espiritualmente, pois sempre viveis na eternidade, a qualquer momento, sem que se quebre o elo de sustentação interior, que garante a imortalidade de vossa consciência espiritual. Mesmo quando submetido à lei de retificação cármica, em que o espírito "dorme", asfixiado no corpo de um imbecil ou delira no corpo do doido furioso, ainda se pode comprovar a sua indiscutível presença, quer durante os fugazes reflexos de consciência, quer na experimentação comum da hipnose.

A desencarnação pode ser associada ao fato do escafandrista, que se deveste do seu traje pesado à margem do rio ou do lago, para em seguida reintegrar-se na posse completa dos seus movimentos e emoções, que só lhe são naturais à superfície da terra. Mudais de plano vibratório sem modificardes o vosso interior, porquanto a morte do corpo físico não é fenômeno miraculoso, que faça eclodir a sabedoria no espírito ocioso ou a ternura na alma cruel. O vosso organismo carnal, à semelhança de um biombo espesso, torna-se um forte interceptador da luz do espírito; o seu desaparecimento, ou a sua desintegração no seio da terra, favorece a alma para que esta clareie o seu campo de consciência e ative a memória preexistente ao nascimento físico. O fenômeno pode ser comparado à luz de uma lâmpada que se projeta a maior distância, assim que lhe afastem os biombos ou anteparos que lhe reduzem a expansividade luminosa! Na verdade, é a nossa mente que se transfere de um plano vibratório mais denso para outro mais sublimado, qual um fecho de luz que deixa de iluminar a superfície opaca de um vaso de pedra, para focalizar-se unicamente no seu líquido interior.

Muitas criaturas religiosas e crentes confessas ainda confiam em que, ao desencarnar, é que hão de retomar o "fio" de sua verdadeira consciência espiritual e então recomeçar a usufruir dos gozos e dos direitos que lhes ficaram suspensos durante a fase da vida terrena. Mas essa idéia ser-lhes-á de profunda decepção, pois aqui não há "recomeço" pelo fato de o espírito haver-se isolado na vida terráquea, e ninguém gozará de um panorama agradável e celestial apenas porque cumpriu certos deveres religiosos no mundo físico. O ritmo espiritual de vossa consciência é a realidade da vossa própria vida; não existem hiatos ou adormecimentos no espírito, embora não o possais comprovar através de conclusões exteriores; no transe, na imbecilidade, na loucura ou na morte, ele subsiste sempre na sua vida interior, porque é a centelha imortal que vos sustenta o pensar e o sentir.

A reencarnação lembra o fato do viajero que, diante do clima assaz rude, apenas enverga o traje mais pesado e protetor, sem que por isso tenha-se verificado a amnésia de sua verdadeira individualidade.

Embora muitos recém-chegados ao Além deparem com inúmeros acontecimentos maravilhosos, como se houvessem emigrado para um mundo de fadas completamente diverso da Terra, alguns verificam mais tarde que mesmo esses gozos tão admiráveis os tornam apáticos, porque ainda não puderam vencer a insidiosa influência passional do mundo terreno. Ocorre, então, estranho paradoxo com a alma, pois que fica realmente apática e melancólica, embora se encontre no seio de sublime ambiente celestial; lembra o exemplo da ave com as asas atrofiadas pela excessiva permanência no solo e que, sendo solta na plenitude do espaço, viva angustiada pela insegurança do seu vôo. As pessoas que não se iniciaram no encanto da música fina sentem-se apáticas e insatisfeitas diante das mais belas óperas e sinfonias, porque ainda lhes falta o elo ou o liame interior capaz de proporcionar-lhes a necessária intimidade com as tessituras muito delicadas. O seu gosto musical ainda se fundamenta no padrão acanhado das composições inferiores, por cujo motivo o júbilo só se lhes desperta quando retornam a ouvir a melodia popular, de ritmo pobre e tedioso.

Muitos seres desencarnam de modo tão desesperado, ante o temor de abandonarem as suas quinquilharias materiais, que ao despertarem no Além, mal conseguem ter consciência da mudança do meio, pois a sua luz interior, ainda bastante reduzida devido ao trato das paixões animais e das tolices mundanas, apresenta-lhes as formas astrais como se fossem de natureza exclusivamente física. Então se torna muito dificultoso convencê-los de que não se encontram na vida terrena, pois ainda se julgam de posse dum organismo carnal, ao mesmo tempo que o perispírito lhes pesa e os liga rudemente ao meio a que se imantam desconcertados. Inúmeros recursos são então empregados para que pouco a pouco se lhes acenda novamente a chama reduzida da consciência espiritual, livrando-os das formas enganadoras da crosta terráquea.

Entretanto, como a morte descerra o "Véu de Ísis" para todos aqueles que jornadeiam pela carne, também se apresenta ao viajero sarcástico, invigilante ou descrente, o momento em que despertará para a realidade do Além-Túmulo, devendo então se por em contato direto e implacável com a sua própria consciência. E muitos logram o ensejo de avaliar o mérito ou o demérito das fraternais comunicações mediúnicas, que os espíritos afetuosos lhes hão enviado para minorar-lhes as angústias da travessia perigosa, quer se suceda depois da cova deserdada do pobre ou do rico mausoléu ornamentado pelos relevos do mármore luxuoso.

Então o recém-desencarnado, sem mistérios, simbolismos ou sofismas, defronta-se com a oportunidade de verificar quão sublime e vantajoso lhe resulta o culto incondicional do Evangelho de Jesus, ou então ser-lhe-á provado quão doloroso e deserdada é a situação no Além, para aqueles que se devotam excessivamente ao culto das paixões da carne provisória.

Estas páginas mediúnicas, que são transmitidas através do cérebro de um espírito encarnado, resumem-se em singela epístola fraterna e sincero convite, para que ainda em tempo favorável, alguns encarnados reflitam seriamente nos benefícios que decorrem para o espírito em cultivar o Bem, o Amor e o Perdão, mesmo no seio da humanidade inquieta, cobiçosa e interesseira do século em que viveis.

Curitiba, 17 de junho de 1958

Ramatís

Palavras de Atanagildo

Meus irmãos.

Pede-me o intérprete mediúnico destas comunicações que eu diga algumas palavras como intróito à presente obra, que deve ser considerada como um prolongamento da anterior, denominada "A Vida Além da Sepultura". O seu texto compreende outros assuntos e motivos que servirão para despertar novas reflexões espirituais, assim como proporcionar aos seus leitores alguns conhecimentos referentes à técnica com que operamos, do mundo invisível, sobre aqueles que se tornam intérpretes dos nossos pensamentos.

Reconheço que, tanto na obra anterior quanto nesta, em que também me beneficiou a cooperação generosa de irmão Ramatís, não me foi possível relatar-vos com absoluta fidelidade o realismo impressionante das regiões trevas, embora eu tenha tentado descrever-vos os fatos em sua feição mais crua e dolorosa. Acredito, no entanto, que já podeis avaliar as situações dantescas do Além-Túmulo, assim como vos aperceberdes das perigosas conseqüências que resultam do descaso e da negligência espiritual. Ademais, o espírito realmente inteligente não opera contra si mesmo, nem vive na Terra de modo a perturbar a sua própria ventura após a morte do corpo físico. É bastante um pouco de senso espiritual para que o homem logo compreenda que somente ele é o único responsável e o mais prejudicado, quando prefere escravizar-se às ilusões e aos vícios do mundo provisório da carne!

Embora eu não alimente propósitos messiânicos de atemorizar incrédulos ou exprobrar as faltas dos pecadores terrenos, mas, reconhecendo-me irmão eterno desses infelizes rebeldes e sofredores, sinto-me compungido ao vê-los padecer tão atrozmente, quando lhes bastaria um pouco mais de ânimo e estoicismo espiritual para ingressarem nas hostes abençoadas das almas felizes. Na penumbra triste dos planos das sombras, continuam a ingressar magotes de infelizes espíritos rebeldes e desregrados, que mais se assemelham a verdadeiros duendes alucinados ou frangalhos humanos, vítimas de suas próprias estultices espirituais. Envoltos pelos fluidos agressivos de suas próprias torpezas e desenganos, tornam-se as almas penadas de indescritíveis sofrimentos e pavores, que ficam impermeabilizados ao próprio esforço socorrista de seus parentes desencarnados e, também, imunes às próprias orações dos entes queridos que deixam no mundo terreno!

Na condição de espírito desencarnado e gozando apenas da faculdade de enxergar um pouco mais além do horizonte limitado da vida física, desejo apenas cumprir o dever fraterno de advertir aqueles que ainda negligenciam com a sua própria ventura no Além-Túmulo. Não me preocupam quaisquer louvores ou considerações dignos de crédito na contabilidade sideral; oxalá as criaturas que crêem com sinceridade na sobrevivência da alma confiem sensatamente nos relatos que daqui lhes são enviados pelos espíritos amigos, a fim de que

ainda possam amenizar os seus padecimentos inevitáveis, caso tenham olvidado o roteiro salvador traçado e vivido pelo Mestre Jesus.

Sem pretender copiar as literatices humanas ou desejar atrair a admiração intelectual do mundo terreno, que poderiam proporcionar as novelas do tipo "mata-tempo", congratulome com aqueles que souberem extrair destas comunicações despretensiosas o consolo, o ânimo e o roteiro que a minha insuficiência espiritual ainda não me permite expor em toda a sua plenitude.

Seja convosco a paz de Jesus.

Curitiba, 23 de junho de 1958

Atanagildo

A Sobrevivência do Espírito

Capítulo 1

Aspectos da Mediunidade

Pergunta: - *De vez que, como dissestes alhures, o contato que tendes com o médium que vos serve se realiza através do seu perispírito, pensamos que esse contato com qualquer outro médium também será fácil não só de vossa parte como de qualquer outro espírito que deseje se comunicar; não é assim?*

Atanagildo: - Não é bem assim. Ao tentar conseguir o mais apagado contato com a matéria - e o que se dá comigo também se dá com muitos outros espíritos - tenho que mobilizar certos recursos especiais e despender um vigoroso esforço, que às vezes me esgota e quase não me anima a prosseguir na tarefa empreendida. Desconheceis quão dificultoso se torna ainda para nós, desencarnados, realizar qualquer operação de ordem mais direta, por intermédio dos reencarnados. Enquanto os obsessores conseguem subjugar grande parte dos médiuns invigilantes, tornando-os passivo às suas sugestões e desejos torpes, os espíritos do Bem defrontam com fortes obstáculos para conseguir essa mesma passividade para com o serviço superior!

Pergunta: - *O médium de que vos servis neste momento sente de modo positivo o vosso contato, quando operais através dele, para a feitura destas comunicações?*

Atanagildo: - Quando eu me aproximo do sensitivo, ele não sente a minha presença de um modo material, nem a registra pelos seu sentidos físicos do tato, do olfato ou da visão; realiza-se um contato espiritual, interior, nada mecânico, e diferente de choques vibratórios exteriores. Neste momento estou transmitindo ao médium os meus pensamentos, em resposta às perguntas que estais fazendo, mas me dirijo ao espírito do médium, em lugar de mover-lhe as mãos na máquina datilográfica; a datilografia é comandada pelo seu próprio espírito, após perceber os meus pensamentos, o que faz através de sua aguçada percepção psíquica. Não imagineis que eu esteja escrevendo a máquina, como se fosse um exímio datilógrafo aí na Terra. Será puro engano! Eu não sei escrever a máquina, nem tampouco o sabia quando vivia aí na crosta; quem realmente está escrevendo é o médium, o qual recebe o meu pensamento através do seu perispírito e, em seguida, o transfere para o seu cérebro, vestindo então as idéias que lhe transmito com os vocábulos que lhe são mais familiares.

Pergunta: - *Quereis dizer que o médium compõe com os seus próprios recursos vocabulares o texto que expressa o conjunto dos vossos pensamentos; não é assim?*

Atanagildo: - É o que realmente acontece com o sensitivo de que estou me utilizando neste momento, pois que se trata de um médium intuitivo e que, ao receber os meus pensamentos, precisa transmiti-los a vos com o seu vocabulário familiar. Eu só poderia transmitir-vos as minhas próprias expressões, empregando o estilo que me é próprio, se

tivesse à minha disposição, neste momento, um médium mecânico ou sonambúlico. Servindo-me de um médium mecânico, eu atuaria nos seus centros de forças, etéricos, à altura do plexo braquial, e nessa região formaria uma espécie de "cérebro provisório", que comandaria esse grupo de gânglios, que se tornariam em um centro coordenador do braço do médium. Deste modo, ser-me-ia possível transmitir-vos minhas palavras tão exatamente como se estivesse sentado convosco, em corpo físico. Com esse improvisado centro de comando ganglionar, através do qual eu poderia dirigir os nervos motores do braço direito do médium, os meus pensamentos fluiriam diretamente para o papel, como se fossem transmitidos com o emprego de uma caneta viva e dócil ao meu manejo. Se me servisse de um médium sonambúlico, logo que o seu perispírito se afastasse do corpo físico, como no transe cataléptico, permanecendo ligado ao corpo apenas pelos cordões fluídicos mais importantes, então eu agiria como se estivesse em meu corpo terreno, ou atuaria como num caso de hipnose, servindo-me do cérebro do médium para compor os meus ditados. E, como o espírito do sensitivo também ficaria afastado juntamente com o seu perispírito, não poderia ele tomar conhecimento de minha comunicação, em face de não passar pelo seu cérebro. É claro que, desse modo, eu também poderia falar e escrever com toda naturalidade, usando o meu próprio arquivo pessoal de vocábulos familiares, apondo à escrita a minha assinatura como eu a traçava no mundo material e dando-vos notícias perfeitas de minha última rotagem na França, mesmo no idioma desse país.

Mas, no caso do médium que ora recebe o meu pensamento, eu só posso transmitir mensagens através do seu espírito, e este é que deve dar-lhes redação, cuja clareza, lógica e sensatez dependerão da sua capacidade receptiva e da sua facilidade em escrever. Ele assemelha-se, então, a um alfaiate que precise confeccionar o traje para um cliente que não escolheu ou não quis escolher o próprio figurino...

Pergunta: - *Se o médium que vos serve fosse taquígrafo, poderiam estas mensagens ser recebidas com maior rapidez?*

Atanagildo: - Evidentemente assim seria, pois os sinais gráficos lançados no papel, e que retratam materialmente o meu pensamento, dependem do intermediário e não de mim, visto se tratar de médium intuitivo, que não posso comandar, mas apenas inspirar. Eu poderia enviar-vos mensagens até por intermédio de um médium analfabeto, mas, para isso, ele precisaria ser completamente sonambúlico, o que é muito raro de acontecer; no entanto, desde que se trate de sensitivo "semi-mecânico", ou "intuitivo", como o que ora escreve, é bem reduzida a porcentagem do que os comunicantes podem transmitir no seu modo peculiar de se expressar, e então predomina nas mensagens o estilo do próprio intermediário.

Pergunta: - *Então, quanto maior for o cabedal de conhecimentos do médium intuitivo e o seu desembaraço no falar ou no escrever, tanto maior será a fidelidade das comunicações que receber dos espíritos; não é assim?*

Atanagildo: - Evidentemente assim é, pois, à medida que o sensitivo amplia o seu arquivo de conhecimentos e também o seu vocabulário, nós podemos transmitir as mensagens de modo mais claro e minucioso, tratando de coisas mais importantes e fazendo-nos compreender melhor. Assim como Paganini não lograria êxito artístico se se utilizasse de um violino com uma só corda, também os espíritos não lograrão êxito na transmissão de suas

mensagens utilizando-se de um médium inculto. O êxito das comunicações de importância depende, pois, de procederem de um espírito com conhecimentos seguros e que possa se ajustar a um médium de intelecto desenvolvido e de sentimentos elevados.

Pergunta: - *Uma vez que o médium deve vestir com os seus próprios vocábulos e recursos intelectuais o pensamento do espírito, não poderá acontecer que ele componha certas respostas valendo-se da lembrança de frases ou conceitos de outros autores, dando-os como sendo de autoria do espírito? Supondo-se que o médium tenha excelente memória e possa associar ao que o espírito comunica aquilo que já leu anteriormente, não será justo que alguém possa considerar a comunicação do espírito como um plágio ou pasticho?*

Atanagildo: - Esse acontecimento não é desconhecido para nós, e a própria literatura espírita pode vos comprovar a sua existência, que é levada à conta de "animismo", por ser fruto de associação de idéias ou da chamada "memória fotográfica", muito desenvolvida em alguns sensitivos, inclusive este pelo qual me comunico. Muitas vezes, na ansiedade de registrar com exatidão e fidelidade aquilo que o espírito comunica, o médium intuitivo aflige-se entre a necessidade de auscultar o plano do "lado de cá" e a de efetuar o registro das idéias no papel, mantendo-se em transe no limiar dos dois planos, em cujo momento pode intervir o automatismo de sua bagagem mental, fazendo-o compor trechos com matéria de outra lavra, a fim de materializar melhor o pensamento do espírito comunicante.

É claro que fazemos o possível para evitar esse fenômeno, algo desairoso para os medianeiros intuitivos; no entanto, a nossa vida no plano astral não nos permite estar a par de toda a literatura do orbe material, de modo a podermos identificar de pronto frases, conceitos ou textos que se assemelhem a outros já conhecidos. Esse trabalho, cremos, seria melhor executado pelo próprio médium, ao rever o que escreveu.

Quando transmitimos uma obra como esta, de assunto muito variado e respondendo a perguntas heterogêneas e por vezes complicadas, que lançam o médium intuitivo num estado de preocupação aflitiva, então esse fenômeno de emersão da memória fotográfica, muito sensível, reproduz-se mais amiúde.

Pergunta: - *Cremos que esse fato poderá atrair para os médiuns intuitivos a pecha de plagiadores ou copistas de outros trabalhos; não é assim?*

Atanagildo: - Respeitando os direitos da realização humana em todos os seus setores, literários, artísticos, filosóficos ou científicos, quero lembrar-vos de que, na realidade, o homem é sempre uma espécie de aparelho repetidor de coisas já tantas vezes repetidas sob outras vestes mais rudes ou psicológicas. Shakespeare, Homero, Virgílio, Dante, Cervantes, Sócrates, Platão e outros gênios consagrados no vosso orbe, ainda continuam, apesar do tempo decorrido, a ser a fonte das mais altas inspirações e dos assuntos ventilados sob o figurino do século XX, e ninguém pode se afastar do texto exato de suas concepções! Na verdade, o inédito só existe no seio do Espírito Cósmico, do qual extraímos tudo aquilo que necessitamos, pois mesmo os acontecimentos que estais vivendo são ainda novas repetições do que outros espíritos já materializaram em mundos extintos! Quando

alguém se deixa tomar pelo orgulho de haver criado algo de novo e insólito na Terra, quase sempre ignora que outro "alguém", desencarnado, sorri compassivamente por tê-lo intuído e guiado até o êxito final de seu empreendimento!

Buda, 500 anos antes de Cristo, proferiu as seguintes frases: "Com fé se move o Himalaia" e "Quem assiste a um enfermo assiste a mim". E Jesus, meio milênio depois, repetiu estas afirmações, em outros termos, dizendo: "Porque na verdade, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: passa daqui para acolá, e ele há de passar" e "Na verdade vos digo que quantas vezes o deixastes de fazer a um destes pequeninos, a mim deixastes de fazer". Zoroastro, 650 a.C., numa das passagens sublimes do "Avesta", e Confúcio, 500 a.C., formulando conceitos para a "Regra de Ouro", assim disseram: "Não façais aos outros o que não é bom para ti mesmo", e Jesus, mais tarde, também disse: "Não façais aos outros o que não queres que te façam". Sem dúvida, não ireis considerar o sublime Rabi da Galiléia capaz de um plágio, apenas porque confirmou uma regra já consagrada no mundo pelos seus predecessores!

Não sancionamos plágios ou cópias de labores dignos, do próximo, mas também não deixamos de vos lembrar que, quando isso ocorrer inconscientemente, nada vem de vós, e sim tudo provém de Deus.

Pergunta: - *O médium presente sabe o que está escrevendo e percebe o assunto do que é ditado por vós à sua audição espiritual?*

Atanagildo: - Sem dúvida, pois ele é consciente do que está fazendo; apenas, para não se equivocar, acha-se imensamente preocupado em datilografar tudo que eu lhe comunico e, deste modo, fica algo abstraído e às vezes se torna um verdadeiro e eficiente prolongamento vivo de mim mesmo. Sabe perfeitamente o que está escrevendo e fica-lhe mais ou menos no subconsciente tudo aquilo que já escreveu; mas não tem noção exata do que está para vir, porque isso palpita em minha mente e ele ainda não tomou, portanto, conhecimento do assunto. Devido a isso, ele escreve sob a ação de duas fortes preocupações: uma por não desejar perder a lógica do pensamento que lhe exponho e outra devido ao receio de que lhe venha a faltar coerência no ditado. Por isso, assim que lê tudo o que recebe de mim e de outros espíritos, desconfia de que seja uma composição de sua exclusiva lavra, porém logo se toma de surpresas ao verificar que não cogitava de tal assunto ou tese, não pretendia tal resposta nem poderia empregar certas palavras tão bem ajustadas em algumas passagens ou fraseados, que não saberia compor com tanta fluência, quando em estado de completa vigília. Embora o conteúdo da escrita lhe pareça ser produto do seu pensamento e estar associado, muitas vezes, ao de obras das quais já tomou conhecimento, vê-se obrigado a reconhecer que há uma qualidade e uma doutrinação subjetiva, disciplinada e que ignorava, formando o elo de todos os escritos inspirados pelo espírito.

Pergunta: - *Se o médium que vos serve é consciente, por que motivo dissestes que ele é semimecânico?*

Atanagildo: - Porque, se ele fosse exclusivamente intuitivo, estaria escrevendo com lentidão, demorando-se no compor as frases e vacilando na exposição das idéias, embora pudesse seguir um raciocínio disciplinado pela sua própria mente. O médium

intuitivo, embora escreva ou fale sob a ação dos espíritos desencarnados (salvo quando é muito sensível) dificilmente identifica a nossa natureza espiritual, porque o atuamos de modo essencialmente inspirativo. Já não ocorre isso com o sensitivo de que ora me sirvo, pois, além de conseguir transferir a intensa qualidade do meu cabedal espiritual para o papel, interpreta com clareza o meu pensamento e, embora a seu modo, escreve como eu desejaria que ele escrevesse. Não tendes reparado como ele escreve velozmente, sem vacilações, embora muitíssimo preocupado com a fixação das idéias que lhe transmito e que lhe fluem aos borbotões?

Pergunta: - *Ser-vos-ia possível caracterizar melhor essa faculdade semimecânica do vosso médium, neste momento?*

Atanagildo: - Em virtude de podermos acelerar as nossas vibrações (porque estamos fora do corpo físico) as nossas idéias ultrapassam rapidamente a possibilidade de serem abrangidas totalmente pelo médium e fixadas no papel em tempo satisfatório. Então, para poder captar imediatamente as minhas idéias que, embora sejam produzidas numa escala vivíssima para os vossos sentidos (aliás a mais baixa vibração que consigo graduar no astral) o médium escreve de modo aflitivo e absorto completamente naquilo que faz, utilizando-se de todos os recursos de sua técnica e capacidade datilográfica, de modo a não desperdiçar o fluxo inspirativo que lhe transmito.

Eis um dos motivos por que ele obteria mais sucesso se fosse um taquígrafo experimentado, pois empregaria um processo mais rápido para apanhar os meus pensamentos, logrando mais êxito e maior apreensão do assunto. É preciso que saibais que as dificuldades existentes para um entendimento mútuo entre os desencarnados e o vosso mundo não decorrem de nossa culpa, pois tudo fazemos para o maior sucesso nas relações tão desejadas de ambas as margens da vida. Essas dificuldades são provenientes da volúpia com que os homens se sintonizam com as faixas vibratórias dos comunicantes das sombras, ao mesmo tempo que resistem às delicadas sugestões das almas benfeitoras.

É difícilimo reunirem-se todas as qualidades desejadas em um só médium, tais como a conduta moral superior, o desinteresse utilitarista, a devoção incessante ao estudo, a perseverança, a renúncia e a facilidade de escrever. Quanto ao médium de que me sirvo, embora eu não possa dominar os seus plexos braquiais e assim comandar-lhe os nervos motores dos braços, ou então dominar-lhe o cérebro, num transe em que o seu perispírito se afaste do corpo, sintonizo-me de tal modo com ele, numa perfeita seqüência telepática, que os seus escritos resultam como produtos de uma só vontade disciplinada através de idéias e vocábulos afins.

Eis porque o classifico de médium semimecânico, pois ele executa parte do trabalho mediúnico por sua conta, na ocasião de configurar as minhas idéias através da vestimenta dos vocábulos e expressões que lhe são conhecidos na vida terrena. No entanto, assim que ele fica absorto nessa operação e entretido no trabalho, mesmo conscientemente, eu posso situar outra grande parte do comunicado diretamente no seu campo dinâmico mental e fazê-lo trabalhar sob certo automatismo dirigido por mim. Mais tarde, então, ele descobre essa ação dupla, de espírito e médium, ao verificar que certas frases, orações e soluções filosóficas ou descritivas, que registrou nos seus escritos, não as registraria se isso dependesse de sua exclusiva competência.

Considero o médium presente bastante dócil e capacitado para o trabalho que executamos em conjunto, pois demonstra acentuada plasticidade psíquica para apreender o assunto de que desejo tratar. Ele não dificulta o meu trabalho porque, além de compreender-me com rapidez e facilidade, sabe colocar-se muito bem na minha faixa vibratória, quando consigo fazê-la baixar até as fronteiras da vida física. Se ele não me auxiliasse através dessa maleabilidade psíquica, isso significaria para mim um grande tropeço no exercício mediúnico, pois que seria prejudicada a maior parte de minhas idéias no comunicado. Aprecio a sua submissão no trabalho, e o modo por que se sintoniza de imediato comigo, deixando fluir o curso dos meus pensamentos, sem indagações prematuras que me perturbariam bastante na coerência doutrinária e no ajuste lógico das respostas.

Tenho notado que este médium prefere transferir as suas dúvidas ou análises dos trabalhos para depois da recepção psicográfica, ao contrário de muitos médiuns intuitivos ou semimecânicos que têm o péssimo hábito de opor as suas desconfianças sobre o trabalho no instante exato da recepção mediúnica do Além, o que sempre ofusca a limpidez das nossas comunicações. Quando o médium se toma de desconfianças ante a nossa inspiração, assemelha-se a um lago encrespado, em cujo dorso agitado não pode se refletir a luz serena do luar!

Pergunta: - *Poderíamos crer que este médium seria capaz de recepcionar fielmente o pensamento de qualquer entidade espiritual, ante a facilidade de se colocar na faixa vibratória dos comunicantes desencarnados?*

Atanagildo: - Desconheceis o trabalho, a assistência e os esforços tenazes-empregados de ambas as partes (médium e comunicante) para que se obtenha êxito nas presentes comunicações. A entidade que pretende servir-se satisfatoriamente de um instrumento mediúnico, capaz de receber mensagens de utilidade comum, necessita de muito tempo de trabalho junto àquele que escolheu como seu medianeiro espiritual. As tarefas delineadas só se realizam com facilidade e sensatez depois que desaparecem quaisquer dúvidas entre o comunicante e o médium, após se ajustarem como duas vontades estreitamente combinadas para um mesmo serviço em comum. É certo, entretanto, que essa exigência se refere mais propriamente aos médiuns intuitivos, quando dificilmente conseguem distinguir um espírito de outro, pois, no caso de mediunidade sonambúlica, mecânica ou inconsciente, a própria entidade comumente se distingue técnica e psicologicamente nos seus relatos, devido a operar por um medianeiro em completo estado de passividade que, portanto, não lhe opõe obstáculos quanto à sua real identificação.

Devido ao fato de o médium pelo qual me comunico ser intuitivo, necessitei treiná-lo por longo tempo, com assídua assistência, até conseguir que ele pudesse, então, assenhorear-se de alguns traços fugitivos de minha última personalidade humana, vivida no Brasil. No entanto, a minha contextura psicológica, o meu modo de pensar e de chegar a conclusões, só o podeis perceber vagamente nestas mensagens, porque ainda não temos operado em conjunto durante o tempo suficiente e exigível para que eu possa transpor-lhe a própria personalidade e estereotipar nele, com nitidez, o meu tipo espiritual exato. Eis um dos motivos pelos quais a maioria dos médiuns intuitivos não oferece distinções de identidade nos seus escritos mediúnicos, que se tornam, então, muito semelhantes entre si, embora se multiplique a variedade de assinaturas dos comunicantes.

Pergunta: - *Quais os fatores que podem auxiliar o médium intuitivo para que ele possa distinguir a individualidade dos espíritos comunicantes nos seus escritos mediúnicos?*

Atanagildo: - Embora seja difícil distinguir os espíritos comunicantes através do seu estilo propriamente dito, o médium intuitivo estudioso e sensato pode distinguir algo do seu caráter, temperamento ou condicionamento psicofísico; há sempre um tom espiritual que particulariza a individualidade dos desencarnados. Quanto aos fatores necessários para o médium poder revelar, embora de leve, a identidade de cada espírito, consistem em manter ele estreita ligação psíquica com o comunicante e, pouco a pouco, absorver o estilo e a índole psicológica do mesmo. Que proveito há em que o médium escreva de modo ininterrupto, sobre um mesmo assunto e num estilo único, incontável número de mensagens com centenas de assinaturas diferentes atribuídas a vários espíritos desencarnados, que certamente variam em seu psiquismo e inteligência, quando, deixados de lado esses nomes tão diferentes, o conteúdo e o estilo são idênticos entre si e só refletem a personalidade do médium?

Sem dúvida, pode estar-se realizando nessa ocasião profícua aproximação de nobre entidade espiritual, que se sentiu atraída pela afinidade moral, sentimento e inteligência do médium; mas acontece que pode se tratar apenas de um mesmo comunicante, por cujo motivo convém que o sensitivo mantenha uma só identidade em suas recepções, até que possa distinguir perfeitamente a individualidade do comunicante. Só assim se justifica individualizar qualquer comunicante, isto é, por meio de algum indício de sua maneira peculiar de pensar e sentir.

Pergunta: - *O vosso médium deve ser considerado no círculo dessas limitações, ou está apto para quaisquer comunicações mediúnicas?*

Atanagildo: - O médium que me serve neste momento poderia situar-se a contento em muitas faixas vibratórias, algumas de bom teor espiritual, mas ele reconhece que, por enquanto, o seu trabalho de maior êxito é conseqüente da sua grande afinidade com Ramatís e comigo, que fui seu companheiro noutras encarnações, principalmente na Grécia. Conforme já vos comuniquei alhures, a sua faculdade mediúnica intuitiva não lhe permite copiar perfeitamente os estilos pessoais dos comunicantes, mas ele tem a facilidade de vestir-lhes as idéias com os trajes do seu próprio conhecimento vocabular e recursos intelectuais. Quando ele estiver em condições de poder distinguir com segurança a mim, tanto quanto já distingue a Ramatís, então os mentores hão de lhe favorecer a oportunidade de outras comunicações com outras entidades, que diferem bastante de nós no campo dos raciocínios e que poderão se identificar por qualquer característica psicológica. Com o tempo, o médium intuitivo termina "sentindo" a natureza familiar de cada comunicante e, automaticamente, fixa-lhe o estilo, o temperamento e as diversas nuances psicológicas. Através de minhas comunicações neste momento, podereis avaliar da grande dificuldade de identificação dos espíritos por meio de médiuns intuitivos, pois faço prodigiosos esforços para fazer conhecer a maior porcentagem possível do meu tipo espiritual e revelar-vos a minha exata personalidade! Faço tudo para melhor me distinguir do modo de se expressar de Ramatís, com cujo estilo e linguagem o sensitivo já está há longo tempo acostumado.

Quando as minhas idéias se sintonizam com as do médium, ele imagina que está escrevendo coisas da sua lavra; quando as minhas idéias se assemelham às de Ramatís, então o sensitivo acredita estar sendo acionado pelo seu querido mentor espiritual. Imaginai, agora, que grande confusão poderá fazer um médium que se ponha a receber dezenas de comunicações de espíritos, mas sem o treino para notar as suas diferenças de cunho moral ou intelectual! Sem dúvida, ele não conseguiria, em breve, distinguir jamais uns dos outros, devido à delicadeza e à característica da mediunidade intuitiva, em que os médiuns reproduzem o que sentem ou o que os inspiram, mas o fazem com os seus próprios recursos comuns!

Pergunta: - *Não seria melhor que vós e Ramatís vos servísseis de um médium sonambúlico ou psicógrafo absolutamente mecânico, a fim de que as vossas idéias fossem transmitidas com toda segurança? Isso não concorreria, outrossim para maior eficiência do trabalho, livrando-vos das influências cerebrais de um médium intuitivo?*

Atanagildo: - Através dos laços de afinidade espiritual, que desde longínquos milênios nos ligam ao médium presente, estamos conjuntamente empenhados numa obra de equipe, e que já foi antecipadamente combinada no Espaço, muito antes que ele reencarnasse. Aquilo que muito comumente pode parecer-vos acontecimento acidental, representa cuidadoso plano de ação coletiva por parte de vários grupos de almas em contínuas reencarnações. E, no plano em que figuro juntamente com o sensitivo que me recepciona agora, deve ele ser "intuitivo" e não sonambúlico, porque existem características que pedem a sua participação consciente e ligação mais íntima com a obra. Cada um de nós assumiu uma tarefa: o médium, como intermediário de certas notícias e mensagens de importância futura e nós, aqui no Espaço, coordenando-lhe o trabalho que a todos nós pertence! Resta, pois, que ele se devote sinceramente à parte que lhe coube na escolha, enquanto que nós daremos o curso espiritual do conteúdo, que já delineamos há muitos séculos e ansiamos terminar até a metade do próximo milênio.

O "Sentido" da vista, no Além

Pergunta: - *Dos nossos cinco, sentidos, qual o que impera no plano em que viveis?*

Atanagildo: - No mundo astral modificam-se todas as medidas e terminologias terrestres. Não podemos, por exemplo, avaliar as distâncias pelo método que empregais na Terra, pois não temos qualquer apoio geográfico em que nos basearmos, visto vivermos em outras dimensões, que estão submetidas a uma ação energética inalcançável pelos mais altos padrões vibratórios do mundo físico. A nossa atuação se exerce diretamente no mundo "interno", na causa que compõe as coisas e formas conhecidas no mundo terreno. Guardamos a impressão de que fomos transportados para "dentro" do próprio mundo físico em que vivíamos.

Nós operamos na energia livre; nessa mesma energia que "desce" vibratoriamente e se transforma em matéria, ou seja energia condensada, como a denominam os cientistas modernos. O nosso ambiente é interpenetrado por um elemento superdinâmico tão acentuado, que escapa a qualquer focalização dos cinco sentidos físicos; estamos muito além da mais alta vibração do mundo material, assim como a luz, que não pode ser agarrada pelas vossas mãos, o Sol, que não pode ser engarrafado, e os raios-X, que atravessam os tecidos e até paredes espessas!

Pergunta: - *Valendo-se desse elemento astral, qualquer espírito consegue obter esses poderes espirituais de operar na energia livre?*

Atanagildo: - A principal faculdade propulsora na nossa vida astral é o poder mental; quando podemos aliá-lo a um sentimento crístico bem desenvolvido, descortinamos então os mais deslumbrantes panoramas para as nossas almas e encantamo-nos com os trabalhos criadores que podemos realizar. A vontade disciplinada se nos torna o mais poderoso instrumento, que usamos como um prolongamento vivo dos nossos sentidos astrais, podendo penetrar cada vez mais nos mistérios de nossa origem e destino. Principalmente quando nos encontramos em ambientes tão gratos, como seja o da metrópole do Grande Coração, a nossa maior ou menor capacidade de visão depende fundamentalmente da maior ou menor extensão do poder de nossa própria vontade. Por isso, nem todos os espíritos de nossa moradia conseguem obter a mesma visão das coisas e dos seres; muitas vezes, quando somos agraciados com a presença de notáveis visitantes, provindos dos planos mais altos, certa parte dos nossos companheiros recém chegados da Terra não consegue vê-los a contento, por não poder situar-se na mesma faixa vibratória elevada. O mesmo fenômeno ocorre também nas zonas inferiores, quando descemos a elas para socorrer os espíritos sofredores; nem todos eles conseguem nos observar, embora afirmem que nos sentem a presença no momento em que os auxiliamos. Trata-se de um fato lógico e compreensível: as frequências vibratórias espirituais muito baixas não podem sintonizar-se às vibrações muito

altas, do mesmo modo por que as emissões de ondas curtas, na radiofonia terrena, não podem ser captadas pelos aparelhos de ondas longas.

No momento em que estou ditando estas comunicações, não podeis também registrar em vossa visão física a minha presença, pois estais cercados por uma faixa vibratória demasiadamente baixa e letárgica, como o é a da carne. Se se tratasse de um médium vidente e não do médium de que me sirvo no momento, isto é, de alguém com o perispírito mais deslocado para o "lado de cá", ou que conseguisse elevar a sua frequência vibratória comum até o nível do plano em que atuamos, esse então poderia identificar-nos palidamente, guardando a idéia de que penetrara numa atmosfera de sonhos. E, assim como nem todos os espíritos desencarnados conseguem ver-nos nas mesmas disposições astrais - porque variam seus poderes mentais e qualidades morais - os próprios videntes terrestres não entrevêm com toda exatidão os mesmos fenômenos, porque também variam em sua capacidade vibratória, o que lhes dificulta focalizarem cenas do plano astral.

Pergunta: - *A visão do espírito desencarnado, em vossa metrópole, é semelhante à visão dos nossos olhos físicos, na Terra?*

Atanagildo: - Na crosta terrena, a visão das criaturas humanas poderia ser mais ou menos boa, se não ocorresse a redução visual proveniente de enfermidades, defeitos ou cansaço dos olhos. Mas, enquanto a visão humana é adstrita exclusivamente aos contornos das formas físicas e somente realizável sob a luz solar ou artificial, no mundo astral nós podemos ver as coisas independentemente de luz, tanto no seu exterior como no interior, tendo a impressão de que as viramos pelo avesso. E o mais importante é que podemos projetar a vista em todos os sentidos, tomar conhecimento de todo e qualquer detalhe, submetendo tudo a um exame que bem poderíamos designar de "visão de profundidade". Acresce que, enquanto os olhos da carne exigem uma direção, dada pelos nervos oculares, para que tenhais conhecimento daquilo que eles podem ver, transmitindo ao cérebro apenas imagens focalizadas diretamente, a nossa vontade age de tal modo, no ambiente, que melhor "sentimos" do que "vemos". Em certas ocasiões de hipersensibilidade, tenho observado que toda a organização do meu perispírito se transforma num maravilhoso campo visual, em que sinto as coisas provindas de todas as direções. Torno-me, assim, um centro de visão em sentido esférico, e capto todos os fenômenos situados ao meu redor, sob a estranha impressão de que vejo tudo com o poder de mil olhos! A necessidade de ver, na Terra, exige a imediata focalização dos olhos sobre os objetos desejados; além disso, para que o espírito possa ter conhecimento do que é focalizado, está na dependência das transformações vibratórias que o aparelho visual deve efetuar, para a devida sensibilidade do espírito. Demais, essas vibrações precisam atingir toda a área do perispírito, para que então a alma tome conhecimento do que os olhos observaram, pois estes, na realidade, significam apenas um acessório, ou seja um transformador da visão exterior para as vibrações de alta frequência, que são receptivas à organização etéreo-astral do perispírito.

O nosso poder visual está à superfície de todo o perispírito e, assim, torna-se um captador de imagens em todas as direções. Em lugar de precisarmos de um par de olhos para captarem as imagens e as transmitirem numa frequência vibratória acessível ao nosso espírito, nós, no Astral, as captamos diretamente em sua fonte natural vibratória, levando-as para a contextura do nosso perispírito e dispensando as funções complicadas da visão física.

Pergunta: - *Supondo que a vossa metrópole seja um ponto astronômico, no Espaço, como veríeis o firmamento, ou o nosso Sol, olhando desse ponto ou local? A sensação seria a mesma que tínheis quando estáveis reencarnado em nosso planeta?*

Atanagildo: - De nossa metrópole vemos o firmamento da mesma forma como o vedes da crosta terráquea, embora se nos apresente mais luminoso e tão repleto de vida quanto seja a possibilidade de penetração interior de nossa visão espiritual. É óbvio que a sua cor difere profundamente da cor da atmosfera física que envolve o globo terráqueo, porque estamos situados na intimidade dessa visão, limitada, para vós, pelos olhos da carne. Nós sentimos as coisas de outro modo e penetramos com mais eficiência em toda a sua realidade exterior.

Pergunta: - *Dai-nos um exemplo, para que melhor compreendamos que as coisas vistas pelos nossos olhos físicos são abrangidas em toda a sua extensão e realidade pela visão dos espíritos desencarnados. Podeis fazê-lo?*

Atanagildo: - Essa maior ou menor acuidade visual interior depende muito do tipo do espírito, pois, à medida que nos elevamos para estados mais sublimes, todo o mundo oculto se nos revela mais intenso e povoado de energias que antes haviam escapado à nossa observação de caráter inferior.

Suponde que vos encontrais observando um vaso contendo água doce, quente, perfumada, e ainda eletromagnetizada. Que vedes nesse vaso, com os vossos olhos físicos? Sem dúvida, só vedes a água e apenas notais a sua forma incolor, pois se quiserdes sentir-lhe a temperatura, o perfume ou o magnetismo, ou mesmo o sabor, tereis que vos valer do tato, do olfato e do paladar. No entanto, se o meu espírito desencarnado estivesse presente no local, faria uso da faculdade que vos descrevi e poderia captar por todo o seu perispírito, simultaneamente, todas as diversas sensações contidas no vaso d'água, apenas usando a sua vontade na percepção de vários fenômenos ali existentes. Há essa diferença, porque os cinco sentidos do homem não passam de janelas vivas ou aparelhos acessórios que devem transformar os diferentes fenômenos do mundo exterior numa vibração que o espírito desencarnado pode recepcionar diretamente, ao passo que ele não o pode fazer.

É evidente, pois, que na posse do corpo físico ou mesmo liberto dele, o verdadeiro receptor de todas as sensações e fenômenos do mundo físico ou astral ainda é o perispírito. Desse modo, aquilo que percebemos dificultosamente, quando no comando do corpo carnal, podemos captar diretamente, e sem os sentidos físicos intermediários, quando desencarnados.

Pergunta: - *Tendes, porventura, outra concepção do Sol, devido a possuídes uma visão melhor que a nossa?*

Atanagildo: - O Sol que vedes no firmamento e que vos aquece com os seus raios caloríferos é o mesmo que banha as colônias e cidades astrais existentes em torno do globo terráqueo; no entanto, para vós, é um astro de ação mais física, enquanto que nós o sentimos interiormente, isto é, na sua plenitude astral. O nosso ambiente, por ser integralizado pela substância astral, dispensa a ação propriamente física do Sol, mas recebe

toda a sua energia astralina, a fim de se poderem cumprir os objetivos de renovação espiritual dos desencarnados.

Pergunta: - *Como poderíamos compreender melhor essa diferença de ação do Sol em vossa metrópole, acima de sua expressão comum por nós conhecida?*

Atanagildo: - Creio que não vos é estranho o fato de o Cosmo todo se encontrar interpenetrado de uma energia que se adensa em torno dos orbes, na forma de substância astral. A começar pelo próprio Sol do nosso sistema, cada planeta ou asteróide possui a sua atmosfera de fluido astral, que o envolve na conformidade do seu volume, rotação e idade sideral. Deste modo, a Terra requer também as energias físicas do Sol, que lhe nutrem a vida física, ao mesmo tempo que a sua esfera astral e invisível, sob considerável dinamismo, também exige essas energias, que devem entreter a sua vida interior.

Nos cursos educativos de nossa metrópole tenho aprendido que os espíritos que findam as suas encarnações na Terra e terminam a sua educação no mundo astral passam, em seguida, para um outro plano ainda mais interior, denominado "mundo mental concreto", onde ainda existe matéria mental mas, de tal sutileza, que lhes atende, instantaneamente, àquilo que pensam e desejam. Explicam-nos, então, que esse mundo mental concreto também está muito além da natureza vibratória do mundo astral, assim como a nossa esfera astral também se encontra muito além dos fenômenos da Terra. E o Sol, co mo centro de vida e sustentáculo de todo o nosso sistema, continua a alimentar todos os demais mundos "interiores" de vida espiritual, assim como nutre a crosta terrestre, embora a cada um conforme a energia correspondente ao seu meio de vida. Embora o Sol seja, pois, um só, há um Sol físico para a Terra física, um Sol astral para o mundo astral e um Sol mental para o mundo mental concreto.

Penso que o exemplo da água quente, perfumada e magnetizada pode dar a idéia de três estados diferentes num só corpo: calor, perfume e eletricidade, no elemento água, numa graduação cada vez mais delicada, assim como a manifestação do Sol físico é mais grosseira do que a do Sol astral e este também mais rude do que o Sol mental.

É por isso que, na metrópole do Grande Coração, nós haurimos a luz do Sol na sua manifestação mais pura e dinâmica, porque também nos movemos num mundo de energias semelhantes, como é o mundo astral. Acredito que a ciência terrena já não mais duvida de que o Sol é antes um foco de luz do que de calor; essa luz é que se transforma em calor, assim que encontra a resistência no "biombo" da atmosfera terrestre, e então chega até vós na forma de raios caloríferos. Assim, a energia principal pura ou dinâmica do Sol é a luz e não o calor, pois este já é energia degradada. Se quiserdes saber por que motivo em nosso mundo astral nós aproveitamos a energia mais elevada do Sol, é só compreenderdes que, enquanto recebeis raios caloríferos, que se filtram através do "biombo" atmosférico da Terra, nós recebemos diretamente o Sol em sua dinâmica natural de luz.

Pergunta: - *Poder-se-ia considerar que os olhos de carne estão para o mundo espiritual assim como os anteparos estão para a luz material?*

Atanagildo: - Os vossos olhos não são propriamente anteparos da realidade espiritual e, pelo contrário, significam precisos órgãos que vos permitem a visão grosseira no

plano da matéria. Não devemos olvidar que os olhos carnis não são os redutores da verdadeira visão do espírito, nem causam prejuízos ao entendimento exato dos mundos interiores, mas são o resultado de um dos mais avançados esforços da natureza física, a fim de que pudésseis ter noções do mundo físico tão necessário ao nosso aprendizado sideral.

Quando de posse dos olhos de carne, eu atuava no mundo material circunscrito apenas ao que devia servir de lições à alma reencarnada; só podia ver os seres e as coisas desde que meus olhos estivessem sob a iluminação da luz exterior do Sol ou da artificial da Terra. Como homem físico, não conseguia enxergar no escuro, não tendo sequer o privilégio de que gozam os gatos, alguns outros animais e diversos insetos... E isso porque os olhos do homem exigem a luminescência exterior, na medida que lhe foi dada para poder cumprir a sua função vital. Mas, depois que deixei o corpo físico, fiquei surpreendido com a precariedade dos olhos carnis e com a maravilhosa capacidade visual do espírito desencarnado, que se serve especialmente de sua vontade treinada para satisfazer aos seus anelos! Se vos utilizásseis de óculos com lentes bem escuras para contemplardes as paisagens ensolaradas e coloridas das enseadas de Nápoles, Guanabara ou Flórida, é claro que teríeis uma impressão obscura e pobre da realidade; no entanto, assim que vos desvencilhásseis das lentes escuras, ficaríeis surpreendidos diante das indescritíveis belezas que vos ofereceria a visão límpida!

Também me senti deslumbrado diante do panorama soberbo e celestial que se me deparou logo após desencarnar e me desvencilhar dos olhos físicos, pois embora estes prestem excelente serviço no trânsito da vida material, não conseguem revelar as belezas do astral superior, que se situa num campo vibratório muito sutil.

Muitas almas de boa estirpe espiritual confessam que, após a desencarnação, pareciam-lhes que viviam num quarto escuro e fora-lhes acesa prodigiosa luz, que lhes descobriu munificente palácio principesco, repleto das mais deslumbrantes dádivas celestiais!

Nós, aqui, somos tomados de imensa piedade para com os cientistas, filósofos ou sábios terrenos que afirmam, enfaticamente, que nada mais existe depois da morte do corpo. Eles acham que a vida real é exatamente aquela que se nota nas formas passageiras do mundo terreno. Mas, quando retornarem ao astral, muito grande lhes será a humilhação ao comprovarem a falsidade de uma concepção tão infantil!

Pergunta: - *Como é que podeis ver o sensitivo, neste momento em que recebe o vosso pensamento e o passa para o papel? Qual a espécie de vossa visão, neste instante?*

Atanagildo: - Repito: meus olhos não estão mais adstritos à visão limitada do mundo material, que está sujeita à luz solar ou artificial. A luz que me rodeia é muito diferente e ilumina tudo desde o seu interior, por cujo motivo posso penetrar até no recôndito de vossas almas, inclusive a do médium de que me sirvo. Quando olhais um homem, no vosso mundo físico, só podeis vê-lo na sua configuração exterior, porque a luz solar ou artificial só se derrama sobre os seus contornos. É bastante que se faça noite, para que não mais o possais ver, salvo se vos utilizardes da luz artificial. Assim, enquanto os vossos olhos físicos só permitem observar aquilo que a luz do mundo material ilumina, nós tudo podemos ver, graças à luz que há no interior de todas as coisas e mesmo em nossa organização perispiritual.

Eu enxergo o médium neste momento, não como ele o é para vós, mas como o era antes de se reencarnar e como será depois de abandonar o seu corpo numa sepultura, aí na Terra. Vejo-o em sua figura propriamente espiritual, no seu veículo etéreo-astral, que serve

de intermediário entre o seu espírito e o corpo de carne. A mim, que já desencarnado e distanciado vibratoriamente do vosso mundo material, o corpo físico não serve mais de relação, porque tenho contato com o médium através do seu perispírito, que atua no mesmo plano em que eu me encontro liberto.

Noções sobre o perispírito e suas delicadas funções

Pergunta: - *Em face das dificuldades que na vida física nos impedem de conhecer com exatidão a vida do espírito desencarnado, ser-vos-á possível dar-nos melhores detalhes sobre a natureza do perispírito depois da morte do corpo físico?*

Atanagildo: - Desde que vos compenetreis de que um espírito não é nenhum fantasma compungido ou consagrado pelas lendas fantásticas do passado, ou um produto virtual da imaginação do médium, julgo bastante conveniente que indagueis sobre a seqüência de nossa vida espiritual, o que muito poderá vos auxiliar depois da desencarnação.

Pergunta: - *Apesar de diversas obras espíritas fornecerem numerosos detalhes sobre a natureza e a estrutura do perispírito, ainda não conseguimos formular uma idéia exata desse corpo astral depois de desencarnado, por cujo motivo gostaríamos que nos auxiliásseis a clarear melhor as nossas idéias a esse respeito. Podeis explicar, por exemplo, como sentis o vosso perispírito ou, então, como ele se vos apresenta neste momento?*

Atanagildo: - Sinto-me mais vivo; muitíssimo mais vivo do que quando me encontrava algemado ao pesado escafandro de carne, que deixei na sepultura terráquea. Esse corpo sobrevivente e que denominais de "perispírito" é muito mais complexo e de maior valor que o organismo físico, pois o corpo de carne é feito para o homem viver na Terra a média de 60 ou 80 anos; por esse motivo, a técnica sideral o projeta no campo de forças planetárias dentro de uma resistência prevista para essa média de vida. O perispírito, no entanto, é organização definitiva, cuja vida não pode ser medida pelo calendário humano; a sua constituição teve início há alguns milhões de anos terrenos, durante os quais ele veio se plasmando através de todos os reinos da natureza e no seio de todas as espécies inferiores.

Durante esse prolongado mas progressivo desenvolvimento, acumularam-se nele as energias fundamentais, plasmaram-se os órgãos e os sistemas etéreo-astrais, até ele alcançar o progresso e a sensibilidade suficiente para servir como o mais valioso veículo intermediário entre o mundo invisível dos espíritos, e o mundo físico dos encarnados.

Ainda são raras as criaturas que se apercebem da complexidade de todos os órgãos e atividades do perispírito, cujo equipo tanto preexiste ao nascimento físico como sobrevive após a morte carnal.

Pergunta: - Segundo temos observado, a maioria das criaturas ainda pensa que o perispírito é um corpo constituído do éter flutuante, que esvoaça à vontade do espírito e não possui qualquer organização ou função que lembra o corpo físico. Que dizeis?

Atanagildo: - Não ignoro que algumas pessoas imaginam o perispírito como sendo um bloco de fumaça ou, então, o supõem igual a uma espécie de massa vaporosa e informe, que vagueia daqui para ali, mas que tudo vê, ouve e sente, assim como se um floco de nuvem tivesse inteligência e vida própria.

Se eu fosse uma dessas configurações etéricas esvoaçantes, é óbvio que neste momento, não poderia levar a minha mão à cintura, como o estou fazendo, pois seria de crer que essa mão afundar-se-ia no seio da massa gasosa de que devia ser eu constituído. Mas a verdade é que, ao apertar minha cintura etéreo-astral, tenho o sentido do tato e, além disso, uma percepção de vida muitíssimo mais viva do que se estivesse no corpo físico. Encontro-me atuando num campo vibratório excessivamente mais dinâmico e fenomenicamente mais elástico do que o é o plano letárgico e pesado da matéria.

Pergunta: - Então, por que motivo vemos os espíritos tão deformados nas fotografias de materialização?

Atanagildo: - Tendes alguma razão na pergunta, pois nas fotografias de materialização dos espíritos, ou ainda durante a produção desse fenômeno, as nossas figuras parecem recortadas no açúcar-cande fluidificado, instáveis e sem continuidade, movendo-se no seio de massas gasosas, como se realmente fôssemos nuvens de algodão com movimentos espasmódicos e deformantes. Bem sei que às vezes nos vedes semelhantes a máscaras carnavalescas, cujos olhos, bocas e nariz horrendos não só assustam os neófitos, como ainda impressionam mal muitos freqüentadores de sessões de fenômenos físicos, que então nos julgam egressos de um mundo mórbido e lúgubre, no qual é provável que só vivamos nos compondo e nos desfazendo incessantemente no seio da fumaça leitosa do astral. Mas tudo isso é conseqüente de dificuldades no trabalho e devido aos tipos de ectoplasma de certos médiuns, pois em muitos deles a fluidificação é rude e primária, produzida em centros orgânicos demasiadamente instintivos, sem a sutilização vibratória suficiente para configurar todas as minúcias e contornos de nossa verdadeira configuração perispiritual. Na verdade, a nossa aparência é bem outra, pois os espíritos, quanto mais evoluídos, tanto mais se tornam belos e rejuvenescidos em seu aspecto humano: os seus modos são agradáveis, e eles têm certa graça e leveza que pode ser comparada à delicadeza dos movimentos dos pássaros.

Pergunta: - Temos observado que mesmo alguns dos espiritualistas mais estudiosos não escondem o seu constrangimento quando se lhes diz que o perispírito possui órgãos muito parecidos aos que existem no corpo físico. Que nos dizeis a respeito?

Atanagildo: - É certo que muitos espiritualistas ainda se escandalizam com essa idéia, que lhes parece absurda, de os espíritos desencarnados possuírem ainda órgãos semelhantes e bem mais complexos do que os existentes no corpo grosseiro de carne. Como se poderá convencer todos os cidadãos do mundo terreno, ante um assunto ainda tão discutido no vosso mundo, como o é o da natureza do nosso corpo desencarnado? De um lado, alguns afirmam que não passamos de massas gasosas simulando mórbidas caricaturas

humanas; de outro lado, há os que não nos consideram simplesmente como fumaça astral, mas também não querem admitir a fisiologia importantíssima do perispírito e as sua semelhança com a configuração carnal, porque não podem conceber a idéia de coração, pulmões ou fígado funcionando dentro de um corpo espiritual.

Há os religiosos dogmáticos que nos consideram bandos de almas penadas, sofrendo o castigo das chamas do inferno, ou então como felizes borboletas em eterno vôo sem pouso, no seio das nuvens amigas, ou presas no céu a contemplar a "face" de Deus... Há os que crêem que detestamos qualquer parente, afeto ou coisa que tenha ficado no mundo terreno do pecado e que, por isso, não abandonamos o céu para visitá-los afetuosamente. Outros consideram-nos como prolongamento vivos de nossos ideais e responsabilidades, vivendo em ambiente sensato e sem hiatos violentos, possuindo corpos adequados às relações com o meio astral, porém temem-nos como espantalhos ou figuras doentias e caricatas de um mundo melancólico!

Pergunta: - *Mas guardais ainda a sensação de estardes ligado a um corpo com exigências orgânicas semelhantes às da natureza carnal?*

Atanagildo: - É mister compreenderdes que os órgãos do corpo físico, como já tenho dito por diversas vezes, são apenas cópias resumidas dos modelos ou das matrizes orgânicas esculpidas na substância etéreo-astral do perispírito e que há muitos milênios constituem a sua exata fisiologia.

Neste momento em que me comunico convosco - não tendes dúvida! - estou sentindo o meu coração a bater, num ritmo perfeito e facilmente controlável pela minha própria força mental desenvolvida; posso acelerá-lo ou reduzi-lo em seus movimentos de diástole e sístole. Basta impor-lhe a minha vontade e esse magnífico órgão etéreo-astral modificará o padrão de sua pulsação comum no ambiente em que vivo, coisa que ainda não podeis fazer com o vosso coração carnal, embora eu vos possa afirmar que, no futuro, o homem físico ainda venha a alcançar esse resultado tão admirável.

Atualmente, os homens terrenos aceleram inconscientemente os seus órgãos físicos quando atuam nos seus originais existentes no perispírito; mas, infelizmente, não o fazem por maturidade espiritual e sim através da violência, do desregramento ou da irascibilidade, ou como conseqüência da cólera, do ódio, do ciúme ou do amor-próprio ofendido.

Não tendes observado, porventura, que as criaturas que mais sofrem dos intestinos, do duodeno ou do fígado são geralmente as que mais se queixam de ser muito nervosas ou de exagerada sensibilidade? A verdade é que elas são mental e psiquicamente muito descontroladas e, por isso, vivem molestando os órgãos do perispírito e lesando continuamente as suas contrapartes físicas.

Pergunta: - *Pensamos que o vosso atual equilíbrio perispiritual é devido em grande parte aos estudos mentalistas a que vos dedicastes quando ainda vos encontráveis encarnados. Não é assim?*

Atanagildo: - Tenho insistido em vos dizer Que não se alcança santificação nem se consegue genialidade a toque de magia ou de ociosidade mental. Sem dúvida, a Terra é nossa escola primária de educação espiritual e ai daqueles que subestimam os seus valores

educativos, na crença ingênua de que depois irão desenvolver todos os seus poderes no Além! Sei que muitas criaturas do vosso mundo vicejam pelo catolicismo, pelo protestantismo, pelo espiritismo e círculos esotéricos, mas se desinteressam de qualquer estudo ou leitura aproveitável, que lhes desperte outros valores além da cômoda contemplatividade sectarista. Evidentemente, esperam o pretenso milagre que lhes compense a ociosidade mental e os torne senhores da mente, assim que abandonarem o corpo físico, que acreditam ser a verdadeira causa do seu embaraço psíquico na Terra. Quando me encontrava encarnado pela última vez, estudei muitíssimo a ciência da respiração ioga; então eduquei a vontade e a apliquei poderosamente sobre todas as zonas respiratórias, conseguindo acentuado poder sobre os meus pulmões. Com esse exercício disciplinado, consegui também o controle mental dos pulmões originais do meu perispírito.

Através de certo método ioga, que não me cumpre descrever nesta obra, eu havia também aprendido a descarbonizar o sangue e torná-lo mais puro, aproveitando com êxito tanto o oxigênio fluente da corrente arterial, como libertando imediatamente as cotas oxigênicas que na corrente venosa se uniam na forma de anidrido carbônico.

Também costumava inundar completamente de ar os pulmões, operando através da respiração baixa, média e alta, tão familiar aos "hata-iogas", para que a mais diminuta quantidade de ar, purificado pela mente e controlado pela vontade, pudesse atingir o extremo do ápice pulmonar e expulsar qualquer resíduo nocivo à integridade pulmonar e à renovação sangüínea. Como os pulmões físicos são cópias exatas dos pulmões do perispírito, é óbvio que, neste exercício energético e perseverante, eu não só ativava os órgãos carnis e purificava todo o sistema respiratório, como ainda obtinha excelentes resultados no aprimoramento dos próprios pulmões perispirituais, que hoje me relacionam otimamente com o meio astral.

É evidente, pois, que devo muito do meu equilíbrio perispiritual à feliz conexão entre as minhas forças mentais, algo desenvolvidas, conjugadas propositadamente ao metabolismo psicofísico respiratório.

Pergunta: - *Podeis nos informar se os desencarnados se preocupam também com a saúde do perispírito, assim como procedemos para com o corpo físico?*

Atanagildo: - Isso é evidente, pois quando fui recebido na metrópole do Grande Coração, os técnicos examinaram as condições de minha saúde etéreo-astral e felicitaram-me pelo excelente estado dos meus pulmões, cuja limpidez e transparência asseguraram-me - o faziam parecido a dois órgãos confeccionados em lâmina de cristal iluminado. Não registro este fato a título de vaidade tola, mas apenas para lembrar-vos de que sempre colhemos os resultados exatos de nossa boa ou má sementeira.

Não posso eximir-me de vos informar que devo muito de minha saúde perispiritual ao fato de ser sistematicamente adverso ao uso do fumo, do álcool e das toxinas provenientes de gorduras normalmente provindas das carnes de animais abatidos. Embora através do perispírito eu guarde ainda a sensação de possuir um corpo lembrando algo do metabolismo carnal, não vos posso descrever a plenitude do meu gozo sideral, em face da circulação astral se encontrar desimpedida de qualquer estigma terreno!

Baseando-vos no peso e na constituição rude do corpo material, tendes razão em opor dúvidas ao que vos exponho; mas o homem futuro, depois que for senhor de uma forte vontade esclarecida, manejando conscientemente o seu potencial de forças mentais, saberá

restabelecer-se, também, de suas enfermidades e submeter todos os seus órgãos materiais à direção completa do espírito.

Pergunta: - *Mas vos guiastes por alguma doutrina espiritualista ou vos submetestes a experimentações técnicas, por nós conhecidas, para conseguirdes o vosso desenvolvimento psicamental?*

Atanagildo: - Examinei a fundo todas as fontes espiritualistas que me pudessem abrir clareiras no denso cipoal da vida humana; entreguei-me disciplinada e tenazmente às práticas respiratórias e às purificações mentais. Aprendi a absorver o magnetismo vitalizante do ambiente ou o tradicional "prana", como o designam os orientais, cujo treino me foi utilíssimo após a desencarnação. Adotei a alimentação vegetariana e repudiei sempre todos os alimentos intoxicantes, perniciosos à saúde humana, e que fatalmente seriam também nocivos à harmonia do meu perispírito. Evitei a submissão fanática a qualquer seita, bem como. o arrendamento incondicional de minha pessoa a qualquer instituição religiosa, não obstante reconhecer todas as suas extraordinárias contribuições em favor da Verdade.

Pergunta: - *Quereis dizer que, embora sejamos portadores de virtudes que nos elevariam a planos superiores, ainda teremos de sofrer as conseqüências de certos descuidos como principais órgãos do corpo físico; não é assim?*

Atanagildo: - Se credes, realmente, que todos os órgãos do corpo físico são duplicatas exatas ou cópias perfeitas dos originais existentes no perispírito, também haveis de compreender que tanto o zelo como o descaso humanos produzem efeitos duradouros nesses órgãos tão delicados e valiosos. No caso do cigarro, por exemplo, embora o fumar não signifique pecado contra Deus, há a considerar que, quando o fumo se carboniza, desprende substâncias etéreo-astrais nocivas, que então agridem os pulmões delicadíssimos e causam dificuldades ao espírito após a desencarnação.

Pergunta: - *Dissestes há pouco que, quando na Terra, já havíeis aprendido a dominar os vossos órgãos respiratórios, para o que muito contribuíram os vossos estudos espiritualistas. No entanto, a maioria dos religiosos, e mesmo alguns espíritas, descrêem de tal êxito. Que nos dizeis a esse respeito?*

Atanagildo: - A vontade desenvolvida e a mente disciplinada com dignidade tanto podem remover os empecilhos do corpo físico, como controlar as próprias operações dos órgãos autônomos e desenvolvê-los a contento de uma visão sadia. É claro que devem descrever de tal possibilidade aqueles que ainda não conseguiram o domínio espiritual de si mesmos, esperando talvez que algum mago de feira lhes desvende em praça pública os mistérios que sempre foram guardados sob o respeito das instituições iniciáticas, ou os poderes conquistados por almas sensatas e heróicas. Os estudos nesse sentido são sempre apreciados pelos orientais porque eles não se deixam condicionar exclusivamente aos fenômenos transitórios dos cinco sentidos.

Como já deve ser do vosso conhecimento, alguns faquires têm sido submetidos a experiências em determinados centros médicos da Europa e, embora se trate de experiências corriqueiras e por vezes até indesejáveis, eles não comprovado a força real do pensamento ao

demonstrarem absoluto controle mental sobre o metabolismo de seus corpos físicos. Convém lembrar os casos daqueles que se deixam enterrar vivos, em estado cataléptico e algo parecido à moderna hibernação científica. Magos há que aceleram ou retardam a sua pulsação cardíaca, atuando deliberadamente nos centros térmicos de seus organismos, produzindo temperatura gélida ou quente; outros invertem as funções peristálticas do intestino e apressam a diurese ou a produção de sucos gástricos e pancreáticos. Se alguns homens sem grandes atributos crísticos, mas teimosos e tenazes em sua disciplina física, conseguem exercer domínio e controle em seus corpos carnis, dirigindo-os a seu bel-prazer, é claro que esse domínio, aqui no astral, pode ser alcançado de modo mais positivo e com absoluto sucesso, porque já estamos livres das algemas da carne.

Esses fenômenos são conseguidos em vosso mundo pela feliz atuação da vontade treinada sobre o perispírito e, em conseqüência, os órgãos etéricos deste último reagem nas suas cópias físicas sustendo funções ou incentivando o dinamismo material. Sabeis que, em hipnose, o paciente, ao receber sugestões imperiosas do hipnotizador, e agindo através de reflexos condicionados, atua nos seus centros térmicos e tanto pode baixar como elevar sua temperatura, sob a vontade daquele que o induz a sentir frio ou calor. Sabeis ainda que a vontade do hipnotizador pode fazer regredir a personalidade adulta do hipnotizado, obrigando-o a escrever até com as próprias garatuas que lhe eram próprias na longínqua infância.

Se mesmo através de representações corriqueiras, em palcos públicos, fica demonstrada a capacidade mental que o homem pode atingir por meio apenas da perseverança e tenacidade, imaginai, então, o que podemos realizar com a sabedoria do espírito, visando fins nobres!

Pergunta: - *O que nos informastes, relativamente à existência de órgãos no vosso perispírito, como sejam coração, fígado, estômago e intestinos, nos deixa algo intrigados, pois supúnhamos que já estivésseis isento de qualquer função fisiológica, em face do o vosso corpo ser espiritual.*

Atanagildo: - Preliminarmente, cumpre-me lembrar-vos de que o meu corpo espiritual nada tem de excepcional, em relação aos vossos, senão a durabilidade, pois é organização definitiva. Acresce que a nutrição perispiritual se exerce mais pelo fenômeno da osmose magnética, por absorção e eliminação do magnetismo do meio ambiente. No entanto, conforme o grau de materialidade do espírito recém-chegado da Terra, ele exige recursos afins e grosseiros para atender ao seu metabolismo astral, ainda fortemente condicionado às funções também grosseiras do corpo físico. O perispírito é possuidor de um automatismo permanente, conseqüente da onda de vida que flui por ele e o alimenta, automatismo esse que teve o seu impulso inicial há muito milênios. Devido a esse poderoso impulso, que não só sustém coeso o perispírito como torna sensível a sua memória etérica e alicerçada a consciência individual do espírito, não é possível destruir-se essa delicada e importante organização. Embora muitas almas delinquentes sofram horrores na Terra e por isso se desesperem, a ponto, às vezes, de pretenderem extinguir-se definitivamente como entidades conscientes, isto lhes é impossível, em face de jamais poderem neutralizar a onda vital que se formou alhures, na maré da vida planetária. O perispírito é um organismo tão sábio, que é capaz de corrigir quase todos os descuidos do espírito e obedecer docilmente às leis imutáveis que lhe regulam o intercâmbio entre o mundo espiritual e o material! Esse

automatismo, tão sábio e eficiente, transfere-se para o corpo físico em cada encarnação do espírito, a fim de que possam ser controlados os fenômenos que podem dispensar o consciente.

Pergunta: - *Podeis explicar mais claramente esse "automatismo" do perispírito?*

Atanagildo: - Para o compreender melhor, basta notardes que, sob a ação do automatismo milenário do perispírito, o homem não precisa pensar para dormir ou andar, nem precisa cogitar de promover a assimilação nutritiva e a produção de sucos ou hormônios, dispensando também o controle pessoal dos fenômenos excretivos de toxinas, suores e substâncias perigosas à integridade física. O vosso corpo, neste momento em que me comunico convosco, realiza centenas de funções, sem que vos seja preciso intervir no fenômeno; não é assim? Graças a essa inteligente direção e capacidade de controle automático e milenário, do perispírito, todos os dispêndios e recuperações de energias se efetuam sob elogiável disciplina e se destinam ao mais breve progresso e aperfeiçoamento do espírito. A prova da existência desse automatismo sábio, do perispírito, podeis tê-la durante o seu afastamento no processo de anestesia, quando cai a temperatura do corpo físico e diminuem as suas funções orgânicas, como se o padrão se afastasse do estabelecimento e os empregados negligenciassem no serviço...

Essas energias próprias do perispírito mais se ativam durante o Verão, estação muito conhecida pelos astrólogos sob a designação de "Grande Crescente", em cuja época o magnetismo perispiritual se torna mais ativo e então as unhas, os cabelos e os pêlos crescem mais rapidamente do que no Inverno. Há povos que obedecem tão rigorosamente a esse "crescente", que possuem cabelos vigorosos e unhas fortes, porque só os cortam rasos no Inverno, em perfeita harmonia com o tempo de poda da vegetação comum. Eles sabem que, se os cabelos forem cortados no Verão, perder-se-á grande quantidade de seiva que, no crescente, sobe mais vigorosamente e depois fará falta ao vigor da cabeleira.

O conhecimento avançado dessa maravilhosa organização, que é o perispírito, do qual a maioria dos homens ainda ignora o alto valor, permitir-vos-ia solucionar muitos dos problemas como paralisias, epilepsias, doenças desconhecidas e distúrbios nervosos, porque ele é realmente o principal organismo onde está sediada a onda da vida que flui pela constelação solar e depois através dos planetas e da Terra, para então se infiltrar pelos reinos mais inferiores, nutrindo o reino vegetal, o animal e o hominal.

Convém que destaques a grande importância e preponderância do perispírito sobre o corpo físico, pois ele é a matriz, o molde, ou seja a origem exata da organização de carne e o "detonador" de todos os demais fenômenos corporais projetados pela mente humana. Eis por que, em suas funções etéreo-astrais, ele também possui coração, fígado, baço, rins, pâncreas, estômago e intestinos, de substância idêntica à do meio astral, inclusive as reminiscências de alguns órgãos físicos já atrofiados e alguns novos projetos de acessórios orgânicos que servirão ao homem do futuro.

Pergunta: - *Certa vez, ao tocardes ligeiramente neste assunto, empregastes a expressão "queda específica do perispírito"! Que quer dizer isso?*

Atanagildo: - O perispírito, sob ação mental elevada, respira aprimorado magnetismo; mas, submetido à violência psíquica e emotiva, debilita-se e intoxica-se, tornando-se, então, ponto convergente das energias do baixo astral. O seu magnetismo, quando se adensa, aumenta-lhe o peso específico, isto é, o seu peso normal e natural, fazendo-o precipitar-se nas regiões infernais, enquanto que, atuado por pensamentos sublimes, ele se adelgaça e se purifica, elevando-se para os mundos felizes, logo em seguida ao abandono do corpo físico. Nesse fenômeno da ciência transcendental, constata-se a justeza do ensinamento de Jesus, quando afirmava que "os humildes serão exaltados e os que se exaltarem serão humilhados".

O Mestre aludiu veladamente ao peso específico do perispírito, que tanto se adensa na exaltação da cólera ou do orgulho, como se afina e se eleva na humildade e na bondade. A cólera revela fraqueza de espírito e, portanto, comprova debilidade de caráter, pois aquele que se encoleriza perde a direção do seu comando mental em favor dos impulsos do instinto animal; obscurece-se a sua mente e se aniquila a vontade. O arrebatamento irascível semeia a discórdia e conduz à revolta, transformando o homem racional num louco momentâneo. Por isso, quando o perispírito é submetido a tal processo pelo homem exaltado e desgovernado, enche-se de sombras e fulgores sinistros, que depois o sobrecarregam da fuligem gasosa do baixo astral, para onde então se inclina em "queda específica", devido ao aumento do seu peso magnético.

Pergunta: - *Mas é óbvio que, se o vosso corpo atual possui intestinos, fígado, pâncreas, etc., não é porque preciseis deles; não é verdade? Não nos parece que tendes de atender ainda a qualquer metabolismo semelhante ao que se registrava no corpo carnal que deixastes na Terra!*

Atanagildo: - O fato de eu dizer que possuo órgãos semelhantes aos do corpo físico não implica em afirmar que o metabolismo do perispírito é perfeitamente idêntico ao do corpo carnal. Esses órgãos continuam a servir-me, mas em funções algo semelhantes às dos órgãos da matéria, e não iguais, pois a nutrição do perispírito é outra, e bem diferente, de acordo com o mundo astral que passa a habitar. Seria inconcebível que, de posse de um corpo fluídico, eu continuasse a ingerir substâncias idênticas às que fornecem as mercearias, as padarias e os açougues da Terra. Durante a absorção prânica, ou seja de energia magnética do astral - na qual eu já me havia exercitado no mundo físico - processam-se no metabolismo do perispírito transformações químicas muito mais acentuadas (e de natureza transcendental) do que as que se registram para alimentação e sustento do corpo de carne. Os resíduos das substâncias astrais consumidas pelo perispírito também precisam ser expelidos para o exterior, dissolvendo-se no meio ambiente através de um processo que denominamos de "emanações residuais". Há muito tempo já me ajustei a essa alimentação magnética, e só quando desço para as regiões do astral inferior é que me sirvo de sucos etéricos de frutas, ou mesmo de caldo de essências reconfortantes, pois nos postos socorristas, próximos aos charcos, só se encontram horríveis alimentos pastosos, que exalam um odor semelhante ao de carnes fervidas, visto que só assim se pode satisfazer o apetite de infelizes desencarnados que ainda se lembram de suas alimentações prediletas, da Terra, sofrendo atrozmente por não se acostumarem a outra alimentação.

Pergunta: - *E esses órgãos do perispírito, algo semelhantes aos do organismo físico, permanecerão definitivamente no corpo perispiritual?*

Atanagildo: - A medida que o espírito vai ascensionando para esferas mais distanciadas da matéria, os órgãos do perispírito vão se atrofiando pelo desuso; mas, enquanto ele ainda necessita de encarnações nos mundos físicos, é óbvio que precisa manter em atividade os órgãos do seu perispírito, que são as contrapartes etéricas, exatas, dos mesmos órgãos físicos. Quando se trata, porém, de espíritos de certa elevação, que já se habituaram com a nutrição astral e estão entrosados na vida sutilíssima do plano mental, o perispírito vai se tornando - obsoleto, e então se encaminha para o fenômeno da "segunda morte", no mundo astral, porque tais espíritos não só já se imunizaram contra as emoções humanas alimentadas pelos fluidos astrais do "mundo dos desejos", como também estão dispensados em definitivo dos renascimentos na carne. Então, passam para o plano mental concreto, que lhes é imediato, onde o espírito passa a viver instintivamente tudo aquilo que criou e pensou.

Tudo isso prova a justeza da lei de que "a função faz o órgão" pois, como já expliquei, as matrizes originais do perispírito modelam os órgãos do corpo físico em cada nova encarnação, mas futuramente eles se atrofiam pelo desuso no ambiente astralino. Só então a alimentação do espírito será exclusivamente mental e ele poderá dispensar o perispírito e poupar os cuidados para mantê-lo ativo a fim de servir às reencarnações futuras. É claro que, alcançando tal progresso, e habitando definitivamente um plano tão sutil, o espírito poderá dispensar o uso de fígado, estômago, intestino, rins, dentes e uma infinidade de cuidados como os que precisais ter com o vosso corpo carnal.

Daí, pois, os motivos principais por que eu também ainda me encontro na posse de um perispírito portador de órgãos etérico-astrais, parecidíssimos com os que exercem igual função no organismo de carne. É esse organismo etérico sobrevivente e tão destro que ainda deverá servir-me como abençoado instrumento de ligação com a carne, na minha próxima encarnação no Brasil, mais ou menos pelo ano de 1970. Se mais tarde algum de vós me identificar na cidade de São Paulo, onde renascerei, acredito que há de se defrontar com um bebê robusto, pois serei dotado de uma excelente saúde e, principalmente, de um coração tão sadio e equilibrado quanto este que palpita agora no meu peito e que será o molde original do mesmo órgão físico de carne.

Asseguro-vos que deveis ter também muito equilíbrio psicofísico, porque nos materializamos na Crosta em perfeita conformidade com o produto de nossas criações espirituais e mentais. E como tenho me mantido algo regrado e zelado bastante pelas energias do meu corpo perispiritual, a Lei Cármica permite-me o direito de possuir um organismo de acordo com esse zelo e cuidado.

Revitalização do Perispírito no Astral

Processos empregados

Pergunta: - *O perispírito, no mundo astral, necessita de cultivo, assim como o nosso corpo necessita de cuidados profiláticos e, principalmente na juventude, de exercícios que o revigorem, para ter uma vida longa e resistente?*

Atanagildo: - No Além, a vida se desenrola de conformidade com os nossos próprios desejos. Nas esferas mais altas existem magníficos cenários e outras agradáveis criações que proporcionam ao espírito uma vida de felicidade, ao passo que as almas rebeldes são obrigadas a viver nas regiões inferiores, abaixo da crosta terráquea, onde, por falta de cultivo, edificam as suas comunidades sombrias e promovem detestáveis intercâmbios de violência, capciosidade, vilania, luxúria e vingança, formando um reino torpe e desregrado.

Eis porque em nossa metrópole, devido à necessidade de se manter o perispírito em equilíbrio com o meio em que ingressou, se estabelece disciplina para os recém-chegados e débeis de vontade, a fim de que, cultivando o espírito, possam sustentar-se no meio energético e ajustar-se mentalmente ao alto teor vibratório do ambiente em que se encontram.

Pergunta: - *Mas existe alguma disciplina especial para se manter a sanidade do perispírito, sob processo que nos pudesse lembrar, por exemplo, o gênero desportivo na Terra?*

Atanagildo: - Porventura, não existe em vosso ambiente material uma disciplina especial quando se trata de operar um enfermo ou de praticar a hipnose, a telepatia ou o magnetismo curador? Se fosse dispensável a existência de uma disciplina especial, nas coletividades astrais, para despertar nos desencarnados os seus poderes mentais e as suas energias vitais, que tanto subestimam na matéria, é claro que também poderíeis dispensar os métodos e cursos que existem na Terra para o exercício da medicina, da telepatia, do mediunismo, da hipnose e do magnetismo terapêutico que, indubitavelmente, também são disciplinas criadas especialmente para isso.

E como os desencarnados aportam à nossa esfera espiritual grandemente desvitalizados em seu perispírito, devido à ignorância do mecanismo "magnético-respiratório", que é o responsável pela absorção energética do meio ambiente astralino, são eles submetidos aqui a uma espécie de "helioterapia", ou seja, um tratamento e um exercício baseados na atuação da força astral do Sol em nossa comunidade. É um curso orientado por inteligentes instrutores e que tem dado excelentes resultados já comprovados pelos moradores da metrópole, muito nos ajudando a desenvolver as energias circulatórias do perispírito.

A nossa metrópole conta com alguns departamentos no gênero, cujos cursos e exercícios têm por finalidade ensinar o aproveitamento inteligente do magnetismo astral do Sol; esse aproveitamento tanto nos auxilia a ativar o dinamismo do perispírito, como ainda nos apura a sensibilidade para mais eficiente contato com o meio e mais clareza no

intercâmbio emotivo com os seus moradores. O homem comum ainda ignora que o nosso perispírito é muitíssimo complexo, particularizando-se por sistemas delicadíssimos, que são responsáveis pela produção de força, luminosidade, cores, magnetismo e temperatura, elementos estes que precisam ser ativados e disciplinados, principalmente naqueles que ainda são fracos de vontade e débeis de energias para futuras reencarnações.

Uma vez que o planeta Terra - embora seja ele considerado um mundo inferior - tem uma vida regulada por uma série de leis e disciplinas irrevogáveis, que coordenam as suas atividades e forças rudimentares, não é de estranhar o fato de existirem métodos pedagógicos nos planos mais sutis, onde a organização humana ainda é muito mais delicada.

Pergunta: - *Sempre acreditamos que, após a desencarnação, o desenvolvimento do perispírito dependeria tão-somente da sua energia mental ou do próprio pensamento do espírito, o que lhe seria mais fácil de conseguir devido a se encontrar desencarnado! Daí a nossa natural estranheza quando nos descreveis situações que nos parecem muito triviais para a capacidade e natureza das almas desligadas da matéria.*

Atanagildo: - Sem dúvida, a mente é o fator principal em nossa atividade espiritual, seja qual for a latitude geográfica ou cósmica em que nos situemos; ela é a força propulsora com que ativamos a nossa consciência. A mente desequilibrada é fonte de enfermidades no perispírito, produzidas pelas paixões destruidoras; portanto, empregando inteligentemente essa valiosa força mental para extinguirmos a vaidade, a maledicência, o medo, a melancolia, a cobiça e outros sentimentos que podem ferir a delicadeza do corpo etéreo-astral, é claro que também extirparemos os grandes males que o atacam comumente.

Mas acontece que só depois de desencarnados é que realmente começamos a perceber a nossa grande ignorância com relação ao potencial assombroso que significa o nosso pensamento! A própria prece que fazemos quando encarnados é coisa muitíssimo distante de sua natureza real vibratória, que só no mundo astral podemos avaliar. Também não vos deveis assustar se algum espírito vos disser dos cursos de "precesofia" que existem nos planos mais elevados, destinados a ensinar aos tardos de entendimento o sistema de afrouxarem a "musculatura etérica" do perispírito, para darem curso livre às vibrações elevadas da prece!

Pergunta: - *Então, são apenas os sentimentos baixos que ferem a delicadeza do corpo etérico-astral? Ou militam para isso outros fatores?*

Atanagildo: - Não são só os sentimentos baixos, como a maledicência, a inveja, a sensualidade, a prepotência, o orgulho, etc., que prejudicam a organização perispiritual, mas também os vícios do corpo carnal, tais como o do fumo, o do álcool, bem assim a ingestão de carne de animais.

A ignorância do homem obriga-o a despejar goela abaixo os mais detestáveis corrosivos alcoólicos, provindos tanto dos frascos luxuosos como das garrafas singelas; ou, então, o faz se banquetear com carnes cultivadas na imundície dos chiqueiros ou no lodo repulsivo dos galinheiros! Quase não se verifica diferença entre a tolice dos primatas e os vícios do civilizado: - o bugre vive no seio da mata virgem, seminu, mascando folhas de ervas e cuspiendo a todo momento por entre os arvoredos frondosos; o civilizado, apesar do

requite de seus trajes caríssimos, ainda imita o bugre, pondo-se a aspirar a fumaça de folhas de fumo, enrodilhadas, na forma de vistosos charutos, cuspidos em caixas de areia... Se se trata de um campônio ou de um velho curtido pelo vício, vemo-lo com o lábio inferior distendido pelo peso do cachimbo mal-cheiroso, carcomido pelo fogo e pelo sarro; se se trata de um operário pobre, vemo-lo enchendo os pulmões com o picumã do cigarro de palha, de fumo ordinário...

E assim o homem vai esbanjando não só as suas forças vitais, como prejudicando o seu perispírito, no desconhecimento das leis que regulam o divino mecanismo da vida.

Pergunta: - *Supomos que existem boas exceções nesse sentido; os esoteristas, os teosofistas e muitos espiritualistas das diversas correntes existentes neste mundo são avessos ao uso de bebidas alcoólicas, ao vício do fumo e à ingestão de carne de qualquer espécie; não é verdade?*

Atanagildo: - Não me refiro a esses homens, mas sim àqueles que se entregam aos vícios de que estamos tratando, entre os quais há muitos que ironizam até tudo aquilo que se lhe diz sobre a conservação da saúde do corpo e da alma, pois que isso ultrapassa os limites do conhecimento de seus esqueletos acolchoados de carne! Refiro-me aos que subestimam a disciplina da educação espiritual e o desenvolvimento das forças internas, atravessando a vida humana a cometer os maiores desatinos contra si mesmos, pois a sua força de vontade é arrastada pela força do instinto, das paixões animais.

Pergunta: - *E essas coisas podem causar-lhes tantas perturbações no mundo astral?*

Atanagildo: - Sem dúvida, pois aqui vivereis em contato com imagens que mais intensamente tendes cultivado na Terra, decorrendo o vosso júbilo, ou decepção, da natureza exata do que tendes cultivado no exercício dos vossos pensamentos e no trato dos vossos desejos. É evidente que a tranquilidade da alma reside principalmente na aquisição da paz espiritual interior. Mas, se não cultivardes na Terra a força de vontade para isso, também aqui não a obtereis miraculosamente, só porque deixastes o corpo físico! Esse corpo não é obstáculo contínuo à livre aplicação da força mental ou ao exercício livre da vontade; ele é apenas o produto do "pensamento" e do "desejo" do espírito!

Embora o homem seja considerado um sábio, em comparação com os seus irmãos símios assinalados pela irreverência de Darwin, é certo que a maioria deles não sabe o que é, donde vem nem para onde vai! É como a criatura que, não conhecendo o clima da cidade para onde vai se dirigir, veste um sufocante traje de lã, e, depois, tem a decepção de verificar que desembarcou em um território que mais se parece com o deserto de Saara!...

Daí as grandes surpresas depois da "morte", quando os homens partem da Terra na mais profunda ignorância de si mesmos: aqui aportam espantados, boquiabertos e profundamente aterrorizados, despertando compaixão, surpresa e até comicidade! Apalpam-se, auscultam-se e não raro fogem à mais ligeira aproximação de socorro; há os que se rebelam e culpam o Criador por suas fraquezas e mazelas humanas; outros, tímidos e inquietos, mal suportam a saudade ardente que lhes vai na alma ainda dominada pelos instintos da carne terrena! Ao examinarmos as suas mentes superexcitadas, o caso se torna

por vezes cômico: na tela astral, onde se refletem os seus pensamentos configurando seus desejos, lá se encontra a figura do conhecido cigarro caipira do roceiro, ou o vistoso charuto do ricoço; há, por vezes, o retrato epicurístico da fatia da carne de porco a fogo lento, do bife emoldurado pelo ovo estrelado, ou então o rótulo humilde da cachaça brasileira ou, ainda, as filigranas douradas da etiqueta do uísque escocês!...

Dizei, agora, que poderá fazer, do "lado de cá", esse cidadão terreno, cujo pensamento enfraquecido e comandado pelo instinto inferior sempre o deixará inquieto e insatisfeito, mesmo na paisagem do céu! Algemado a uma bagagem que teve de deixar no limiar do túmulo, ingressa no plano astral qual uma marionete dirigida por mil fios comandados pelas paixões e vícios da Terra. E há um caso que, além de lamentável, às vezes também se toma cômico pois, em virtude do alastramento do vício do fumo, aí na Terra, tanto fumam os indivíduos maus como as almas boníssimas; e isso cria situações bem delicadas, aqui no Além, quando temos de recepcionar almas santificadas pelo trato do seu coração, mas trazendo em seus halos luminosos os vestígios da fuligem do cigarro...

Eis os motivos porque se fazem tão necessárias essas equipes de espíritos que aqui operam na multiplicidade dos agrupamentos educativos e disciplinadores, dedicando-se também ao setor de "helioterapia astral", a fim de que os desencarnados terrenos possam recuperar a sua vitalidade exaurida na viciação do mundo material.

Pergunta: - *Essa helioterapia é a medida de maior importância, que se toma no astral, para atender aos desencarnados ainda enfraquecidos em suas forças espirituais?*

Atanagildo: - Infelizmente, na exigüidade de tempo destas comunicações, não vos posso descrever a magnitude de nossa existência no Além, pois só me cumpre relatar-vos, de relance, as coisas mais importantes e de vossa melhor compreensão. Como em nossa metrópole só se agrupam almas de padrão espiritual mais equilibrado, a helioterapia torna-se uma medida ativadora da fisiologia de seus perispíritos, auxiliando-lhes, muitíssimo, a dinamização das energias para futuras reencarnações. Mas nas zonas inferiores, adstritas às regiões aflitivas, os departamentos de helioterapia procuram auxiliar apenas a recuperação das forças vitais dos desencarnados que ainda se mantêm desvitalizados depois da travessia do túmulo.

E, como não são raras as almas que, embora boníssimas, se mantêm ignorantes de suas faculdades imortais, aqui se lhes ensinam desde a absorção do prana (ou seja a energia magnética do meio), o ativamento da circulação etérica do perispírito, a concentração e o domínio contra as avocações saudosistas do mundo carnal, até como desenvolverem o poder da vontade, tão necessário para o transporte por meio da "volição".

Pergunta: - *Qual a diferença que há entre os resultados da "helioterapia" e os dos exercícios de atletismo ou competições esportivas terrenas?*

Atanagildo: - Os resultados da helioterapia diferenciam-se dos obtidos através dos recursos físicos, devido à diferença de plano, pois, enquanto na Terra é pela dinâmica esportiva que se ativa a circulação sangüínea, o desentorpecimento dos músculos e se faz a drenagem das toxinas pela transpiração, nós aqui dispensamos tais operações, que são próprias do plano físico, pois o perispírito é veículo mais eficiente, que rapidamente

corresponde às solicitações mentais mais sutis. Mesmo a volição, que é o nosso principal meio de locomoção e que se baseia na vontade, ou seja, na força mental despendida pelo espírito, exige treino e disciplina para aqueles que não possuem a prática para isso.

A bondade desenvolvida situa-nos em planos delicados, mas só a vontade disciplinada nos permite utilizar os valores superiores. É por isso que na Terra tanto se admira a figura do anjo com suas asas abertas, no mais perfeito equilíbrio, no seu vôo majestoso pelos céus; ele é o símbolo mais perfeito de nossos poderes espirituais já desenvolvidos e que, através da força mental, em sábia combinação com o magnetismo purificado do perispírito, podemos aproveitar para a volição.

Embora o perispírito seja um veículo apropriado para a nossa movimentação nas salutares regiões do Além, é de suma importância o desenvolvimento de nossas forças mentais, porque elas é que são responsáveis pela nossa sustentação no vôo. Por isso, o veículo perispiritual servir-nos-á bem pouco para a volição, se nos faltar a força de vontade suficiente para o impulsionarmos até os nossos objetivos e sonhos. Daí se considerarem de valor os recursos astrais da helioterapia, quando os desencarnados, para removerem as suas debilidades vitais, precisam desenvolver o poder da mente ou da vontade, para obterem o êxito desejado. Pouco nos valeria possuir poderosa maquinaria, mas sem o necessário combustível para fazê-la mover-se!

Pergunta: - *Quais os principais fatores que impedem o perispírito de obedecer facilmente à nossa vontade ou ao nosso pensamento, no Além, quando é certo que o nosso corpo físico responde imediatamente aos nossos comandos mentais?*

Atanagildo: - Em face da veemência dos impulsos animais, no corpo físico, o instinto centuplica as nossas mais débeis ordens partidas do pensamento e as executa mesmo antes de novos raciocínios da nossa mente. Diante de um perigo físico, o corpo carnal age imediatamente, acionado pelo instinto de conservação da vida material, que lhe é condição peculiar. Podeis notar que, inúmeras vezes, a ação de vosso corpo físico precede de muito a ação de vossa vontade ou raciocínio; é que o psiquismo responsável pela proteção à criatura pressente o perigo muito antes de ser ele examinado em detalhes pela consciência em vigília. Nesse caso, a ação é rápida e não admite contemporização; o corpo põe-se a salvo antes da decisão mental; primeiro age o instinto e depois o raciocínio. Mas, depois de desencarnados, abandonamos o corpo físico com o seu cabedal de sabedoria instintiva animal, e passamos para um outro plano mais sutil de vida, onde o poder mental é o agente principal que gradua e comanda as nossas relações, criações e a faculdade de nos movermos. Já não existe uma segunda natureza instintiva, capaz de superar a nossa vontade através de ações decisivas, praticadas antes de tomarmos uma resolução, como no caso dos olhos, que se fecham automaticamente antes de pensarmos em fechá-los, quando eles se vêem ameaçados em sua integridade. Por isso, para aqueles que vivem controlados apenas pelo instinto, a vida astral se toma um grande suplício, pois são vítimas de toda sorte de prejuízos impostos pela vontade alheia, mais forte. Falta-lhes o automatismo da natureza física e, conseqüentemente, uma segunda natureza que, no mundo astral, se encarregue das decisões rápidas, salvadoras e de favorecimento espiritual. Mas aqueles que já conseguiram disciplinar a sua vontade no mundo físico, quer através de estudos espiritualistas ou iniciáticos, quer por exercícios estóicos e tenazes, sob objetivos superiores, também podem se mover, no Além, com a graça do pássaro e com a facilidade da paina de seda a flutuar na atmosfera serena das regiões etéricas!

Capítulo 5

A Volição e o Poder da Vontade

Pergunta: - *Através da literatura mediúnica, sabemos que certos espíritos desencarnados têm facilidade de se transportar de um local para outro, utilizando-se de uma faculdade que lhes permite uma espécie de vôo, à qual se dá o nome de "volição", ao passo que outros, não possuindo essa faculdade, só podem se locomover como pedestres. Por que motivo estes não podem gozar da faculdade daqueles?*

Atanagildo: - De fato é assim, visto que a força mental acumulada inteligentemente é que promove o êxito na volição. Como poderá se transportar a longas distâncias, por meio da força de vontade, criadora do poder mental, aquele que na matéria ainda não possuía força de vontade suficiente nem para abandonar pequenos vícios?

Pergunta: - *Então, só os espíritos superiores é que conseguem voitar?*

Atanagildo: - Como disse, a volição é conquista dos que desenvolvem o seu poder mental; assim, é óbvio que, quem o possui, mesmo quando desviado do Bem, pode voitar depois de desencarnado. No entanto, uma coisa é poder voitar e outra coisa ter permissão para voitar, pois aqueles que se aviltam no mundo, embora possuam força mental desenvolvida e inteligência bastante, terão que se situar em zonas densas e de baixas condições vibratórias. Em conseqüência, mesmo que sejam capazes de voitar, a Lei os conservará presos ao solo ou, então, mal poderão ensaiar alguns arremedos de vôo a distância, porque as suas condições vibratórias não permitirão que passem daí. Não podeis comparar os vôos curtos das aves domésticas, presas ao solo, com o vôo incomparável dos pássaros que cortam o espaço!

Pergunta: - *Podeis nos dar uma idéia mais clara de como se processa o fenômeno da volição?*

Atanagildo: - A volição se baseia principalmente na ação dinâmica da vontade atuando sobre a energia mental, que então serve de sustentação para que o perispírito possa se conduzir através do Espaço. Servindo-me de minha vontade coesa e disciplinada, que me permite governar a mente para conservar-me em vôo seguro, posso alcançar os objetivos e pontos desejados, como se fora possuído da leveza do pássaro a voar sob um céu de arminho irisado. É certo que o faço na conformidade do meu tipo espiritual e, por isso, não posso me afastar do círculo traçado pelas minhas condições vibratórias siderais.

Pergunta: - *Não podemos deixar de nos emocionar ante a constatação dessa possibilidade de o espírito voar liberto das peias do solo físico!*

Atanagildo: - Sei que isso vos entusiasma; noto-vos a sensação eufórica e a respiração excitada, ante este quadro atrativo que vos apresento. Como ser-vos-á delicioso voitar no Espaço, após a vossa desencarnação, livres das preocupações com duplicatas, dentistas, armazéns, aluguel de casa ou impostos! Que júbilo ouvir a música das esferas, sentir o perfume embriagador das flores paradisíacas e apreciar a policromia de paisagens encantadoras! São revelações que vos arrebatam a estados celestiais, de repouso e contemplatividade; sonhos que realmente vivem no subjetivismo de vossa memória etérica e repontam emotivamente, embora ainda permaneçais reclusos na carne terrena! O espírito encarnado é um viajante que deixou a sua pátria celestial e, mesmo quando ignora essa circunstância, costuma rever fugazmente alguns fragmentos do panorama sublime que o aguarda no futuro, assim como conserva no íntimo a recordação do seu verdadeiro lar celestial. E essas recordações se avivam quando alguém vos associa mentalmente às paisagens cerúleas dos planos superiores, como agora acontece convosco.

O que importa, porém, não é conhecerdes a natureza dos cenários edênicos, com suas sublimidades, mas tudo fazerdes para habitá-los, o que só se consegue através de uma vida digna e liberta das paixões tumultuosas, que intoxicam o perispírito e o impedem de desferir seu alto vôo ardentemente sonhado. Que vale sonhar com os ciprestes do Líbano, os lagos da Itália ou a majestade dos Andes, se nada fazemos para conhecê-los pessoalmente?

Pergunta: - *O desenvolvimento da vontade, para o êxito da volição, no Espaço, deve começar quando ainda estamos encarnados?*

Atanagildo: - As seqüências naturais e milenárias da vida humana, no plano físico, sempre terminam desatando na alma as energias mentais adormecidas pela ociosidade espiritual. A existência planetária é uma perfeita e incessante "iniciação", em que o discípulo é submetido a uma multiplicidade de provas e práticas que o experimentam e melhoram a sua graduação. Entretanto, se a alma for preguiçosa, carecerá de milhões de anos para chegar a um estado de perfeição que lhe permita gozar da união com Deus. Existem seres (por exemplo, os iogas) que, pela auto-realização, abreviam de alguns séculos certas experimentações que lhes exigiriam longo tempo sob a letargia passiva da Lei do Carma. Eles dinamizam a sua vontade, purificam o coração e extinguem a atribulação pela vida ilusória da matéria, até conseguirem ingressar na "corrente cósmica", que então os aproveita como novos condutores de almas e prepostos criadores no seio da vida sideral.

É óbvio, pois, que, se a vontade for desenvolvida por meio de algum salutar treinamento disciplinado, que desperte as forças internas e vos permita melhor domínio sobre o meio ilusório, a volição, no Além, ser-vos-á uma conquista indescritível pelos vocábulos humanos. No entanto, assim como o balão não ascensiona se estiver preso pelas amarras ao solo, também não podereis lograr êxito, de início, na volição, se partirdes do mundo terreno algemados às forças tirânicas das paixões e das sensações inferiores.

As forças mentais e seus poderes

Pergunta: - *Já que nos fizestes interessantes revelações sobre o poder da vontade, como um dos fatores de sucesso na conquista da faculdade volitiva, gostaríamos que vos aprofundásseis no assunto, dizendo-nos de outras características de nossas forças mentais. Achemos que, quando encarnados, dispomos ou poderemos dispor de outras forças mentais, além do poder da vontade; mas, geralmente, essas forças mentais são por nós ignoradas. Podeis dizer-nos se tais forças, adormecidas pela matéria, despertam satisfatoriamente depois de nossa desencarnação?*

Atanagildo: - O espírito, pelo fato de deixar o corpo carnal, não se reveste de poderes mentais superiores, que não tenha desenvolvido voluntariamente na matéria. Esses poderes não ficam propositadamente adormecidos na carne, para depois surgirem miraculosamente devido à desencarnação. A sua revelação é fruto exclusivo da vontade do espírito, que tanto se desenvolve na resistência contra o sofrimento como pelo esforço em resolver seus problemas e enfrentar as vicissitudes cotidianas do mundo físico. Casos há em que se trata de força disciplinada, mas que só se consegue desenvolver pelo estudo e pelo exercício criterioso altamente espiritual. .

Pergunta: - *Considerais como de utilidade o estudo do metabolismo e a aquisição de conhecimentos esoteristas, quando ainda nos encontramos encarnados?*

Atanagildo: - Sem dúvida, pois é melhor que desenvolvais desde já voluntária e conscientemente certos poderes mentais que só haveis de possuir através de exercícios dolorosos, nos séculos porvindouros. Não percebestes, ainda, que a vida humana, com suas angústias e torturas, tem por único escopo despertar no homem os poderes criadores do futuro anjo? Por que achais melhor desperdiçar considerável tempo precioso, preferindo deixar-vos evoluir lenta e confrangedoramente, forçados pelos imperativos da vida carnal, quando podeis fazer isso em menor tempo, treinando a vossa vontade e desenvolvendo a vossa mente?

Pergunta: - *Muitos afirmam que o devotamento excessivo ao estudo e desenvolvimento das forças ocultas do espírito pode causar-lhe perturbações. É verdade?*

Atanagildo: - É evidente que esse devotamento precisa relacionar-se com o grau de maturidade e capacidade do espírito e nunca constituir algo de prematuro e, portanto, perigoso de provocar perturbação. Existem muitas criaturas que não se devotam a nenhum estudo e nenhuma experimentação dos poderes do espírito e que, no entanto, fanatizadas por sectarismos, vivem lamentavelmente perturbadas no seio de suas igrejas ou agremiações espiritualistas. Os imaturos de espírito não se interessam pelos poderes da alma tão bem descritos nas obras espiritistas, esoteristas, rosacruzes, teosofistas e iogas, mas se

enclausuram fanaticamente nos seus dogmas, mistérios sagrados, biblismos, tabus e proibições eclesiásticas. E mesmo alguns daqueles que abandonam seus credos religiosos e conservadores e depois passam para o Espiritismo, ainda temem, em face de sua imaturidade espiritual, o desenvolvimento desses poderes e chegam a protestar contra qualquer novo experimento espiritualista alheio, teimando em viver as antigas proibições religiosas sob novas versões modernas e mais requintadas.

Pergunta: - *Há quem aconselhe que não se conjuguem certos estudos espiritualistas, a fim de se evitar o perigo de uma confusão prejudicial. Que dizeis a esse respeito?*

Atanagildo: - É muito natural que o vosso mundo e o astral que o rodeia ainda se vejam às voltas com criaturas sentenciosas e sistemáticas, cujo ofício mais importante é o de julgar a capacidade e a necessidade alheias, baseadas exclusivamente nos próprios temores de suas almas imaturas. Muitos restringem os princípios libertadores de sua própria doutrina espiritualista, transformando-os em elos poderosos de cadeia de ferro sectarista ou, então, transformam em louváveis virtudes a sua própria ociosidade mental e o temor de pesquisar o desconhecido. Certamente, conheceis a história dos bois que repudiavam o capim seco e que, em virtude de uma inteligente idéia do lavrador, que lhes colocou óculos verdes nos olhos, passaram a se alimentar desse capim, com sofreguidão. .. Defrontando-vos com certas opiniões limitativas do vosso crescimento espiritual, é aconselhável que procureis examinar o colorido dos óculos desses vossos graves conselheiros, pois é provável que só admitam a experiência espiritual e os postulados religiosos alheios depois de trocarem as lentes mal graduadas ou escurecidas de seus óculos.

Recordo-me de que, durante a minha última encarnação na Terra, alguns amigos tímidos me advertiram freqüentemente sobre os perigos a que eu me expunha através da insaciabilidade de perscrutar a Verdade e ativar a auto-realização, além de pretender também chegar às conquistas gloriosas de outros meus irmãos devotados ao mesmo ideal espiritual. Mas nunca me pude satisfazer com princípios exclusivistas de qualquer credo, seita ou doutrina, pois tinha particular desconfiança para com os conspícuos defensores de doutrinas que diziam possuir exclusividade sobre a "melhor verdade" ou a "verdade verdadeira". Sempre me aborreceram as contradições de certos adeptos e simpáticos de doutrinas espiritualistas que, depois de afirmarem que Deus se encontra imanente em todas as coisas e seres que criou, excluía-m-no do seio de outras religiões, para só o admitirem em seu credo simpático. Os espíritos que já alcançaram um posto avançado na escala espiritual e que se aperceberam da unidade cósmica, costumam ajudar os seus irmãos a conhecerem a sua própria experiência religiosa, tudo fazendo para servi-los e não para desanimá-los ou confundi-los quando eles avançam pelos caminhos íngremes de sua dificultosa evolução.

É preciso tentar-se a libertação da matéria o mais cedo possível, principalmente por meio do desenvolvimento das forças espirituais - que são patrimônio eterno da alma - em lugar de se permanecer longos séculos ligado a crenças organizadas, que estão sempre repletas de ritmos, dogmas, superstições, mistérios e proibições sem cabimento. Os sacerdotes, pastores, doutrinadores e mentores espiritualistas não passam de intermediários entre a realidade da vida e a ficção humana, por cujo motivo o espírito deve tentar a sua própria experiência espiritual, ao invés de se entregar fanaticamente a uma autoridade religiosa. Convém ao espírito despertar da hipnose e da comodidade de aguardar a opinião

alheia para solver seus problemas espirituais, afastando-se do número daqueles que não sabem avançar senão apoiados nas muletas fornecidas por seus sacerdotes, pastores, mentores, doutrinadores, e guias" ou "pretos-velhos". Os que assim procedem abdicam de sua própria faculdade de pensar e limitam a sua área de saber, fugindo da experiência libertadora, porque só crêem no que lhes dizem as suas simpatias encarnadas ou desencarnadas.

Eis por que o esforço heróico e a ousadia do discípulo para ultrapassar os arames farpados das limitações religiosas e doutrinárias causa temores e provoca censuras por parte daqueles que, submetidos às mesmas condições, ficariam perturbados.

Pergunta: - *Os poderes mentais ou espirituais, que desenvolvestes na Terra, antes de vossa última desencarnação, têm vos auxiliado bastante na nova vida do Astral?*

Atanagildo: - Sem. dúvida. Mas esse desenvolvimento eu não o realizei pela primeira vez no Brasil; desde minha existência anterior à encarnação de Jesus, quando envergava no Egito as vestes sagradas do sacerdócio de Amon-Ra, já cultivava o desenvolvimento da vontade e aprimorava o exercício mental. No entanto, como não houvesse ainda alcançado um discernimento espiritual que me pudesse orientar no uso desses poderes - embora não os houvesse empregado deliberadamente contra o próximo servia-me deles para o êxito no mundo físico, mas como uma força obstinada, de autoconfiança, que me auxiliava a resolver satisfatoriamente os problemas políticos, sociais e econômicos. Eu era o que se chama comumente um homem de "pensamento forte", certo de que as minhas energias mentais eram um dom natural do berço, ignorando que elas haviam sido desenvolvidas paulatinamente, sob métodos exaustivos e sacrificiais, no decorrer de séculos!

Deveis conhecer na Terra homens pobres, ignorantes e até analfabetos, que obstinadamente erigem patrimônios de vulto e desenvolvem avançados parques industriais, proporcionando trabalho a milhares de criaturas! Do que provém isso, senão do seu extraordinário poder mental, desenvolvido na peregrinação da vida material, do qual os mentores espirituais se aproveitam para também favorecer novas situações de aprendizado à humanidade? Visto que eles ainda apreciam "criar" no mundo físico, enleando-se carnicamente no ciclo reencarnatório, transformam-se então em grandes industriais e senhores de vastos domínios, que o poder mental, bastante potencializado, ajuda-os a erigir na Crosta.

Mas também lhes chega o momento de maturidade espiritual em que, ao invés de se servirem de suas forças para edificar um império transitório na forma, usam-nas definitivamente para a sua libertação espiritual, assim como já o fizeram os grandes seres que nos precederam na escalonada sideral.

Como não existe o milagre e a Terra é um campo de provas para o espírito desenvolver o seu senso criador, todas as nossas realizações e conquistas, que dormitam em nossa intimidade espiritual, são sempre o fruto de nossos esforços individuais e não de privilégios injustificáveis. A esse poder mental, que eu também havia desenvolvido, soube dar mais tarde um sentido espiritual superior e de favorecimento ao próximo, por cujo motivo ele vem se purificando satisfatoriamente, assim como a água poluída se torna cristalina ao se filtrar pela pedra purificadora.

Pergunta: - *O desenvolvimento do poder mental, sob um método criterioso, serve exclusivamente ao seu portador, ou pode ser também aproveitado pelos espíritos superiores, para seus planos benfeitores?*

Atanagildo: - O espírito de coração boníssimo, e também senhor de suas forças mentais, é uma das células mais utilíssimas no organismo da vida. Buda possuía coração magnânimo e um avançado poder mental que fortificava seus ensinamentos sublimes e os fazia penetrar e influir nos seus ouvintes; Jesus hipnotizava as multidões pela sua gloriosa força mental fortalecida pela luz do seu amoroso coração; Allan Kardec, se não houvesse sido, no passado, um poderoso hierofante no Egito e desenvolvido ioga na Índia, não teria podido impregnar a codificação espírita de uma força mental tão vigorosa que ao conduzir para o incessante progresso e indestrutível objetivo de libertação espiritual.

É óbvio que, em geral, os seres buscam a sua própria glória e interesse quando se reconhecem donos de recursos mentais vigorosos, mas, se tiverem discernimento espiritual, terminarão conduzindo todos os seus esforços em auxílio da coletividade. E quando isso começa a suceder, os mentores siderais voltam suas atenções para o discípulo desenvolvido e bem intencionado, convidando-o a participar da tarefa sublime de "criar".

Pergunta: - *Os espíritos encarnados devem desenvolver esse poder mental por meio de cursos ou métodos especiais?*

Atanagildo: - De princípio, o Carma obriga a criatura a contínuos reajustamentos mentais e retificação incessante dos desvios decorrentes da perda da vontade e negligência no pensar, até que, então, se lhe desperte o desejo de intervir no seu próprio destino e modelá-lo conscientemente. Quando o espírito se fatiga da ilusão material, inicia, por si mesmo, a investigação da origem das coisas, dos seres e de sua própria origem espiritual e se aplica heroicamente ao despertamento definitivo de suas forças ocultas.

Todo esforço de aperfeiçoamento espiritual, em conjunto com o desenvolvimento mental, não só é o princípio de libertação da roda das reencarnações, como também é motivo de júbilo para os técnicos siderais, pois é sempre um novo cooperador que se inicia na divina arte de "criar" na tela do Infinito. Deveis saber que não existe um pernilongo, uma pétala de flor ou mesmo um galho de urtiga que não tenha sido idealizado primeiramente na mente dos espíritos desencarnados, para só depois ser forjado no cadinho das formas materiais. A criação é eterna, porque as almas que aceitaram a incumbência de "criar" o fazem perenemente.

Não supondes, por exemplo, que as florezinhas dos campos, que pisais inadvertidamente, são produtos materializados de pensamentos angélicos já projetados há incontáveis milênios?

Creio que, em face do exposto, não vos será muito difícil avaliar a importância inestimável do potencial de forças mentais que podem ser desenvolvidas sob a influência de um coração magnânimo.

Pergunta: - *Tendes sido alvo da atenção de algum mentor, no Além, que vos esteja auxiliando para o aproveitamento das vossas forças mentais, no sentido de também aprenderdes a "criar"?*

Atanagildo: - Sou discípulo de irmão Navarana, que foi disciplinado ioga, e que desde a Atlântida vem me acompanhando carinhosamente e aqui se encarregou de me orientar no desenvolvimento das forças mentais criadoras. Freqüento-lhe o curso em nossa metrópole do Grande Coração e tenho me submetido a rigorosos tratamentos magnéticos especiais, que muito me ajudam a potencializar a. mente. De vez em quando, em companhia de outros discípulos escolhidos por irmão Navarana, saímos para os arredores da metrópole, a fim de fazermos alguns exercícios de mentalização criadora.

Pergunta: - *Podeis nos dar uma idéia desses exercícios?*

Atanagildo: - Certa vez, sob a direção afetuosa de irmão Navarana, eu tentava configurações mentais para um exercício mais vivo e experimental de meu poder mental. Resolvi, então, reproduzir na tela do meio astral encantadora flor, que primeiramente me fora mostrada nos modelos primários da Instituição das Flores.

Após servir-me de minhas forças mentais, já algo desenvolvidas no mundo físico, pude retratar a flor, materializada, no ambiente astral. E então exultei de alegria infantil ao certificar-me de que o meu esforço mental se transformara num fato concreto! No entanto, não pude deixar de me sentir desapontado ante um sorriso enigmático de irmão Navarana ao olhar a minha criação... E, para minha primeira decepção como "espírito criador", ele me mostrou todos os defeitos encontrados na flor materializada à minha frente, explicando-me que, se o departamento floral da metrópole reduzisse aquela flor a semente e a transferisse para a matéria, o molde etérico daquele espécime, produzido sob a minha força mental, seria tão imperfeito que nenhuma força na Terra conseguiria fazê-lo germinar.

Ainda por longo tempo exauri-me no exercício de mentalizações experimentais, para verificar, cabisbaixo, que sempre faltava algo para completar a verdadeira configuração definitiva da flor; ora eu esquecera de mentalizar o pólen da propagação futura da espécie floral; ora faltava o arminho protetor das pétalas, periclitava a sutura das folhas à haste, ou então o processo da corola se antecipava ao do caule. De outra feita, havia perturbação na linhagem da genética etérica, para a flor poder eclodir harmoniosamente desde o seu cromossomo vegetal permanente até a sua derradeira forma como um tipo vegetal subordinado à classificação sensata da botânica terrena.

Entro em tais detalhes, para que saibais que a pressa está ausente do plano da criação, pois os "iniciadores siderais" vivem exclusivamente no eterno presente, despreocupados das aflições tão próprias do calendário humano. Uma florzinha, das mais diminutas pode ter sido objeto de cuidadoso plano que tenha se desenvolvido durante alguns séculos de experimentações astrais e correções mentais, antes de ser transferida definitivamente para o laboratório do mundo físico e integrada na fenomenologia material responsável pela germinação da semente na Crosta.

Cada semente material é um pequeno cofre contendo ciosamente, em sua intimidade etérica, todo o processo de crescimento e a miniatura da futura árvore ou da espécie que foi criada e avivada na substância mental-astral, pelos seus criadores. Quando ela eclode no seio da terra, como um produto do vegetal que a originou, apenas desata a configuração mental que já dormitava potencialmente em seu seio, constituindo o efeito de um plano disciplinado e que já fora vivido antecipadamente em todo o seu ciclo germinativo. Esse plano dinâmico-mental, que depois se põe em movimento acionado pelas forças do mundo astral e vai

"descendo" até a conexão com as energias terrestres, é que realmente aglutina as forças do meio, sendo o seu êxito tão promissor quantos sejam os fatores simpáticos com que pôde contar para a sua eclosão material Não vedes que as árvores não crescem além do limite de suas formas predeterminadas, existindo algo invisível que as sustenta para uma eclosão sensata? Imaginai como seria o vosso orbe, se todos os vegetais crescessem ininterruptamente para o alto e para todas as direções, sem o controle dos "moldes etéreo- astrais" que os sustêm, assim como o perispírito também regula e distribui as energias que se materializam para atender a contento à sensata configuração humana!

Um chafariz de alta função terapêutica

Pergunta: - *Desejaríamos conhecer melhor a influência da mente desencarnada nas coisas que compõem o mundo astral, isto é, a natureza e a função da vontade do espírito nesse fenômeno. Podeis nos atender nessa indagação?*

Atanagildo: - A fim de melhor atender à vossa indagação, vou exemplificar o assunto com um acontecimento interessante verificado em nossa metrópole. Através dos seus efeitos, pude aquilatar melhor o poder da mente, quando bastante e criteriosamente desenvolvida, assim como constatar a plasticidade da substância astral sob a ação da vontade disciplinada.

Encontrava-me, certa vez, perto do principal e majestoso chafariz que ornamenta a nossa metrópole, construído de substância tão nívea quanto o lírio, quando observei junto a ele alguns espíritos angélicos - dos que de vez em quando nos visitam em tarefas de inspiração fraterna - a apreciarem o jorro de filetes de água tão límpida, que mais pareciam fios diamantíferos a se elevarem aos céus, num cântico ao Criador!

Mas, de súbito, surpreendi-me extraordinariamente ao ver aqueles espíritos, quais crianças travessas, a se servirem de sua vontade e poder mental desenvolvidos para atuarem nos filetes de água, nos quais se produziam mil nuanças de cores até então desconhecidas a mim e aos outros moradores da metrópole, que se entusiasmavam com o interessante espetáculo. Eram de fisionomias sublimes, transbordantes de ternura e alegria infantil, pois não escondiam o prazer que também sentiam pelo fato de surpreenderem e divertirem os presentes. Sob estranha influência superior, veio-me então à mente aquela advertência memorável de Jesus, sobre a simplicidade das almas excelsas: "Deixai as crianças, e não as impeçais de virem a mim, porque delas é o reino dos céus."

Ali eu comprovava que a alma elevada e sábia se torna cada vez mais simples e terna, pois o conhecimento incomum que a faz compreender melhor a grandeza de Deus também lhe demonstra a pequenez de sua estatura humana. Depois que esses espíritos elevadíssimos produziram as cores mais indescritíveis para a vossa visão carnal, reuniram todos os seus pensamentos até formarem um só feixe mental energético; em seguida, aquele que me parecia ser o mais sábio ou o mais poderoso, comandou o potencial de energias resultantes da união mental de todos os outros companheiros e fê-lo projetar-se sobre o lindíssimo repuxo de nossa metrópole. Surpreso, eu percebera 'que também me achava ligado àquela poderosa concentração de forças ocultas, que me arrastavam a mente em direção ao mesmo objetivo em que eles atuavam fortemente, sob a influência de vigoroso poder mental então atuante em mim, como produto de um entrelaçamento disciplinado e desconhecido.

Na minha tela mental surgiram em seguida os contornos nítidos de um chafariz bem semelhante ao que estava à minha frente, mas que pouco a pouco apresentava deslumbrante transformação. A sua elevada coluna central, de sustentáculo do vaso gigantesco superior, esverdecia até se constituir num maravilhoso pedestal recortado em viva e gigantesca esmeralda; nas bordas inferiores do vaso e circundando a coluna principal, destacava-se a figura de formoso colar de contas de cor da ametista: no extremo superior, onde pequeninas

molduras e bicas vertiam fios de água cristalina, vi com imensa surpresa desenharem-se rapidamente pequeninos lábios de rubi, inflamados por estranha luz!

Eu guardava a impressão de assistir à exibição de um desses estupendos desenhos cinematográficos que se desenrolam rapidamente e parecem confeccionados por invisível poder de magia colorida. Fascinado, via mentalmente a forma de encantadora taça colorida e translúcida, lembrando delicada glicínia, voltada para o alto. Em seguida, notei que a água se elevava num rendilhado repuxo, mas toda iluminada por claríssima luz, reverberando em cintilações cor do topázio transparente. Esse fluxo subia até uns vinte pés de altura e então se enfraquecia, para depois cair ao solo, em torno do chafariz, mas atingindo-o de modo suave e na forma de névoa dourada, igual ao arminho, e que em seguida se desvanecia numa delicada fluência rosada. Tendo os olhos semicerrados, e ainda enlevado pelo espetáculo, verifiquei que todo o fenômeno ocorrido na minha intimidade também se havia materializado à minha frente, pois o velho chafariz perdera a sua antiga cor branca e se me deparava com todas as cores e rendilhados vividos na minha imaginação, sob o reflexo dos pensamentos conjugados daqueles excelsos espíritos.

Os chafarizes de nossa metrópole representam fontes centralizadoras de magnetismo energético, servindo para revigorarem os espíritos recém-chegados e enfraquecidos pelo processo desencarnatório. Os seus filetes de água magnetizada contêm poderosas energias nutritivas, fazendo lembrar os líquidos vitaminados ou as fontes de águas minerais do orbe terrestre.

Terminada a maravilhosa demonstração, um formoso sorriso tomou conta da fisionomia daqueles espíritos angélicos, os quais se abraçaram efusivamente, felicitando-se entre si, assim como o fazem as crianças após o êxito da travessura genialmente engendrada... Em seguida, examinaram minuciosamente a dadivosa fonte de água decorada sob tons celestiais e conferiram entre si os resultados do que haviam combinado. Através de alegres censuras e aludindo a algum pequeno equívoco, que não pude notar, um deles fez um ar de desapontado, porque não pudera modelar completamente algo ornamentativo do capitel; mas tudo isso transcorria num ambiente de intensa alegria e sob uma atmosfera de tanta candura espiritual, que arrasaria o mais presunçoso habitante terrestre convencido de sua grande superioridade!

Aquelas almas poderosíssimas, para realizar o fenômeno, mobilizaram as suas próprias energias mentais que, por serem forças puras, bastante dinamizadas num plano energético superior, puderam penetrar mais intimamente na substância astral de que se compunha o chafariz, não só mudando-lhe o padrão vibratório de aglutinação dos átomos astralinos, como ainda impondo-lhe a frequência necessária para servir de prolongamento mental à influência das novas cores e ornamentação.

Esse chafariz, em sua maravilhosa configuração celestial, dada por aqueles mentores mais altos, tornou-se uma atração turística para os espíritos visitantes, das esferas menores, à metrópole do Grande Coração. A semelhança do que sucede no mundo material, aqui se mantém o intercâmbio pessoal com as comunidades vizinhas, quer para se cultivarem fraternas emoções, quer para efeito de mútuo aprendizado.

Pergunta: - Podeis, ainda, nos informar quanto à natureza hierárquica desses espíritos visitantes, que puderam alterar a configuração comum do chafariz da metrópole do Grande Coração?

Atanagildo: - Entre os moradores de nossa metrópole, eles ficaram sendo conhecidos como os "Magos da Cor"; no entanto, trata-se de espíritos que vivem em esferas superiores à nossa atual moradia., e que são responsáveis diretos pelos planos de desenvolvimento e aplicação das cores em nossa comunidade astral. Recorrendo à complexa terminologia científica terrestre, poderíeis denominá-los, pomposamente, de cromosofistas, isto é, cientistas da cor.

Pergunta: - Como poderíamos entender o fato de esse chafariz se tornar mais energético, após a intervenção benfeitora desses espíritos mentores?

Atanagildo: - Convém esclarecer que esse chafariz já havia sido construído em nossa metrópole sob a mesma técnica de "conexão mental", isto é, como o resultado da soma de pensamentos poderosos produzidos pelos próprios administradores da nossa comunidade. A obra resultou de um plano prévio e muito bem coordenado que, depois, foi concretizado pela poderosa concentração de energias atuando na substância astral.

Mesmo antes da feliz modificação, o chafariz já era um monumento indescritível à inteligência humana, pois, tendo sido confeccionado artisticamente na substância astral luminosa de nossa metrópole, tornara-se realização superior ao que de mais belo conheceis aí no mundo material. Mas se o compararmos ao novo monumento de hoje, o antigo chafariz não passará de modesto ornamento e singela fonte de nutrição energética às almas ainda incipientes ao processo de absorverem o magnetismo do meio astral.

Os habitantes da cidade alimentam-se agora com mais êxito nas emanações da grande coluna d'água absorvente, e que irradia energias magnéticas. Após a dádiva dos magos da cor, a fonte tem proporcionado inúmeros efeitos de revitalizações instantâneas a muitos recém-chegados exauridos na travessia do Além, cujas curas bem se poderiam considerar como miraculosas.

Pergunta: - E haverá possibilidade de outros espíritos intervirem e modificarem o aspecto atual desse chafariz?

Atanagildo: - Sem dúvida, pois tudo depende apenas de maior ou menor potencial de energias mentais. Mais tarde, outros visitantes da nossa metrópole, antes de partirem, e gratos ao tratamento e à afetuosidade dos habitantes do Grande Coração, também deixaram o seu cunho angélico na estrutura do belíssimo chafariz, não só melhorando-lhe as funções terapêuticas, como ainda acrescentando novos traços de beleza ainda desconhecidos à nossa visão astral comum.

Estes visitantes eram espíritos mentalistas, que só operam no "raio amarelo" e seus matizes, ainda desconhecidos ao homem terrestre. Eles possuem o poder mental suficientemente desenvolvido e, por isso, agiram tendo em vista o energismo mental dos que se submetessem futuramente aos fluxos emanados do chafariz, em lugar de se beneficiarem apenas com os efeitos puramente balsâmicos do raio azul ou das revitalizações astrais do topazino. Aplicando o mesmo processo de concentração mental, que antes haviam adotado os magos da cor, esses outros espíritos, que na Terra haviam sido poderosos "raja-iogas" na região setentrional da Índia, fizeram o chafariz ganhar novo aspecto artístico e destacaram nele a tonalidade amarelo puro - cujo formoso matiz e exuberância não tenho a presunção de

vos descrever - que atua poderosamente na composição das energias dos que procuram a fonte.

Muitas almas incipientes, que passam pelo mundo físico descrentes da magia criadora do poder mental e que não o desenvolveram para a sua ventura sideral, poderiam encontrar nesse chafariz maravilhoso - se o pudessem ver - a prova mais evidente do imenso potencial de forças criadoras adormecidas no homem!

Pergunta: - Qual o processo que favorece a nutrição magnética aos necessitados que recorrem ao chafariz ou são conduzidos para junto dele, para esse fim?

Atanagildo: - Não vos deve ser estranho o fato de que a água é o mais poderoso agente eletromagnético, capaz de absorver tanto as emanções de ternura, amor e júbilo, quanto as expressões mentais de ódio, cólera ou melancolia, produzidas pelas criaturas. A água pode ser um veículo medicamentoso, para curar o enfermo, mas também pode se transformarem depósito de veneno, capaz de matar a criatura mais resistente. Ela absorve tanto as vibrações do bem como as irradiações maléficas. Enquanto na metrópole do Grande Coração somos beneficiados pelos regatos e rios de águas frescas e cristalinas, impregnadas das mais santificadas vibrações que reconfortam e balsamizam, no astral inferior eu só deparei com cisternas e vales de água pantanosa, quase sempre aquecida e estagnada em recantos sombrios, formando ninhos aquáticos de vida infecciosa e de pútrido odor.

Obediente à divina lei de simpatia vibratória, a beleza e a atração artística do chafariz torna-se divina atração, além do que faz brotar fluidos de admiração e encanto dos que ali o cercam. Deste modo, aqueles que se aproximam, com o desejo sincero de renovar suas energias fatigadas, acabam se tornando sensibilizados e receptivos, absorvendo o poderoso magnetismo que flui incessantemente do abençoado líquido saturado de energias concentradas pelas mentes superiores.

A semelhança do que acontece no processo de obsessões, em que os malfeitores das trevas buscam um "ponto hipnótico" para obsidiarem suas vítimas, o aspecto fascinante do chafariz serve como ponto de concentração prazenteira para que os espíritos benfeitores possam produzir o bem. A sua formosa configuração, o repuxo policrômico e os rendilhados líquidos, que inundam a visão de encanto espiritual, constituem um verdadeiro "centro hipnótico" capaz de harmonizar os pensamentos mais heterogêneos dos que o rodeiam. Enquanto estes se prendem espontaneamente aos efeitos maravilhosos do chafariz, o magnetismo vigoroso que dali se evola também penetra-lhes o perispírito e retempera-lhes as zonas exaustas, recompondo os fluxos energéticos da circulação astral. Como nem todos os que se achegam à metrópole do Grande Coração conseguem mobilizar suas forças ocultas e comandar com eficiência o potencial criador de suas mentes, os maiores providenciam oportunidades de muitos se socorrerem através de recursos provisórios, até obterem o êxito espiritual desejado. Em metrópoles semelhantes à nossa, também se faz preciso contar com elementos especiais, que atendam à multiplicidade de carências espirituais dos recém-chegados da Terra. Embora muitos deles tenham compulsado obras teosóficas, esotéricas, espiritistas ou iogas, quase sempre aqui aportam titubeando em seus primeiros passos e bastante fatigados pelo processo desencarnatório, tal como ocorreu comigo. A comunidade do Grande Coração, como bem a retrata o seu nome, atende às virtudes do coração bem formado, embora possa este sentir-se ainda debilitado para o comando da força mental.

Pergunta: - Qual o efeito que podemos atribuir ao repuxo de água de cor topazina, que descrevestes como semelhante ao arminho eterizado, e que depois se desvanece numa cor rosada?

Atanagildo: - Conforme já vos tenho dito, poucas criaturas compreendem o sentido e o efeito extraordinário das cores na psicologia e na saúde humana. Existe ainda incontável número de matizes coloridos, desconhecidos do homem terreno, que futuramente ajudá-lo-ão a harmonizar a bondade do espírito com a beleza da forma física. Nas comunidades astrais, a cor não se relaciona apenas ao simples efeito decorativo mas, acima de tudo, é aproveitada em sua força vibratória oculta e penetrante, nos mundos invisíveis.

No caso do chafariz, as cores ali existentes funcionam como um excelente vitalizador etérico, porque a variedade dos seus tons esmeraldinos, safirinos, rúbidos, topazinos, carmins ou amarelos funciona como multiplicador de frequência vibratória sobre o nosso perispírito, assim como - de conformidade com o tipo de pensamentos e emoções do homem - também se produzem cores na aura humana. Buda apresentava em sua aura os maravilhosos efeitos da "cor mental", em tons dourados sobre o amarelo puro, franjado de azul-celeste, porque também desenvolvera muitíssimo a sua mente em harmonia com a sua pureza espiritual.

Essas cores continuam a representar, aqui no Astral, as mesmas qualidades já tradicionalmente classificadas pela ciência oculta. E, quando elas são inteligentemente mobilizadas a favor dos habitantes da metrópole, também podem acelerar a frequência dos raciocínios e conduzir a mente à solução mais breve dos seus problemas espirituais.

Há no chafariz da metrópole, graças à dádiva daqueles espíritos superiores, um potencial de energias concentradas que absorvem o raio branco e o dividem em vários fluxos coloridos, podendo ser cada um aplicado a uma carência vital, um efeito curativo, balsâmico ou apenas estimulante. Daí a função mais ampla da coluna de água topazina, que funciona como um captador líquido das emanações magnéticas que se desprendem de todas as demais cores, constituindo um potencial de magnetismo que assume então aquela tonalidade. O jorro de água sobe até vinte pés de altura e balsamiza-se em contato com a aura de eflúvios puros de elevada espiritualidade, que ali foi deixada com a presença dos espíritos mentalistas. Em seguida, este jorro de água perde o seu forte ímpeto inicial e cai em gradações cada vez mais lentas e, ao invés de retornar à fonte na forma líquida, vai se vaporizando de tal modo, que termina se desfazendo em irisada névoa de formoso matiz rosado, que envolve e balsamiza todos os seres em torno do chafariz. Devido à .alta frequência vibratória desses eflúvios, eles penetram com facilidade por toda a organização do perispírito dos que desejam submeter-se ao tratamento magnético, assim como também lhes ativa as funções psíquicas.

O Diabo e a sede do seu reinado

Pergunta: - *Existe algum lugar, no Além, que se assemelhe ao inferno bíblico, tão apregoado pelo Catolicismo e pelo Protestantismo?*

Atanagildo: - Na verdade, os espíritos que no mundo físico se deixam dominar por paixões degradantes e se entregam a crimes aviltantes passam a habitar regiões no Além, que de qualquer modo superam a velha idéia do inferno teológico, que a lenda afirma ser dirigido por um Diabo revoltado contra Deus, sempre afadigado no seu reinado de fogo e enxofre. É evidente que Deus não criou nenhum inferno para colocar nele os seus filhos pecadores; estes é que se elegem voluntariamente para a hospedagem em regiões que se afinam às suas vilezas. Sem dúvida, não há inferno pior que aquele que a alma cria em sua própria intimidade espiritual, quando depois é acicatada pelo remorso proveniente de suas mazelas espirituais.

Pergunta: - *Qual a diferença que existe entre o inferno teológico, pregado pelos católicos e protestantes, comparando-o com a natureza dessas regiões do astral inferior?*

Atanagildo: - Como se vê pelas velhas oleogravuras hebraicas, o inferno teológico é um produto lendário e tradicional, criado pela fantasia dos povos hebreus, que escolheram o que há de melhor do mundo para compor o cenário do céu, assim como reservaram o que de mais cruel é conhecido na Terra, para então imaginarem o inferno, com o seu temível Satanás! Mas acontece que os teólogos cometeram um grave equívoco, ao se esquecerem de melhorar gradativamente tanto o céu como o inferno que idealizaram, uma vez que a humanidade tem se entregado incessantemente a novos inventos, realizações artísticas e grandes descobertas científicas.

Por isso, o paraíso teológico ainda apresenta, no século XX, as mesmas emoções e prazeres já conhecidos há milênios, enquanto que o inferno continua com os seus castigos anacrônicos e o seu cenário ilógico e infantil, bastante insuficiente para atemorizar os homens da era atômica.

Acontece que esse inferno, idealizado como o foi, desmente a Bondade e a Justiça de Deus, pois inclui a idéia cruel de que os pecadores tem de sofrer atrozmente por toda eternidade, quando a verdade é que as regiões inferiores, ou abismais, descritas nas comunicações mediúnicas, não são zonas de sofrimento eterno, embora eu mesmo tenha constatado a existência de certas situações de pavor e desespero nessas regiões, que ultrapassam de muito qualquer aspecto do inferno mitológico e mesmo impressionantes descrições da "Divina Comédia" de Dante Alighieri.

Pergunta: - *Qual então o motivo por que, diante de sofrimentos quase semelhantes, a existência nas regiões inferiores é mais lógica do que a idéia do inferno?*

Atanagildo: - A diferença está em que as religiões católica e protestante, bem como a mitologia hebraica, consideram o inferno como um lugar adrede preparado e exclusivamente destinado ao tormento das almas pecadoras, pródigo de fogo e enxofre, e criado para encerrá-las por toda a eternidade. Entretanto, o estado de sofrimento, pavor e medo, no astral inferior, além de provir principalmente do descontrole emotivo, remorso e ignorância dos próprios espíritos falidos da Terra, não é definitivo e permanece sempre a esperança de recuperação espiritual.

Não se trata de sofrimento eterno, nem de castigo deliberado contra pecadores, mas apenas de retificação de almas, porquanto Deus sempre as considera como espíritos enfermos, em tratamento, e não como criminosos condenados à desgraça eterna.

Enquanto o Catolicismo e o Protestantismo ensinam que não há mais esperança para aqueles que são lançados nas chamas do inferno administrado pelo poderoso Satanás, o Espiritismo vos acende a chama da esperança e louva a bondade do Criador, que sempre oferece novas oportunidades para a renovação íntima de qualquer espírito pecador.

Deus, a Bondade Suprema, não pode descer à vileza de castigar as imperfeições humanas; ele reajusta e reeduca o peregrino espiritual, para que abandone as seduções escravizadoras da carne e ingresse mais cedo na senda reta do Bem e da Verdade.

Pergunta: - *Mas a idéia do Diabo e a do inferno eterno não têm certo fundamento lógico, mesmo em face da doutrina espírita?*

Atanagildo: - Visto que a Bondade de Deus nunca o levaria a criar um ente malvado, com a finalidade especial de atormentar as suas próprias criaturas, é claro que a Sua Infinita Sabedoria também nunca se desmentiria criando um anjo perfeito, para posteriormente aviltar-se por toda a eternidade, a ponto de decepcionar a tão reconhecida Inteligência Infinita do próprio Criador. Se assim acontecesse, ficaria prejudicado o conceito da Sabedoria Infinita de Deus, ante a decepção de criar um anjo perfeito, que depois de transforma num Diabo, portador de todas as imperfeições. Se tal coisa houvesse acontecido, não nos restaria nenhuma esperança de sermos felizes, dado que o Senhor Onipotente do Universo também é vítima de equívocos, como os humanos.

E, se até o presente, Deus ainda não pode dominar o Diabo, que anda solto pelo vosso orbe, disputando com Ele o poderio sobre as criaturas, é óbvio que o Criador já não dispõe satisfatoriamente do seu propala.do Poder Infinito, o que também deverá ser motivo de grande aflição para todos nós. E se Ele não se importa que seus filhos queridos sejam arrebatados por Belzebu e conduzido por esse seu rival para os torturar por toda a eternidade, então quer-nos parecer que o Criador também se tornou um sádico e sobrepujou .as características daninhas do homem terreno, que não permitiria isso com seus filhos.

Pergunta: - *Então, devemos concluir de vossas palavras que o Diabo é apenas um produto da imaginação humana; não é assim?*

Atanagildo: - Não há dúvida de que o Diabo é produto mórbido da imaginação humana, pois o figurino escolhido para vesti-lo ainda é o próprio homem, revestido de todas as suas maldades.

Existindo na Terra homens que cometem atrocidades as mais bárbaras, quer em tempo de paz, quer em tempo de guerra, nos horripilantes matadouros dos campos de concentração, acredito que é tolice e falta de imaginação do homem o pretender pintar um Diabo pior e mais cruel do que ele mesmo!

Se examinardes a história terrena, verificareis que nunca existiram atrocidades, crimes, torpezas, impiedades ou vinganças maiores do que as praticadas pelo homem, de vez que eles as cometem com mais requintes de malvadeza do que se fossem praticadas pelo Diabo!

As cruzadas da Idade Média, que retalhavam vivos os "infiéis"; a "Noite de São Bartolomeu", quando milhares de católicos apunhalaram os protestantes por ordem de Catarina de Médicis; a impiedade dos Doges venezianos; as tropelias de Atila; as pirâmides de cabeças decepadas por Gengis-Khan; a matança dos cristãos nos circos de Roma; as torturas dantescas da Inquisição; as chacinas monstruosas da China; os enterrados vivos no Egito; as degolas em massa na Turquia; os empalamentos na Índia; os milhares de judeus assassinados pelos nazistas, porventura não são acontecimentos que fariam corar de vergonha, ante seu fracasso, o Diabo mais perverso?

Acresce, ainda, que o pobre Diabo mitológico, capaz de assustar os religiosos dogmáticos, há muito tempo que deve sofrer de invencível complexo de inferioridade, pois ainda não gozou da volúpia de lançar uma bomba atômica sobre 140.000 criaturas que respiravam oxigênio e faziam planos de ventura humana, nem tampouco pôde apreciar o "magnífico" espetáculo de vê-las se transformarem em gelatina fervente. Os próprios sacerdotes católicos, que tanto acusam o infeliz Belzebu e lhe atribuem a culpa de todas as maldades do mundo, não se tornaram, porventura, os seus fiéis procuradores, quando Gregório IX instituiu o Santo Ofício e, à sombra da proteção de Fernando e Isabel, os reis católicos, torturavam criaturas humanas e arrebanhavam as fortunas dos "infiéis" para depois os fazerem estorricar nas chamas purificadoras do programa religioso oficial?

Todas essas barbaridades, praticadas pelos poderosos da Terra, não significaram, porventura, verdadeiros insultos ou desafios a Satanás e uma técnica bem mais original que a dos vulgares recursos dos caldeirões de líquidos ferventes?

Pergunta: - *Ante a vossa liberdade de expressões, apreciaríamos ouvir outros pormenores relativos ao descrédito do Diabo e às razões por que o homem o superou em malignidade. Podeis atender-nos?*

Atanagildo: - Conforme vos tenho exposto, o Diabo já é uma figura de pouca importância e bastante superada pelo maquiavelismo do homem, que o venceu em maldade, hipocrisia, cupidez, vingança, luxúria, avareza e desonestidade. Há muito tempo que Satã já devia ter sido dispensado de suas mórbidas funções, quer por ineficácia e falta de imaginação, quer por faltar-lhe a índole ou o dom congênito que o tornasse capaz de produzir crueldades inéditas, que pudessem impressionar os seres humanos.

O seu sistema de agir, demasiadamente anacrônico, já não atemoriza a humanidade, pois ainda teima em seguir a velha fórmula de cozinhar os pecadores nos caldeirões de azeite fervente e chumbo derretido, embora com algumas variações burlescas de espetá-los em garfos enferrujados ou assá-los ao molho de enxofre. É um sofrimento demasiadamente "standardizado" e despido de novas emoções; acredito que ele ainda o prefira mais devido à

força de hábito em um ofício milenário e tradicional, do que por qualquer preocupação em se vingar do gênero humano.

E uma das provas do pouco caro que o homem do século XX atribui às ameaças de Belzebu - também chamado Príncipe dos Demônios - pode se encontrar facilmente no crescente descabro moral e crueldade do mundo terreno atual, pois a humanidade se prepara para matar cientificamente e se degrada filosoficamente, enquanto uma grande parte realiza o mais entusiasta concurso no campeonato da desonestidade.

Se o inferno, com os seus anacrônicos caldeirões ferventes e com o braseiro de churrasquear pecadores, tivesse força suficiente para atemorizar a humanidade terrena, é evidente que, desde há muitos séculos, o homem já estaria radicalmente regenerado em espírito. O Diabo, criado pela imaginação primitiva da mitologia do passado - é fora de qualquer dúvida! - já se encontra completamente saturado do seu ofício tão espinhoso e ridículo. Não se duvida de que ele já deve nutrir uma vaga esperança de obter sua breve e tranqüila aposentadoria, a fim de se livrar do trabalho com seus caldeirões de azeite fervente, libertando-se também das responsabilidades de manter as vultosas reservas de carvões e substâncias combustíveis para atender à fervedura dos seus clientes, cujo número cresce assustadoramente, já não havendo tachos disponíveis para atender às longas filas à porta do inferno! Belzebu há de querer repousar os nervos e melhorar a sua saúde, vivendo a distância do ambiente infernal, tão saturado de fumaça, fuligem e da gritaria que lhe azucrinas os ouvidos dia e noite...

O homem, em sua imaginação mórbida, criou o ambiente atormentador do Inferno e, em sua maldade instintiva, ainda impôs terrível sofrimento ao próprio Diabo, obrigando-o a exercer um ofício rude, exaustivo e anacrônico, tornando-o um indivíduo neurótico e psicopata, quando devia merecer algo da ternura humana.

Pergunta: - *Embora reconhecendo a justeza dos vossos conceitos, que tornam mito de Satã uma figura apagada diante das torpezas humanas, devemos dizer que há muitos intelectos desenvolvidos que ainda confiam seriamente na veracidade dessa lenda.*

Atanagildo: - Mas isso não prova que o homem seja menos requintado que o Diabo, nas suas vinganças, pois, não contente em se desferrar dos seus desafetos políticos, adversários religiosos, contraventores das leis, ou daqueles que lhe ofendem o amor próprio, ainda costuma impor às suas vítimas outros sofrimentos morais ou físicos que, em atrocidade, superam longe a pseudocrueldade de Satã. Durante as campanhas guerreiras ou de ódios políticos, o homem tem imposto a seus irmãos torturas lentas, milimétricas, que principiam pelo arrancamento das unhas e terminam com a decepção dos pés, das mãos ou da língua; já houve preliminares pavorosas para se arrancarem segredos, onde as mães assistiam à tortura dos filhos ou à violação das filhas, e ainda hoje praticam-se perseguições sistemáticas, que levam muitos infelizes à miséria e ao suicídio.

Reverendo em espírito a história terrena, lobriguei quadros dantescos que deixaram de ser registrados, porque revelavam acontecimentos em que os seus autores eram homens que representavam diretamente a Bondade Divina na Terra; à frente de coloridos cortejos, essas criaturas cantavam hosanas à Glória e ao Amor de Deus, enquanto alguns infelizes, condenados e já esfrangalhados pela tortura, se encaminhavam cambaleantes para as fogueiras impiedosas do credo oficial.

Acredito que, ao contemplar certas cenas do vosso mundo, desempenhadas em nome do Amor Divino, o Diabo ter-se-ia arrepentado de rir dos maus propagandistas de Deus, ou então teria sido tomado de furioso ataque de histerismo ao reconhecer que o epicurismo mórbido e a sabedoria cruel do homem ainda eram capazes de superar facilmente os mais bárbaros instintos dos animais!

Pergunta: - *Segundo a História Sagrada, Satã não passou pela forma humana; não é assim?*

Atanagildo: - Aliás, conforme diz a Bíblia, a genealogia de Satanás é bem mais pura que a do homem, pois que ele descende diretamente da linhagem angélica, muito embora houvesse depois se rebelado contra o seu Criador, ao passo que o cidadão terreno foi feito de barro, tratou logo de gozar a vida e ainda anda cometendo crueldades em nome de Deus, sem apresentar para isso as suas credenciais superiores. E, segundo parece, Satã possuiria um pouco da natureza divina de Deus, pois, como um anjo decaído, teria sido feito à semelhança do seu próprio Criador. E, se fosse assim, não seria nada lisonjeiro para Deus o ver-se obrigado a constatar na criação deste anjo fracassado, que um produto, emanado de si mesmo, era péssimo! De outro lado, se Deus, onisciente, houvesse criado deliberadamente esse anjo, sabendo de antemão que ele estaria fadado a se tornar eternamente um monstro, seria um sádico, um inquisidor elevado à escala cósmica; e se o Criador ignorasse que o ser angélico que criou se transformaria num demônio rebelde, jamais seria um sábio! O Diabo, portanto, é cópia do homem, aliás, cópia inofensiva.

Pergunta: - *Isso quer dizer que estão certos os comunicados mediúnicos dos espíritos desencarnados quando, em vez do Inferno e do Diabo da teologia cristã, eles descrevem o "Umbral" das regiões inferiores; não é assim?*

Atanagildo: - Quanto a mim, posso vos assegurar que, depois de desencarnado, não me foi possível encontrar o Céu com sua corte de santos pronunciando extensas orações, nem mesmo as onze mil virgens em festivos cânticos, da tradição popular. Felizmente, também não me defrontei com o Inferno e os seus caldeirões ferventes, nem com qualquer bando de Diabos a perambular pelo espaço. Eis porque considero bem exatas as descrições que, por médiuns criteriosos, os espíritos têm feito das regiões do astral inferior, onde tenho ido em excursões socorristas e sacrificiais, quer por motivo de estudos, quer para retirar dali algum amigo ou alma aflita, que mereça o fraterno socorro. Mas não posso deixar de registrar que, nessas regiões, encontrei muitos espíritos de homens excessivamente mais experimentados em vinganças do que o famigerado Diabo da Teologia, pois além de torturarem impiedosamente os seus desafetos, ainda os impediam de qualquer esforço de renovação espiritual.

Não se trata, porém, de entidades devotadas à maldade, com um ofício obrigatório, ou que tenham sido atiradas às sombras por causa da ira divina, que são as razões que se costumam invocar para justificar a existência e a rebeldia do Diabo. Esses espíritos agem por sua livre e espontânea vontade, sob o mais sádico desempenho artístico, como se fossem

"virtuosos" da crueldade. São almas ferozes, verdugos impiedosos e carrascos sem a menor partícula de contemporização, pois extraem de suas vítimas a última gotícula de esperança e prolongam o menor espasmo de sofrimento! Cobram-se da mais insignificante dívida e não toleram o menor prejuízo, mesmo que tenha sido fruto da imprudência ou da ignorância de suas infelizes vítimas. O que me impede a revolta diante de tais atrocidades é saber da lógica da Lei Cármica, que demonstra não existirem injustiças, dando-nos a certeza de que sempre terão fim tais sofrimentos e vinganças. E o que nos consola é saber que esses barbarismos, quer durem minutos, horas, séculos ou milênios, felizmente não passam de acontecimentos transitórios e justos, pois em jubiloso futuro tanto algozes como vítimas hão de se unir em sincero abraço de afeto e ternura, alçando o vôo definitivo para as regiões celestiais.

Isto posto, considero bem mais lógicas e sensatas as "regiões umbralinas", ou do "astral inferior", que os espíritos costumam descrever em suas mensagens mediúnicas - onde as almas expiam as suas próprias criações infernais que imprudentemente alimentaram na vida física - do que o pavoroso sofrimento, na eternidade, em um inferno criado pela vingança de Deus.

Verdadeiramente, mais cedo ou mais tarde toda vítima libertar-se-á dos seus poderosos verdugos e também dos seus próprios defeitos, reajustando suas culpas com a sua própria consciência e merecendo então novos ensejos de desenvolvimento e ventura espiritual.

Pergunta: - *Não será provável que o Inferno e o Diabo, da tradição bíblica, sejam idéias decalcadas da própria realidade do astral inferior, percebida pelos videntes da época?*

Atanagildo: - O inferno teológico é um produto da imaginação lendária do passado religioso, adaptada à compreensão de uma humanidade ainda atrasada. Daí o fato de se descrever o sofrimento no astral inferior como um reinado de Belzebu, com as características das torturas primitivas e dos castigos mais conhecidos e empregados naquela época. Para que a humanidade ficasse impressionada - pois que de outro modo não o ficaria - foi preciso dizer que os infelizes pecadores deveriam ser cozidos em caldeirões de água, cera ou chumbo ferventes, e assados entre carvões e enxofre. É óbvio que, se o Inferno fosse imaginado no vosso século atual, os religiosos poderiam descrevê-lo como provido de todos os recursos científicos modernos, em matéria de destruição, tais como instalação de cadeiras elétricas, bombas asfixiantes, câmaras frigoríficas ou superaquecidas, e tudo que o cidadão do século XX descobriu para aliviar a superpopulação do seu planeta...

Sem dúvida, o Inferno eletrônico do século XX não só poderia dispensar os seus caldeirões anacrônicos e anti-higiênicos, como também abandonar o sistema obsoleto de queima de enxofre e carvão, cujo braseiro vultoso consome verbas astronômicas sem esperanças de que Satã obtenha indenização por parte de pecadores já completamente falidos. Sem dúvida, o Diabo sentir-se-ia eufórico e venturoso, nesse Inferno modernizado e automático, onde, para se moverem talhas, guinchos e vagonetes admiravelmente eletrificados, bastar-lhe-ia um rápido acionar de botões, e todo o Inferno funcionaria na mais efusante sinfonia de gritos, berros e barulho de ventiladores e exaustores elétricos, eliminando o cheiro da carne assada! A Ciência e a Indústria, bastante desenvolvidas no vosso mundo, poderiam fornecer o aparelhamento de torturas mais genial e eficiente para o Inferno, acomodando-o na conformidade dos tipos, pesos e torpezas dos pecadores

modernos. Acredito que os comodistas e os ociosos teriam que repousar eternamente sobre confortáveis redes anatômicas, elétricas; os exploradores do próximo rodariam de modo divertido dentro de modernas máquinas de lavar roupa, mas repletas de água fervente, que lhes arrancaria a pele sem danificar os órgãos; os avallentos seriam condenados a contar moedas de cobre eletrificadas por alta tensão; os falsários e os hipócritas ficariam se debatendo dentro de fornos elétricos, aquecidíssimos, tentando abrir e fechar suas portas falsas e sem saída; os coléricos e irascíveis seriam colocados incessantemente sob chuveiros elétricos de água fervente; os cruéis seriam colocados em excelentes churrasqueiras rodantes, enquanto os administradores relapsos e delapidadores do patrimônio público ver-se-iam condenados a servir-se de poderosas canetas eletrificadas, eternamente obrigados a encher cheques feitos de folhas de aço...

Uma vez que a própria Terra evolui, desde o seu cenário material até às realizações mais prosaicas de sua humanidade, por que também não hão de evoluir o Diabo, o Inferno e o Céu bíblicos, transformando-se para melhores condições? Quanto a este último, não seria razoável que a alma terrena, já conhecedora das magistrais obras de Beethoven ou de Mozart, terminasse se entediando contra os anacrônicos tocadores de rabecas, as procissões e o cantochão litúrgico, que ainda fazem sucesso num céu primitivo? Creio que a simples idéia de faltar no céu o popular acordeão moderno já seria motivo suficiente para que a maioria dos "fiéis" se desinteressasse do lendário Paraíso.

Pergunta: - *Por que motivo certas criaturas, embora cientistas ou acadêmicas, algumas até de invulgar cultura, ainda acreditam piamente na existência de Satã, do Céu e do Inferno teológicos, conforme lhes ensinam as suas religiões dogmáticas?*

Atanagildo: - É provável que esses homens de cultura, que ainda crêem no Céu, no Inferno e no Diabo mitológicos, evitem raciocinar com isenção de ânimo sobre o assunto ou talvez receiem provocar polêmicas que possam perturbar as tradições religiosas da família ou dos conhecidos. Se refletissem seriamente sobre tais dogmas, é fora de dúvida que terminariam verificando a inconseqüência e a infantilidade de suas concepções, pois o conhecimento, o cientificismo e a arte do homem do século XX já se tornam motivos de humilhação para um Diabo ainda metido na fumaceira de um Inferno medieval.

Pergunta: - *Em face de há tantos séculos cultivarmos a idéia do Diabo, não acreditamos piamente nele, mas quase que o sentimos real em sua forma lendária. Ainda custa-nos extinguir essa idéia tão arraigada e que incentiva os nossos temores humanos desde a infância. Que dizeis?*

Atanagildo: - Isso ocorre mais por efeito de um recalque que ainda permanece na memória etérica do espírito encarnado, pois é indiscutível que todos nós já permanecemos nas regiões trevosas, quer sob o jugo de outros "pseudodiabos" perversos, quer quando ainda não passávamos de outros tantos satãs, desferrando-nos sobre outras vítimas de nossas vinganças.

Por isso, o Diabo ainda é uma concepção aceita em todo o orbe terráqueo; palpita e vive na consciência de todos os povos e seres, embora cada qual o configure na conformidade de sua própria psicologia humana. Para o oriental, o Diabo tem a cara exata do

ocidental, enquanto Deus- tem os olhos oblíquos; o zulu rende homenagem ao seu Deus preto como carvão, se arrepele e excomunga o Diabo branco, de fisionomia européia. Quer o chamem, na linguagem clássica, de Satanás, Demônio, Belzebu, Lúcifer, Espírito do Mal, Anjo das Trevas ou Belfegor, ou a voz popular o denomine de Tinhoso, Capeta, Coisa-Ruim ou Canhoto, ou então seja o Anhangá, dos indígenas, o Mafarrico dos portugueses, o Padeiro, dos franceses o Exu, da macumba, o Pedro Botelho ou Mofino das velhas lendas, ele representa sempre a figura da própria alma quando ainda subverte as admiráveis qualidades de sua natureza angélica, para se dedicar apenas às paixões odiosas, à crueldade ou às impurezas da velha estirpe animal.

A lenda é pródiga na apresentação dessa figura aviltante do homem rebelde e ainda adverso à Luz, e por isso as narrativas de cunho fantástico sempre se firmam na mórbida e trevosa lembrança da alma, que ainda estremece evocando as sombras em sua circulação angélica.

Mas à medida que o espírito ascende para os planos edênicos, o Inferno e o Diabo também se tornam cada vez mais inofensivos, porque as zonas trevosas existentes em cada criatura começam a ser substituídas pelas clareiras de luz angélica.

Pergunta: - *Existe algum prejuízo mental ou espiritual em se continuar a manter a lenda do Diabo e do Inferno, como ainda o fazem as religiões escravas dos homens e dos mistérios sagrados?*

Atanagildo: - Não vos esqueçais de que vos dou a minha própria opinião; em virtude do que me é possível observar no lado de cá, considero que tal lenda ainda causa prejuízos bem grandes, pois todos os dias aportam ao Além magotes de criaturas alucinadas com as idéias aterrorizantes do Inferno e a crença nos demônios, que elas evocam na mente desgovernada, o que as faz ficarem desesperadas de qualquer esperança de fuga ou perdão.

Alimentam em si mesmas essas configurações tenebrosas e aniquilantes, que lhes impõe a morbidez dos credos religiosos infantilizados, a ponto de oferecerem sugestões mentais imprudentes aos próprios adversários das sombras, para que mais as convençam de que realmente se encontram lançadas no seio das chamas eternas do Reino de Belzebu.

Aproveitando-se do desespero e do terror dos desencarnados obsidiados com a idéia infernal, os espíritos malfeitores atuam-lhes na mente perturbadora e clareiam ainda mais os quadros diabólicos ali já existentes. Mas, noutro extremo, também surgem almas demasiadamente ingênuas e otimistas, que se julgam credenciadas para habitar um Paraíso de ociosa contemplatividade, assim como lhes ensinaram os seus preceptores religiosos; então se imaginam prestes a viver entre as criaturas beatíficas e sempre escoltadas por anjos extremamente corteses e serviçais. Mas o cenário do mundo astral, que lhes surge como laborioso plano de trabalho digno e justo causa-lhes terrível decepção, deixando-as boquiabertas e espantadíssimas quando identificam as comunidades de espíritos laboriosos e disciplina dos, que em santificada atividade se dedicam à sua própria recuperação espiritual.

Muitos desses "fiéis" confrangem-se, decepcionados, à idéia prosaica de que ainda existem trabalho, deveres, obrigações individuais e sociais nas regiões do "Além", onde esperavam apenas encontrar os santos e as almas eleitas refesteladas voluptuosamente sobre

flocos de nuvens coloridas, enquanto gentis arcanjos as faziam adormecer ao som hipnotizante de harpas e rabecas.

Pergunta: - *Considerais que seria de grande progresso para as próprias religiões dogmáticas o desaparecimento dessa tradição infantil do Céu e do Inferno, ainda tão cultivada entre os seus adeptos?*

Atanagildo: - O sacerdócio católico e a comunidade protestante há muito que deviam ter esclarecido a mente dos seus fiéis, fazendo-os compreender que Deus não é um bárbaro impiedoso a punir eternamente os seus filhos, assim como também não é vulgar distribuidor de prêmios celestiais e exclusivos aos fiéis seguidores de suas normas religiosas. É evidente que são bem raras as almas que partem da Terra absolutamente certas de que estão isentas de qualquer mácula, por cujo motivo a dúvida e o medo são sempre a preocupação da maioria. Não vos é possível avaliar o pavor dantesco da alma que, ao emergir das sombras do túmulo, sente-se presa de suas próprias criações mentais, convicta de que irá sofrer "eternamente" nas chamas do inferno e nas garras de Satanás!

Jamais podeis imaginar o que seja realmente essa convicção íntima do "castigo eterno", para o desencarnado que se crê sem a mínima esperança de salvação, guardando ainda em sua memória as imagens do lar amigo que deixou na Terra.

Muitos ficam alucinados e se conturbam pela força das estultices que lhes ensinaram severamente os sacerdotes e os ministros reformistas, completamente desconhecedores da realidade espiritual do Além-Túmulo.

Entretanto, o espírita, que já aprendeu que o Inferno eterno é lenda infantil, e que mesmo o pior sofrimento no astral ainda é provisório, mantendo viva a esperança de recuperação espiritual, é indubitável que não se desespera, confiando sempre na Bondade e na Justiça do Magnânimo Criador.

É certo que toda alma também traz simbolicamente um pouco do Inferno em si mesma; mas é insensatez religiosa torturar-se a imaginação humana e predispor o desencarnado ao terrível desespero mental, conseqüente daquilo que é falso e ilógico!

Assim como as credices sombrias e a fantasmagoria das lendas mórbidas criam estados de temor e angústia nos cérebros fracos, chegando a interferir no equilíbrio do sistema nervoso, as descrições nocivas e infantis, com que as religiões dogmáticas pregam a eternidade do Inferno com o seu histérico Satã, também plastificam nos seus fiéis os quadros tenebrosos e doentios que, depois da morte corporal, adquirem forte vitalidade mental e torturam a alma desesperada.

Isso causa pavores e desesperos intensos, chegando a criar obstáculos intransponíveis aos próprios espíritos benfeitores, que envidam todos os esforços para atenuar o vigor dos clichês mórbidos, profundamente gravados no campo mental dessas almas perturbadas.

O tipo de Céu e Inferno ainda conservado pela fé católica e protestante, sem qualquer dúvida, é o responsável pelo fato de muitas almas serem vítimas do medo desesperador e se atormentarem dantescamente nas primeiras horas de ingresso no Além-Túmulo.

Ao contrário, o esclarecimento sensato, ofertado pela doutrina espírita, afirmando a existência de um Pai amoroso e incapaz de castigar seus filhos, e muito menos de os fazer sofrer eternamente, é sempre abençoada esperança de breve libertação, mesmo que vos encontreis desencarnados no seio do maior sofrimento.

Pergunta: - *Não resta dúvida de que, pelo fato de nascermos em lares tradicionalmente católicos, também somos condicionados, desde a infância, às histórias sagradas e às lendas mitológicas do Céu, Inferno e do pecado original. Poderíamos saber se desde a vossa tenra infância fostes elucidado quanto à natureza exata da vida espiritual do Além, quer pela religião católica, quer pela protestante?*

Atanagildo: - A minha última reencarnação se deu num lar amigo, digno e tradicionalmente católico, situado no interior de São Paulo. Até a idade de onze anos, fui severamente educado nos preceitos religiosos católicos e também doutrinado sobre o que a Igreja Católica presume ser a vida da alma em seguida à morte do corpo. Conheci, pois, a história do pecado original praticado pelo primeiro casal, Adão e Eva, a da criação do mundo em seis dias e do descanso do Criador no sétimo dia, assim como a história do Dilúvio e da figura colérica de Jeová na Bíblia. Mas, em virtude de ser um espírito inquieto e de fácil raciocínio, insatisfeito com a rotina comum da vida, punha minha família em polvorosa, pois vivia a fazer perguntas nevrálgicas sobre todas as dúvidas que me despertavam as questões mais confusas da História Sagrada. Eram indagações objetivas e desconcertantes, onde havia mais espanto do que mesmo desconfiança; por isso, não tardei em ser tido como um inspirado do próprio Diabo, por cujo motivo, além de severas admoestações, tive de fazer prolongadas penitências, a mando do vigário local, aliás boníssima criatura e cujo espírito vim encontrar aqui, em excelente situação de paz e num estado de serena alegria.

Pergunta: - *Ser-vos-ia possível dar-nos alguma idéia da natureza de vossas perguntas ou dúvidas infantis, que podiam contrariar o modo de pensar dos vossos familiares?*

Atanagildo: - Eram sempre decorrentes, sem dúvida, de raciocínios infantis mas, em face do meu arquivo sideral do passado, havia nelas indagações sólidas e inquietantes. Era o terrível "por quê?" da criança vivaz e inconformada com as soluções muito triviais, que lhe davam sobre aquilo que lhe despertava grande interesse. Quando me disseram que o Diabo fora um anjo decaído, que existia muito antes da Terra e do homem, logo eu quis saber por que, então, Satanás possuía pés de cabra, cauda de leão, chifres de boi, asas de morcego e unhas de gavião, já que havia sido criado bem antes de existirem tais bichos... Por que motivo Deus enxotara Adão e Eva do Paraíso, mas não expulsara Satanás, que lá ficou gozando as delícias do Éden, na figura maquiavélica da serpente enganadora? Por que de Adão e Eva, que eram brancos e bem apresentáveis, nasceram criaturas pretas, amarelas e vermelhas? O meu cérebro vivia repleto de indagações que eram feitas à hora da mesa, na hora da oração à noite e até entre os folguedos cotidianos. Nunca pudera compreender como Noé conseguira trazer um casal de animais, aves e insetos, de todas as partes do mundo, através de caminhadas a pé, em carro de boi ou mesmo sobre camelos!... De que modo ele pudera agarrar o urso nos pólos, o leão no Saara, o tigre na África, o condor nos Andes, os macacos ou papagaios no Brasil? E tudo isto em tão curto prazo de tempo? Como conciliar a afirmativa do professor, que me ensinara ser a baleia de garganta estreitíssima, mal passando nela algumas pingues sardinhas, com a narrativa da Bíblia que diz que ela engolira o profeta Jonas? Ante a explicação de que Jesus era o próprio Deus materializado na Terra, emergia a resistência espiritual do meu passado dentro dos templos reencarnacionistas e, na figura de

um moleque caçoísta, queria saber se Maria, mãe de Jesus, seria nossa avó, uma vez que Jesus era Deus, e, portanto, nosso pai!

Mesmo certa vez em que minha mãe me advertira, sentenciosamente, de que o Diabo costumava se transformar em anjo para enganar os protestantes, os espíritas e outros religiosos, opus-lhe o raciocínio contundente de que, então, lhe seria muito mais fácil transformar-se num vigário para enganar os católicos e, pois, desde que lhe era tão fácil ser anjo, também ser-lhe-ia fácil metamorfosear-se num sacerdote!...

Essas atitudes de protesto ou quase desafio infantil, muito comuns às crianças emancipadas nas convicções espirituais, devido ao seu passado de pesquisas e soluções corajosas, provam-vos que há necessidade de se esclarecer a realidade da vida, para o perfeito desembaraço mental de benefício da própria alma ao se ver diante da morte do corpo ou liberta num plano desconhecido, que lhe tece toda sorte de ideações fúnebres e alegorias mefistofélicas!... A explicação do Além, dada pelo Espiritismo - embora se respeite as boas intenções de outros credos - ainda é o bálsamo suavizante para o espírito sequioso da verdade espiritual.

Capítulo 9

A música e seus efeitos

Pergunta: - *Quando lemos obras mediúnicas que nos falam de "melodias" que fluem do Espaço e ressoam "misteriosamente", temos a impressão de que elas provêm espontaneamente do Cosmo, mas sem qualquer intervenção de inteligências espirituais. Estamos certos, ou essas melodias são executadas por entidades angélicas?*

Atanagildo: - Na ascensão espiritual, a alma vai aprendendo e criando, conforme o desenvolvimento de sua consciência.

Se o selvagem traduz as suas emoções através do "tam-tam" monótono, a emotividade do Arcanjo só se revela através de uma sinfonia indefinível para o vosso entendimento ainda muito acanhado. A música é um prolongamento vivo da alma e é mensagem afetiva e apreciada em qualquer região cósmica em que se manifeste, tanto quando se resume apenas num punhado de sons brutais que se afinam à natureza rude do zulu, como quando se transforma numa encachoeirada fusão de melodias vibrando num oceano de sons, para servir de pouso às esferas rodopiantes e enlevo sideral aos arcanjos constelatórios. É um cântico divino e sublime da vida, que o Criador inspira à alma para acelerar a sua ventura eterna. Deus, o Regente Cósmico, organiza e dirige a orquestra sinfônica sideral sob a sua batuta eterna; mas, à semelhança da Poesia, da Beleza, da Inspiração, o êxtase que a música produz tende a se manifestar gradativamente à consciência do espírito. Deste modo, haveis de compreender que a música celeste está tão distante para vós quanto as "Tocatas" e "Fugas" de Bach ou "Tannhauser" de Wagner estão distantes do batuque do selvagem. É melodia indescritível, que expressa a harmonia das esferas celestiais, das suas humanidades angélicas e da própria criação do universo. O papel importantíssimo da música sobre as nossas almas é o de "desmaterializar" a nossa personalidade inferior, para eclodirem em nós os sentimentos definitivos do anjo criador. Ela apura a nossa emotividade e adoça a razão, impelindo-nos para realizações as mais pacíficas e generosas. Assim como a melodia terrena vos transmite o sentimento ou a emotividade do seu autor ou compositor, a música celeste cumpre o mesmo objetivo, trazendo em suas asas magistrais a mensagem sonora dos arcanjos e do próprio Deus! Como fazer-vos compreender tal grandiosidade através apenas dos singelos sinais gráficos da linguagem reduzida do homem encarnado! Visto que, para sentirdes essa música tão elevada, necessitaríeis fundir-vos com o potencial harmônico que estivesse vibrando no éter, para o qual não possuís ainda a sensibilidade desenvolvida, é óbvio que também não a podereis entender em vosso atual estado de evolução espiritual.

Pergunta: - *Podeis nos explicar o que vem a ser "música celeste"? Há alguma diferença entre ela e a música que conhecemos?*

Atanagildo: - É certo que poderíeis fazer uma idéia aproximada da música celeste, mas tão-somente da que se executa nas comunidades ou nas metrópoles astrais e que, embora de padrão musical superior, sempre lembra algo semelhante ao que ainda se executa na Terra. Por isso os desencarnados de nossa esfera sempre se enternecem com certas

melodias que lhes dizem algo familiar à alma; se ouvissem apenas composições estranhas, sem se aperceberem da profundidade do seu sentimento e se afinarem psicologicamente à sua mensagem de sons, é certo que haviam de se desinteressar delas e com bastante razão. As criaturas que na Terra eram apaixonadas pelas composições beethovenianas, que se deliciavam ouvindo a "Heróica", a "Pastoral" ou a "Coral" - é fora de dúvida - ainda viverão indescritíveis momentos de êxtase espiritual, quando na metrópole do Grande Coração puderem ouvir essas mesmas composições através de instrumentação superior a tudo o 'que já conheceis no mundo físico. Do mesmo modo, também descobrirão novas nuances e riquezas de interpretação que desconheciam na Terra.

Mas para além das comunidades espirituais do astral próximo da Terra, a música celeste é alimento predileto dos anjos, e se encontra muitíssimo distante de nossa atual execução sideral. Não existe cérebro encarnado capaz de entendê-la pelos sentidos humanos, assim como também não pude encontrar alguém, por aqui, que me pudesse explicar satisfatoriamente.

A sua exata compreensão só é possível depois que tenhamos passado pela experiência pessoal de senti-la, pois a música celeste, na verdade, não se prende à pauta e ao tempo, nem obedece às regras traçadas pela limitação dos sentidos humanos. Como se poderia demonstrar a eloqüência a força e a grandiosidade da "Quinta Sinfonia" de Beethoven a quem apenas aprecia o samba? De que modo ser-vos-ia possível sentir a música celeste, que é completamente liberta de qualquer inspiração terrena ou de regras por vós conhecidas, comparando-a com os "ruídos" agradáveis da música humana?

Pergunta: - *A música celeste é, então, uma maior expressão de harmonia; não é assim?*

Atanagildo: - Não encontro vocábulos para defini-la; se quiserdes, imaginai-a música sem instrumentação e produzida pela combinação dos ritmos e das pulsações criadoras do próprio Pai. Sem dúvida, a música é sempre a intérprete da harmonia, a começar pela mais sutil vibração; o "tam-tam" revela a harmonia compreendida pelo selvagem, e a sinfonia magistral revela o êxito da harmonia que o compositor consegue da própria harmonia entre todos os instrumentos. Como o homem civilizado já atingiu várias expressões de sua individualidade espiritual, sendo portador de maior riqueza emotiva e entendimento racional, a sua música é mais ampla, complexa e bela do que a do selvagem, que só possui um senso psicológico primitivo.

Pergunta: - *Os compositores terrenos chegarão um dia a produzir música capaz de despertar algum interesse entre os moradores de uma metrópole como a do Grande Coração?*

Atanagildo: - Por que não? Muitas peças que apreciávamos na Terra, são aqui executadas até com respeitosa emoção.

Pergunta: - *Mas não é ilógico que a música terrena, como expressão artística de um mundo imperfeito, ainda possa despertar emoções ou atenção numa alta comunidade*

espírita, como a em que viveis? Qual a sua disposição emotiva capaz de se afinar com a precariedade da música terrena?

Atanagildo: - Sabeis que toda composição musical é precedida de um plano mental, em que primeiramente os sons se ajustam e formam frases e melodias no silêncio da alma do compositor, assim como as idéias também surgem silenciosamente no cérebro do engenheiro, quando ele pensa nas suas criações arquitetônicas.

Depois de surdo é que Beethoven compôs a sua mais avançada peça musical, ou seja o monumento sinfônico da "Nona Sinfonia", que o mundo consagrou como a "Coral". Embora a música se expresse pela combinação dos sons físicos, o fato de que as composições traem a própria emoção e sentimentalismo dos seus compositores demonstra que a melodia surge primeiramente no silêncio de sua alma e só depois se transforma em sons audíveis. Portanto os sons, embora sejam materiais, não são produtos propriamente da instrumentação, mas sim do compositor, que primeiramente os "pensa", bem antes de escrevê-los na partitura ou então improvisá-los no instrumento, como resultado indiscutível de sua ideação mental.

É bastante pensardes numa determinada melodia familiar, para que em seguida possais ouvi-la soar no silêncio misterioso da vossa alma. Quando desejais reproduzir pelo instrumento qualquer música que já ouvistes, é indubitável que, antes, tendes de pensar em ajustá-la à vossa mente, para só depois, então, poderdes manifestar em sons aquilo que vos impressionou o sentido auditivo.

Ora, uma vez que a música possui o seu sentido lógico e a sua origem real na mente humana, ser-vos-á fácil compreender que as composições musicais produzidas na Terra foram antes vividas mentalmente e depois gravadas astralmente, para só então se projetarem no mundo exterior da matéria. Muitos compositores afirmam que, antes de comporem suas peças para a instrumentação sonora no mundo, os sons já lhes viviam intensamente no silêncio da alma.

A mesma música que executais aí na Terra, nós aqui podemos interpretá-la sob melhor instrumentação, ainda muito mais rica de qualidade, porque o fazemos no mundo astral, em verdade, o limiar do mundo mental, que é a fonte original de onde nasce toda idéia sinfônica.

Pergunta: - *E por que, na vossa metrópole, chegam a sentir até com "respeitosa emoção" a música que ainda é mais própria da sensibilidade acanhada do homem terreno? Não há discordância emotiva nesse caso?*

Atanagildo: - A grande superioridade de execução, em nossa metrópole, transfigura e aformoseia de modo indescritível a mesma composição musical que aí ouvís apenas sob a convenção de "ruídos" agradáveis...

Embora existam certas semelhanças entre alguns acontecimentos de nossa esfera espiritual e alguns fatos terrenos, não esqueçais de que, aqui, nós lidamos com a origem das coisas que formam o vosso mundo tão opaco de luz e tão longe da leveza astral. Os mais belos objetos, enfeites, edifícios e criaturas terrestres que selecionásseis para compor a mais formosa paisagem terrestre, ainda não conseguiria vos dar uma pálida idéia do mais singelo recanto da metrópole em que resido. Acontece que a fenomenologia do mundo material não conta ainda com a dádiva positiva da "luz interior" que alenta e impregna todas as coisas e fenômenos da metrópole do "Grande Coração". É recurso divino, que cria para os nossos

sentidos espirituais um panorama paradisíaco de cores, luzes, perfumes e músicas, ainda completamente desconhecido à visão do homem encarnado.

Pergunta: - *Podemos imaginar, então, que certo aspecto encantador, da Terra, se tornasse iluminado interiormente; não é assim?*

Atanagildo: - Embora a nossa metrópole ainda reproduza certo aspecto da Terra, tudo nela é plasmado na substância astral, quintessenciada, que a torna um mundo de fadas, impossível de caber na vossa imaginação ainda cerceada pelo cérebro físico. O mesmo fenômeno ocorre com a música, quando a mesma composição, executada na Terra, recebe aqui um banho de luz e de encanto tão divinos, que não conseguireis identificar a sua feição terrena. Se a "Pastoral" de Beethoven consegue despertar em vós as evocações românticas da natureza, associando-vos as idéias e os desejos de uma vida espontânea, liberta de preconceitos e de amarguras, como tanto desejava o seu 'autor, mesmo assim não tereis alcançado a absoluta compreensão do espírito original da música "mental", que foi inspirada ao seu compositor. E isso ocorre devido ao instrumental medíocre fabricado com material terrestre, muito compacto e letárgico nas suas vibrações, a par de uma técnica deficiente, que reproduz a capacidade de execução por parte dos próprios músicos encarnados. Então se fragmenta grande parte da beleza original da mensagem divina da música, que é uma exclamação de vida dos próprios prepostos angélicos do Pai. E como em nossa metrópole podemos penetrar mais profundamente na essência da música ainda conhecida pelos terrenos, a ouvimos com "respeitosa emoção", porque a reproduzimos por melhor instrumentação, e podemos destacar todas as suas réstias de beleza e encanto musical, que ainda são desconhecidos para vós, porque alcançamos melhor a sua realidade mental.

Pergunta: - *Gostaríamos de conhecer mais alguns detalhes quanto à diferença que há entre a execução das composições musicais terrenas e as que se realizam no Astral. É possível nos atenderdes?*

Atanagildo: - A rudeza dos instrumentos musicais construídos com material terreno, o esforço heróico que despendem os músicos para os manusearem com a técnica precisa e o dilema de a peça musical ficar aprisionada à partitura escrita pelo compositor, são fatores que perturbam muitíssimo a fidelidade sonora e a pureza iniciática da melodia. Quando, por exemplo, ouvimos aqui a "Pastoral" de Beethoven, através de instrumentos construídos com a delicadíssima substância astral, ela se transfigura e prolonga extensamente o pensamento sinfônico do compositor, a ponto de se identificar a emoção sidérea do próprio anjo que inspirou Beethoven. Em virtude de o espírito encarnado se encontrar submerso no cárcere da carne terrena, ele não pode recepcionar toda a grandeza e potencialidade musical, pois isso só é possível com a utilização de instrumentos sutilíssimos, de substância astral, que deixam fluir as melodias sem qualquer resistência à pureza das emissões sonoras.

Então a música se torna magistral, e reproduz com toda veemência a idéia sinfônica trabalhada no plano mental, lembrando o caro de feixes de luzes policrômicas a se filtrarem por finíssimas lâminas diamantíferas, enquanto que, através do instrumental terreno, seria como se esses mesmos feixes de luzes atravessassem espessos blocos de vidros fumarentos. Quando os trechos de certas composições altamente inspiradas alcançam aqui momentos de

sublime encanto sonoro, formam-se à nossa visão espiritual deslumbrantes halos de luz, que esvoaçam em torno dos músicos arrebatados pela divina 'composição que executam.

Algumas experiências de projeção de música de nossa, metrópole para as regiões trevosas, através de aparelhos apropriados, hão produzido abençoado alívio a certas enfermidades astrais, devido à fulgência desses halos de luz, que se produzem em conexão com os eflúvios da própria alma dos executantes.

Pergunta: - *Temos lido em algumas obras mediúnicas que, no Além, alguns espíritos tocam harpas ou cítaras, despertando profundas emoções nos recém-chegados. cremos que, em face do aprimoramento espiritual das almas moradoras nas regiões felizes, o apego a instrumentos tão antiquados, ou de reduzida expressão musical, poderia contradizer o seu progresso artístico em matéria musical; não é assim? Será possível que, depois de nos inebriarmos, na Terra, com magistras orquestras sinfônicas, com avançada instrumentação moderna, ainda possamos revelar emotividade musical, no Astral, para com solos de harpa, cítara e outros instrumentos antiquados?*

Atanagildo: - É certo que, devido ao aprimoramento artístico da metrópole do "Grande Coração", onde predomina o culto pela música elevada, reduz-se bastante a preferência por instrumentos antigos, só apreciados por alguns grupos de espíritos saudosistas de suas paisagens terrenas, familiares. Em geral, os componentes de nossa metrópole são de maior entendimento musical, mas deveis convir em que, em sua intimidade, ainda influi o condicionamento psicológico da raça ou país em que tiveram mais encarnações. Sem dúvida, a orquestra sinfônica representa um resumo emotivo da própria heterogeneidade humana, enquanto que a cítara e a harpa só identificam o sentimento individual da criatura que as apreciava.

Em quase todos os lares daqui existe um instrumento predileto do seu morador, e adequado aos solos mais preferidos pelo seu tipo de alma; quero dizer que a técnica ou expressão de um instrumento se afiniza sempre às características do tipo psicológico e do grau evolutivo do seu executante. A cítara, o cravo, o órgão, a harpa, o piano, o violino, o violoncelo ou a flauta encontram aqui os seus exímios executores, cuja habilidade artística transforma os seus instrumentos em delicados prolongamentos vivos de suas almas enlevadas por celestiais emoções. Como a música é um excelente recurso para a alma revelar os seus estados emotivos e mesmo psicológicos, são justamente os solos executados com esses instrumentos isolados os mais preferidos para os desencarnados sublimarem as suas emoções e as suas ansiedades angélicas. Mas ainda existem outros instrumentos de maior capacidade interpretativa, alguns semelhantes aos acordeões, outros como inteligente combinação de órgão e piano movidos por energia astral, lembrando os recursos eletrônicos do vosso mundo. Os moradores também organizam duetos, tercetos e quartetos, constituindo-se em grupos melódicos que superam indiscutivelmente as vossas suntuosas orquestras sinfônicas porque, além da expressão rica de sonoridade musical, as melodias são impregnadas de tal emoção espiritual dos seus executantes, que se assemelham a divinos cânticos angélicos. Eu não posso descrever-vos a natureza, a portentosidade e o fascínio das massas corais e dos conjuntos de almas santificadas que compõem as orquestras sinfônicas dos planos felizes do astral superior. Trata-se de acontecimento que o vocabulário humano é impotente para configurar, na sua pobreza ilustrativa. Nem vos posso descrever o efeito magistral do "Largo" de Haendel executado pelo mais singelo órgão doméstico de nossas moradias, em comparação com igual execução na Terra, embora fosse através do mais famoso órgão

elétrico terreno. Se vos fosse dado ouvir o "Lohengrin" de Wagner, executado por um quarteto do Astral e, depois, por grande orquestra sinfônica terrena, esta última vos pareceria um singelo trio de violas.

Pergunta: - *Quais os fatores principais que tanto põem em destaque as execuções musicais do Espaço, em relação às terrenas? Porventura, o instrumental não é o mesmo, embora manufaturado com outra substância mais quintessenciada?*

Atanagildo: - No mundo astral, os sons se produzem sob o mais perfeito ajuste vibratório com as emanções providas das cores, luzes e perfumes, sendo que, muitas vezes, ainda se casam à própria temperatura do meio onde se propagam, criando outros inúmeros fenômenos que escapam ao vosso sentido físico, e que nós podemos perceber com êxito, através de nossa sensibilidade perispiritual.

Em nossa metrópole, cada nota musical corresponde-se vibratoriamente com todos os campos de vida e atividade astral dos desencarnados, pois repercutem num meio etérico, em que todas as coisas e os seres também estão intimamente ligados, e então vibram em simpatia com os sons. No mundo material, as melodias se propagam na forma de progressivas ondulações, e ainda é preciso recorrer a outros recursos artificiais, como sejam as conchas acústicas, os amplificadores elétricos, os teatros ou os templos apropriados para se melhorar o fenômeno e este corresponder à emotividade dos ouvintes. Além disso, os sons materiais, embora assim fortificados, se esmagam e fragmentam quando lançados em recintos fechados ou entre paredes graníticas, perdendo muito de sua beleza e extensão desejada.

Mas nos mundos do astral elevado tudo participa da música, porque o ambiente clarificado e muito tênue é como um oceano atmosférico de luzes, cores e perfumes, que se transforma num campo vibrátil e sonoro, proporcionando espetáculos de beleza deslumbrante e combinações paradisíacas, sob o efeito dos acordes mais sublimes. Os próprios espíritos desencarnados penetram diretamente no fenômeno, pois em virtude do seu energismo inesgotável e da organização sensibilíssima do perispírito, eles se tornam os captadores diretos das vibrações sonoras e as sentem em toda a sua configuração espiritual, dispensando a rudeza do equipo auditivo, mais próprio do corpo físico, e que só é utilizável nas regiões inferiores, onde a atmosfera astral é pesadíssima e torna compacta a veste perispiritual.

Querendo dar-vos uma composição mais compreensível, do assunto, dir-vos-ei que os desencarnados absorvem a música por todos os poros do seu perispírito, ao mesmo tempo que participam, consecutivamente, de todos os espetáculos de cores, luzes e perfumes, que se produzem sob o efeito miraculoso das melodias.

Pergunta: - *Para nossa melhor compreensão espiritual, poderíeis vos estender mais um pouco sobre o fato dos espíritos de vossa metrópole encontrarem motivos de admiração nas composições musicais terrenas?*

Atanagildo: - Embora as composições clássicas do vosso orbe, que ainda admiramos, conservem o motivo musical terreno, a sua idéia central, ou seja, o tema musical ou o seu motivo melódico, não passam de produtos que foram inspirados pelas altas esferas celestiais. As comunidades astrais como, por exemplo, a do Grande Coração, tornam-se verdadeiros filtros elevados, que dão um tratamento formal a essa inspiração musical, para

depois enviarem-na à Terra e ser ali materializada pelos instrumentos físicos. Assim sendo, as idéias da música superior descem do Alto e passam por nós, em direção ao mundo material; no entanto, a música bárbara ou luxuriosa se inspira nas regiões inferiores, onde predomina ainda a força instintiva das paixões carnis.

Essa divina essência musical, cuja origem se processa no mundo íntimo das mais sutis regiões do espírito, só consegue aflorar tão exata e formosa à vossa percepção humana tanto quanto sejam a capacidade e delicadeza dos instrumentos materiais que devem revelá-la em sons. Conforme se apura ou se melhora a instrumentação terrena, é óbvio que também progride a sua interpretação.

Seria absurdo que a emotividade introspectiva da "Patética" de Tchaikovsky, pudesse ser melhor compreendida através de um conjunto de chocalhos, tambores e flautas de bambu, do que através de afinadíssima orquestra sinfônica moderna.

A instrumentalidade, quanto mais sensível e aperfeiçoada, tanto mais revela com fidelidade o pensamento do compositor. A "alta fidelidade", que atualmente está muito em voga no vosso mundo, reproduz as execuções orquestrais com muito mais corpo e direção sonora do que se elas fossem gravadas nos antigos discos de carnaúba. O progresso instrumental vai revelando novos matizes e riquezas de expressões que vivem na mente do compositor, mas que não poderiam ser conhecidos através da instrumentação insuficiente de antigamente.

O próprio Beethoven, se houvesse ficado encerrado em seu túmulo e despertasse agora, é provável que desconhecesse a sua própria obra sinfônica, tanto seria o seu enlevo e êxtase ao ouvir a sua "Heróica" ou a "Pastoral" executada na portentosidade das orquestras modernas, que ampliaram o seu pensamento sonoro e deram vida às filigranas ocultas pelos conjuntos musicais de sua época.

Pergunta: - *Podemos supor que na metrópole do Grande Coração também se cuida do melhoramento da instrumentação musical?*

Atanagildo: - Assim como o homem se serviu da eletricidade e da técnica eletrônica para melhorar a sua produção musical, as comunidades astrais também se utilizam de todos os recursos e progressos energéticos, no intuito de conseguir maior fidelidade na instrumentação musical, a fim de se dar maior extensão e profundidade às melodias que descem do Alto e são filtradas para a Terra. É de senso comum que, mesmo os instrumentos mais rudes e antigamente desprezados pelos intérpretes de elite, já evoluíram no decorrer do tempo, e muitos já se afidalgaram de tal modo, que atualmente participam de grandes conjuntos sinfônicos e até lideram concertos famosos, obrigando a orgulhosa orquestra, submissa, a seguir-lhes as pegadas melódicas e emoldurarem-lhes os fundos musicais mais requintados.

O velho cravo, da "sinhá moça", já foi substituído vantajosamente pelo aristocrático piano de cauda; a singela viola transformou-se no respeitável violão elétrico e, nos vossos dias, a pitoresca sanfona e a gaita de boca progridem e se emancipam na interpretação da música clássica, graças ao virtuosismo dos seus geniais artistas e intérpretes. A ascendência contínua por parte dos instrumentos plebeus, que avançam para a glória de líderes musicais, também oferece novos matizes de sons e expressões melódicas originais, que então ampliam e identificam o pensamento dos compositores geniais. E o fenômeno ainda se torna mais promissor, porque também se introduzem modificações e arranjos nos grupos orquestrais e se

estuda o melhor equilíbrio e fidelidade orquestral dos conjuntos de cordas, metais ou madeira, para mais agradarem os ouvintes, que também se tornam cada vez mais sensíveis, cultos e exigentes.

É por isso que a maioria das composições clássicas, muitíssimo apreciadas no mundo terreno, continuam a inebriar os espíritos desencarnados que, em suas comunidades bastante venturosas, as escutam em seus lares em encantadoras execuções, graças à instrumentação que também recebe cuidadoso trato técnico e progressista.

Pergunta: - *Quais as composições terráqueas mais apreciadas no Espaço, e qual a razão de sua preferência?*

Atanagildo: - Não posso me estender em considerações longas, neste assunto, porquanto a finalidade principal desta obra é mais de advertência aos encarnados, para lhes mostrar os prejuízos e sofrimentos a que se sujeitarão em consequência de suas mazelas e descuidos evangélicos na vida material. Citar-vos-ei, no entanto, algumas composições que tenho verificado serem preferidas e ajustadas à sensibilidade espiritual dos desencarnados da metrópole do Grande Coração.

Beethoven, principalmente, é um dos seus grandes prediletos, em virtude de suas monumentais sinfonias; eles muito apreciam a "Heróica", a "Pastoral", a "Quarta", a "Quinta" e, principalmente, a "Coral". É um dos compositores terrenos cuja obra sinfônica revela maior afinidade instrumental com as orquestras do mundo astral. Aliás, ele mesmo disse que a Musa lhe segredou aos ouvidos: "Tenta reproduzir, por escrito, as harmonias da tua alma." Em nossa metrópole, afirmam que ele foi um dos mais bem inspirados pelo Alto, e que sempre transformou em cânticos de amor as sugestões do mundo mental. Schubert é querido por sua obra atraente, pelo capricho e fantasia com que a impregnou, sem no entanto, se afastar da nobreza espiritual. Chopin, embora a sua música melancólica não encontre muito eco numa comunidade como a do Grande Coração, que é repleta de otimismo e vivacidade, é, no entanto, muito apreciado pelos seus prelúdios, noturnos e estudos de alta sensibilidade espiritual; Schumann, o poeta da música, cuja vida foi um queixume porque não podia aprisionar a força de sua inspiração na precariedade do seu piano, é muito admirado em suas quatro sinfonias e no concerto altamente emotivo; Wagner, embora sua música reflita a força oculta dum mundo em eclosão, evocando lendas e ressaltando a força criadora do sangue, no curso e no atrito das paixões humanas, sob a vontade imperiosa e o domínio mental do espírito, afirma-se, principalmente, pelo "Lohengrin". O Santo Graal, o misterioso símbolo da fé cristã, é a base desse monumento musical e, por isso, se torna uma das composições queridas de nossa esfera, pois a sua mensagem esotérica é elevado roteiro de iniciação da centelha sideral...

Mozart, o glorioso compositor, cuja vida foi um hino de eterna juventude espiritual, tem quase toda preferência da comunidade do Grande Coração, pois a beleza de sua alma enfeitava e purificava todos os temas, historietas e assuntos que musicava. Não vos deve ser desconhecido que o próprio Schubert, quando se referia à sinfonia em Dó Menor de Mozart, costumava dizer que: "Nela se pode ouvir o cântico dos anjos." Qual fulgurante jorro de luz, iluminava e coloria mesmo as coisas mais vulgares e caricatas, pelo poder de sua alma angélica. Como exemplo, cito uma de suas composições mais belas, que é a "Flauta Mágica",

que gira em torno de um assunto burlesco, de uma vulgaridade alegórica do Egito, com suas fadas, monstros e serpentes; mas é uma obra-prima sinfônica do mais encantador lirismo, e cuja música, quando eu a ouvia ainda na Terra, avivava de tal modo a minha memória espiritual, que eu podia entrever os panoramas edênicos da esfera em que hoje habito.

Bach, Haendel, com sua elevada religiosidade; Rossini, que em suas ouvertures vasou a música saltitante e otimista; Tschaikovsky, marcando na "Patética" a dolorosa sensibilidade do exilado na carne; Brahms, o gênio sereno ardendo em poesia; Haydn, pródigo e alegre, inundando a sua época com uma música de certa jocosidade espiritual, tornam-se outros tantos favoritos, cujos monumentos musicais nós podemos viver, vibrando em toda nossa organização perispiritual, porque mergulhamos no oceano de sons e captamos o alto padrão da idéia central, que ultrapassa a pobreza da pauta terrena, porque aqui podemos senti-la em sua essência, ou - diria melhor - em seu espírito musical!

Pergunta: - *O tema musical de qualquer composição terráquea permanece sempre em sua formação original, no Espaço?*

Atanagildo: - Sem dúvida pois, em essência, a música aí ou aqui é a mesma, variando apenas quanto à natureza da interpretação, que aqui assume melhor aspecto, devido à delicadeza dos instrumentos no mundo astral.

Os admiradores da música, depois de desencarnados, continuam a devocionar, e ainda com mais entusiasmo, as suas composições prediletas, surpresos por identificarem novos matizes interpretativos, que centuplicam o encanto, a harmonia e a poesia das suas melodias tão queridas. É óbvio que, à medida que a alma educa o ouvido, na Terra, na audição da música fina, também se torna mais apta para apreciá-la no Espaço, sentindo um enlevo e júbilo jamais experimentados nas execuções pelos instrumentos terrenos.

Quando nos templos das metrópoles astrais se efetuam grandes concentrações coletivas, de elevado grau espiritual, formam-se rasgões argênteos no Alto, e fulgem luzes deslumbrantes que se polarizam no seio do ambiente santificado e em torno dos exímios artistas, que ficam nimbados de suavíssima claridade angélica. Então, eles se transformam em antenas vivas, a propiciar ao ambiente um clima de fluidos balsamizantes, capazes de extinguir quaisquer sombras ou resquícios de paixões contraditórias, que ainda possam sobejar do mundo físico.

Pergunta: - *O fato de o espírito habitar uma esfera elevada, como é a do Grande Coração, não devia incentivar nele o gosto exclusivo pela música celestial, fora de qualquer lembrança ou influência terrena?*

Atanagildo: - Não seria razoável tolher-se a alma em sua preferência por determinado compositor ou produção musical, que lhe tenha sido familiar e agradável, e isso só porque ela desencarnou e passou a viver num plano vibratório superior. A natureza não dá saltos e fornece progressivamente os elementos que devem constituir o cadinho de provas ou o santuário iniciático do espírito. É justo, pois, que, tanto na Terra quanto no Espaço, continue em evidência a diferença psicológica musical que pode existir entre a preferência pela "Sonata ao Luar" de Beethoven e o "Pássaro de Fogo" de Stravinsky; a "Serenata" de

Schubert e a "Sinfonia Clássica" de Prokofiev ou, então, as aligeiradas "Valsas" de Chopin em confronto com a majestosa "Tocata e Fuga em Ré Menor" de Bach.

Apenas porque abandona o seu corpo na cova terrena, o devoto sincero da "Sinfonia Inacabada" não sofre violência tão súbita no seu senso psicológico artístico, a ponto de saltar da preferência romântica de Schubert para a paradoxal harmonia de discordâncias sonoras, que é a música de Stravinsky, ou então para o arrojo sinfônico da primeira de Schostakovich. É óbvio que a sua ventura, mesmo no Além, ainda está condicionada aos padrões musicais familiares que possam identificar a sua emotividade desenvolvida pela mãe-Terra. Que vos adianta ouvir "música estranha" ou "melodias elevadas", se elas ainda não repercutem familiarmente no seio da vossa alma?

Pergunta: - *Poderíamos crer que a simples preferência pela música fina seja bastante para identificar uma alma evoluída?*

Atanagildo: - O entendimento, o gozo emotivo e o entusiasmo de muitos pela música fina não são bastante para se poder considerá-los almas excelsas, pois existem muitos intelectos desenvolvidos e pessoas de educação requintada, no meio privilegiado da fortuna, que são obrigados a suportar certos padrões musicais superiores, sem que isso signifique devotamento ou sensibilidade espiritual. Quero apenas frisar que não podeis exigir da mente acanhada do selvagem, ou então das massas incultas, uma preferência musical superior, que só é possível depois de certa maturidade espiritual. Nos planos astrais inferiores também vicejam inteligências avançadas e até de grande sensibilidade artística que, em vez de se aplicarem ao sentido benfeitor da vida, preferiram a posição de rebeldia e se petrificaram na linhagem dos gênios do Mal. Não resta dúvida de que muitos deles fizeram parte de ambientes requintados da sociedade terrena; talvez fossem admiradores entusiastas da música fina e, no entanto, ainda não se encontram nas regiões paradisíacas.

Acresce que o senso psicológico artístico ainda varia na própria preferência musical, pois é evidente que há grande diferença psicológica e emotiva entre o devoto do "Tannhauser" ou do "Parsifal" de Wagner e o dos "Noturnos" de Chopin, ou entre o apreciador das "Ave Marias" de Schubert e Gounod e o da "Petrouchka" de Stravinsky. Enquanto certas peças wagnerianas ainda exalam o cheiro das lendas, a atmosfera lúgubre e mórbida dos cultos pagãos e as práticas da magia negra - em que o próprio Wagner foi perito ao viver a figura de Tiglat, o feiticeiro dos hititas, de antes de Cristo - as composições de Mozart são catadupas de linfa pura descida do céu. Wagner, com sua música telúrica, que vem das profundezas da Terra, interpreta os conflitos das paixões coletivas do orbe; Mozart traz o convite angélico do Paraíso; Beethoven canta os anseios de todos os homens e Bach incentiva-lhes a religiosidade pura e inata.

Há, também, que lembrar o ouvinte clássico que confunde a virtude humilde e a ternura de Schubert, considerando-as como um exagerado sentimentalismo, ou então a juventude espiritual de Mozart como sendo candidez poética. Outros, embora cultos na esfera da música fina, desejariam extinguir todas as expressões sinfônicas que se movem em torno da emotividade do coração, para que só sobrevivesse a música cerebral, dos modernos.

Eis, pois, alguns dos motivos por que não podeis avaliar a espiritualidade pura ou a evolução da alma só pelo fato de o ouvinte ser adepto fervoroso da música fina. Conforme a preferência por este ou aquele compositor, cada admirador tanto pode perceber as luzes etéricas do céu, como também os requintados ângulos da vida instintiva inferior.

Pergunta: - *Qual é o sentido emotivo ou o padrão musical mais preferido na metrópole do Grande Coração, entre as composições mais emotivas e as mais cerebrais?*

Atanagildo: - Na metrópole do Grande Coração, embora predominem as almas cuja fundamental psíquica é mais simpática à Grécia e, também, aos povos de arte e sabedoria semelhantes, são todas de sentimentos universalistas, temperamento jovial e bastante desapegadas de seitas religiosas e dos saudosismos nacionalistas. O seu padrão preferido, em música, ainda é aquele que não obedece a escolas ou preferências à parte, mas se endereça especialmente à emoção de toda a humanidade e ao sentimento do gênero humano. A música fina, clássica ou superior, como a quiserdes conceituar, embora ainda possa trair alguns temas regionais no seu seio sinfônico, que por vezes traem a nacionalidade e psicologia dos seus compositores, é em sua essência mensagem sonora de confraternização e tolerância para com as coletividades humanas, pois é uma só linguagem para todos os povos.

Na música de Beethoven, por exemplo, o sentido amoroso da "Quarta Sinfonia", a angústia humana da "Quinta" ou a indagação e ansiedade espiritual que domina a "Coral" - embora se trate de composições de um cidadão alemão que, em certos momentos, também trai a gama sentimental do seu país - são pormenores que, na realidade, interpretam os sentimentos da humanidade. É por isso que Beethoven é admirado e devotado por todos os povos, mesmo pelos mais adversos, porque a sua genial mensagem musical representa as emoções e os anelos de todas as almas.

A música fina não tem pátria nem é arte exclusivamente nacionalista; isso se dá com a música regional, porque é o verdadeiro breviário folclórico e conservador dos sentimentos regionais ou nacionais. Mas a fonte universal onde se inspira a música fina, que é o mundo sonoro sem pátria e sem restrições, é a síntese de todos os sentimentos e pensamentos humanos. Quer, pois, seja a música mais emotiva ou mais cerebral, o que importa é a sua essência unificadora, pois ambas expressam, justamente, a grande luta eterna entre a ternura do coração e a força da mente.

Pergunta: - *Os espíritos desencarnados também se preocupam em desenvolver suas qualidades artísticas, à semelhança do que já faziam na Terra? Também manifestam certa preferência particular pela música, pintura, poesia ou arte dramática?*

Atanagildo: - A vida, aqui onde me encontro, é a fonte original das atividades do espírito, enquanto que a existência terrena significa a sua continuidade ou seu prolongamento. Os desejos ou os pensamentos cultivados no plano astral desenvolvem-se e vicejam, às vezes, de modo tão vigoroso, que as más idéias dominam os seus próprios criadores e as boas estendem os seus benefícios além dos seus cultivadores. Os santos, os artistas, os filósofos, os mestres ou os líderes espirituais, que regressam da Terra, eu os tenho visto prossequindo nos seus ideais e sonhos já cultivados com ânimo no mundo terreno, e que depois de desencarnados mais desenvolvem e fortificam no campo astral das energias mais sutis e plásticas ao pensamento. As artes são aspirações de uma vida santa, porque o artista que se embevece no seu labor e se revela um doador das belezas divinas mantém no mundo físico a idéia viva dos panoramas paradisíacos. Em nossa metrópole astral, como os artistas

se encontram libertos do pesado fardo de carne e num ambiente agradável e eletivo à sua arte, vivem de modo a que Deus use de suas almas e por elas plasme nas formas a Beleza da Criação Divina.

No mundo do Além, aquilo que pensamos se torna criação vivíssima na substância mental que nos interpenetra, capaz de se transformar num fato real e visível, podendo reagir imediatamente sobre nós mesmos.

Após a nossa desencarnação comprovamos que se torna bastante concreto o que na Terra ainda nos parecia mera ilusão. Os artistas desencarnados ainda continuam a se dedicar com mais veemência aos seus sublimes ideais artísticos, que tão dificultosamente cultivavam no mundo material.

Pergunta: - *Há instrumentos na vossa metrópole astral, à semelhança de pianos, violinos, acordeões, ou mesmo de percussão?*

Atanagildo: - Por que não? Que entendeis por continuidade da vida humana? Desde que acrediteis que o mundo espiritual é realmente a fonte original dos modelos e matrizes de tudo o que constitui a vida na matéria, tereis de crer, também, que aí na Crosta só se manufacturam velhas cópias e apagadas reduções da verdadeira vida que vivemos no Espaço.

Os instrumentos musicais, no mundo astral, não só se revelam de aspecto mais agradável a nossa visão, como devido à sua execução musical, funcionamento e demais operações técnicas, não prejudicam a poesia musicada.

Pergunta: - *Como poderíamos compreender a natureza dessa "poesia musicada" que, no Astral, os instrumentos não perturbam, durante a sua execução?*

Atanagildo: - As sinfonias e as interpretações musicais, no mundo astral superior, embalam-nos o pensamento e nos favorecem diretamente o espírito, proporcionando-nos um longo êxtase, porque não nos associam qualquer lembrança perturbadora durante esse gozo pleno de emoção angélica. A precariedade visível e funcional dos instrumentos terrenos, que afeta o espírito durante a sua execução musical, não existe aqui, porque a instrumentação astral não é rude no seu aspecto, nem primitiva no seu funcionamento, mas de substância tão aprimorada que não dificulta a pureza iniciática da música.

Na Terra, apesar da execução notável, emotiva ou magistral, que propiciam as sinfonias, o mecanismo instrumental áspero sempre rouba certa parte da majestade e da beleza sonora. Quantas vezes os componentes da orquestra humana já se encontram embotados em sua sensibilidade artística, porque já repetiram as mesmas composições centenas e até milhares de vezes! Embora elas emocionem e comovam um público entusiasta, que apenas as escuta, para muitos desses músicos profissionais tudo não passa, às vezes, de um prosaico e mal compensado ganha-pão.

O cenário material não favorece ainda a expressão completa da essência permanente da Arte e do Belo, porque é parco de recursos para expressar a realidade perfeita de tais valores.

Quantas vezes, por exemplo, os ouvintes ainda estão embevecidos com os acordes sinfônicos, no teatro suntuoso, quando esse quadro feliz é perturbado pelos próprios músicos que, num gesto muito familiar, põem-se li esgotar a saliva dos seus instrumentos! E a música perdeu a sua poesia!...

Pergunta: - *Como poderíamos entender a precariedade ou o aspecto rude dos instrumentos terrenos, em comparação com os do mesmo gênero, no Além?*

Atanagildo: - Quero dizer que, apesar das execuções mais primorosas, no mundo material, sempre transparecem na sua essência motivos decepcionantes, enquanto que, em nossa metrópole, por exemplo, essa essência ou espírito da música aflora-nos mais pura e mais bela.

Se pensardes nos principais instrumentos terrenos, pelos quais deve fluir a beleza sinfônica, não podereis fugir à realidade rude de sua confecção primária; os violinos só produzem a sua melodia pelo atrito do arco de cerda sobre as cordas feitas de tripa; os tambores e os bombos, que devem garantir a pulsação orquestral, também se abastardam, porque' são confeccionados com couro de porco ou de cabra, esticado. Durante a execução sonora, que vos comove os sentidos auditivos, os músicos sopram, congestionados, nos trombones, clarinetas e nas tubas, enquanto os violinistas se fatigam, apressados, na preocupação de esfregar desesperadamente os arcos sobre as cordas dos seus instrumentos.

Aquele harpista que, depois de muitos compassos de espera, deve tirar algumas notas de sua harpa até então silenciosa, para acentuar a beleza de um trecho sinfônico, quantas vezes, durante essas longas esperas, não está se afligindo com o casamento dificultoso da filha ou, então, pensando angustiado na dívida para com a mercearia! Quantas vezes aquele concertista da noite, que o público parece divinizar, nos trechos mais esfuziantes, se encontra bastante ausente da "alma" da música, para só recordar a maliciosa aventura suspeita, que até o comprometeria perante a assistência extasiada!

Há, pois, uma realidade grosseira, que não podeis olvidar, atrás da mais elevada execução musical terrena, e que lhe rouba algo de sua beleza original, perturbando a fidelidade da composição, desejada pelo seu autor. A grande dificuldade para se transmitir o espírito da música para a Terra, ou dos terrenos interpretarem com exatidão a sua essência pura, tanto provém do fato de seus intérpretes ainda serem homens escravizados aos problemas aflitivos humanos, como da circunstância de só poderem ajustar sua sensibilidade psíquica a uma instrumentação ainda rudimentar. No entanto, à medida que os artistas, compositores ou músicos se afastam da matéria planetária, também se tornam mais dúcteis e mais fiéis para interpretarem as composições elevadas.

Como os planos etéricos aguçam os sentidos da alma e melhoram a pureza vibracional do som produzido pela instrumentação delicadíssima do Astral, a idéia musical também tem uma expressão mais adequada e fiel à sua beleza original.

Pergunta: - *Qual a natureza dessa instrumentação do mundo astral?*

Atanagildo: - Nas colônias espirituais de ordem mais elevada, a luz, a cor e o som reproduzem os próprios impulsos mentais dos executantes, através de um éter de menor resistência vibratória. Desse modo, os seus instrumentos orquestrais dispensam a proverbial

angústia do esforço pulmonar e o controle respiratório ou, então, a necessidade de pensar primeiro e depois produzir a ação física, pelas mãos ou pelo sopro, como é peculiar aos músicos terrenos. Embora em nossa metrópole ainda exista certa execução algo parecida à terrena, exigindo alguma atenção no movimento das mãos e nas emissões bocais, a maior parte da vibração dos instrumentos é executada pela vontade e pelo pensamento dinamizado dos executantes, que se revigoram e se sintonizam com as vibrações simpáticas dos ouvintes, que mentalmente ainda mais engrandecem a beleza sinfônica.

Os instrumentos, no Além, são todos confeccionados da mesma substância astralina luminosa e isentos de qualquer particularidade depreciativa, o que ainda não podeis conseguir para a interpretação da música divina na Terra. Outra característica notável dos instrumentos astrais, é que dispensam quaisquer cuidados higiênicos, porque a sua matéria se renova e sutiliza continuamente, quanto mais os usam nas interpretações elevadas. Deste modo, não perturbam a beleza iniciática da música, como acontece com a instrumentação terrena.

Pergunta: - *Muitos compositores afirmam que sentem a melodia "no ar" ou escutam-na, como se alguém a tocasse do mundo oculto. Eles são inspirados por outros espíritos desencarnados?*

Atanagildo: - Os compositores daqui alegram-se muitíssimo quando, através de algum cérebro encarnado, conseguem filtrar satisfatoriamente a idéia melódica que mentalizam e executam no plano espiritual.

Eles procuram inspirar-vos, e muitas vezes se esforçam bastante para se situarem na faixa vibratória de vossas emoções, por cujo motivo buscam artistas e músicos que melhor se afinem com eles, em espírito, para mais facilmente materializarem as idéias imponderáveis em sons físicos.

Podeis notar que a maioria das composições do vosso mundo sempre apresentam certa familiaridade com as dos músicos já conhecidos e desencarnados; e mal sabem os compositores vivos que, muitas vezes, são "médiuns musicais", diretamente inspirados pelos seus próprios ídolos do passado, que tanto apreciam. Mas nem por isso se lhes rouba o direito de compor, pois os espíritos, neste caso, inspiram mas não compõem à revelia do seu pupilo, assim como não pretendem tolher-lhes o esforço santificado de criarem por si próprios.

Assim, por exemplo, quando um compositor encarnado é de alma sensível e de índole amorosa, despido de vaidade e de brutalidade, pode atrair a inspiração de um Mozart, Schubert ou Schumann, que também se identificam pelas mesmas emoções e semelhanças morais. O compositor religioso dificilmente deixará de recordar Bach, Haendel, ou Palestrina, por cujo motivo pode ser inspirado por esses grandes gênios da música, ou então por alguns dos seus discípulos mais avançados. Mas não basta apenas a capacidade de um artista ou compositor para reproduzir o pensamento de um outro famoso compositor desencarnado; é preciso que ele também se afine à sua moral e à sua índole psicológica. Acresce que alguns compositores antigos voltam a se reencarnar novamente na Terra, com o fito de aprimorar o seu próprio pensamento musical do passado; acontece então que tomam como inspiração de outro compositor simpático, já desencarnado, o próprio conteúdo musical que lhes pertencia na existência anterior. Outros ainda revelam, nas suas composições musicais futuras, a força de civilizações onde viveram anteriormente, tal como Wagner, cujos motivos que baseiam os seus monumentos sonoros ainda traem a magia, a lenda e os

sortilégios tenebrosos dos hititas, em cujo seio ele viveu, na época de submissão desse povo ao Egito, na figura do temido feiticeiro Tiglat.

É certo que os artistas daqui nem sempre conseguem o êxito completo e a amplitude satisfatória para transferirem as suas idéias musicais para o cenário terrestre. Mas o espírito do compositor que daqui inspira algum músico encarnado também "sente", em si mesmo, qual o potencial que lhe será possível transmitir ao seu "médium" musicista e, então, o faz na medida dessa possibilidade. O novo autor terreno, e que às vezes se sente um "inspirador", percebe em alguns casos que muito de sua emotividade espiritual, que impregnara as suas próprias composições, afiniza-se bastante com os sentimentos deste ou daquele compositor preferido. Como o corpo carnal se torna um freio vigoroso para o espírito, pois reduz-lhe os impulsos mais altos, o mediano encarnado da música celestial só consegue reproduzir em sons ou melodias um pálido reflexo da música pura e verdadeira das esferas angélicas.

Pergunta: - *Quando os autores desencarnados desejam transferir a sua música por intermédio de outros compositores terrenos, manifestam porventura preferências por determinados tipos de instrumentos? Queremos dizer: eles prefeririam mais os instrumentos de percussão, de corda, ou de sopro?*

Atanagildo: - Eles não se preocupam com a instrumentação, mas sim com o maior êxito para transferirem o seu pensamento, ou seja a composição mental que depois será materializada em sons pelos seus intérpretes terrenos. Sei que alguns preferem mais os instrumentos de cordas, porque os acham mais capazes de identificar melhor o psiquismo da criatura angélica, ou a sensibilidade espiritual, enquanto que os metais e as madeiras sempre refletem melhor as paixões humanas.

Na verdade, quando os músicos daqui obtêm algum êxito ao inspirarem os encarnados, o júbilo é recíproco, pois a música elevada ainda é para nós a melhor expressão que vem da Terra para a nossa comunidade espiritual. É uma sonoridade exótica e ainda empobrecida na sua real beleza; mas, embora possamos tê-la melhor, assim mesmo ainda a apreciamos, porque é algo melhor provindo do vosso mundo e dos vossos contemporâneos, sempre tão angustiados e mentalmente belicosos.

Os artistas e os músicos daqui prosseguem tenazmente nos seus esforços para que se torne cada vez mais intenso e familiarizado esse feliz intercâmbio de beleza espiritual. Os espíritos desencarnados e aflitos, que ainda permanecem vagando nos lares, hospitais e cárceres, ou então em lugares dos quais não podem se desligar por falta de ânimo e energia, reanimam-se e sentem-se balsamizados quando são envolvidos pelas ondas benfeitoras da harmonia musical. Sob as doces vibrações dos acordes musicais, ele se aquietam e evocam os panoramas afetivos e pacíficos, que então lhes suavizam a retina espiritual desgovernada; emocionam-se e comovem-se nos mares de sons terapêuticos, porque também lhes infundem na alma certa vibração sedativa de religiosidade benfeitora. Deste modo, surgem as condições favoráveis para que as próprias entidades benfeitoras possam socorrê-los com mais êxito e auxiliá-las na mudança vibratória para melhor padrão astral.

Pergunta: - *A música peculiar aos espíritos de vossa moradia astral é absolutamente isenta de qualquer reminiscência dos costumes ou dos sentimentos terrenos?*

Atanagildo: - Apesar da nossa metrópole astral mais se dedicar à música de alta estirpe e aos acordes que se tornam verdadeiros convites angélicos, ainda transparece oculto nas suas elevadas melodias algo da emoção terrena que vibrou entre egípcios, gregos, persas, árabes e hindus. E para os espíritos de excelente memória etérica, às vezes surge misteriosa cavatina, que ainda recorda os revérberos passionais do povo atlante, quando de sua profunda e sublime reverência ao Sol, o munificente doador da vida física. Embora na metrópole do Grande Coração se cultivem elevados estados de espiritualidade, distanciados de qualquer expressão de raças, credos ou nacionalidades separatistas, há na essência de sua música coletiva, e de natureza universalista, alguma coisa das manifestações de algumas raças e povos, inclusive as suas características melódicas mais conhecidas.

Às vezes, nas asas da melodia evocativa, percebe-se a linhagem latino-mediterrânea, onde se manifesta a pureza das cores que tanto engrandeceram a Itália e a Espanha e fecundam as primícias das "Ave-Marias", casando-se ao sublime espírito místico, emotivo e terno dos temas religiosos; há, por vezes, majestosos acordes, que evocam o estilo beethoveniano, a delicadeza romântica de Schubert, a matemática poética de Brahms ou a religiosidade suntuosa de Bach. Não falta, também, o sentimento secular dos asiáticos e, particularmente, dos hindus e chineses, com as suas melodias de fascinantes sutilezas melódicas, que adejam como as asas do espírito mergulhado num oceano de sons cristalinos. Quando essas melodias evocativas de raças, povos e países, que formaram as molduras cênicas das nossas vidas passadas, perpassam fazendo vibrar a atmosfera adelgada do astral, o passado se nos aviva e sentimos-nos perfeitamente convictos de que somos uma só consciência espiritual buscando a mesma ventura. A música acelera as vibrações da alma e favorece-lhe as reminiscências adormecidas na memória etérica. Justamente devido ao fato de a metrópole do Grande Coração ter sido fundada por almas cujas consciências espirituais se demoraram mais tempo pelas civilizações da Grécia e da Índia, é que os seus motivos arquitetônicos e produções musicais também identificam reminiscências e cenários onde viveram Platão, Sócrates, Pitágoras e Apolônio de Tiana e, também, onde mourejaram os líderes consagrados como Crishna, Buda, Maharshi e outros que trilharam as margens do Ganges.

Pergunta: - *Há inconveniente em se associar a música às reuniões espíritas religiosas ou iniciáticas? Há muita controvérsia a esse respeito, principalmente entre componentes de grupos espíritas.*

Atanagildo: - A música terrena, quando elevada, penetra nas regiões astrais com mais facilidade do que as vibrações da voz humana, pois esta só é ouvida com muito esforço, pelos espíritos desencarnados. A música exerce uma influência muito grande nos seres humanos, assim como certos instrumentos também exercem efeito específico até nos próprios animais. O violino exerce influência sobre os insetos, principalmente sobre a aranha, que se imobiliza facilmente ante os seus acordes mais agudos: o cão aprecia melhor o piano, e a serpente, como bem sabeis, obedece à flauta dos faquires. Para nós, desencarnados, os sons musicais são sempre de maior favorecimento do que os ruídos da voz humana, por que eles vibram através das várias camadas etéricas e chegam de modo mais perceptível e eletivo à nossa audição espiritual.

Quando os homens se reúnem em labores iniciáticos, religiosos ou doutrinários, em meditações acompanhadas por elevados acordes musicais, também se faz bem melhor o

ajuste nas relações entre o mundo astral e o carnal, bem como o intercâmbio com os desencarnados de boas intenções. Mas é claro que essa música deve ser de ordem emotiva espiritual, provinda de instrumentação ou de aparelhamento sensível, que não cause deformação da música, pois as vibrações que formam harmonia com o nosso mundo exigem, também, uma produção perfeita. A melodia superior, embora executada por exímios artistas e através de instrumentos perfeitos, já não produzirá efeito salutar e harmônico se for transmitida ou reproduzida através de aparelhamento rude ou desafinado. Da mesma forma, os discos de vitrola, que se usam em certos trabalhos espíritas ou espiritualistas, se forem gastos, deformados ou estridentes, reduzirão muitíssimo o efeito harmônico desejável no mundo astral, porque os espíritos elevados não vibram no seio das vibrações desarmônicas e irritantes.

Pergunta: - *Achais que se deveria incentivar a produção musical endereçada aos desencarnados?*

Atanagildo: - É conveniente que os músicos da Terra saibam que a terapia musical, que já se aplica nos hospitais, presídios e que preenche as horas de trabalho e de relações cotidianas, presta grande serviço à espiritualidade, uma vez que comove, aquieta e nutre as almas infelizes, que ainda se imantam à crosta terráquea e temem enfrentar um novo destino. A música é uma contínua afirmação de que existe um mundo de encanto e de sentimentos elevados, em que nossas almas não têm de se refugiar algum dia. Ela influi em todas as nossas tendências físicas, morais e mentais; quando ouvimos melodias que se casam às nossas mais familiares emoções, a nossa alma se anima, desperta, e a vida então nos parece mais prazenteira. Mas é evidente que a incentivação da música e a sua utilização terapêutica também exigem aplicações sensatas, pois seria incongruência que escolhesseis a ruidosidade do "Tannhauser", de Wagner, para aquietar o enfermo de nervos esfrangalhados, que muito melhor se ajustaria à sublime quietude espiritual do "Clair de Lune", de Debussy. Da mesma forma, a música para o trabalho requer um tema estimulante e alegre, pois há muita diferença entre a hora de meditar e o instante de trabalhar. Assim como os "Noturnos" de Chopin não se afinizam à ruidosidade de alguma progressista indústria moderna, a "Noite no Monte Calvo", de Mussorgsky, também não se coaduna com as meditações de horas avançadas. Algumas músicas nos desvitalizam; outras nos tornam melancólicos, abatem-nos ou então adormecem os sentidos físicos e acentuam a agudeza psíquica. Em face do dinamismo e avanço dos tempos modernos, já deveis ter observado que estão se alterando alguns padrões e preferências musicais, com o surgimento de uma música toda cerebral, uma combinação exótica de "harmonia de discordâncias" sonoras, que pedem mais as reflexões da mente do que mesmo o saudosismo evocativo do coração. Entretanto, também é mensagem em afinidade com o sentido mental do próximo milênio e, também, com a dinâmica do homem futuro.

Pergunta: - *Quando estamos executando trechos musicais, porventura se aproximam de nós alguns espíritos interessados em ouvi-los?*

Atanagildo: - Sem dúvida; os espíritos que perambulam pela superfície da Terra, tanto aqueles que estão em missão sacrificial como os sofredores, sempre buscam ambiente e

condições afins aos seus gostos e aos seus condicionamentos psicológicos. É claro que nenhum espírito sensível, bom e culto, simpatiza com lugares onde se executa música desagradável e sensual. Essa música gritante e grotesca, misto de ruídos cacofônicos e discrepâncias sonoras, em que o exótico e o absurdo são aceitos à conta de genialidade, e que se afina exclusivamente às convulsões da carne, causa tanta depressão aos bons espíritos, assim como se um eremita fosse bruscamente arrancado de sua gruta e lançado no meio de apitos, buzinas, gritos, blasfêmias e berros de condutores alienados, misturados aos tóxicos da fumaça dos veículos modernos. As almas delicadas e simpáticas às altas vibrações espirituais, que operam junto à Terra em benefício dos espíritos infelizes, assim que distinguem pessoas reunidas em torno de qualquer instrumento que interprete música de incentivo às emoções puras do espírito e não aos trejeitos sensuais da carne, aproximam-se e inspiram os seus ouvintes, fazendo-os também comungar num campo de energias elevadas, que inundam os ambientes de vibrações balsâmicas. Daí o motivo por que as músicas elevadas, e particularmente endereçadas à sensibilidade da alma, criam ambientes sedativos e de reflexões angélicas, despertando júbilo e compreensividade nas faces de todos. Graças à frequência vibratória bastante salutar, que criam os sons harmônicos e de eletividade espiritual, as lembranças, as emoções e as evocações dos presentes se elevam para um padrão superior, onde se eliminam o pensamento fescenino e a própria tendência às palestras que tanto enodoam os lábios humanos.

A música elevada tanto desperta recordações e alegrias inofensivas, como reduz as fronteiras entre o mundo espiritual e o material, porque as suas vibrações de padrão superior também se conjugam às emoções e aos pensamentos construtivos dos bons espíritos. O próprio lar, ou o local onde se executam as composições de música elevada, impregna-se de um suave colorido, que desperta a atenção dos espíritos bons e os faz se aproximarem, movidos pela ansiedade de encontrar algum ambiente sedativo e de compensação aos fluidos pesados em que se movem na Terra.

Pergunta: - *Então devemos considerar impura e indesejável toda música que ultrapasse a esfera da alta composição espiritual? Convém eliminar definitivamente esses ritmos que perambulam por toda parte, e que rebentam em sons que só dizem respeito aos trejeitos e às diversões do corpo?*

Atanagildo: - Não vejo razões para que seja destruído aquilo que já não serre mais para os vossos sentidos aprimorados. Não devemos esquecer de que à nossa retaguarda ainda marcha extensa caravana humana, bastante trôpega no seu progresso espiritual e artístico, muito necessitada de passar pelas experimentações que já realizamos, e que injustamente criticamos só porque somos beneficiados agora por um entendimento mais amplo da realidade espiritual. Acresce que, à nossa frente, ainda marcham outras almas bem mais adiantadas, e que também se serviram das mesmas lições que estamos experimentando atualmente; e, embora elas reconheçam que já lhes são inúteis as coisas que ainda nos servem, continuam a nos ensinar e a respeitar o que nos parece prazenteiro e útil.

Não devemos ser tão egoístas a ponto de pretender destruir e queimar os degraus que mal terminamos de subir, quando bem sabemos que outros aprendizes ainda nos seguem os passos. O fato de o aluno permanecer longo tempo no solfejo musical, que pode irritar a nossa sensibilidade artística, porque já estamos familiarizados com a produção sinfônica, não é motivo suficiente para que proibamos definitivamente o exercício das escalas de música,

porque são inferiores e irritantes. É incontestável que Mozart, Beethoven, Schumann ou Bach primeiramente travaram conhecimento com a música através do modo irritante de solfejar, para só então atingirem os cimos da glória e do gênio sinfônico.

É justo, pois, que permaneçam os ritmos e a música que já nos parecem indesejáveis, mesmo quando ainda digam respeito mais aos trejeitos do corpo do que à sensibilidade do espírito, pois ainda se trata dos solfejos e treinamentos necessários às criaturas incultas e primitivas, a fim de aprimorarem o seu senso sinfônico, que permanece adormecido em suas almas. É muito grande a responsabilidade conseqüente do fato de não apreciarmos algo e por isso proibirmos que outros cultivem um direito consagrado pelo seu grau evolutivo,

Muitos espíritos que estão se reencarnando a todo momento mal articulam o alfabeto da consciência espiritual e, por isso, na esfera da música não compreendem senão aquilo que lhes desperta os requebros do corpo. Assim como não podeis exigir que os bugres se entusiasmem ouvindo as dissertações filosóficas de Spinoza ou os postulados religiosos dos vedas, também não deveis exigir que almas ainda presas às paixões sensuais abandonem os seus ritmos musicais primitivos, para se devotarem entusiasticamente à música clássica.

Nenhum benefício resultaria para suas almas o se porem a ouvir outra música além daquela que identificasse as suas próprias emoções violentas e paixões animais, porque só os coleios musicados é que realmente lhes podem dar vazão aos estertores da carne, que brotam da vida inferior.

Pergunta: - *Mas não seria lógico e sensato que se incentivasse essas criaturas ao cultivo de uma música melhor?*

Atanagildo: - Indubitavelmente, tudo aquilo que propender para melhorar qualquer arte ou atividade na vida humana deve ser incentivado, para que a qualidade também se estenda à quantidade. No entanto, até na devoção à música a alma revela a sua intimidade, por cujo motivo não se pode forçá-la a preferir padrões artísticos que ainda sejam superiores ao grau de sua maturidade espiritual. É muito razoável e elogiável que incentiveis a propaganda e o cultivo da música elevada, porém habituando as massas, pouco a pouco, ao padrão artístico superior.

Pergunta: - *Eliminando-se a música inferior, não seria mais fácil a propagação da música fina?*

Atanagildo: - É preciso refletirdes em que, no mundo, nada deve ser eliminado porquanto, se Deus cria alguma coisa, ou a permite, é porque encerra um curso, um objetivo ou um ideal a ser atingido. O trabalho do homem nunca deve ser o de destruir ou eliminar, mas sim o de criar e melhorar as coisas existentes ao seu redor.

Só o egoísmo excessivo induz à violência em qualquer ato ou setor da vida; se tendes coisas belas, úteis e agradáveis no vosso orbe, é porque são produtos do cuidado, do carinho e do aprimoramento espiritual de outros homens que vos antecederam, quando modificaram suas formas inóspitas e agressivas.

Os frutos deliciosos, como a laranja, a uva, a maçã e o pêssego, descendem de frutos selváticos; graças, porém, aos cuidados dos fruticultores, à escolha de terrenos mais apropriados, à adubação e às enxertias com outras espécies, esses frutos selvagens abrandaram a sua agressividade vegetal, para depois se transformarem em saborosos

produtos nutritivos e odorantes. Mesmo atualmente, se percorrerdes determinadas zonas da Crosta, podereis encontrar ainda a laranja brava, a uva tóxica e a maçã ácida, como remanescentes das espécies antigas.

No reino animal, o cão dócil e pacífico, que se torna um pobre brinquedo nas mãos de certas crianças, não passa de antiga fera do mato, misto de cão e de lobo; o gato ocioso e pachorrento, que se esparrama sobre ricas almofadas dos casarões luxuosos ou se aninha na cinza do casebre pobre, descende remotamente da família agressiva e cruel da onça e do tigre; o cavalo, serviçal e amigo, provém da espécie selvagem que desafia todos os recursos da domesticação. O paquiderme que brama nas florestas da África e da Índia, e que em rapidíssimo golpe de tromba arranca árvores, pondo-as de raiz para o ar, não parece irmão do atual elefante deprimido, ridicularizado e pacífico, que teme a ameaça de um réptil e se humilha sob os gritos ameaçadores da bailarina do circo; no entanto, ambos são da mesma família animal; apenas o toque do homem é que tornou o elefante assim tão pacato e tímido.

A cruzeira do leão e a ferocidade do tigre, ante o trabalho dos domadores circenses, desaparecem paulatinamente; suas crias, domesticadas, já vivem nos lares modernos, onde ficam à solta, sob alimentação adequada, e pouco a pouco se tomam ordeiras e amigas, superando mesmo a educação do próprio homem, que ainda não se domesticou, a ponto de até brigar com os próprios seus vizinhos.

Não é o homem civilizado um prolongamento do primata das cavernas ou do selvagem antropófago? Se Deus seguisse a cartilha humana, é provável que já tivesse destruído esse bicho tão feroz, que é o homem, logo no início de sua carreira, antes que a cara peluda se transformasse na cara raspada e o tacape se transformasse no revólver niquelado...

Uma vez que no próprio reino vegetal e animal há um sentido evolutivo, que pode ser aprimorado e aproveitado para o bem do mundo, não vos compete eliminar a música que achais bárbara para o vosso senso estético superior, quando ela ainda atende às necessidades psicológicas das raças primitivas e reproduz as suas ansiedades íntimas, significando a sua linguagem interior e o meio de externar suas emoções recalçadas.

Pergunta: - *Devemos, então concordar com a música barata, que só atende aos sentidos físicos e que prolifera no seio da civilização atual, numa demonstração de profundo mau gosto? Não se deveria privar a mocidade dessa oportunidade infeliz, de se entregar desenfreadamente à admissão dos estilos musicais modernos, onde o histerismo conduz aos mais deploráveis ridículos e às cenas mais degradantes?*

Atanagildo: - Recordo-me de minha última existência, no Brasil, quando também era muito comum aos velhos censurarem, alarmados, os entusiasmos e os prazeres da juventude, esquecidos de que eles também haviam se excedido nos mesmos requiebros, quando moços. A velhice traz o cansaço e a desilusão, e permite que se examine o passado de um modo panorâmico, observando as vantagens e as desvantagens que se registraram na trajetória finda; então os velhos se tornam sentenciosos e emitem juízos severos sobre os jovens, porque só aí avaliam o seu próprio tempo perdido.

O surto do "jazz", que se registrou entre o povo americano do norte, não só prognosticou para muitos puritanos o fim do mundo, como ainda sofreu a maior condenação dos velhos da época, que pretendiam evitar o mais completo desbragamento da mocidade obsidiada por tal espécie de música. No entanto, era apenas um novo tipo de musicalidade

que fluía da alma emotiva do povo e a florava através da carne moça, resistindo a todas as barreiras que lhe opunham nos púlpitos dos templos, sobrepondo-se a todas as censuras e preconceitos da sociedade sentenciosa. Mais tarde, essa música gritante e estrepitosa recebeu melhor tratamento, de compositores inteligentes, terminando por ingressar nas orquestras afidalgadas e se fazer intérprete dos sentimentos de muitos daqueles que a combateram no seu início.

Hoje, o "jazz" já teve oportunidade de ser acolhido sob as abóbadas dos melhores teatros onde já vibraram os acordes das composições dos maiores gênios da música humana, visto que, embora pelas veias dessa música agitada circule a sonoridade estrepitosa que ainda mexe com o corpo físico, ela também traduz, por vezes, em linguagem terna e melancólica, as ansiedades e os sonhos de um povo culto. Naquela época, quem poderia prognosticar que, da rudeza selvática do "jazz" maluco, formar-se-ia o alicerce da agradabilíssima "Rapsódia Azul", de Gerschwin?

Eis porque não chegareis a soluções justas destruindo as coisas que surgem no ambiente físico do vosso mundo, mas sim melhorando sempre aquilo que pede a vossa habilidade, sentimento e carinho, em vez da violência e destruição. Mesmo os instrumentos vulgares, que de princípio eram desprezados como preferidos das classes inferiores, também evoluíram em suas expressões técnicas e ingressaram no seio das execuções afidalgadas. O violão, considerado instrumento dos malandros nas serenatas, e a rudimentar gaita de boca, à semelhança do que já aconteceu com a clarineta, o trombone e o bombo, também já merecem os mais acalorados aplausos quando interpretam difíceis trechos dos mais consagrados compositores da música clássica. A aplicação inteligente da eletricidade, que lhes dá o homem atual, tem aprimorado os mais rudes instrumentos musicais, como o violão, o órgão e o bandolim elétricos, fazendo lembrar o que ocorreu na metrópole do Grande Coração, quando se conseguiu desenvolver ali a "luz interior" na instrumentação musical, do que resultou grandioso progresso.

Pergunta: - *Mas não vos parece, então, que a música vulgar, exclusivamente endereçada à carne, é sugestivo convite para o desregramento dos moços modernos?*

Atanagildo: - Tudo é questão de boa ou má intenção da alma, pois há um sentido evolutivo em todas as expressões da vida, que propicia ao homem desenvolver os motivos de beleza e utilidade, em lugar de apenas censurar aquilo que não lhe causa mais prazer, e portanto detesta. A prova disso é que a Natureza, por si mesma, não falsifica qualquer dos seus produtos, mas o homem o faz: o animal fornece-lhe o leite puro, e a videira lhe dá a uva sadia, mas o cidadão terreno mistura água no leite e álcool no suco da uva.

Mesmo aquilo que o homem considera desprezível e imundo, a Natureza não despreza: o lixo e os detritos que atirais às raízes dos vegetais ou dos arvoredos frutíferos, ela os transforma em seiva nutritiva ou suco saboroso; os despojos cadavéricos, que depositais nas entranhas dos sepulcros, ela os transforma em verdadeiras reservas de elementos químicos, que depois devolve à circulação para serem aproveitados como novos recursos de vida.

O homem, que é portador de melhores recursos do que a Natureza, dotado do raciocínio que o liga à razão superior, indubitavelmente deveria proceder sob idêntica forma, pelo menos em relação às coisas que considera inoportunas ou prejudiciais. É razoável censurar-se a expansividade demasiada da juventude moderna, quanto à sua preferência pelos

ritmos gritantes, passos banais e esfuziantes, que transformam os moços em cópias caricatas e modernas dos bugres das florestas brasileiras. No entanto, cumpre notar que o que realmente traz prejuízos à alma é sempre li intenção com que se procede na vida, pois há malfetores que tramam as piores coisas dentro até dos templos religiosos, profanando a sua atmosfera de beleza espiritual, enquanto há outras criaturas que mais se aviltam, ainda, no silêncio das alcovas viciosas.

É possível que no seio turbulento das danças estrepitosas, que atendem às expansões da carne, muitos jovens permaneçam com o espírito regrado e fraterno, como é muito comum entre os aldeões dos Alpes, entre as tribos européias e no seio das danças folclóricas dos eslavos. Há que se exigir, primeiramente, a modificação interior da alma, pois a luz interna do espírito sadio sempre pode rodear de pureza as mais incongruentes turbulências das danças modernas. Então sempre haverá segurança e equilíbrio para o indivíduo, graças ao sentido de alta moral que se desenvolve na intimidade da própria alma, independente de códigos e preconceitos exteriores do mundo profano. Muitas vezes podemos depositar mais confiança na honestidade e inocência dos batuques ruidosos e da gritaria efusiva dos selvagens, em suas danças pejudadas de saltos e berros, do que na convencional festividade que muitos civilizados ociosos promovem à "meia luz", nos cabarés luxuosos, regada pelo uísque e outros venenos que mais excitam as intenções subversivas da alma.

Pergunta: - *Sem que estejamos dominados por qualquer pessimismo exagerado, temos observado que a maioria dos moços modernos propende para a vulgaridade da música selvática e puramente sensual. Cremos que, se fossem reduzidas as oportunidades de tal manifestação musical inferior, também seria possível desviá-los para outros entretenimentos sob padrão musical melhor. Que dizeis?*

Atanagildo: - Malgrado a lógica de vossas asserções, o êxito não decorreria do fato de se eliminar a música popular e de ritmo sensual, pois isso não seria bastante para despertar nos jovens as qualidades sensatas e o gosto afinado para a arte superior. O que importa muito é o esclarecimento espiritual aos moços, e ajudá-los sinceramente a compreenderem o sentido da existência humana, que muitos deles já perderam ante o fracasso das religiões organizadas sob exaustivos rituais, mas de entendimento infantil sobre a realidade da alma. Assim que amadurece o seu entendimento, eles se sentem desamparados ante os dogmas tolos do "pecado original", irritam-se contra um Deus que condena o homem à eternidade do Inferno, por causa de "pecadinhos" que só algum raro santo consegue deixar de cometer; ou então se desinteressam da propaganda de um céu de rabecas e cantochões compungidos. Mesmo aqueles que temem as "punições divinas" guardam a certa esperança de que, embora pequem à vontade, ainda serão absolvidos na hora da morte, desde que consigam um bondoso sacerdote que lhes encomende a alma.

Sem dúvida, quando, depois de raciocínios tão amargos, os jovens chegam a conclusões sobre o futuro, só lhes restam dois caminhos: ou descrerem completamente do sentido da vida humana e se desbragarem nas paixões do mundo, ou se encaminharem para doutrinas evoluídas, como o espiritismo, o esoterismo, a teosofia, a rosa-cruz ou a ioga que, devido às suas bases reencarnacionistas e à sensatez da Lei do Carma, ainda lhes podem despertar em tempo a responsabilidade do espírito e tolher-lhes os impulsos selváticos da carne rebelde. Ante a maturidade do século XX e a teimosia das religiões oficiais em não modificarem os seus postulados obsoletos, os moços modernos guardam a certeza de que

seus ensinamentos não estão à altura de sua evolução mental, convencendo-se de que os pecados e as religiões não passam de tradições tolas em que só crêem os homens ignorantes.

Daí, pois, a necessidade urgente de se demonstrar à mocidade, através de provas e raciocínios justos, que o espírito sobrevive à morte do corpo físico, e vem se manifestando desde os milênios findos, tendo vivido em outros corpos e entre povos da Terra ou mesmo de outros planetas, disciplinado sensatamente pela Lei do Carma, que regula e retifica a "causa" e o "efeito" de todos os atos humanos. Os moços precisam compreender que o homem inteligente não é o que se fanatiza pelos ritos, crendices e seitas infantilizadas, nem o que se desbraga e se arrisca às mais terríveis surpresas no além-túmulo. A verdadeira inteligência, nesse caso, é a daquele que trabalha sempre pela sua felicidade aceitando o jugo retificador da Lei Cármica, mas também lutando seriamente para sobrepujá-la através de sua própria emancipação espiritual.

Quando o moço se tornar consciente dessa responsabilidade, é evidente que a literatura, a pintura, o romance, a música e o divertimento ser-lhe-ão motivos de cuidadosa escolha, como reflexos vivos de suas elevadas emoções interiores. Então ele também se libertará dos ritmos histéricos e da bulha chocante dos arremedos musicais, que mais se parecem às melopéias estridentes da taba primitiva, pois, apurando-se a essência do espírito, por lei de correspondência vibratória também se apura a materialização exterior de todos os seus atos e gestos. Mas, infelizmente, ainda nos vossos dias discutem católicos, protestantes, espíritas, teósofos e esoteristas, apontando-se mútuos defeitos e trivialidades doutrinárias, ao mesmo tempo que brigam de unhas e dentes para "salvar" os pecadores... Gasta-se precioso tempo nas inutilidades das críticas e defesas de postulados do mundo provisório, da matéria, enquanto o moço também se desajusta e se desbraga, descrente de que lhes possam dar conselhos os mesmos homens que ainda não se harmonizaram em seus próprios credos!

Uma Academia de Esperanto e sua Modelar Organização

Pergunta: - *Através de algumas obras mediúnicas, temos sido informados de que existem no Além instituições especialmente dedicadas ao estudo do Esperanto e à sua divulgação na Terra, cuja organização e tarefas são ainda bem mais complexas do que as dos estabelecimentos educacionais do nosso mundo material. Essas informações não passarão, porventura, de esforços louváveis, dos espíritos, no sentido de incentivarmos o estudo do Esperanto, de modo a transformá-lo num idioma de caráter internacional?*

Atanagildo: - Indubitavelmente, o programa de estudos, no "lado de cá", é bem mais importante e complexo do que imaginais. Ao invés de nascer de "idéias súbitas" ou de "estalos geniais" surgidos instantaneamente no cérebro dos homens terrenos, obedece a roteiros científicos, tal como se dá com as invenções e descobertas terrenas, que não passam de frutos de longo tempo e heróico devotamento dos espíritos dos mundos invisíveis.

Pergunta: - *Há em vossa metrópole algum estabelecimento ou escola para o estudo do Esperanto?*

Atanagildo: - Em todas as grandes comunidades espirituais que circundam astralmente os principais países da Terra existem círculos de estudos do Esperanto, pois que se trata de um idioma que, em verdade, deve interessar a todos os povos do globo. Na metrópole do Grande Coração há uma Academia de Esperanto, que é admirável instituição devotada ao estudo e à divulgação do generoso e fraterno idioma internacional. Os espíritos que vos têm feito ver a importância da língua Esperanto são entidades que devem merecer de vós o máximo respeito, pois pretendem colocar ao vosso alcance o mais admirável e divino recurso para o entendimento e a confraternização entre os homens, através da palavra.

Pergunta: - *A revelação da existência de uma Academia de Esperanto, na metrópole do Grande Coração, desperta-nos certo interesse, pois, através das comunicações mediúnicas, só temos tido notícias sobre a existência de simples escolas, no Espaço, onde se estuda o Esperanto. Poderemos conhecer em detalhes a organização da Academia a que vos referis?*

Atanagildo: - É um avançado estabelecimento de estudo e divulgação daquele idioma, pois atende a todas as necessidades dos amantes do Esperanto, quer sejam encarnados ou espíritos desencarnados. Ele administra um curso completo da língua Esperanto, com todos os detalhes de sua história desde a sua origem longínqua, bem como prevê todos os resultados futuros do progresso natural desse idioma, mantendo-se em incessante contato inspirativo com os esperantistas terrenos.

O título que lhe deram, de "academia", serve apenas para destacar o grau de sua responsabilidade na hierarquia dos trabalhadores esperantistas. O próprio espírito de Zamenhof teve oportunidade de orientá-la antes ainda de se encarnar na Polônia quando, em outras vidas; colhia entre as raças hebraicas e gregas, do passado, o material necessário para compor o idioma de que tratamos. A Academia de Esperanto, de nossa metrópole, é uma instituição eficientemente equipada para lograr completo êxito na disseminação do nobre idioma internacional, na Terra. Ela estende a sua influência benéfica não só sobre alguns destacados esperantistas encarnados no Brasil, como sobre outros que também operam sob a inspiração dos postulados benfeitores do Espiritismo, em determinada zona geográfica sob jurisdição de nossa metrópole astral.

Pergunta: - *Podeis descrever-nos a situação "astrográfica" da Academia de Esperanto, na metrópole do Grande Coração?*

Atanagildo: - Ela está situada na zona oeste de nossa metrópole, onde se encontra o mais importante grupo de edifícios que compõem o bloco universitário. Esse bloco reúne as mais avançadas instituições de pedagogia científica, artística, filosófica e de moral espiritual, que ministram valiosas lições e traçam roteiros úteis e prudentes para os seus tutelados que devam renascer na Crosta para o fim de desempenharem missões de importância. Os espíritos filiados a essas instituições procuram obter o mais elevado apuro psíquico e assimilar a maior soma de conhecimentos compatíveis com a sua receptividade mental. Quase sempre são candidatos a encarnações no solo brasileiro, aceitando a incumbência de ampliar os conhecimentos espirituais terrenos. Alguns deles aceitam, então, a missão elevada de divulgar o Esperanto entre os vossos compatriotas. Os espíritos que aqui aportam, provindos de outras raças ou de outras comunidades astrais, desejosos de se encarnar na região geográfica do Brasil, supervisionada pela metrópole do Grande Coração, precisam fazer estágios de aprimoramento mental e de adaptação psicológica, nessas instituições educativas do conjunto universitário. Isso é necessário e exigível para o melhor êxito e mais breve integração e afinidade dos "emigrantes" desencarnados aos costumes brasileiros e à nova índole a que irão se adaptar no mundo físico. Trata-se de providência que, além disso, os ajuda a vencer o inevitável saudosismo espiritual, que ainda é muito comum a certas almas que trocam subitamente os seus velhos hábitos milenários e condicionamentos esposados noutros climas geográficos e os costumes humanos de vidas passadas.

Pergunta: - *Quereis nos dar uma idéia mais clara da necessidade dessa adaptação psicológica, necessária aos espíritos que se reencarnam em ambiente físico diferente daquele a que se acostumaram em existências anteriores?*

Atanagildo: - Sem dúvida, é bem grande a diferença de adaptação à vida terrena entre o espírito de um oriental, místico e introspectivo, e o tipo europeu ou americano, que é dinâmico e objetivo, quase sempre preocupado com a sua "independência econômica" no mundo provisório da carne.

Há grandes contrastes psíquicos e condicionamentos, provenientes de encarnações anteriores, que podem gerar muito desajustamento espiritual na alma excessivamente emotiva, quando reencarnada em ambiente oposto à sua índole e às suas emoções comuns.

Então criam-se-lhe na alma estados de misantropismo e saudosismo improdutivos, que acabrunham e oprimem, podendo levá-la a extrema melancolia.

Pergunta: - *Não vos seria fácil dar-nos uma descrição mais detalhada da Academia de Esperanto, principalmente quanto à sua configuração ou ao estilo que foi escolhido em sintonia com a sua função lingüística internacional?*

Atanagildo: - O edifício da "Esperanto Akademio" conserva em suas linhas o estilo grego, que faz recordar o gosto arquitetônico do século de Péricles, sob o toque mágico de Fídias. O seu interior é admiravelmente adaptado às necessidades educacionais dos espíritos que ali estudam o Esperanto já muito antes de nascerem no Brasil. É um estabelecimento apto para ministrar os mais avançados ensinamentos lingüísticos do idioma neutro internacional, pois a sua função educativa estende-se bastante além dos mais avançados esforços educativos do século atual, preparando esperantistas para o território brasileiro, e que aí nascem já dominados pelo mais puro e santo ideal para com a causa.

Observando a "Esperanto Akademio" do alto de um promontório, pareceu-me semelhante a pitoresca e gigantesca estrela do mar, estendendo sete ramos ou sete garras retangulares, cujos extremos são perfeitamente arredondados, assim como as pontas dos dedos humanos. Ao contemplar o edifício, ele lembrou-me a forma de imensa mão provida de sete dedos e espalmada sobre uma grande extensão de relva esmeraldina que, repleta de craveiros, violetas, verbenas e azáleas, formava encantador "oásis" cercado de bosques sedutores. Em torno desse gigantesco edifício, os canteiros estão prenhes de flores, circundando toda a sua base, na forma de coloridos cinturões que despedem reflexos luminosos e policrômicos, como punhados de pedras preciosas que houvessem sido banhadas pelo mais puro orvalho da manhã.

O centro do edifício assemelha-se a uma enorme coluna vertebral, pois ergue-se aí bojuda e larga torre, de uns duzentos pés de altura, talhada na substância delicadíssima e luminescente do astral e emergindo dentre suave polaridade e luz branca, que algumas vezes atinge a um terno matiz azul-lilás claríssimo. Dessa enorme torre redonda, que na verdade forma o eixo arquitetônico de todo o edifício partem sete alas de edificações de 150 pés de altura, simetricamente separadas, rodeando-a por todos os lados, como se fossem raios desse eixo. No ponto de convergência das sete alas de edificações ergue-se majestosa cúpula de um creme pálido e de reflexos topazinos, que dá a idéia de um avantajado "abat-jour", ou quebra-luz, de forma terráquea. Todas as sete alas de edificações estão separadas entre si por extensos jardins afunilados cujas flores, na sua maioria, são desconhecidas na Terra, pois evocam as figuras de taças, cálices ou chávenas de puríssimo cristal, impregnados de luzes e cores que se modificam em seus matizes e relevos florais, na conformidade dos ângulos em que são observadas e de acordo com o farfalhar produzido pela brisa.

Muitos grupos florais sobem enlaçados, na forma de cordões aveludados e transparentes, ultrapassando o nível das vastas janelas dos terceiros pavimentos dessas alas, curvando-se depois na figura de maravilhosos castiçais de volutas e filigranas translúcidas a sustentarem admiráveis buquês de flores, que só posso comparar a punhados de cravos suspensos e tecidos com fios do mais fascinante coral.

As alas da Academia de Esperanto avançam decididamente por entre formosos tabuleiros floridos, do solo, assentando-se, assim, em delicadíssimos mantos de veludo esverdecentes e pintalgado de flores cor de rubi, safira e topázio, que decoram a paisagem maravilhosa.

Elas emergem acima dos mais altos arvoredos e ligam-se artisticamente à torre central, que domina todo o panorama de vegetação colorida, fazendo ressaltar a sua cúpula impressionante sobre o verde-esmeralda dos bosques circundantes. Sobre os umbrais das janelas espaçosas e refulgentes, que se cortam entre as paredes alabastrinas, as árvores mais altas fazem pender encantadores cachos de flores, que lembram as raras parasitas e orquídeas das florestas brasileiras, havendo algumas parecidas às espécies coloridíssimas que guarnecem os ipês floridos, da Terra. A brisa faz tremular esses cachos de flores perfumadas, impelindo as correntes de ar balsâmico para o interior do edifício, que então se inunda da fragrância e da suavidade refrescante do zéfito astral. As salas de estudos e de conferências tornam-se impregnadas de uma cor azul-celeste e outra róseo-lilás, que provêm de vibração fluídica do ambiente e se casam docemente sob o beijo amoroso da luz astralina. São cores indescritíveis, sob cuja influência fiquei extremamente sensibilizado, enquanto minha alma mergulhava na mais terna atmosfera de paz e ternura espiritual.

Diante desse admirável edifício que é a Academia de Esperanto, cujos linhas principais foram inspiradas na beleza helênica, não pude me furtar à evocação da saudosa Grécia, que fora para mim um dos mais lindos cenários no aprendizado espiritual, muito antes ainda da "descida" do inesquecível Nazareno às sombras do planeta Terra. Recordando o admirável esforço dos filósofos gregos - entre os quais também viveu Zamenhof, à procura da divina harmonia entre o pensamento e a sonoridade da palavra eu descobria nas linhas majestosas da "Esperanto Akademio", de nossa metrópole, um prolongamento feliz daquele passado ainda tão expressivo ao meu espírito, pois aquilo que os gregos não tiveram tempo de concretizar naquela época tão longínqua, os técnicos, mentores e estudiosos do Esperanto conseguiram realizar para o desenvolvimento do idioma internacional fraterno.

Pergunta: - *Por que motivo a configuração arquitetônica dessa Academia foi inspirada no estilo grego e não no das edificações do Brasil, o que seria muito mais simpático à comunidade brasileira do Grande Coração?*

Atanagildo: - A maioria dos espíritos de nossa comunidade viveu muito mais tempo no Egito, na Índia e na Grécia, tendo se reencarnado só uma ou duas vezes no Brasil; por esse motivo, ainda é muito sensível à influência daqueles países. Em sua índole psíquica, os habitantes de nossa metrópole são mais gregos do que brasileiros; por isso, predominam bastante, em nossas edificações, as linhas fundamentais da arquitetura da Grécia, embora a metrópole seja particularmente habitada por espíritos desencarnados no Brasil e por alguns descendentes de povos que emigraram para esse território do vosso globo.

Esse o motivo por que na Academia de Esperanto e também no Palácio das Artes da metrópole dominam as linhas nobres da admirável arquitetura da civilização helênica, em cujo cenário se moveram as figuras grandiosas e impressionantes de Sócrates, Platão, Pitágoras, Apolônio de Tiana, Anaxágoras, Aristóteles e outros. O panorama astral de nossa tranqüila metrópole, com suas recordações emotivas da pátria de Fídias e Péricles, harmoniza-se perfeitamente com a índole dos seus moradores, que ainda vibram ante as recordações da Grécia!

O espírito não tem nacionalidade; mas, apesar disso, não deixa de se sentir com predileção ou simpatia pelas paisagens onde se demorou mais tempo no aprendizado espiritual e formou os contornos mais vivos de sua consciência imortal.

Pergunta: - *Não é obrigatório um estilo único na construção de outras Academias de Esperanto, que porventura possa ser levada a efeito em outras colônias astrais? Ou essas edificações só obedecem ao gosto arquitetônico e à índole psicológica dos seus fundadores? Neste último caso, o tipo da arquitetura não destoa do sentido internacional que tem o Esperanto?*

Atanagildo: - Conforme já vos disse, as várias colônias espirituais que circundam a Terra foram fundadas no apogeu das civilizações chinesa, grega, hindu, egípcia e árabe; por isso, ainda conservam a sua velha "fundamental psíquica", que caldeia a sua índole artística e o espírito arquitetônico de suas antigas raças, mesmo quando renovam a sua paisagem no Além. Porventura, certos administradores públicos, terrenos, não levam a efeito construções de estilos arquitetônicos que lembram outras raças e cenários diferentes do de sua pátria? É uma preferência quase sempre ditada pelo seu psiquismo condicionado ainda às lembranças de velhas edificações do pretérito, assim como acontece com os espíritos dos antigos babilônicos e egípcios que, encarnados entre o povo norte-americano, devotam-se a uma arquitetura monumental e faraônica, que muito apreciavam no passado.

À medida que se organizam e evoluem as modestas instituições de estudo do Esperanto no Astral, vão-se edificando os seus edifícios de acordo com o estilo arquitetônico peculiar ao gosto e temperamento da maioria dos espíritos residentes na mesma comunidade, e não de acordo com um padrão especial. Em nosso atual estado evolutivo, ainda estamos muito distantes de uma vida puramente espiritual, porque ainda é bem reduzida a nossa libertação dos costumes a que tanto nos condicionamos na esteira dos milênios já vividos. Assim, os edifícios dos núcleos, centros de estudos, escolas, departamentos e academias de Esperanto que se disseminam pelas colônias e metrópoles astrais, embora se destinem ao mesmo objetivo, variam quanto ao seu estilo arquitetônico, que é escolhido de acordo com a índole psíquica de seus moradores, condicionada pelo passado. Nas diversas comunidades de espíritos, que circundam a Terra, existem academias de Esperanto edificadas desde o estilo árabe, chinês, egípcio, grego, hindu e até babilônico, persa e caldeu, bem como construções gigantescas, retilíneas e moderníssimas, talhadas vigorosamente na substância luminosa do astral. Estas atendem ao espírito da época em que viveis, e bem se poderia designá-las como instituições esperantistas mais funcionais do Além!

Pergunta: - *Além do estilo arquitetônico da Academia de Esperanto de vossa metrópole, podereis nos descrever outros aspectos de sua configuração?*

Atanagildo: - Em todo o edifício nota-se o toque de genial arquiteto, que tanto soube imprimir-lhe o estilo severo, o maciço e a estrutura arquitetônica grega, como casá-lo harmonicamente com as linhas dinâmicas, leves e fugidias das edificações modernas.

O majestoso edifício é servido por extensa e larga avenida, que parte do centro da metrópole e termina exatamente diante do grande portal da Academia. Assemelha-se a vasta pista de porcelana em cor topázio, cujos revérberos amarelo-claro refulgem entre os espessos

tabuleiros de vegetação verde-seda luminosa, que se encontram marginando a avenida, formando encantadora moldura viva de suaves tons de carmim. O imenso portal do edifício dá entrada a um vasto patamar de cor cinza azulada e vítrea, todo circundado por suave escadaria esculpida num tom róseo-lilás, que lhe forma atraente moldura, como se fora a base de suntuoso monumento. Sobre esse extenso patamar, que mais se parece a admirável salão polido entre as frondes verdejantes, assentam-se sete colunas esguias, esculpidas com frisos de baixo relevo, suportando a cobertura gigantesca e confeccionada de uma só peça. Esta é imensa laje de vidro róseo cristalino e muito claro, onde a luz solar revela todos os relevos internos, fascinantes, cujo rendilhado indescritível deixaria boquiaberto o mais genial ourives terreno! Os bordados então se refletem sobre o solo polido, de cor cinza-tênue, que se transforma num fascinante espelho a reproduzir os próprios relevos e as cores do gigantesco alpendre superior. Quando a brisa move os fluidos astrais que impregnam o ambiente, multiplicam-se os revérberos lilases, os tons rosa e salmão, casando-se aos ternos matizes de um azul-celeste que mais parece uma poeira de arminho irisado pelo Sol e flutuando em torno das colunas alabastrinas. O portal majestoso, mas sem os exageros da suntuosidade inútil, situa-se no centro da fachada alabastrina, enquanto mais à sua frente se enfileiram, paralelamente, as sete colunas que sustentam a maravilhosa lousa de cristal róseo, da cobertura da área frontal.

Sobre o portal, que sempre está envolvido numa aura multicolor, corre em toda a sua extensão um friso rendilhado de arabescos e grinaldas finíssimas, em dois tons safirinos, claro e escuro; mais abaixo, formando a frente grandiosa do portal, encontra-se o brasão esperantista da Academia da Metrópole do Grande Coração. Trata-se de uma formosa cruz talhada no mais belo azul que já me foi dado vislumbrar; na junção dos seus braços, encontra-se um grande coração de cor rosa, tendo no centro o globo terrestre, cujos oceanos estão decorados num tom esmeraldino, enquanto os continentes o estão em uma cor verde-claro, contrastando com o verde-escuro que representa os relevos do solo. Todo o conjunto desse atraente brasão destaca-se sobre um fundo formado por uma aura luminosa, que salienta suavemente os contornos da cruz azul-celeste, polarizando-a num matiz prateado e fazendo-a irradiar suaves reverberações contra a cor alabastrina das paredes do edifício da Academia. Na linha do equador desse globo terrestre, corre uma cinta em lilás bem claro, emoldurada por dois frisos finíssimos e argênteos; sobre a cinta, em letras de alto relevo e dum branco imaculado, lê-se a frase já tão consagrada pelos esperantistas terrenos: "O Esperanto é o Evangelho das Línguas." Mais tarde, deparei com outras frases semelhantes nos salões de estudos e labores da Academia, dentre as quais destaquei, principalmente, esta máxima: "O Esperanto é a sinfonia verbal do Espírito, através da instrumentação humana."

As colunas esguias são transparentes e alongadas, mas amplas nas bases, e erguem-se sobre sete coxins de substância astral marmorínea; todas são interpenetradas de luz e fazem distinguir as suas graciosas volutas e relevos interiores, que sobem em movimentos preguiçosos até os seus ramos poderem se adelgaçar sobre os sulcos de finíssimos bordados, que então formam caprichosos bailados produzidos pelas espirais em torno dos capitéis superiores. Essas colunas alabastrinas se tornam também vivíssimas durante o dia, com as suas volutas e rendilhados a subirem internamente, na forma de cordões topazinos com folhas rosadas e lilases, que me fazem evocar as formosas orquídeas e as fascinantes parasitas silvestres, das matas brasileiras.

Graças a uma técnica para cuja explicação não encontro vocábulos, todo o edifício esperantista permanece sempre imerso em suave aura de luz esmeraldina, que muito se deve à concentração energética em torno da sua cúpula creme-claro. Essa cúpula é um excelente

captador de luz do Sol, e a canaliza para o interior da torre central, na forma de emanções balsâmicas que, em seguida, a torre irradia e distribui para as sete alas que se encravam na mesma. Assim como sucede, à noite, com a abóbada do templo da metrópole, a cúpula do edifício da Academia se assemelha a imenso quebra-luz luminoso, que enfeita toda a zona do Oeste, destacando-se na forma de atraente fonte de luz polarizada. Essa luz funde-se com a aura luminosa dos edifícios adjacentes, contribuindo admiravelmente para proporcionar uma claridade celestial ao florido subúrbio universitário. A Academia de Esperanto lembra a figura de majestoso palácio materializado pela magia de um poderoso gênio oriental, mas que soubera aliar em sua edificação a ternura do santo à genialidade do sábio.

Pergunta: - *Os estudos e os trabalhos educativos levados a efeito na Academia de Esperanto da metrópole do Grande Coração estão também a cargo de departamentos semelhantes aos do mecanismo pedagógico terreno? Ou se resumem em providências de natureza mental, e unicamente no plano inspirativo, devendo caber aos terrenos a tarefa principal do aprendizado?*

Atanagildo: - A "Esperanto Akademio", da nossa metrópole, subdivide-se em vários departamentos destinados a labores e estudos especializados, ligando-se às outras instituições e associações esperantistas que existem nas principais comunidades de espíritos desencarnados e pertencentes a outras raças também interessadas no estudo do Esperanto.

Nos múltiplos labores astrais, destinados à divulgação do idioma esperantista na Terra, congregam-se milhares de técnicos, filósofos, cientistas e historiadores que, depois de convenientemente preparados, devem renascer em várias raças terrenas e operar abnegadamente para o progresso do nobre idioma internacional. Quer encarnados, quer desencarnados, eles trabalham ativamente para o êxito da internacionalidade do idioma, ora apressando a divulgação do seu mecanismo verbal, ora participando de movimentos fraternos de elevada espiritualidade, que favoreçam e renovação cristã do cidadão terreno.

Na realidade, a "Missão Esperanto" ainda não terminou porque, ao lado do progresso mental, artístico, científico e religioso do homem terreno, também surgirão novos matizes de beleza e de riqueza verbal, que só o idioma esperantista poderá traduzir através das altas inspirações dos seus mentores siderais.

Pergunta: - *Qual a feição interna dessa Academia de Esperanto?*

Atanagildo: - O interior de todos os compartimentos situados nas vastas alas que se prendem à coluna central do edifício é completamente translúcido; a luz astral, suave e balsamizante, transfere-se de um aposento para outro, com cuja fusão se produzem os mais formosos matizes coloridos. Conforme a natureza das emanções mentais e emotivas das criaturas ali presentes em sintonias com os trabalhos em execução, o ambiente luminoso e colorido se influencia e se modifica vibratoriamente. Embora sempre persista um único matiz de luz ou uma cor particular a constituir o fundo luminoso do ambiente da Academia, em cada uma das suas alas se pode distinguir um tom de cor diferente e condizente com a sua função principal. É um matiz que se destaca sobre o fundo permanente colorido e luminoso de toda a instituição. A torre central do edifício também possui a extraordinária propriedade de absorver todos os matizes de cores que procedem dos aposentos laterais, para em seguida fundi-los numa só massa de luz de formosa cor sidérea, cujo encanto não me é possível

descrever através da reduzida linguagem humana. Esse fenômeno admirável provém de um processo que os técnicos de nossa metrópole empregam para unir os campos vibratórios do ambiente de todos os aposentos de estudos e trabalhos, fazendo-os se transformarem num único padrão vibratório, como um só amplexo afetivo e energético que reúne as aspirações mentais e emotivas de todos os trabalhadores esperantistas.

Essa fusão das cores e do psiquismo das almas que ali estudam e colaboram termina compondo a "aura local", ou seja, o "tema psíquico" fundamental, que destaca a função e a natureza educativa da Academia de Esperanto entre as demais instituições acadêmicas que compõem o bloco universitário da metrópole do Grande Coração.

Mais tarde, pude compreender melhor essa admirável fusão de cores e pensamentos dos operosos esperantistas desencarnados, que se faz em conexão com todo o ambiente majestoso da Academia, pois também significa um valioso ensaio psíquico capaz de impregnar afetivamente a própria aura da sublime mensagem confraternizadora, que é o Esperanto.

Pergunta: - *Podeis nos explicar mais claramente de que modo as cores se tornam condizentes com os trabalhos realizados em cada sala da Academia?*

Atanagildo: - Reconheço que não conseguirei fazer-vos compreender em detalhes este assunto, pois em nossa metrópole astral a técnica de ação e o tratamento da substância astral que nos rodeia não tem qualquer analogia com o que se faz nas esferas da Arte, da Ciência ou da Arquitetura do mundo material. Neste lado, atuamos na "origem" dos fenômenos, que só depois conheceis como "efeitos" de uma "causa" ainda desconhecida aos vossos mais abalizados cientistas. Aqui, a fenomenologia de nossas ações depende particularmente da luz astral, que clareia e interpenetra todas as coisas e seres do nosso ambiente, pois ela flui da própria intimidade da substância e, por isso, podemos manuseá-la sem produzir sombras ou deformações. Em nossa metrópole, a luz é o elemento principal que manipulamos para atender às necessidades de nossa vida e às relações com o meio ambiente. O mesmo sucede com o fenômeno da cor, pois, enquanto operamos com um elemento que consideramos o próprio "espírito" da cor, na superfície da Terra os homens lidam com a cor-substância, ou material, que se manifesta letárgica em sua configuração exterior, porque é justamente aí o ponto onde cessa a sua pureza iniciática. Enquanto a cor é estática e inerte para os sentidos humanos, ela se revela, à sensibilidade do nosso perispírito, em sua vivíssima pureza original, num efusivo espírito de vida, que transborda através das sombras mais espessas das formas materiais. O sentido encantador com que os técnicos siderais aplicaram a cor astral nos edifícios e instituições de nossa metrópole não se baseia exclusivamente nos contrastes mais ou menos densos de colorido, ou então apenas nas combinações de tons atraentes, como se faz na Terra. O fascínio indescritível da nossa cor provém mais de um aceleração íntimo e energético que produz o acasalamento de duas ou mais cores porque, ao se unirem, proporcionam um novo "tema espiritual", que pode atuar e influir prazenteiramente na intimidade de todas as coisas e seres ao seu redor. Desse empreendimento que, no mundo material, resultaria apenas em mudança de colorido, se produzem aqui admiráveis alterações benfeitoras e que proporcionam vibrações venturosas no próprio psiquismo dos seus moradores. Aqui, a cor é aproveitada na sua própria frequência energética, que influi diretamente em nosso campo psíquico, ao invés de ser um efeito puramente decorativo e dependente exclusivamente da capacidade da visão física. Para

vossa melhor compreensão, direi que o fenômeno se processa tal como se um cego, aí na Terra, penetrasse sucessivamente em vários aposentos coloridos, e depois pudesse revelar com segurança todas as emoções e júbilos que sentisse apenas pelas vibrações psíquicas das cores ali existentes. Com este exemplo, ser-vos-á mais fácil perceber quanto de importância e espiritualidade significa a disposição das cores em cada sala da Academia de Esperanto, de cujo processo se originam então determinadas condições psíquicas, que então se tornam mais eletivas a este ou àquele estudo.

Pergunta: - *Gostaríamos de compreender ainda melhor essa vossa explicação sobre as características das cores que influenciam a Academia de Esperanto. Podéis atender-nos?*

Atanagildo: - Pois não. Conforme a natureza do trabalho, estudo ou pesquisa que se realiza em cada sala da Academia de Esperanto, permanece nela a cor necessária ou predileta que mais se afiniza e compõe a atmosfera emotiva ou energética do ambiente. Mesmo no vosso mundo, não achais que o vermelho é excitante, o verde afável, o azul-claro sedativo e o roxo melancólico?

Essa salutar distribuição de luz e cor consegue despertar nos obreiros reflexões e estados de espírito que mais se afinizam à natureza exata das tarefas e dos objetivos educativos em execução.

E como todos os labores e problemas esperantistas executados e resolvidos nessas salas deverão receber exame e aprovação da administração da Academia, que se situa na torre central do edifício, é para ali que converge depois toda a atmosfera das sete alas onde se situam as salas de estudo - que depois se funde numa só tonalidade, ou matiz, compatível com a natureza espiritual e a missão da Academia de Esperanto.

Mas repito-vos: o mecanismo que influencia as cores, a ponto de intervirem no psiquismo dos moradores de nossa metrópole, provém "da luz", que é a energia fundamental da vida superior, sob cujo toque todas as coisas e seres se vivificam e se renovam. Assim que logramos um nível espiritual mais alto, compreendemos que, em qualquer sentido e plano de manifestação, a Luz é, realmente, o principal motivo de Vida!

Deus, em verdade, é Luz, como disse o apóstolo João. Basta que assim digamos, e nos contentemos em saber que a Luz, em seu soberbo poder de alquimia espiritual, significa o misterioso plasma do próprio Deus.

Pergunta: - *Poderíeis nos descrever a função específica de cada um desses departamentos de estudos ou de trabalho, existentes na Academia de Esperanto?*

Atanagildo: - Não posso apresentar-vos uma exposição absolutamente minuciosa do assunto, pois sou ainda um modesto aprendiz esperantista, preparando-me para a próxima reencarnação. Não participo integralmente do trabalho dos departamentos da Academia, mas tão-somente do seu setor de propaganda.

Entretanto, poderei dar-vos uma idéia de suas funções principais, à altura de vossa compreensão, historiando a organização de seus departamentos, que são os seguintes.

1 - Departamento Histórico:

É o departamento da Academia que se preocupa muitíssimo com o estudo de todos os dialetos e línguas primitivas, faladas desde a Lemúria e a Atlântida, inclusive os idiomas sagrados das classes sacerdotais de todos os tempo, destacando-se principalmente o sânscrito, que sobreviveu em grande parte.

Devotou-se particularmente ao exame das línguas-tronco dos árias e demorou-se no estudo do latim, a fim de verificar a natureza precisa de suas raízes idiomáticas e selecionar os temas fundamentais mais apropriados, para consolidar as bases imutáveis do idioma Esperanto. Através de seus instrutores, foi esse departamento que inspirou Zamenhof, para que ele procedesse à sua genial escolha nas bases racionais latinas. Graças ao seu trabalho perseverante e histórico no estudo dos temas e vocábulos que se associavam para revelar a psicologia das raças, este setor esperantista muito pôde auxiliar ao departamento "psicofísico", que é o responsável pela dosagem psíquica do Esperanto em todos os povos simpáticos à língua internacional. O Esperanto, como idioma neutro e destinado ao serviço de toda a humanidade, carecia possuir uma aura psíquica seletiva, ainda incompreensível para os vossos sentidos, mas capaz de ajustá-la internacionalmente a todos os povos, criando-lhes emanações de simpatia para com o psiquismo de cada raça humana que o aceite como sua língua auxiliar.

Certas vezes, os tradutores de um idioma para outro cometem equívocos tais, que chegam a mudar a idéia íntima de algumas palavras, por não poderem assimilar o pensamento exato do autor, que só é entendível pelo psiquismo comum de cada raça. Existem casos em que as mesmas exclamações que retratam a alegria, em certos povos, noutros países só servem para interpretar estados psíquicos de medo ou de susto! Daí a necessidade do trabalho conjugado entre o departamento histórico e o psicofísico, do Esperanto, de modo a não serem violentadas as tradições de raça, quando no uso do idioma internacional.

Houve necessidade de se harmonizar a função dos vocábulos esperantistas com o psiquismo de todos os povos, para que depois não ocorressem os inconvenientes comuns a certos idiomas, quando uma mesma palavra pode significar idéia antagônica no ambiente de outro povo.

2 - Departamento de Fonação:

É o setor que mais se preocupa com a sonoridade do Esperanto, tendo-se devotado principalmente ao estudo dos acordes respiratórios e à sua ação conjugada com as cordas vocais, que são responsáveis pelo mecanismo natural da fonação humana. Empreendeu as mais inteligentes providências e exaustivas experimentações para evitar que a pronúncia do Esperanto se abastardasse num efeito ou vício puramente nasal, ou que então se tornasse excessivamente seca e árida, ou talvez de natureza puramente gutural. Muito antes de Zamenhof compor o Esperanto no mundo terreno, os técnicos desse departamento de fonação já haviam estudado a pronúncia dos principais povos e raças terrenas, examinando-a letra por letra, vocábulo por vocábulo e oração por oração, a fim de conhecerem todos os seus efeitos positivos e as modificações que deveriam se produzir, no futuro, através da combinação das palavras a serem articuladas no idioma Esperanto. E ainda hoje estudam os prováveis efeitos que, no terceiro milênio, hão de se verificar nas cordas vocais dos povos e raças sobreviventes à próxima seleção espiritual de "fim de tempos", quando então o Esperanto

será um idioma consagrado por toda a humanidade terrena. Os experimentos e pesquisas desses técnicos geniais têm-se verificado principalmente em torno do "chakra-laríngeo", ou seja do centro de forças etéricas que se situa defronte à garganta física, bem próximo do "plexo-faríngeo" (nervoso), à altura de seis milímetros sobre o conhecido "duplo-etérico", que liga o perispírito ao corpo físico durante a encarnação do espírito. O chakra-laríngeo, que já deveis conhecer e que os hindus chamam de "vishuddha", é o centro etérico responsável pelas atividades vocais e também pelas funções do "timotireóide". É tal a sua importância e valiosidade na voz humana, que durante a puberdade é ele que regula a voz nos jovens, entre a infância e a fase adulta; é muito ativo e brilhante nos grandes cantores, poetisas célebres e oradores famosos pela sua eloquência. A sua função é de suma importância no êxito e intercomunicabilidade do Esperanto; a sua cor é de um azul-claro, matizado de suave lilás, o que lhe dá um tom violeta, branco, mas o seu aspecto geral, quando em boa disposição funcional, lembra a tonalidade de formoso raio de luar pousado sobre o mar tranquilo. Mais tarde, sem poder esconder a minha surpresa, pude verificar que esse chakra se compõe de dezesseis "raios" ou dezesseis "pétalas", as quais, por sábia coincidência, se conjugam e afinizam perfeitamente às dezesseis "regras" fundamentais do mecanismo internacional do Esperanto, revelando a mais curiosa e profética inter-relação vocálica, idiomática e fonética.

Os clarividentes terrenos bem desenvolvidos poderão vos comprovar que o chakra laríngeo tanto se acentua como se reduz em sua cor azul-claro fundamental, assim como varia em tamanho e luminosidade, influenciando-se conforme o potencial e a qualidade verbal da criatura humana. É um dos chacras que também influi muitíssimo nos demais centros de forças e nos plexos-nervosos do organismo humano, porque o ato da materialização das idéias através da fonação é fenômeno que concentra todas as forças etéreo-magnéticas do perispírito, atuando em vigorosa sintonia com os demais centros etéricos reguladores das funções orgânicas. A sua função e o seu aspecto colorido modificam-se rapidamente e de acordo com a sonoridade, agudeza ou intensidade com que sejam pronunciadas as palavras pelo homem. Existe mesmo certa disposição peculiar ao seu funcionamento - já bastante conhecida e distinguida por alguns iogas e ocultistas exercitados - para produzir variações funcionais de conformidade com o próprio idioma e a psicologia de cada raça terrena.

Tive oportunidade de observar interessantes experiências no departamento de fonação da Academia de Esperanto, que comprovaram que os dialetos obscuros e a algaravia confusa de certos aldeões brutalizados costumam reduzir o diâmetro do chakra laríngeo até torná-lo do tamanho de uma moeda de um cruzeiro, fazendo-o apresentar um aspecto sujo e um tom azul índigo, sem luminosidade satisfatória e aparentemente sem rotação. Entretanto, graças a um admirável aparelho de projeção sobre uma tela vítrea, transparente, pude apreciar diversos efeitos belíssimos que se produziam pelo chakra laríngeo, quando famosos cantores terrenos, em suntuoso teatro latino, executavam trechos da ópera "Norma", de Bellini. O efeito foi surpreendente, quando o soprano atingiu o clímax da extensa ária da "Casta Diva", pois o seu chakra laríngeo, regulador da região vocal, devia ter atingido a uns vinte centímetros de diâmetro, espargindo fulgores do mais fascinante e inconcebível lilás, que se emoldurava por uma aura de intensa luminosidade argêntea, como se fora um beija-flor imóvel no espaço, sustentado apenas pelo rápido movimento de suas asas. O pensamento da cantora fluía para as cordas vocais de sua laringe, na mais divina e perfeita comunicabilidade vibratória do seu espírito. Noutra experiência mais coletiva, senti-me extasiado diante de formoso quadro melódico que se me apresentou, quando os técnicos focalizaram o palco de outro teatro, na Itália, onde se representava a "Cavalleria Rusticana", exatamente no

momento em que o coro executava a cena diante da igreja, cantando de modo calmo e reverente a encantadora melodia da "Regina Coeli", que fazia vibrar o ambiente sob o êxtase religioso. A altura da laringe de cada cantor componente do majestoso coro que precede o famoso "Intermezzo" da Rusticana, o chacra laríngeo se assemelhava a refulgente esfera, despedindo fulgores lilases e azul-claro, que eram alimentados pelos eflúvios mentais ajustados às mais altas vibrações da idéia musical daquele momento.

Isto me fez compreender o extremo carinho com que o departamento esperantista de fonação se devotou à pesquisa dos fenômenos desse centro laríngeo, quer quanto aos efeitos físicos que a pronúncia do Esperanto deveria provocar nos vários tipos de raças humanas, quer quanto ao seu comportamento ante a intensidade e fluência: que fossem aconselhadas para a medida tonal e a sonoridade do idioma neutro.

O principal objetivo dos técnicos siderais foi o de harmonizar a pronúncia iniciática do Esperanto com as correntes etéricas e circulatórias do perispírito, que entre os ocultistas são muito conhecidas sob a denominação de "tatwas". Só depois que o perispírito, devido à evolução humana, adquiriu o seu equilíbrio etérico-funcional, e que o seu chacra laríngeo sensibilizou-se para o controle e estímulo das combinações verbais, que seriam próprias do modo esperantista de falar, é que o Alto cogitou de enviar à Terra o espírito que mais tarde se chamaria Luís Lázaro Zamenhof, com a missão especial de materializar pela voz humana o idioma de há muito já cultivado no Além.

3 - Departamento da Composição Verbal:

E o departamento que se encarrega exclusivamente da aplicação específica das dezesseis regras fundamentais do idioma esperantista, quer quanto à sua natureza de fixação e suas desinências, tanto quanto ao caráter ativo e inativo dos verbos das vozes humanas e qualquer acréscimo de novos vocábulos autônomos. A sua ação tem se circunscrito particularmente ao estudo direto da composição léxica e ao da sintaxe do idioma, disciplinando o seu curso perfeito e a sua coerência no uso verbal do mundo físico.

4 - Departamento "Psicofísico":

É o órgão particularmente responsável pela entrosagem perfeita da "idéia fundamental" do Esperanto, ou seja a orientação psíquica do idioma e o seu efeito na organização física do homem. Trata-se de um departamento essencialmente fiscalizador do exercício da linguagem no mundo material, pois ele apresenta sugestões, determina contínuas providências e inspira os cultores esperantistas encarnados, para que o idioma esteja sempre em condições de atender às necessidades filológicas e evolutivas da humanidade.

Assumiu a severa responsabilidade técnica de ajustar as articulações físicas do Esperanto ao molde facial do homem "selecionado" do terceiro milênio, e que será o profetizado cidadão resultante da próxima seleção espiritual à "direita" do Cristo, devendo fazer jus a um idioma sereno e harmônico que, ao ser articulado, não lhe estigmatize a harmonia do rosto, nem lhe provoque esforços exagerados e esgares circenses, como ainda acontece com certos dialetos e línguas bastardas terrenas. Indubitavelmente, é fácil de se notar que as angústias, as insatisfações, os sofrimentos, as frustrações e os vícios perturbam muitíssimo a harmonia da face humana e marcam-na com sulcos e cicatrizes que são os

estigmas produzidos pela mente enfermiça. As explosões de cólera não só tomam os olhos congestos e os lábios trêmulos, como fazem com que a fisionomia mais bela se tome hostil sob a atuação dos pensamentos agressivos. No entanto, quando predominam as qualidades do espírito sobre as paixões animais, o rosto humano se impregna de uma serenidade e beleza admiráveis!

Haverá enorme diferença na fisionomia seráfica de um Francisco de Assis, a face mística de Jesus e o rosto tranqüilo de Buda, se a compararmos com a fisionomia congesta e mórbida de um Calígula, a face debochada de Messalina, a burlesca de Nero ou, então, o rosto brutal de um Gengis-Khan. Eis por que esse departamento esperantista, que é responsável pelas relações psíquicas e físicas do idioma internacional, especializou-se em proporcionar ao Esperanto uma articulação sob o menor esforço e sem perturbar a agradabilidade da expressão fisionômica humana. Isso era muitíssimo necessário, visto que se trata de uma língua de ordem espiritual superior, essencialmente eletiva às almas devotadas à confraternização de todos os povos.

Em resumo: cumpriu a esse setor de trabalho esperantista, no Espaço, a tarefa de evitar os esgares ridículos e as agitações fisionômicas no uso do Esperanto, que são muito comuns durante a articulação de certos dialetos dos povos neuróticos e exageradamente emocionais, cujo vozeiro atropelado, conjugado à prodigalidade de gestos e expressões caricatas no falar, os ajustam perfeitamente aos seus idiomas bárbaros.

Num mesmo país, varia extraordinariamente a expressão verbal dos seus habitantes; na França e na Itália, por exemplo, é muito grande a diferença de musicalidade e delicadeza de expressão verbal, se a comparardes às algaravias derivadas dos mesmos idiomas, faladas pelos campônios rústicos. A humanidade do porvir encontrará no Esperanto o mecanismo ideal para interpretar verbalmente os seus pensamentos elevados, sem exigir-lhe alterações na fisionomia ou esforços respiratórios desordenados e entrecortantes. Graças à eliminação das dificuldades próprias dos excessivos grupos de consoantes, que ainda causam detestáveis discordâncias verbais em muitos idiomas terrenos, o esperantista não precipita nem acelera o mecanismo de sua língua, mas fala com distinta sonoridade e limpeza de expressão.

No departamento astral psicofísico da Academia, em salutar combinação com o departamento de fonação, foram examinados os mais débeis acordes respiratórios e os mínimos sons, para se chegar à composição da pronúncia geral do idioma. Os técnicos verificaram todos os principais efeitos sonoros que se deveriam produzir durante o maior ou menor ajuste das consoantes aos grupos vocálicos, assim como investigaram todas as modificações que certas letras e sons ocasionam na produção de hormônios do sistema de glândulas endócrinas e em outros sistemas orgânicos. Por ocasião de minhas encarnações no Egito e na Índia, eu já havia aprendido que a forte mentalização na pronúncia de certas letras isoladas, ou de vocábulos sãbiamente agrupados, influi tanto na velocidade da corrente sangüínea como chega a produzir delicadas diferenças na própria temperatura do corpo físico.

A velha ciência dos "mantrans", ou do exercício das palavras mágicas, muito cultivada pelos orientais, foi completamente analisada e autopsiada nesse departamento psicofísico da Academia. Ali procurou-se conhecer todas as modificações vibratórias da sonoridade do idioma que pudessem ser produzidas nas cores e no magnetismo da aura humana, em combinação com o sistema de "chacras laríngeos" e suas relações com as demais funções do perispírito. É de tal importância a harmonia dos acordes respiratórios, durante a pronúncia dos tradicionais "mantrans" orientais que, durante os transes efetuados por alguns faquires hindus, qualquer desajuste entre o controle da respiração e o ato de pensar e

pronunciar o "mantram" é bastante para obscurecer-lhes o controle mental consciente que pretendem exercer a distância, em desprendimento astral. O retardamento respiratório durante a pronúncia de certos grupos vocálicos de qualquer idioma complexo cria um estado de toxidez ou carbonização intermitente, pois a demora de oxigênio, que faz acumular o anidrido carbônico, perturba a corrente circulatória e, em consequência, ofusca e reduz a função do "chacra laríngeo" e adensa o magnetismo do perispírito. Então o espírito já não pode mais exercer o perfeito domínio do seu sistema de fonação, e a sua linguagem titubeia, podendo mesmo serem percebidos os rápidos fenômenos da gagueira nervosa.

A conversação perfeita exige a sincronia exata dos movimentos respiratórios com a formação de cada palavra pronunciada, como acontece com os cantores, que precisam empostar a voz e possuir ótimo controle dos seus pulmões, a fim de manterem o perfeito equilíbrio do chacra laríngeo, que se situa vigilante entre o ato de "pensar" e o de "cantar". Os esgares fisionômicos de muitos aldeões intempestivos são produto do automatismo defeituoso dos seus dialetos irregulares e desarmônicos em pronúncia, tanto assim que certos vocábulos asiáticos chegam a tornar congesta a fisionomia dos seus intérpretes. Aqueles que já conhecem o efeito terapêutico da respiração ioga no organismo humano, será mais fácil compreender a razão do extremo cuidado que foi empregado pelos técnicos siderais para obtenção da sincronia do psiquismo ao campo orgânico físico, e isso muito antes de Zamenhof materializar o Esperanto na Terra e enfrentar o sarcasmo do presunçoso e cético cidadão terreno. Embora enalteçais a conquista técnica ou científica humana, no terreno da linguagem, haveis de convir em que a perfeição no falar também exige que o verbo se conjugue à preciosidade da harmonia psíquica do seu intérprete, de cujo fato Jesus foi um dos mais belos exemplos. O idioma Esperanto, que é mais eletivo e próprio das almas já dotadas de sentimentos fraternos elevados, não poderia ser um presente inusitado e miraculoso, feito extemporaneamente pelo céu à vossa humanidade descuidada. Ele foi idealizado no Além e depois plasmado no mundo da carne, sob o controle direto do governo oculto da Terra, assim que o homem se revelou capaz de entendê-lo racional e emotivamente.

Os divinos mentores da vida terrena, há muitos milênios que vinham operando para que se registrasse o evento salutar da "voz humana" e, a par disso, a mais primitiva articulação da voz animal ainda exigiu prévio e cuidadoso plano para o seu êxito na matéria.

É evidente que, assim como a oração aquieta o ambiente psíquico coletivo, um vocabulário irritante, grosseiro e ofensivo perturba até o metabolismo dos nervos e do fígado, criando estados de melancolia e aflição.

E, como prova do efeito das palavras, notai que a oração antes das refeições estabelece certa harmonia vibratória psicofísica no ambiente, na forma de uma suave terapia verbal que, além de proporcionar a serenidade psíquica capaz; de conter a turbulência mental e manter agradável disposição emotiva, desoprime o mecanismo produtor dos sucos hepáticos, e favorece os processos de digestão. Daí, pois, o motivo porque o departamento psicofísico da Academia de nossa metrópole pesquisou cuidadosamente o efeito que certas letras produzem sobre diversos grupos de vogais, quando oprimem e perturbam o ritmo verbal e acasalam sons impróprios, que depois repercutem no duplo etérico e no movimento do chacra laríngeo, resultando a modificação do fluido vital, a alteração da velocidade sangüínea e linfática, assim como a alteração do trabalho defensivo das super-renais, o aceleração da vesícula hepática e ainda alguns outros estados fisiológicos imprevistos e ignorados pela medicina comum. Há grande diferença de receptividade psíquica entre ouvirmos o dialeto atropelado e gritante do aldeão inculto e um poema declamado por

insigne poeta, que pronuncie harmonioso conjunto de vocábulos de serena e cristalina musicalidade.

E o Esperanto, em verdade, é linguagem que reduz a velocidade no falar, pois não precipita vocábulos, exigindo o fiel ajuste da idéia à palavra e à sua pronúncia clara e agradável.

5 - Departamento Clássico:

Este setor esperantista é de ação mais propriamente para o futuro quando, pela exigência evolutiva do mundo, convenha ser posta em uso uma terminologia mais clássica e à parte, como um meio de fácil entendimento através de códigos de ordem técnica, científica ou artística do idioma internacional. Qualquer nova modulação verbal que convenha ser incorporada ao Esperanto é objeto de cuidadosa atenção e estudo por parte desse departamento, como o responsável para que o ingresso de qualquer vocábulo autônomo não perturbe a lógica, a simplicidade, o mecanismo harmonioso e a internacionalidade do idioma. É mais um departamento fiscalizador das tradições e dos postulados esperantistas, sendo que, por isso mesmo, é o responsável pela fidelidade original e indestrutível do idioma.

Através da incessante inspiração que dão aos principais membros esperantistas, encarnados na Terra, e das instruções que lhes administram à noite, quando eles se desprendem do corpo físico, os responsáveis pelo departamento clássico asseguram a estabilidade da língua, não só oficializando necessidades justas, quando da introdução de novos vocábulos, como também sugerindo a eliminação do que lhes pode parecer incongruente.

6 - Departamento de Intercâmbio e Divulgação:

É o departamento que se interessa especialmente por todos os espíritos encarnados no Brasil, ou que, desencarnados, sob a jurisdição da metrópole do Grande Coração, se mostrem interessados pelo idioma internacional elaborado por Zamenhof. Mas o seu labor também se conjuga, em perfeita harmonia e intercâmbio, ao de todos os demais núcleos, departamentos, burgos e Academias de Esperanto pertencentes às demais colônias e metrópoles astrais, que circundam os países terrenos e se interessam pelo Esperanto. Todos os departamentos de "Intercâmbio e Divulgação", das comunidades astrais, em torno da Terra, possuem a relação completa de todos os espíritos que estudam e divulgam o Esperanto na sua superfície material. Os seus membros exercem contínua observação sobre todos os poetas, escritores, lingüistas e professores que no mundo físico manifestem qualquer simpatia pela língua, procurando exercer sobre eles a melhor influência possível e induzi-los a cultivarem definitivamente o Esperanto. É este departamento, responsável pelo intercâmbio e divulgação esperantista, o que mais se interessa em promover o aumento de adeptos, a fim de que o Alto, mais tarde, possa acelerar o êxito telepático da humanidade, coisa que só será possível depois do êxito de um idioma internacional.

Os nomes de todos os discípulos e simpatizantes esperantistas atualmente existentes na Terra e com propósitos de aprender o idioma encontram-se perfeitamente anotados pelos diretores espirituais interessados em todos os movimentos que auxiliem a maior divulgação

da língua neutra. É justamente através desses departamentos, que se distribuem por várias cidades astrais, que os espíritos interessados no progresso esperantista no mundo físico podem se candidatar à reencarnação terrena, e para isso permanecem em contínua ligação e entendimento com as demais instituições responsáveis pela desencarnação e reencarnação na Terra. A fim de melhor exercerem o controle eficiente da "Missão Esperanto" entre os encarnados, eles tomam contato com todos os espíritos que "descem" à carne, e que porventura queiram aceitar alguma tarefa a favor do idioma internacional.

Os espíritos de nossa metrópole, candidatos a breves reencarnações na Terra, e que queiram cooperar aí na divulgação do Esperanto, precisam estagiar e fazer um curso rápido da língua esperantista, na nossa Academia, a fim de que ressurgam no mundo físico subjetivamente simpáticos à idéia de um idioma internacional. Enfim: o departamento de intercâmbio e divulgação propaga a língua Esperanto entre os encarnados e desencarnados, assim como arregimenta espíritos laboriosos e capacitados que desejem integrar-se às falanges dos trabalhadores esperantistas na Terra.

7 - Departamento de Vigilância e Proteção:

É o departamento da Academia de Esperanto que possui valiosa equipe de espíritos tanto adestrados no idioma esperantista como na luta contra os contrabandistas das trevas. São espíritos treinados com a máxima eficiência, para protegerem todos os esforços e movimentos de divulgação e preservação do idioma fraterno no mundo terráqueo, quer no tocante à transmissão das idéias esperantistas do mundo espiritual para o mundo material, quer favorecendo o próprio intercâmbio mediúnico entre os seus adeptos encarnados. Os mentores esperantistas esforçam-se para que os desencarnados venham a ditar obras mediúnicas, em Esperanto, que versem sobre todos os assuntos de favorecimentos científicos, artísticos e principalmente da moral, ao homem terreno. A divulgação completa do idioma internacional descortinará novos panoramas no intercâmbio e entendimento com os próprios desencarnados, que mais facilmente poderão aprendê-lo no Espaço e se entrosar num labor mais amplo com todos os povos.

Este é um dos motivos que mais justifica a existência do departamento de "Vigilância e Proteção", pois que lhe cumpre a tarefa espinhosa de afastar do círculo doutrinário esperantista todos os espíritos desencarnados ou encarnados que porventura pretendam ridicularizar, dificultar ou subverter a divulgação e o êxito do Esperanto. É óbvio que as organizações trevosas têm por escopo reduzir-lhe as intenções nobres, servindo-se dos recursos mais astuciosos e das mistificações mais despercebidas! Não só buscam falsear as bases esperantistas e entravar o seu incessante progresso, como ainda tentam minar o ânimo dos seus entusiastas defensores. Algumas vezes, os gênios trevosos têm inspirado a composição de outros idiomas artificiais, ou então sugerido a incongruência das fusões lingüísticas, que só semeiam o ridículo e tendem a desiludir futuramente quanto ao êxito definitivo do Esperanto.

Mas o departamento de vigilância e proteção conta com vasta rede de filiados, que se distribui por todas as zonas adstritas à Crosta, sendo que alguns se submetem deliberadamente aos fluidos agressivos das regiões onde se situam as organizações do mal, a fim de conhecer e investigar antecipadamente o programa e as intenções desses adversários inescrupulosos. Da mesma forma, esse departamento também se filia aos outros

departamentos de igual objetivo, que pertencem às demais instituições esperantistas existentes no Astral, de cuja cooperação mútua resulta um eficiente serviço em equipe.

Reconheço que é justo vosso espanto ante meus relatos sobre o Esperanto, coisa que também aconteceria comigo, se eu ainda estivesse encarnado, pois sei que é difícil e mesmo excêntrico acreditar-se que a divulgação de um idioma neutro, na Terra, e que para muitos é de somenos importância, deva exigir tais cuidados e vigilâncias, além de um exaustivo programa que teve sua origem há muitos séculos passados. Mas o principal equívoco terreno consiste em imaginar todo o êxito do Esperanto como fruto exclusivo do labor de Zamenhof, como se numa única existência humana ele pudesse abranger o passado, o futuro e todos os detalhes psíquicos e mentais da humanidade terrena, a fim de compor-lhe um idioma que é um primor de exatidão e de avanço lingüístico, essencialmente ajustado a todos os eventos psicológicos.

Entretanto, Zamenhof foi justamente a derradeira peça humana a ser movimentada no mundo físico, logo após a secular experimentação do grande plano na esfera astral, quando a humanidade se avizinha da sua profética seleção espiritual. É por isso que homens como Zamenhof, Kardec, e outros missionários de renovações espirituais coletivas, embora sejam muito sábios, também são muito humildes, pois no âmago de suas almas ainda se recordam de que são meros instrumentos de planos mais altos que vêm sendo elaborados através dos séculos e dos quais fazem parte milhares de outros cooperadores.

No entanto, a luta entre o bem e o mal, no ambiente do mundo astral, ainda é mais intensa do que na Terra, porque se processa no seio da energia livre, que responde com incrível rapidez a todos os nossos intentos e objetivos. As coletividades diabólicas, que residem nas zonas sombrias, também possuem o seu programa de ação e de ofensiva disciplinada, pois são habilmente dirigidas pelos gênios trevosos. Uma vez que não podem invadir e dominar as zonas angélicas, aplicam-se tenazmente à finalidade exclusiva de dominar o mundo de sensações, que é a Terra. Vingam-se, pois, opondo-se a todos os projetos e empreendimentos de natureza espiritual superior, que tenham por objetivo libertar o homem terreno das algemas do instinto inferior. E o Esperanto, que é um idioma internacional de aproximação fraterna e de alto nível psíquico, é então um dos movimentos bastante visados por esses espíritos rebeldes ao Bem, que se opõem ao progresso de uma língua que, não só apressa o intercâmbio e a cultura espiritual entre os homens, como também auxilia o intercâmbio e o entendimento entre as nações terrenas, que tanto se excitam belicosamente, por não poderem se harmonizar através de seus idiomas antagônicos.

Daí também a existência lógica de um "Departamento de vigilância e proteção" na Academia de Esperanto, e que se destina a neutralizar as campanhas difamatórias e os sarcasmos dos demolidores da idéia esperantista. Por isso, ele requer numeroso grupo de almas decididas e heróicas, que penetrem até nas zonas trevosas mais profundas e se antecipem a muitos projetos manhosos desses espíritos das sombras.

Esclarecimentos de Ramatís

Capítulo 11

A Missão do Esperanto na Terra

(Esclarecimentos de Ramatis sobre o assunto tratado por Atanagildo)

Prezado irmão Ramatis:

Acabamos de receber do vosso companheiro de trabalho, Atanagildo, o último capítulo de sua obra "A Sobrevivência do Espírito". Cientes de que colaborastes com Atanagildo para que a obra em questão se pudesse revestir de clareza e alcançar a alta finalidade que tem em vista, gostaríamos que vos manifestásseis pessoalmente sobre os últimos capítulos dessa obra, que se referem ao Esperanto, e que julgamos de alto valor para a humanidade terrena que se interessa pelo cultivo e disseminação daquele idioma. Nessa conformidade, desejaríamos que respondêsseis a algumas indagações nossas no sentido de se dar ao assunto um esclarecimento ainda mais minucioso sobre a finalidade do Esperanto. Podereis atender-nos?

Ramatis: - Cumpro sempre o sagrado dever de ficar à vossa disposição, para vos esclarecer em assuntos de magna importância para a alma, pois é tempo de o cidadão terrícola conhecer a razão de sua própria existência e também o grau de sua responsabilidade espiritual para com a vida criada por Deus. Indagai, pois, e atender-vos-ei naquilo que for justo e razoável para melhor compreensão de vossos espíritos.

Pergunta: - *Em face das informações do irmão Atanagildo, sobre as minuciosas providências tomadas no Além até para a composição de um dialeto terreno não se poderá dizer que com isso fica bastante diminuído o apreço que devemos aos filólogos que estudam a origem da palavra e das línguas? A Etimologia, por exemplo, não representa um importante e completo estudo da palavra, por parte dos terrenos?*

Ramatis: - A Etimologia tem de fato por função, no vosso orbe, o estudo da origem e da razão da existência de cada palavra e sua significação; mas é evidente que ela se relaciona especificamente ao caráter material da palavra e ao seu som. No entanto, os técnicos espirituais se preocupam principalmente com o fundamento espiritual da palavra, ou seja, com a profundidade da raiz do verbo, em que se oculta a força íntima da palavra. Quando dizeis o "Verbo", o "Logos" ou a "Palavra", na realidade estais dizendo a Lei, o Espírito das coisas criadas ou a idéia original da Vida, que permanece oculta nessa enunciação. Na própria expressão bíblica "O Verbo se fez carne e habitou entre os homens", está implícita a idéia de que o Espírito corporificou-se em forma visível aos sentidos humanos. Daí, pois, a necessidade de se realizar no Além um estudo que parece incompreensível ao vosso

entendimento de encarnados, mas que é profundamente científico e se relaciona diretamente com o "espírito" de cada palavra e se estende, então, ao idioma da qual ela participa.

Pergunta: - *E sob o vosso entendimento espiritual, como considerais o Esperanto em relação ao nosso atual progresso moral, científico e espiritual?*

Ramatís: - Só agora o Esperanto atinge a sua fase mais importante e, também, a mais promissora. Nenhum outro idioma poderá substituí-lo e nenhum esforço futuro poderá superá-lo no seu mecanismo genial, pois foi elaborado cientificamente por alma experimentadíssima no gênero. lingüístico, como é o espírito de Luiz Lázaro Zamenhof. Ele foi sempre um dos mais avançados lingüistas que se encarnaram no vosso orbe e já havia tido oportunidade de estagiar em outros mundos mais evoluídos, onde estudou as bases fundamentais e definitivas para o êxito de um idioma de ordem universal, na Terra. Em encarnações anteriores, ele viveu na Hebréia, na Grécia e no vale do Tibre, na Itália, a fim de concatenar pouco a pouco os elementos fundamentais e descobrir a terminologia necessária que mais tarde serviria para o estabelecimento definitivo do Esperanto.

Em face do acatamento que tem tido o Esperanto por parte dos cientistas do século XX, da sua sobrevivência através do tempo e da incessante adesão de novos e entusiastas adeptos ao seu admirável mecanismo lógico e sensato, está visto que se trata de uma nobre realização superior, pois já triunfou no tremendo impacto da lógica e da razão superdesenvolvida da era atômica. E, além de ter resistido às mais implacáveis exigências modernas - que já têm destruído os mais sólidos tabus, dogmas e crenças tradicionais dos séculos - o idioma esperantista progride e se dissemina pelo mundo terráqueo, estendendo o seu fraternal vocabulário a todos os povos e impondo-se pela grandeza de seus postulados inalteráveis!

Pergunta: - *Em síntese, por que motivo considerais o Esperanto como capaz de se tornar um idioma internacional ou de uso comum a todos os povos? Qual o motivo de sua força e resistência às investidas da crítica malévola e sarcástica que lhe têm feito alguns povos interessados em que o seu idioma nacional seja o definitivo veículo internacional?*

Ramatís: - A perfeição lingüística do Esperanto é devida principalmente ao fato de haver sido realização de um cérebro tão amigo da lógica e da ciência quanto o foi o admirável e sensato raciocínio de Kardec na codificação do Espiritismo. Alguns cientistas de renome, do vosso mundo, já reconhecem que o Esperanto é uma obra-prima de lógica e simplicidade, significando um evento de tanta importância na esfera lingüística quanto o foi a descoberta da energia atômica na esfera científica. A sua reduzida gramática, isenta das regras que tanto fatigam a mente do estudante, torna o Esperanto um primor de racionalidade e um monumento de habilidade e inteligência, que ainda mais se engrandece com a sua ortografia fonética e a sua sintaxe de uma simplicidade surpreendente. Ele tem tudo que é necessário para se ajustar aos imperativos do século dinâmico em que viveis, onde tudo é feito, às carreiras e o tempo é parcimonioso para o entendimento humano, motivo por que os pensamentos precisam ser resumidos em poucos vocábulos. O estudante do Esperanto, em lugar de fatigar a sua memória para se lembrar de regras gramaticais envelhecidas e

complicadas, por entre um labirinto de acentuações gráficas e reformas ortográficas, que exigem grande cuidado para que se possa expor o pensamento sem o risco de críticas, encontra no Esperanto um sistema claro e regular que o torna um admirável e mágico multiplicador de palavras sob a mais encantadora simplicidade.

É um dos mais avançados mecanismos verbais à disposição do homem moderno, bastando-vos acionar as teclas fáceis e conhecidas de suas bases inalteradas para que, à semelhança do que se dá com as modernas máquinas de calcular, possais obter imediatamente os resultados que desejais sem que vos fatigueis cerebralmente. Apesar de o Esperanto ser tão simples e fácil, só no século XX é que os homens estão se revelando mental e cerebralmente dinâmicos para poderem articulá-lo e compreendê-lo com clareza e êxito, visto que ele não é apenas um idioma compilado inteligentemente por um homem genial, mas, sim, uma síntese resultante do progresso milenário da linguagem humana até os vossos dias.

Pergunta: - *Aliando-se ao ideal esposado por Zamenhof, o Esperanto tornar-se-á realmente um idioma preferido por todos os povos e raças terrenas, vencendo as naturais reações muito comuns às raças egocêntricas?*

Ramatís: - Não tendes percebido que o labor dos esperantistas se assemelha muito ao trabalho empreendido pelos apóstolos, quando de sua sacrificial missão pára divulgação do Evangelho de Jesus? Eles são homens em sua maioria desinteressados de quaisquer proventos, pois trabalham com abnegação e gastam suas existências no esforço tenaz e corajoso de expor o ideal do Esperanto; alguns não só empregam nisso o seu tempo precioso, como também o seu dinheiro, sem fins utilitaristas. As obras esperantistas mais divulgados no vosso orbe nasceram de doações e esforços particulares, marcados pelo desinteresse, fortalecidos pelo espírito heróico e pelo desejo puro de se disseminar um idioma neutro e confraternizador! Através dessa divulgação nobre e generosa, permanece vivo e se alimenta um sonho crístico de concórdia, esperança e confraternização verbal entre todos os homens! Evocando o trabalho heróico dos primeiros cristãos, muitos dos quais tornaram a se reencarnar como novos apóstolos do idioma esperantista, devo dizer-vos que este movimento é imune a qualquer desânimo, mordacidade, prejuízo ou sacrifício. Os seus divulgadores são dominados por um anseio ardente e uma fé tenaz, que realmente é capaz de levá-los a demolir montanhas e obstáculos tremendos, para o êxito completo de obra tão meritória. São almas treinadíssimas, do passado, e que sempre estiveram presentes e acostumados aos surtos das grandes realizações espirituais em favor da humanidade, tendo se sacrificado heroicamente para a glória da arte, da ciência, da religião e da moral espiritual. O Esperanto há de concretizar o ideal esposado por Zamenhof, justamente porque aqueles que hoje o divulgam, à custa de heroísmos, sacrifícios e prejuízos, são os mesmos que já divulgaram outras idéias benfeitoras no pretérito e alcançaram a meta idealizadora, porque tudo fizeram com abnegação em favor do Bem e do Amor fraterno.

Pergunta: - *Justamente por se tratar de um trabalho do Espaço, surpreende-nos o dispêndio de tantos séculos no mundo espiritual, para que ele se corporificasse a contento na face da Terra Qual a razão disso?*

Ramatís: - É desculpável que, ainda na matéria, não possais avaliar o cientificismo e o labor avançado, que são exigíveis para se poder aperfeiçoar e divulgar um idioma de natureza internacional entre as contradições humanas e os interesses tão diversos no seio dos povos egocêntricos. Trata-se de algo mais importante do que uma simples forma verbal para as relações humanas; é missão a ser realizada no ambiente terreno, ainda preso pelas algemas das paixões animais, e que não é capaz de entender a essência íntima do Esperanto, que, além de sua expressão idiomática, ainda é avançada mensagem espiritual fraterna endereçada a todos os povos. Como o terrícola só pode perceber pelos cinco sentidos o aspecto exterior das coisas fenomênicas da matéria, ainda crê que todo progresso humano seja simples "obra da Natureza", assim como que a criação de um idioma deva ser fruto apenas do progresso dos encarnados. A vida e sua admirável metamorfose significa para ele apenas um produto disciplinado do "acaso", ou então o resultado de um toque mágico da "providência divina" que deve se encontrar sempre à disposição dos desejos humanos. Ele ignora que, no mundo invisível aos sentidos humanos, os prepostos de Deus operam devotamente durante vários milênios, para só então conseguirem pequeninos êxitos que são então plasmados no cenário das formas terrenas.

Quantos esforços e trabalhos incessantes foram necessários, nos séculos findos, para que se criasse ambiente favorável e um momento psicológico para Newton descobrir a lei da gravidade, após a singela queda de uma maçã ou, então, para Colombo poder se aventurar corajosamente à procura de terras para além do misterioso oceano! Para muitos encarnados, tudo isso não passa de algum espontâneo concatenamento de elos explicáveis pela ciência ou, então, de simples coincidência atribuída à Natureza ou ao acaso. O homem terreno sempre viu cair maçãs todos os dias; outros sempre saíram mar afora para efetuar seus negócios, sem que nenhum descobrisse algo de importante; no entanto, Newton e Colombo descobriram leis e terras que revolucionaram os povos e as idéias do Velho Mundo.

Da mesma forma, dificilmente podereis avaliar o montante de esforços, raciocínios e experimentações que os técnicos lingüísticos do Astral despenderam para que neste século de maior entendimento mental, surgisse no cérebro de Luís Lázaro Zamenhof a idéia de compor um idioma internacional e abençoado, como o é o Esperanto. Evidentemente, paracer-vos-á que houve demasiada demora nos mundos astrais para se terminar a tarefa prosaica de se divulgar um idioma fraternista no mundo físico, e que assim mesmo só é preferido por um diminuto contingente humano. No entanto, o fenômeno comum, de uma bolota se transformar em carvalho - embora exija um cento de anos para isso - dependeu de muitos milênios de experimentações inteligentes das quais essa suposta e miraculosa Natureza se serviu para transformar a pedra em vegetal.

Pergunta: - *Podeis nos apresentar um exemplo mais objetivo desse trabalho, que muita gente atribui à Natureza, mas que se realiza através de planejamentos tão longos e minuciosos, e que são incessantemente supervisionados pelos espíritos desencarnados?*

Ramatís: - O homem desconhece ainda o turbilhão de fórmulas e planos que se conjugam à heróica disciplina e à sabedoria sideral dos trabalhadores espirituais que operam nos bastidores dessa tão famosa e mecânica Natureza, considerada como espontaneamente criadora por alguns terrícolas. Em tudo que vedes, pensais ou sentis, há sempre um espírito diretor, em incessante atividade criadora, como divino sustentáculo das formas exteriores e transformáveis, do mundo provisório, permitindo que este cumpra a sua finalidade abençoada

de modelar as configurações, que ativarão novas consciências individuais dos filhos de Deus. Assim é que, por detrás do cisco que fertiliza a rosa, do monstrengo que será o fascinante beija-flor, do feio embrião que se transformará num Apolo ou, então, em sedutora mulher, sempre operam espíritos inteligentes, responsáveis e propulsores da vida exterior. No sussurro do vento, no pio do pássaro ou no balbuciar da criancinha permanece constante o espírito, vivificando e compondo essas manifestações na matéria. É por isso que notais um sentido inteligente e criador nessa tão delicada Natureza.

Aqui, a semente atirada ao seio da Terra germina, cresce e se desenvolve, desatando a árvore e vestindo-a de folhas e flores, até produzir os frutos desejados; mais além, os pássaros tecem os seus ninhos, deitam ovos e deles nascem filhotes impedidos de voar; mas eles se empenham, cambaleiam, fracassam e recomeçam seus esforços atendendo à ansiedade de se locomover, para depois se alarem quais flores vivas, pelo espaço cerúleo afora! Ali, ínfimo filete d'água desliza pelo solo ressequido, umedece a areia, cava a pedra rude e rompe o solo até torná-lo em vultoso abismo, por onde então mergulha na forma de caudaloso Amazonas. Acolá, a criança surge materializada no ventre materno, move-se, engatinha, tomba, ergue-se e, num punhado de anos, produz a "Divina Comédia", o "Don Quixote" ou a "Sinfonia Coral" ou, então, constrói os colossos metropolitanos, ilumina o orbe, sulca os ares e domina os oceanos! Quando se desveste do traje carnal, pode reinar e comover o mundo, na figura de um Crishna, um Buda, Francisco de Assis, ou o sublime Jesus! Até no singelo mover dos lábios da criança ansiosa por transmitir o seu pensamento, concretiza-se o resultado de idéias e planos elaborados gradativamente pelos milênios afora! Mesmo para esse mover de lábios, foi preciso que alguém primeiramente pensasse, planejasse e agisse para materializá-lo no cenário das formas do mundo transitório!

Imaginai agora as providências milenárias e os extremos cuidados que de há muito tempo vêm empreendendo os prepostos divinos, para que a humanidade terrícola pudesse lograr o êxito do Esperanto e usá-lo como divino linguajar, para se adaptar sem alterações aos mais diferentes climas psicológicos e aos mais diversos equipamentos de formação das raças humanas! Quantas experimentações exaustivas, correções infundáveis e sustentação espiritual têm-se sucedido no decorrer desse longo tempo, a fim de que o Espírito do Esperanto lograsse atingir essa unidade coesa e indestrutível, sobrevivendo no seio dos povos mais heterogêneos e resistindo à natural tendência de deformação lingüística!

Olhai vossas mãos, por exemplo. Que vedes? Apenas dois membros que vos servem docilmente e atendem a todas as necessidades e exigências da vossa vontade a elas transmitida pelo cérebro. Elas alcançam a virtuosidade artística, quando seus dedos, movendo-se rapidamente sobre o teclado do piano ou segurando o arco do violino, transformam miraculosamente os sons mais heterogêneos em acordes primorosos e melodias inesquecíveis!

Para o homem comum, essas mãos não passam de um produto natural da gênese espontânea da Natureza, enquanto o cientista sentencioso explica que são apenas uma conseqüência natural e milenária da evolução do protozoário até a forma humana, através do trabalho de seleção e aperfeiçoamento da espécie animal. Raras criaturas avaliam a docilidade de suas mãos ao obedecerem prontamente às mais sutis exigências do espírito, articulando os seus dedos no trabalho que se lhes requer, como servas submissas a qualquer capricho da mente encarnada! Essas mãos, à simples idéia de que vão servir para esbofetear alguém, estremezem como aves encolerizadas, mas também se revestem da mansuetude das pombas, e se embebedam de um fluido amoroso, quando apenas pensais em abençoar alguém! Elas são um prolongamento vivo da vossa própria personalidade e falam uma língua

inteligível às almas percucientes; estendem-se lânguidas e enleiam-se; tremem, reagem, pousam, erguem-se, vibram e falam em sua linguagem silenciosa e impressionante, plasmando tudo o que o vosso espírito pensa, deseja, e quer transmitir!

Mas quantos milênios foram necessários para que os admiráveis técnicos siderais, na noite dos tempos, tivessem podido planejar e criar essas mãos! Quantos departamentos siderais trabalharam sob a visão carinhosa de milhares de espíritos ligados à Mente Divina, unicamente para que o terrícola pudesse usufruir atualmente das bênçãos dessas mãos valiosas!

Como conseqüência, podeis avaliar a dificuldade da gênese de um idioma internacional, como é o Esperanto, que foi alvo dos mais devotados cuidados e esforços do plano sideral para que, ao atingirdes o século XX, possuísseis o encordoamento vocal exigível para o articulardes com êxito! Acresce-se ainda que o Esperanto, além de sua singeleza fonética, é idioma que contém a mensagem iniciática do amor universal devendo, por isso, intensificar a harmonia de relações e entendimentos pacíficos entre os habitantes da Terra, assim como o Evangelho, pela via interna do espírito, também cumpre a missão de despertar o homem espiritual para a revelação de sua consciência angélica.

Assim como foram precisos muitos milênios para que a rígida barbatana do peixe atingisse a maravilhosa expressão das mãos humanas, também foi preciso longo tempo para que os primeiros gritos articulados, do primata das cavernas, fossem desenvolvidos e transformados no admirável órgão da palavra, que atualmente se flexiona sob a musicalidade e a justeza do Esperanto. Não resta dúvida de que só agora o homem terreno apresenta condições precisas no seu aparelho de fonação para poder se amoldar à língua esperantista, que representa uma das mais avançadas conquistas filológicas de objetivos fraternos e de entendimento internacional.

Embora o Esperanto seja um idioma simples, o homem terreno não poderia aprendê-lo subitamente, antes de saber articular com facilidade as suas cordas vocais, regulando-as habilmente com a sua respiração pulmonar. O Esperanto é a cúpula genial de um grandioso edifício lingüístico, de entendimento entre toda a humanidade, e o seu alicerce foi lançado há incontáveis milênios, quando o troglodita envidava heróicos esforços para articular o primeiro vocábulo original da linguagem terrena.

Zamenhof, eleito no céu para a glória da paternidade do Esperanto na Terra, foi o sublime artista que materializou em sinais gráficos e em sons orais essa sublime esperança de completo entendimento entre os homens.

Pergunta: - *Várias vezes Atanagildo fez referência a equipes de técnicos, professores e estudiosos de instituições e academias esperantistas, no Astral. Se o Esperanto é uma língua tão simples no seu mecanismo verbal, por que exige tanta preocupação no Além?*

Ramatís: - Mesmo o mais rudimentar dialeto falado no vosso mundo material mereceu cuidadoso estudo e atenção de abalizados lingüistas da esfera espiritual. A linguagem humana não é mero produto de circunstâncias acidentais, mas uma resultante da linguagem de muitos temperamentos psíquicos que, antes de se encarnarem, já a articulavam no plano mental e astral e que, mais tarde, e na devida oportunidade, puderam materializá-la através da laringe carnal. Mesmo o grito inexpressivo do animal é um efeito do psiquismo

coletivo que dirige a sua espécie e incentiva para os experimentos e fenômenos de relação com o meio.

Pergunta: - *A insistência de nossas indagações a esse respeito é porque, em face de o Esperanto ser tão fácil e simples, fazíamos idéia de que deveria ter sido elaborado, no Além, sem muitas preocupações técnicas e funcionais. Estamos equivocados nestas reflexões?*

Ramatis: - Porventura o Evangelho não é um código de leis cristãs tão simples, elaborado há quase dois mil anos? No entanto, embora já vos encontreis no século XX, o terrícola ainda se sente imaturo de espírito e incapacitado para se integrar definitivamente nos postulados dessa mensagem tão sublime! Quantos milênios hão transcorrido e quantos precursores de Jesus já palmilharam a Terra, preparando-a para que o homem lograsse assimilar as máximas evangélicas tão benfeitoras! Não vemos motivos, pois, para que subestimeis o labor espiritual do Além, referente ao Esperanto, apenas porque é um idioma fácil e simples. Evidentemente, ele não possui a quantidade prolixa de vocábulos familiares às línguas das nações mais adiantadas do vosso mundo, porque a sua linguagem, em verdade, é portadora de melhor expressão verbal firmada nos experimentos milenários.

Daí, pois, o volume de estudos, pesquisas e experimentações que se aliaram à vultuosidade do trabalho dos espíritos esperantistas de todas as comunidades astrais junto à Terra, pois não se trata de um simples dialeto, nem de linguagem própria de um povo ou de uma raça, mas de idioma internacional e neutro, elevado à categoria de doutrina verbal, capaz de acelerar o espírito de confraternização entre toda a humanidade terrena.

A idéia de uma língua internacional não surgiu de improviso entre vós, como decorrência natural de evolução da humanidade terrestre, pois ela é tão velha quanto o homem. Como já dissemos, quando o primata ainda ensaiava os seus primeiros vocábulos, na forma de gritos inexpressivos, os mentores do orbe terráqueo já estudavam, no Além, os pródromos de um idioma neutro e internacional, que pudesse atender, com eficiência, à média do tipo humano superior, que seria o produto do evento da sexta raça-mãe, em formação, e a penúltima do planeta Terra.

Pergunta: - *O Esperanto, porventura, não poderá se transformar num dialeto?*

Ramatis: - Tanto entre os mentores siderais do orbe como entre os encarnados no mundo terreno, permanecerão sempre intactos a disciplina e o plano iniciático que é responsável pelo cumprimento rigoroso dos princípios fraternos e internacionais do Esperanto. Assim como as esferas científicas, filosóficas e mesmo religiosas promovem os seus congressos e movimentos de caráter internacional, para que sejam preservados e mantidos os seus postulados fundamentais e as realizações de sua responsabilidade, também esses congressos, aliás já comuns entre os esperantistas, serão organizados continuamente, para que o idioma fique imunizado contra qualquer influência ou vício de corrente de dialetos e línguas heterogêneas. Sob a inspiração do Alto, sempre hão de se reunir homens sábios, filiados espiritualmente às instituições esperantistas do Astral, para que sejam fiscalizadas e mantidas as bases imodificáveis que hão de garantir a homogeneidade da língua neutra e internacional.

Pergunta: - *Os mais abalizados filólogos costumam dizer que as línguas não são nem podem ser criações caprichosas, à parte, mas sim fruto da própria vida dos povos, reproduzindo a sua psicologia e os condicionamentos do meio.*

Ramatis: - Se assim é, o Esperanto é uma comprovação cabal de tal conceito, pois se uma língua deve atender à índole psicológica e à vida íntima dos povos ou das raças, tornando-se ri seu mecanismo verbal e ortográfico, capaz de interpretar o seu conteúdo artístico, filosófico, técnico e moral, é claro que um idioma que deve servir a todo o planeta Terra também exige que as suas bases principais se identifiquem e se afinizem com a psicologia de toda a humanidade.

Não conhecemos nenhum outro idioma vivo ou morto que sirva para interpretar fielmente as ansiedades e a psicologia de todos os homens, pela razão de que sempre há de se tratar de língua exclusiva de um povo ou de uma raça e que, por mais evoluída que seja, não servirá para os demais, pois é a expressão de um conjunto psicológico isolado.

Mesmo que a humanidade adotasse como veículo universal da palavra uma língua nacional, tomada da raça mais desenvolvida do planeta, ainda assim seria preciso que todos os povos aceitassem espontaneamente um idioma estranho à sua pátria, deixando-se submeter docilmente ao jugo verbal estrangeiro, o que é impossível em vosso mundo! Demais, para não ferir os brios patrióticos, o desejado idioma neutro teria que se constituir com um pouco de vocábulos de cada povo ou das diversas línguas existentes, para então se tornar num mecanismo verbal temperado ao gosto internacional. Mas seriam precisos muitos séculos para que esse duvidoso "cozido" heterogêneo se transformasse no sonhado acordo lingüístico para toda a humanidade. Seria muito difícil vingar um idioma produto da idéia excêntrica de se misturar um punhado de vocábulos de cada povo, a fim de se formar um "coquetel" verbal que pudesse atender a todas as necessidades raciais e ainda possuir tal quimismo filológico que evitasse praticar-se qualquer descaso nacional para com outra raça.

Ante a belicosidade e a desconfiança dos homens e das nações terrenas, que se atritam pela vaidade, ambição, orgulho, caprichos e nacionalismos tolos, podeis avaliar quão difícil se tornaria harmonizar tantos pensadores e patriotas tão acirradamente nacionalistas e nunca universalistas, para que concordassem em admitir o uso exclusivo de um idioma estrangeiro, só porque possuísse um pouco de vocábulos do seu próprio idioma pátrio. Eis por que a língua Esperanto é a mais preferida e cultivada por aqueles que já ensaiam os primeiros passos de confraternização mundial e aproximação espiritual. Ela se afiniza principalmente com os homens que, embora religiosos ou não-religiosos, são desapegados de racismos, "nacionalismos e patriotismos isolacionistas. É que o caráter neutro do Esperanto, e a ausência nele de princípios racistas ou nacionalistas, fazem com que não ofenda os sentimentos patrióticos de nenhum povo, pois, em lugar de ser uma língua internacional excêntrica e confeccionada com vocábulos selecionados dos principais idiomas predominantes, ela se firma nas raízes idiomáticas que justamente deram origem a todas as línguas do mundo. As principais raízes do esperanto vêm do tronco indo-europeu, que é o berço pródigo de todas as línguas expressivas, constituindo-se, então, na fonte idiomática ou bases primitivas que servem ao Esperanto.

Pergunta: - *Mas o Esperanto parece baseado apenas no latim; não é mesmo?*

Ramatis: - O latim, além de se derivar de uma língua-tronco comum aos idiomas ários, figura como principal veículo de relação entre o celta e o grego, estando em afinidade com a atual civilização, pois esta também é oriunda das populações brancas primitivas, da Ásia e da Europa, que compõem a família indo-germânica ou indo-européia. Eis por que Zamenhof recebeu do Alto a incumbência de firmar as bases internacionais do Esperanto sobre dois terços das raízes ao latim, um terço das do germânico e o restante sobre as raízes de outros idiomas já consagrados. Assim, os luminares descendentes desses ários, que de princípio eram os detentores da linguagem nobre e sagrada do sânscrito, também continuarão a interessar-se pelo Esperanto, a fim de que se torne o idioma internacional fraterno do terceiro milênio, identificando com sucesso a mesma ansiedade espiritual de toda a humanidade.

Pergunta: - *E não teria sido mais acertada a escolha definitiva do latim para idioma internacional, uma vez que é a fonte mais rica das raízes do Esperanto? Os próprios sacerdotes católicos não se socorrem do latim não só como seu idioma familiar e de fácil entendimento como quando se ausentam dos seus países? Que nos dizeis a respeito?*

Ramatis: - Sob o mesmo raciocínio, cremos que não se justificaria o uso do carro de boi nas estradas asfaltadas do século XX, isto é, na época em que predomina o uso do automóvel de alta velocidade, que melhor atende às necessidades de transporte nas metrópoles.

Acresce que é muito trabalhoso o aprendizado do latim e difícil a assimilação de sua gramática complicada e repleta de regras. Embora o latim tivesse tido sucesso e servisse à humanidade no passado, atualmente os seus vocábulos não se prestam bem para vestir as idéias avançadas, dinâmicas e inéditas, que germinam no século XX, por efeito do progresso científico, artístico e filosófico do vosso mundo. Servindo-nos de uma expressão pitoresca, diremos que a língua latina necessitaria ser "escovada", refundida e plastificada, para então se tornar uma engrenagem flexível, rápida na pronúncia e exatíssima na sincronia do escrever e falar, pois em sua forma original retardaria a interpretação da multiplicidade crescente dos pensamentos da era atômica.

Mas, supondo que fosse viável essa reforma, o latim se tornaria esdrúxulo, deformado e verrugoso, requerendo estudos à parte, a fim de se poderem conhecer as razões das reformas intempestivas nele introduzidas, muitas das quais seriam até inconvenientes à língua.

Para se compor uma língua universal, a lógica aconselha que ela seja eufônica, simples e gramaticalmente fácil, com escolhido conjunto de vocábulos de perfeita internacionalidade na pronúncia e no escrever. Indubitavelmente, ainda é o idioma Esperanto o único capaz de corresponder a tais exigências pois, além de límpido na sua composição vocabular, fácil no seu aprender, simples na sua pronúncia e grafia, ele é absolutamente neutro quanto à sua origem idiomática.

Pergunta: - *Por que motivo o "Volapuk", que chegou a fazer certo sucesso como língua artificial e de caráter internacional, não vingou satisfatoriamente, apesar de se tratar de um idioma neutro?*

Ramatis: - Embora o Abade Shleyer, criador do "Volapuk", pretendesse dar-lhe um sentido universal ou internacional, não o conseguiu devido a não ter podido torná-lo um idioma fácil e acessível a todos os povos e, principalmente, aos menos dotados de cultura. O "Volapuk", além de não oferecer margem para ser aprendido tão rapidamente como o Esperanto, carecia de uma qualidade: a singeleza. Para certos tipos de raças e seus modos de falar, o "Volapuk" era de difícil aprendizado, devido ao seu complexo vocabulário de palavras reduzidas. O Esperanto, no entanto, à semelhança do próprio Evangelho de Jesus, que é doutrina de sentimento e de aplicação universal, é fácil de ser aprendido pois, por se manter no limite de suas 16 regras, não apresenta o problema das exceções nem o das irregularidades gramaticais. Trata-se de um idioma claríssimo e futuramente empregado por alguns milhões de criaturas da mais rudimentar cultura, para as quais bastará apenas um pouco de tino e de cooperação mental. Em virtude de cada letra do Esperanto corresponder exatamente a um som e este perfeitamente a cada letra escrita, esse idioma dispensa o trabalho complexo de se editarem vocabulários de pronúncia, o que já se tem feito para muitas línguas bastante divulgadas, mas que exigem que se pronunciem determinados grupos de sílabas de modo bem diferente daquele com que se costuma lê-las ou escrever. Os radicais que formam a coluna vertebral da língua esperantista são de índole internacional e podem ser identificados em todos os principais idiomas do mundo. O aprendizado do Esperanto dispensa até o conhecimento de qualquer língua viva ou morta, porque ele é um idioma neutro, emancipado e flexível, capaz de atender a qualquer exigência humana. É o idioma ideal para atender às exigências verbais do homem moderno, o qual, à medida que multiplica os seus pensamentos, encontra mais dificuldade para conseguir situá-las na complexidade dos idiomas terrenos que, apesar da quantidade de seus vocábulos, não têm a qualidade admirável da síntese verbal esperantista.

O Esperanto será de alta relevância no próximo milênio, constituindo a língua básica de todas as escolas e povos além de que, em futuro já previsto pelo Alto, há de ser o veículo verbal, definitivo, do entendimento psíquico e emotivo entre os homens. Atualmente significa a preliminar da verdadeira linguagem do homem terrícola que, em futuro previsto pelos Mentores do orbe, cultivará com facilidade o intercâmbio telepático, como coroamento de todas as experimentações lingüísticas.

Pergunta: - *Sabemos que, no intuito de se conseguir um idioma internacional, já se verificaram outros esforços nesse sentido, assim como já tem fracassado outros movimentos semelhantes. O Esperanto há de obter um êxito que outras línguas artificiais e tentativas idiomáticas não conseguiram lograr até o momento? Poderá ele sobreviver aos entusiasmos e ardores das primeiras horas, livrando-se também das dificuldades psicológicas na sua divulgação, escapando ao que já tem acontecido com outras tentativas de adoção de línguas neutras?*

Ramatis: - Os mentores esperantistas das comunidades astrais de maior importância estão intimamente coligados com as várias raças terrenas e operam em conexão com os próprios encarnados, conduzindo a bom termo o evento do idioma do futuro homem

terreno. Embora se despendam na Terra outros esforços louváveis, do mesmo gênero, falta-lhes a unidade íntima com que o Alto selou o Esperanto, para ser o idioma de uso definitivo no planeta terráqueo. Embora essas tentativas devam ser aceitas como projetos louváveis de confraternização humana, há a considerar que, algumas vezes, só atendem a disposições acanhadas de alguns grupos humanos ainda incapazes de realizar um programa definitivo, endereçado a toda a humanidade.

As autoridades espirituais responsáveis pelo advento do Esperanto explicam que os idiomas internacionais cuja divulgação na Terra tem fracassado representam respeitáveis balões de ensaio construídos por almas dignas e inspiradas por louváveis sentimentos de fraternidade. Naturalmente, elas se sentiram tocadas pela voz do Alto, que trabalha incessantemente pela unificação da humanidade terrena, que mais rapidamente há de se espiritualizar, desde que consiga se servir de uma só língua.

Indubitavelmente, ainda surgirão outros esforços para se compor algum novo idioma internacional, talvez como fruto de indisfarçável nacionalismo através do qual possam predominar os vocábulos de nacionalidade ou de simpatia dos seus autores, aliás tentando mesmo superar a lógica das raízes do Esperanto. Sempre haverá adeptos para novas línguas ou tentativas idiomáticas de finalidade internacional; mas, em face do progresso crescente e da divulgação incessante do Esperanto - que já se encontra bastante favorecido pela facilidade que oferece ao povo mais simples, de aprendê-lo em poucos meses - esses movimentos lingüísticos terminarão se cristalizando na forma de dialetos, embora com visíveis intenções de internacionalidade. Poderão contentar alguns grupos iniciáticos e também atrair as simpatias de alguns povos estudiosos, mas ainda serão insuficientes para corresponder à multiplicidade de exigências de todos os povos da Terra.

Pergunta: - *Já tivemos contato com alguns estudiosos que afirmam dever ser a língua atlante a mais alta expressão lingüística de entendimento futuro entre os povos terrenos, tendo em vista a sua grande importância espiritual, pois serviu em muitos templos religiosos do passado. Informaram-nos de que já existem mais de 12.000 vocábulos atlantes devidamente catalogados e traduzidos, para se atender às necessidades de um novo idioma internacional futuro, e que muito breve será conhecido ao mundo profano. Que dizeis a tal respeito?*

Ramatís: - Se é por isso, então o sânscrito seria o idioma mais indicado, porquanto, além de conhecido há mais de 25.000 anos e ainda preservado nas escrituras sagradas dos hindus, é proveniente do ramo asiático das línguas arianas. É a antiga linguagem sagrada dos brâmanes, que dois mil anos antes de Cristo serviu aos vedas, da qual derivaram o cigano, o páli, o indostano e numerosos dialetos e línguas que ainda são faladas atualmente. Quanto à língua atlante, convém que vos lembreis de que a Atlântida, país que existia além das colunas de Hércules, em seguida às lendárias "portas douradas" - de cuja civilização ainda existem vestígios entre os egípcios, astecas, incas e na região ática - embora represente um dos povos importantíssimos do passado, em seus últimos tempos de existência abastardou muito o seu idioma; devido à sua decadência moral e cultural. É indubitável que a língua é um reflexo dos estados morais, mentais e espirituais da alma coletiva; decai, pois, quando degeneram os povos ou as raças que a falam. Em consequência, a restauração do idioma atlante implicaria em se conjugarem valores idiomáticos que já se abastardaram e

estão em desuso, incapazes de atender ao clima mental e psicológico dos povos modernos. O homem do século XX necessita cada vez mais de um idioma que possa interpretar com fidelidade e em síntese vocabular a sua atual ligeireza de pensar; esse idioma deve ser algo como um recurso verbal panorâmico, que agrupe grande quantidade de idéias sob reduzidas expressões gráficas ou sonoras. O vocabulário da língua atlante, embora tenha servido no passado a um povo de certo progresso espiritual e mental, é insuficiente para fazer a cobertura da multiplicidade de idéias e qualidades dos pensamentos modernos. Como rude exemplo, imaginai que um homem rejeitasse o avião para fotografar o panorama de uma região, preferindo para isso subir aos telhados das casas, obrigando-se a exaustivos esforços parcelados, para depois compor o quadro geral. O Esperanto, no século atual, é como a aeronave servindo ao intercâmbio entre os povos rápido, flexível e fácil. É um mecanismo verbal que atende com êxito à dinâmica mental da humanidade moderna. Evita ao homem o excessivo número de palavras para registrar cada idéia e fato, porque abrange muitos pensamentos heterogêneos sob inteligentes chaves verbais.

Pergunta: - Quereis nos explicar melhor esse assunto?

Ramatís: - A velocidade com que a humanidade pensa, no século XX, ultrapassa rapidamente a sua capacidade de empregar todos os vocábulos necessários para exprimir o total das idéias pensadas. Não é a possibilidade de se possuir um vocábulo específico e adequado, para expor cada idéia gerada no cérebro, o que realmente garante o êxito de qualquer idioma internacional, mas sim o uso de prefixos ou sufixos ajustados às raízes fundamentais de um idioma simples e flexível, como o é o Esperanto, que há de solucionar essa crescente velocidade do pensamento do homem atual.

Na conformidade do simbolismo do século atômico, o Esperanto é realmente o idioma que melhor se ajusta à vida de vossa humanidade; as suas regras e suas raízes fixas, idiomáticas e simples, prenunciam, também, a singeleza espiritual da vida futura do terrícola. Nenhuma outra língua poderá atender com tanta precisão, e sem se deformar, à exigência de uma mesma pronúncia fonética em qualquer clima das relações humanas. O efeito claro de suas terminações, que indicam se o vocábulo é substantivo, adjetivo ou verbo no presente, no passado ou no futuro, torna o Esperanto a língua ideal para corresponder ao vulto das relações e exigências psicológicas sempre crescentes na Terra. O inevitável processo de entendimento telepático - que há de ser natural, no futuro, como conseqüência da evolução humana e da maior afinidade entre os homens - tem na parcimônia das palavras esperantistas um verdadeiro curso preparatório.

Assim, enquanto se pretende criar idiomas internacionais sobrecarregados de vocábulos, que não de continuar a se exaurir mentalmente, devido à excessiva memorização de tantas palavras, a base do Esperanto constitui-se sensatamente de mais ou menos um milheiro de vocábulos fáceis e adaptáveis a essa multiplicidade do pensar moderno, sem que precise socorrer-se de quaisquer idiomas estranhos, que depois lhe acarretem excrescências ou a adoção de neologismos antipáticos.

Ainda que, para se atender à terminologia científica, técnica ou outra qualquer, se adicionem ao Esperanto novas palavras que mereçam a sua incorporação ao idioma, elas não perturbarão a sua função principal, visto que não influirão nas suas bases e regras imutáveis, absolutamente imunes à saturação vocabular. Aliás, isso não seria possível de se evitar em qualquer idioma internacional que, de início, já tivesse suas bases constituídas de mais de

12.000 vocábulos, a caminho da mesma saturação verbal própria das línguas complicadas. A atual propensão humana é a da síntese, e a da redução, portanto, das Longas digressões oratórias, para se servir apenas de chaves verbais que sejam rapidamente entendíveis pela associação de idéias e pelo ajuste telepático cada vez mais consagrado pela tradição verbal.

Pergunta: - *Poderíeis nos dar uma idéia mais clara dessa redução de vocábulos, que pode definir muitas idéias e favorecer um processo de rápido ajustamento telepático?*

Ramatís: - A complexidade e o dinamismo da vida terrena, no atual século XX, fazem com que vivais num lustre aquilo que vossos avoengos não puderam viver em uma centena de anos. Isso obriga-nos a reduzir e a eliminar da linguagem humana tudo aquilo que seja de menos importância e facilmente subentendível, por cujo motivo acentua-se cada vez mais o uso de abreviaturas ou de "chaves verbais", que passam a fazer a cobertura de muitas idéias – sem entretanto as reduzirem ou sacrificarem - numa espécie de pitoresca taquigrafia oral. Mesmo reduzida a quantidade de vocábulos, não se perde a multiplicidade de idéias que, por esse sistema, ficam resumidas no falar ou no escrever.

Embora como exemplo corriqueiro, estais vendo, a cada passo, que se estende pelo vosso mundo o gosto pela redução dos longos títulos das repartições públicas, das autarquias, das sociedades comerciais ou industriais, já se usando abreviaturas na forma de apenas uma sigla ou uma chave formada pelas letras principais de uma sociedade ou de um setor administrativo.¹

1 - Nota do Redator: O autor se refere a abreviações como IAPI, SUMOC, COFAP, IAPETC, ONU, etc.

Essas abreviações não só evitam desperdício de palavras e perda de tempo em extensas descrições, como desenvolvem a mente a caminho da telepatia, pois que a idéia exata de uma enunciação se consagra pela associação de outras idéias suplementares.

Pergunta: - *Mas que tem a telepatia com isso?*

Ramatís: - Quando se pronunciam tais abreviaturas ou convenções verbalísticas, ocorre um despertar telepático, e então as idéias se associam velozmente, sem necessidade do emprego de muitos vocábulos para se dizer o que se quer. Certas palavras de gíria, que depois se consagram nos dicionários, não passam de pitorescas ou jocosas interpretações, ou mesmo de recursos sintéticos que substituem longas e complicadas enunciações para se completar um jogo de idéias que, através de um só vocábulo excêntrico, pode definir toda a intenção.

Pergunta: - *Que poderíamos entender por esse desenvolvimento da mente a caminho da telepatia?*

Ramatís: - É claro que, se reduzis paulatinamente a quantidade de vocábulos para se enunciarem muitos pensamentos, é porque o homem atual compreende fácil e inteligentemente, através dessas abreviaturas ou chaves verbais sintéticas, aquilo que antes precisaria ser dito em longa transmissão verbal ou escrita. Evidentemente, isso se deve à

natural sensibilidade intuitiva e telepática da humanidade do século atômico, cujo desenvolvimento mental, sob os métodos da pedagogia moderna, já substituiu com êxito o antigo processo de se memorizar e repetir exaustivamente grande quantidade de palavras. O vocabulário humano tende, portanto, a diminuir em quantidade para ganhar em qualidade, enriquecendo-se sob esse salutar processo de se comporem interessantes códigos verbais, que melhor atendem ao incessante dinamismo evolutivo da vida moderna, em lugar de se exigir, para transmissão do pensamento, um número de palavras cada vez maior, o que conduziria a linguagem terrícola e inevitável saturação e balbúrdia.

O desenvolvimento da mente humana a caminho da telepatia já se comprova, realmente, nessa redução do palavreado ou do falar excessivo, de vez que o homem já percebeu que a mente criadora melhor se desenvolve no silêncio da alma, pois à medida que se reduz a turbulência mental, tão própria dos atos irritados e insatisfeitos do homem comum, também diminui a quantidade de palavras de que ele necessita para se expressar e, portanto, se torna menos supérfluo e mais exato. Então ele pensará e refletirá, antes de falar, e só exporá em síntese as conclusões que elaborou na mente, servindo-se de menor quantidade de palavras para se fazer entendível.

Não vós será difícil comprovar que as raças inferiores ou os povos mais débeis de caráter são os mais palradores e turbulentos no falar. Mesmo as mulheres de grande atividade verbal, quando adquirem uma cultura e um desenvolvimento psicológico mais aguçado, reduzem a costumeira prodigalidade de palavras e adquirem um senso de mais ponderação no seu falar. Nos cortiços e favelas enxameiam criaturas instintivas, desregradas e irascíveis, cujo palavrório gritante e o "bate-boca" costumeiro provam o que acabamos de dizer. Nas tragédias do teatro antigo, as gesticulações e os gritos estentóricos eram fundamentos de arte, enquanto os seus atores se entregavam à troca de vocabulários desconcertantes. Eles exageravam os seus esgares porque só assim poderiam comover o público ainda psicologicamente imaturo de entendimento espiritual, pois, para o artista atual, basta um rápido brilho no olhar ou um imperceptível gesto fisionômico para conseguir plasmar exteriormente a natureza dos seus pensamentos interiores. Há, por vezes, num simples olhar da heroína do teatro moderno, a interpretação de um poema de sofrimento, facilmente compreendido pela agudeza psíquica do público inteligente do século XX, dispensando a torrente de palavras bulhentas antigamente exigíveis para se exprimirem sentimentos e paixões mais vigorosas.

Pergunta: - *Isso quer dizer, então, que a parcimônia no emprego de palavras indica superioridade intelectual; não é assim?*

Ramatís: - Convém que não chegueis a conclusões extremistas pois, se assim fora, os mudos seriam os mais sábios no mundo; no entanto, sem que devais concluir que todo os homens lacônicos são superiores em intelecto, há que não esquecer de que, geralmente, os sábios são parcimoniosos de palavras.

É por isso que os iogas e os mestres orientais, que já conseguem dominar as formas do mundo da matéria e são capazes de vibrar com a "Consciência Cósmica" do Criador porque já venceram o "Maya" ², são parcimoniosos no seu falar e não criaturas gritadeiras e pródigas em palavras. Tanto são avaros de palavras como de gestos, pois vivem sob periódicos votos de silêncio, em cujo estado de serenidade mental despertam as poderosas forças internas do espírito, para mais tarde se tornarem os sublimes condutores de homens e

guias de discípulos à procura da Verdade. Falam por monossílabos e melhor são compreendidos através do olhar límpido e expressivo; recordam-nos Jesus, que fitava serenamente os seus contraditores e algozes, enquanto que os seus mais sublimes e eternos ensinamentos legados à humanidade se resumiam em meia dúzia de palavras, como as da divina máxima do "Ama ao próximo como a ti mesmo". Essas mentes orientais avançadas comprovam-nos, em seu augusto silêncio, que, à medida que o espírito evolui para estados superiores, reduz o seu excessivo linguajar, pois, adotando o "exato pensar", também se dedica ao "exato falar".

2 - "Maya", Grande Ilusão.

A reflexão e a meditação antes de falar, bastante elogiadas pelo velho provérbio "O silêncio é ouro", demonstram progresso pois, à medida que a humanidade evolui espiritualmente, também pensa mais e fala menos. A medida que o homem terrícola se aprimora espiritualmente, também vai se desinteressando do mundo de formas e das suas relações exteriores, porque passa a viver mais em intimidade com a essência espiritual do Criador. Então, a sua linguagem se torna cada vez mais resumida e sintética, para poder servir ao entendimento de pessoas mais reflexivas e introspectivas. Não há dúvida, pois, de que só o Esperanto, com o seu tão modesto vocabulário qualitativo, mas profundamente maleável no seu trato e mecanismo idiomático, é que realmente poderá atender a essa incessante exigência psicológica e evolutiva da humanidade terrena em que, à medida que se multiplicam os pensamentos, também se deve reduzir o número de palavras.

Pergunta: - *O Esperanto não poderá porventura se deformar pela incorporação ou interpolação de outros vocábulos heterogêneos? Quando cultivado por outros povos, não poderá se acrescer de neologismos impróprios ao seu linguajar neutro e internacional, devido a certos costumes e necessidades características desses povos, a ponto de se tornar cheio de excrescências idiomáticas?*

Ramatís: - Esses detalhes já foram previstos no Espaço, tendo sido alvo de rigorosos estudos e acuradas experimentações. Em analogia com o mesmo caso, não tendes notado que, à prática do Espiritismo, os seus simpatizantes incorporam inúmeras excrescências contraditórias aos seus postulados fundamentais, confundindo a codificação kardeciana com outros movimentos espiritualistas? Mas é inegável que, apesar dessas inovações, a doutrina permanece perfeita em sua natureza iniciática, e íntegra em suas bases lógicas estabelecidas pelo senso superior de Allan Kardec. Faz lembrar o caso do filme negativo, que sempre conserva a imagem real, que pode ser revelada a qualquer momento que se queira comprovar a sua exatidão.

O Espiritismo, apesar das interpolações e excrescências doutrinárias com que alguns pretendem toldar a sua pureza iniciática, sempre se conserva íntegro e isso, principalmente, pelo fato de já existirem na Terra organizações espíritas que velam continuamente pela manutenção dos seus postulados originais, escoimando-os de todas as incoerências deformantes. Da mesma forma, o Esperanto também ficará livre das corrupções idiomáticas e resguardado em suas raízes iniciáticas, porque, além de ser subordinado a normas definitivas, traçadas pelo Alto, também se subordina a uma entidade oficial da Terra, que é a "Universala Esperanto Asocio", responsável pela sua sanidade verbal e gráfica.

Trata-se de uma organização que foi fundada no Além e depois concretizada no mundo terreno, da qual participam elementos experimentadíssimos no trato do idioma fraterno e que já se dedicaram a grandes labores lingüísticos em vidas passadas. Devotados espíritos entregam-se às tarefas elevadas da língua internacional e depois renascem em várias partes da Terra, a fim de propagar o Esperanto e o escoimarem de qualquer excrescência. Mantêm para com ele assistência permanente e o fazem progredir continuamente, para a mais breve aproximação entre os homens que falam idiomas diferentes, mas seguem para o mesmo destino.

Pergunta: - *Qual uma idéia mais objetiva de que o Esperanto possa resistir a todas as excrescências que queiram introduzir em sua unidade fundamental?*

Ramatís: - A água, acrescida de certas essências ou produtos vegetais pode se transformar em xarope, vinho, café ou chá; no entanto, basta que filtreis cientificamente qualquer um desses líquidos, para que torneis a obter a água em seu estado primitivo, comprovando que ela é, entre todos esses produtos, um elemento que conserva a sua pureza. Do mesmo modo, por mais que impregnem o Esperanto de misturas idiomáticas ou excrescências vocabulares, ninguém poderá alterar a sua natureza intrínseca que, por vontade do Alto, sempre há de resistir a qualquer neologismo ou interpolação inoportuna.

Pergunta: - *De acordo com o vosso prognóstico, poderemos estar certos de que o Esperanto nunca sofrerá acréscimo algum no seu conjunto lingüístico, mesmo que futuramente algumas circunstâncias imprevistas assim exijam?*

Ramatís: - Nenhuma outra modificação há de se operar na pureza iniciática da coluna vertebral do Esperanto. Mesmo que, por força das circunstâncias, seja viável a interpolação de qualquer vocábulo ou tema aconselhável, é óbvio que isso há de primeiramente ser autorizado pela entidade máxima esperantista sediada na Terra, a única com o direito de arbitrar ou orientar para que não se perturbe a harmonia original do idioma.

O Esperanto não depende dos fatores comuns que obrigam a modificação das línguas pátrias, as quais evoluem partindo de costumes, tradições e experimentações provisórias. É por isso que elas requerem filólogos pátrios que devem intervir de tempos em tempos, ditando novas regras gramaticais, modificando a grafia de vocábulos ou as acentuações gráficas, aceitando neologismos e gírias que vão penetrando aos poucos no seio do linguajar popular, e até no oficial, interpretando o espírito nacionalista de um povo.

Com o Esperanto não acontecerá isso, pois os técnicos espirituais já estudaram, no Espaço, todas as probabilidades de modificações ou de obstáculos que poderiam surgir no idioma em virtude de diferenças psicológicas entre os homens. Demais, não adirão ao Esperanto as mesmas conseqüências comuns a outros idiomas, porque ele inicia a sua aplicação lingüística justamente no limiar da profética seleção espiritual, que já se efetua na Terra e que depois proporcionará um clima eminentemente simpático para o sucesso de uma língua internacional. Os espíritos que, a partir do próximo milênio, tornarem a se encarnar na Terra, serão todos simpáticos ao Esperanto, porquanto tratar-se-á de almas selecionadas rigorosamente "à direita do Cristo", espiritualmente maduras e dedicadas a todas as realizações que se enderecem à confraternização dos povos e ao bem do mundo. Devido a

isso, a quantidade de vocábulos esperantistas ser-lhes-á mais que suficiente para êxito no mecanismo das relações humanas, mormente sabendo-se que se sentirão induzidos ao emprego cada vez mais positivo da telepatia, que será futuramente uma das faculdades comuns a todos os terrícolas.

Pergunta: - *A entidade que protege o Esperanto na Terra não poderá modificar futuramente a sua estrutura, adaptando-a aos seus pontos de vista?*

Ramatís: - O Esperanto nasceu emancipado; a entidade máxima que o protege e supervisiona na crosta terráquea não foi constituída para escoimá-lo de supostos defeitos inatos, mas principalmente para evitar as excrescências que possam ser introduzidas nele pela ignorância alheia. Não se trata de língua ao sabor de caprichos ou simpatias humanas, mas que surgiu no vosso mundo e atua no seio da humanidade à semelhança de um evangelho filológico já emancipado, e não apenas como um novo conjunto de vocábulos em competição com a prodigalidade idiomática que já existe entre as várias raças terrícolas. É idioma coeso e de fundamentos profundos que, por se destinar ao sagrado objetivo de unir as criaturas através da palavra, merece o mais elevado respeito e religioso carinho de todos os seres.

Pergunta: - *Por que dizeis "religioso carinho" para com o Esperanto, como se desejásseis atribuir-lhe algum sentido de religiosidade?*

Ramatís: - Assim nos expressamos, porque toda função religiosa tem por finalidade precípua a de "religar" as criaturas a princípios superiores. O Esperanto, inegavelmente, reflete no seu patrimônio verbal as mais sadias disposições de religiosidade, pois muito antes de sua natureza intrinsecamente lingüística, é uma doutrina filológica tão racional, que os seus vocábulos podem ser aceitos como princípios éticos que induzem o homem à confraternização universal.

O princípio do Amor, imanente em todas as criaturas, também se identifica no Esperanto, como terna e religiosa pulsação de vida, uma vez que o seu mecanismo verbal se ajusta perfeitamente à variedade de pensamentos emitidos por quase três bilhões de criaturas que atualmente constituem a humanidade terrena. Esse ajuste, que em qualquer latitude geográfica do planeta se faz pela unidade da mesma grafia e pela vibração sonora de uma só pronúncia, identifica um mesmo diapasão fraterno e elimina as barreiras emotivas produzidas pela diferença de idiomas pátrios.

A mesma alegria que sentem em comum as criaturas quando, em terras estranhas, ouvem a palavra amiga e familiar no seu idioma pátrio, também será proporcionada pelo Esperanto que, através do seu mecanismo verbal neutro, harmoniza as configurações físicas mais opostas e interpreta os pensamentos de todas as raças e povos. É indiscutível que ele acelera a fusão espiritual entre os seres, porque elimina a desconfiança mútua, muito comum entre os estranhos separados por idiomas adversos, assim como aviva-lhes a comunicabilidade e aumenta-lhes o júbilo recíproco. Mesmo que se lhe acrescentem novos vocábulos, exigíveis pela evolução do homem, não sofrerá nenhuma deformidade, porquanto não é propriamente um novo idioma mas indubitavelmente uma "doutrina idiomática universal".

Pergunta: - *Na suposição de ocorrerem algumas modificações no Esperanto, quais seriam elas?*

Ramatís: - Não cremos em quaisquer inovações ou modificações radicais do Esperanto; apenas pressupomos alguma seleção de vocábulos à parte, que apresentem maior fragrância sonora ou ritmo alado para o uso da poesia, ou então para uso científico, exclusivo da terminologia técnica. Mas isso tudo são coisas que já foram estudadas no Espaço, e que não intervirão no mecanismo básico e universalista do idioma, assim como também não terão força para modificar os seus princípios fundamentais já consagrados pelo uso em comum.

Pergunta: - *E, quanto à pronúncia do Esperanto, não poderá ocorrer alguma alteração em conformidade com o clima ou a latitude de cada povo onde o idioma for cultivado?*

Ramatís: - O papel principal do Esperanto não é o de suprimir draconianamente os diversos idiomas que atendem às necessidades de cada raça ou povo. No futuro, por efeito de progressivo aprimoramento espiritual, os homens terão extinguido todas as barreiras nacionalistas e viverão em comarcas supervisionadas par um governo único, por cujo motivo servir-se-ão de um só idioma internacional, tal como acontece em Marte e noutros planetas avançados. Inegavelmente, o Esperanto está predestinado a ser futuramente falado por todos os povos do orbe terráqueo, por cujo motivo nenhuma outra língua poderá superá-lo, quer em sua origem superior, quer na sua divulgação. Ele já obteve a consagração de que necessitava para seu completo êxito futuro, como realmente o predestinaram os Mentores Siderais da Terra.

A sua pronúncia é clara e doutrinariamente aceitável em todos os climas geográficos e por todas as índoles psicológicas; acresce que a sua pronúncia não é extremamente aberta, nem extremamente fechada, mas se efetua num "meio termo", o que facilita bastante que todos os povos e raças se ajustem a esse agradável tom médio de voz. A língua esperantista ainda será uma lei absoluta entre todos os povos terrestres e uma norma definitiva em qualquer quadrante do globo; lembra a linguagem sacra, exclusiva dos sacerdotes, que a cultivam nos seus ofícios religiosos, em todos os países, sem que se deforme ou seja repudiada.

Capítulo 12

Os Mantrâns e a Língua Esperanto

(Esclarecimentos de Ramatis)

Pergunta: - *Certa entidade espiritual disse que o Esperanto é um idioma cujas palavras podem se transformar em "mantrâns", ao passo que entendidos dessa ciência nos afirmam que o idioma esperantista é tão-somente fonético, sem qualquer efeito esotérico.*

Ramatis: - Indubitavelmente, os "mantrâns", tão familiares aos iogas, são peças idiomáticas sagradas que, pela harmonia de sílabas ou letras - quando pronunciadas em sua pureza iniciática - despertam no psiquismo e no organismo físico do homem um energismo incomum e proporciona estados de desprendimento e euforia espiritual. As palavras "mantrânicas" possuem grande poder de ação no campo etérico-astral, assim como aceleram, harmonizam ou ampliam as funções dos "chacras" do duplo-etérico, enquanto que, atuando à superfície do perispírito, auxiliam a sintonização do espírito às manifestações da vida física e favorecem a justa ação do pensamento sobre o sistema cerebral.

Que importa dizer que o Esperanto é um idioma tão-somente fonético, quando seus vocábulos também são harmoniosas combinações de letras, que soam dentro de um tom puro e harmônico? Ele é um conjunto vibratório verbal, que pede o elevado alento humano e o mais perfeito ajuste de idéias, para reproduzir os anseios de confraternização da alma humana. Não é apenas uma linguagem de interpretação momentânea, mas é mensagem de poderosa aproximação espiritual entre os homens, por cujo motivo possui em sua intimidade uma extraordinária força esotérica, que dificilmente encontraríeis no idioma mais complexo ou na mais, severa linguagem religiosa. Nem mesmo se pode invocar a natureza de uma língua sagrada, e de uso templário ou iniciático, para sobrepô-la ao Esperanto, pois este não se limita a interpretar os anseios de grupos religiosos ou de adeptos de selecionadas filosofias espiritualistas, porém endereça-se incondicionalmente a toda a humanidade.

Pergunta: - *Os que nos disseram que o Esperanto não possui força mantrânica afirmam que isso se dá por se tratar de um idioma muito superficial.*

Ramatis: - Uma vez que a linguagem e a escrita dos povos estão em relação exata com sua cultura e progresso espiritual, o importante não é saber se esta ou aquela língua é mantrânica devido à sua profundidade esotérica, ou se não o é por ser superficial ou tão-somente fonética. Os astecas possuíam palavras comuns, que eram extraordinários "mantrâns", superiores mesmo aos mais poderosos efeitos mantrânicos da ciência esotérica atual. Mas isso não provinha do fato de sua língua ser mais esotérica e menos fonética; o caráter, a força e a ternura espiritual desse povo é que realmente constituíam o fundamento elevado de suas palavras, que adquiriam poderes devido ao treino para adquirirem qualidades superiores, e à afetuosa religiosidade para com o Criador dos Mundos.

O Esperanto, sendo uma doutrina filológica destinada a revelar os pensamentos e os sentimentos de uma futura humanidade vibrante de afeto e plena de paz espiritual, também fará eclodir no idioma o elevado espírito mantrânico que se encontra oculto sob a sua expressão fonética.

Não se constroem "mantrãs" sob a frialdade científica nem sob caprichos esotéricos de simples ajustes de vocábulos, para que, em seguida, despertem efeitos ocultos ou espirituais, pois podem não se ajustar à alma dessas palavras. Em verdade, são as próprias palavras que se consagram pelo seu elevado uso e assim criam os "mantrãs", pois se transformam em verdadeiras chaves verbais que, então, congregam energias etéricas ou produzem configurações astrais protetoras, associando idéias que despertam as forças psíquicas nos seus cultores e transformam os vocábulos em poderosos despertadores mantrânicos.

Já pensastes no poderoso "mantram" que é a palavra "Cristo", que está impregnada de um sacrifício memorável na figura de Jesus de Nazaré? Quando a pronunciais sob elevada meditação, não sentis porventura que a vossa alma vibra sob um estado de expectativa cósmica, enquanto o júbilo e a esperança completam o vosso gozo espiritual? Os cristãos que se deixavam trucidar nos circos romanos, à simples exclamação de "Ave Cristo", aliciavam forças tão poderosas, que muitos desencarnavam anestesiados por semelhantes energias.

Sendo a linguagem oral e a escrita os fatores principais que permitem às criaturas humanas manifestarem entre si a sua inteligente cultura, ciência e ideal, é evidente que, quanto mais elevado já lhes tenha sido o progresso, tanto maior coeficiente de forças esotéricas já terá eclodido em sua linguagem. Existe poderosa força oculta na palavra que, sàbiamente falada, tanto pode construir como aniquilar; há nela, também, certa musicalidade que, acionada progressivamente, pode alcançar a intimidade atômica. da matéria e alterar-lhe a coesão íntima.

A própria Natureza possui a sua linguagem, que se expressa em sons diversos através dos motivos e das funções dos seus reinos, onde cada coisa, ser ou vegetal pode ser considerado como uma letra viva e compor divinas palavras! Que é a vida, senão o Verbo de Deus? A linguagem humana deriva-se de uma só expressão lingüística primitiva, que constitui a sua base ou alicerce, por cujo motivo todos os idiomas traem sinais indeléveis de que são provindos de um só tronco. As letras não foram invenções a esmo nem produtos de caprichos extemporâneos; elas nasceram como símbolos necessários para identificação dos estados interiores da alma, por cujo motivo estão impregnadas do espírito e das idéias que as originaram. Eis, pois, o que ocorre com o Esperanto; ele possui as bases e as raízes das principais línguas do mundo e buscou mais profundamente na fonte iniciática desses idiomas os seus traços mais evidentes e exatos, para então se constituir na mensagem verbal definitiva e capaz de interpretar todas as idéias sob uma só linguagem. E por isso ele possui, mais do que qualquer outro idioma, a força original e mantrânica do psiquismo vigoroso que edificou a linguagem do terrícola, pois uma vez que a elevação de espírito, interior, é que produz a maior seqüência mágica num "mantram", é evidente que o Esperanto, como idioma universal e compilado por um dos homens mais sábios e desinteressados, é também a linguagem mais credenciada para fazer de seus vocábulos criteriosos, límpidos, certos e fluentes, um dos mais belos idiomas mantrânicos do orbe. Cada um dos seus vocábulos não só possui a força e a emotividade de um homem, um povo ou uma nação, como também vincula em sua vibração "psicofísica" o pensamento idêntico de toda a humanidade, e ainda alicia as próprias almas elevadas dos mundos superiores, que sonham e operam pela confraternização de todos os homens.

E quando ele for consagrado por toda a humanidade, cada um dos seus vocábulos será um "mantram" poderoso, a sintonizar na mesma vibração psíquica o desejo e o pensamento de qualquer homem.

Pergunta: - *A pronúncia das palavras pode afetar as relações psíquicas com o corpo físico, como já no-lo disseram alguns ocultistas?*

Ramatís: - A mente é algo como uma usina a produzir energias; quando se descontrola ou é tomada pela raiva, ódio, cólera, inveja ou ciúme, emite determinados feixes de ondas de forças, que perpassam pelo campo "etéreo-astral" da zona cerebral do perispírito, fazendo baixar o padrão vibratório da energia mental que ali já se encontra em liberdade. Produz-se, então, um fenômeno que muito bem poderíeis designar como sendo uma "coagulação mental astral", lembrando o caso da onda de frio que, ao atuar no seio da atmosfera do vapor de água, solidifica-o na forma de gotículas. Assemelha-se, também, à corrente elétrica que perpassando por uma solução salina, produz a tradicional precipitação verificada em laboratórios de química e física.

Da mesma forma, as ondas mentais alteradas também intoxicam a própria atmosfera astral e invisível em torno do cérebro, produzindo substâncias que baixam vibratoriamente, tornando-se nocivas, por cujo motivo devem ser eliminadas da zona psíquica ou do campo áurico do homem. A glândula hipófise, a regente dinâmica do sistema endócrino e a maior influente no sistema nervoso, sofre então, devido à sua delicadeza, a maior parte do impacto violento e agressivo da mente desgovernada, fazendo esse impacto repercutir nos demais órgãos da rede glandular, do que resulta aceleração e precipitação de hormônios inoportunos na circulação sanguínea, com a conseqüente intoxicação do organismo. A Natureza, orientada pelo senso divino, expulsa a carga inoportuna para o mundo exterior, através das vias emunatórias do corpo, como sejam os rins, intestinos e pele. Daí se verificar amiúde, que as criaturas mais violentas, coléricas, irritáveis, pessimistas ou ciumentas são vítimas quase sempre de alergias inespecíficas, urticárias, nefrites, eczemas neuro-hepáticos, surtos de disenteria ou hemorróidas, como frutos dos desequilíbrios mentais e descontroles psíquicos. Os hipocondríacos, por exemplo, vivem num infeliz círculo vicioso; quando o fígado enferma, altera-se o seu psiquismo, e quando este se desarmoniza, são eles que enfermam o fígado.

É óbvio pois, que, sendo as palavras irascíveis o instrumento que interpreta as emoções desequilibradas ou violências mentais, devem produzir visíveis modificações orgânicas, como chaves do psiquismo desequilibrado, assim como as palavras desarmônicas por natureza exigem esforços à parte, para serem pronunciadas, enquanto outras associam estados enfermigos e fazem abater o ânimo espiritual, influenciando no físico. Quando louvais o próximo com palavras de amor ou de paz, elas despertam estados de afetividade, otimismo e esperança, o que já não sucede se as expressões forem de ódio ou de rancor. As palavras despertam idéias e produzem estados emotivos diferentes, no homem; repetimo-vos: são chaves verbais que vos alteram ao ouvi-las ou ao pronunciá-las, ocorrendo então conseqüências também diferentes no psiquismo e, conseqüentemente, no corpo físico.

Pergunta: - *Podeis dizer-nos mais alguma coisa interessante, sobre este assunto?*

Ramatis: - Notai que a audição de palavras equívocas ou antipáticas, ou mesmo com demasiada aglutinação de consoantes, o que deforma a pronúncia harmônica, produz sensações desagradáveis na mente humana e, além disso, as línguas para com as quais não guardamos simpatia não só baixam as nossas condições psíquicas, como chegam até a irritar-nos! Assim como um indivíduo de raça latina pode antipatizar com o idioma eslavo ou árabe e se aborrecer ou fatigar só ao pensar em ouvi-lo, também um cidadão eslavo ou árabe poderá sentir idêntica antipatia para com as línguas latinas. A linguagem de um povo é o reflexo de suas emoções; se houver antipatia de uma raça para com outra, *ipso facto* os seus linguajares também se tornarão mutuamente antipáticos, pela lei do psiquismo, que é sensível a qualquer vibração antagônica. Há dialetos aldeônicos de tal atropelo de palavras e atrito de sons heterogêneos que, se pronunciados por criaturas habituadas à fluência e à pureza de certos idiomas fidalgos, parecer-lhes-á que estão mastigando calhaus em lugar de fazerem fluir vocábulos!

Conforme já dissemos, há palavras que, se pudessem ser analisadas sob avançada instrumentação de laboratório, dar-vos-iam a certeza de que certas combinações lexicológicas chegam a influir na temperatura e na circulação do corpo humano!

Cada uma das letras do alfabeto repercute pelo vosso corpo em zonas distintas, se ao pronunciá-las puderdes auscultá-las mentalmente. Apenas pensando nelas podeis sentir o seu efeito: o **I**, por exemplo, quando se pensa nele, repercute no alto da cabeça, porque é o símbolo vertical da união psíquica com o "chakra coronário"; o **K** soa mentalmente no centro da garganta, repercutindo na região do "chakra laríngeo"; o **li** tende a ressoar no ventre, na região do plexo abdominal, onde se situam o "chakra esplênico" e o "genésico", como um vocábulo cuja forma lembra a sustentação, em suas hastes, repercutindo exatamente à altura do grande nervo simpático, onde se apóia o corpo astral. Eis por que Jesus que, além de sublime anjo, era genial cientista, podia usar tão bem a palavra e empregar o seu poder miraculoso sobre os povos, utilizando-a como poderoso dínamo criador de energias espirituais e produzindo os extraordinários fenômenos que o vulgo classificava de sublimes milagres!

Entretanto, há um gasto contínuo de energias, desde o pensar até o falar, que se influenciam reciprocamente e dependem da quantidade e da qualidade dos vocábulos que sejam pronunciados pela criatura humana. E o Esperanto, como idioma destinado a um tipo biológico e humano superior, foi alvo das mais exigentes análises e observações, a fim de que, em sua aplicação quantitativa humana, não se turvasse a sua essência qualitativa espiritual, que é exigível para corresponder às solicitações da aprimorada mente humana do próximo milênio.

Pergunta: - *Podeis nos oferecer um exemplo capaz de dar uma idéia mais aproximada das disposições mentais e psíquicas que, segundo nos dizem os espíritos, muito influem na manifestação da linguagem?*

Ramatis: - Há perfeita correlação entre o falar e o pensar, assim como no dispêndio de energias entre a intenção subjetiva da ação e a produção de sons físicos da linguagem. As raças recalçadas, introspectivas e desconfiadas, protegem-se com seus idiomas ricos de monossílabos e restrições; a astúcia, agudeza ou capciosidade de certos povos nômades refletem-se no seu próprio modo de falar por circunlóquios, interrogações esquisitas e repletas de sofismas. Enquanto um povo jovial, des preocupado e comunicativo,

fala de modo claro e desinteressado da crítica exterior, os de outras raças mais capciosas - no dizer do senso comum - "falam por entre os dentes". Muito grande ainda é a diferença psicológica entre o falar de um latino e o do eslavo, ou entre o de um zulu e o de um parisiense.

Cada povo revela através de sua língua ou dialeto, com maior ou menor dispêndio de energias magnéticas, os estados psicológicos de sua própria reação ao mundo exterior e de seu entendimento íntimo espiritual. As raças parcimoniosas também são avaras no falar, enquanto que as pródigas se atropelam no seu vocabulário dispendioso e se fatigam na exagerada articulação. Do mesmo modo, há enorme diferença de gasto de energia vital e de esforço mental ao se pronunciar uma vogal ou uma consoante; nas vogais, é suficiente apenas o fluir do ar pelos pulmões para que os sons se produzam e se modifiquem conforme o simples mover dos lábios. No entanto, as consoantes sempre exigem movimentos mais vigorosos do aparelhamento de fonação, conforme seja a sua pronúncia mais gutural, nasal ou, então, um misto de ambas.

Para a pronúncia das consoantes, torna-se necessário abrir as cordas vocais com vigor, as quais, ao se unirem novamente, produzem os sons consonantais característicos; mas é evidente que, em regra, trata-se de um produto sonoro desarmônico, resultante mais do conflito vocal do que propriamente da singeleza harmônica, coisa que só é possível obter-se na pronúncia da vogal. É por isso que as consoantes, por si mesmas, não proporcionam exteriorização da linguagem humana; esta só se obtém pela união acertada das consoantes com as vogais. As consoantes não apresentam tons agradáveis, sonoros e flexíveis, mas apenas ruídos secos, sons abafados e recortados, que só se harmonizam em agradável mensagem sonora quando devidamente apoiada sobre a singeleza e fluência das vogais. E ainda se devem levar em conta as diferenças que existem entre as próprias consoantes entre si.

Pergunta: - *Gostaríamos que nos indicásseis algumas das diferenças entre as próprias consoantes, a fim de melhor apreciarmos os vocábulos da língua Esperanto. Não estaremos exorbitando o assunto?*

Ramatis: - Há profunda diferença de pronúncia, combinação, ajuste respiratório ou graduação tonal entre um **K** e um **M**. Enquanto o **K** se forma principalmente dentro da garganta, num tom gutural seco, podeis comprovar a produção excessivamente nasal do **M**, ou a tonalidade arfante do **F**. Durante o processo da linguagem ou do idioma de cada povo é claro, portanto, que a maior quantidade de consoantes, em seus grupos respectivos, também exige maior ou menor dispêndio de energias vitais, variando tanto na proporção de cada agrupamento consonantal, como na exigência de movimentos fisionômicos, labiais e características da fonação.

É tal a influência da predominância das consoantes, que, em uma longa oração pronunciada em voz alta e muito sobrecarregada de consoantes, mesmo que feita por exímio orador, elas chegam a provocar movimentos imperceptíveis e leves contorções fisionômicas em certos ouvintes, pois há perfeita ligação e relação entre o ouvido e os lábios humanos. Existem pessoas que só podem ouvir certas palavras, frases ou melodias, movendo os lábios, como a reproduzir nestes, forçadamente, o impulso vigoroso da palavra ouvida. Muito curandeiro, mago, ou "homem de milagres" que, através de suas palavras, tem se servido

desse segredo, levanta paralíticos, desata músculos entorpecidos ou transforma um covarde em um herói.

A linguagem provoca inúmeras movimentações energéticas no organismo humano, embora isso passe despercebido ao homem comum. Daí, pois, o motivo da especial e particular atenção que os mestres siderais dispensaram à questão fisiológica e etérica da pronúncia do Esperanto, bem como às modificações que se deveriam produzir por maior ou menor aglomeração de consoantes combinadas às vogais. Sob nossa visão espiritual, notamos até quando a mesma letra **H**, que é muitíssimo aspirada pelo alemão, produz modificações energéticas diferentes, se pronunciada pelo espanhol, quase à semelhança de um **G**!

Isso comprova, sem dúvida, que, para criar um idioma de caráter internacional, como o é o Esperanto, os mentores siderais tiveram que se aprofundar em estudos, com extremo carinho, a fim de verificarem todas as modificações fisiológicas que se processariam no aparelhamento de fonação de todos os povos, de acordo com a pronúncia de letras e vocábulos esperantistas, sem que, entretanto, estes perdessem o seu cunho original de expressão. Não podeis avaliar o milenário esforço despendido pelos técnicos espirituais, a fim de que o Esperanto se possa manter incólume e puro em sua feição original e sonoridade verbal, malgrado ser falado pelos mais heterogêneos temperamentos e condicionamentos psicológicos do orbe. Essa é uma das mais gloriosas realizações da "Missão Esperanto" sobre a Terra!

O Espírito do Esperanto

(Esclarecimentos de Ramatis)

Pergunta: - *Em um dos capítulos anteriores fizestes referências ao "Espírito do Esperanto", que deveria atingir uma unidade coesa e indestrutível. Podeis nos esclarecer melhor esse assunto?*

Ramatis: - Referimo-nos à essência íntima do Esperanto, ou ao seu fator intrínseco, que é conseqüência de ação diretora espiritual que o vem disciplinando desde longo tempo. Na concretização do Esperanto interferiram numerosas almas desencarnadas, que vêm operando na sua intimidade sob um plano metódico e harmônico, para proporcionar à Terra um idioma internacional lógico e definitivo. Houve, pois, uma verdadeira "liga espiritual", que lhe deu unidade e direção evolutiva, assim como a coesão molecular do vosso corpo físico depende da direção do vosso espírito.

Sob essa equipe espiritual permanece uma vontade, ou um "pensamento diretor", que coordena o objetivo verbal fraternista do Esperanto no seio da própria Mente Divina, em face de sua importância como mensagem de entendimento internacional entre os terrícolas. Sendo superior a qualquer outro idioma terreno, existe em sua intimidade verbalística um "fundamento psíquico", que coordena a sua harmonia central e a sua armadura interior, como se fora vigorosas colunas de aço a sustentarem os mais variados fragmentos de estilos arquitetônicos. Há no idioma Esperanto uma qualidade de natureza eletiva, à semelhança do que acontece com a Homeopatia quando certos enfermos se revelam acentuadamente eletivos para as suas doses infinitesimais e curam-se imediatamente.

Essa disposição de eletividade esperantista faz com que os seus cultores e intérpretes sejam aqueles que se elegem para o cultivo da língua, procurando-a mais como um efeito de simpatia psíquica e necessidade decorrente de sua própria evolução espiritual.

Em verdade, os homens se devotam ao generoso idioma fraterno e Internacional justamente porque já apresentam algumas credenciais, que os afinizam com o seu "espírito" de superioridade verbal destinado à confraternização entre todos os povos. Assim como a sensibilidade musical dos ouvintes aprimorados conduze-os a cultuarem a linguagem sonora e elevada dos grandes compositores, a qualidade espiritual do Esperanto também exige que os seus cultores já tenham eliminado da alma a cruzeza e o egoísmo, que os impediam do congraçamento fraterno entre todos os seres.

Pergunta: - *Quereis dizer que nem todos os indivíduos estão propensos a cultivar o Esperanto, devido à falta dessa importante "eletividade espiritual" para com o idioma; não é assim?*

Ramatis: - Dever-se-á considerar isso como um importante fator psicológico, pois é evidente que o homem cruel, o fanático e o egoísta não se afinizam ao jugo fraterno do

Esperanto, que é um- veículo de relações internacionais e não exclusivo de pátrias ou de povos isolados. Os homens sem vocação para a solidariedade e confraternização entre as raças e os povos, que permanecem apegados aos extremismos nacionalistas, não quererão perder o seu tempo no cultivo de uma língua neutra e internacional. O Esperanto, como idioma que prima só pelo essencial e pelo mais simples, pode ser falado lógica e claramente tanto nos templos suntuosos da religião nababesca como nos mais humildes labores espiritualistas; o seu linguajar pode ser usado, facilmente, tanto entre os nababos como na choupana do sertanejo pobre. Garantido pelo elo psíquico da supervisão espiritual do Alto, não se abastarda quando falado nas taperas, nem se torna empolado nos lábios dos cultos e dos poderosos; basta uma índole fraternista, para que logo se torne útil e valioso entre os homens de ânimo cordial, pois guarda a sua intimidade algo de parecido com a unidade milenária do Evangelho de Jesus.

Pergunta: - *Podeis nos dizer alguma coisa sobre essa semelhança do Esperanto com a unidade milenária do Evangelho de Jesus?*

Ramatís: - A semelhança entre o Evangelho e o Esperanto provém de que o Esperanto é também um código verbal certo e igual para todos os homens; é de qualidade essencialmente afetiva, porque é eletivo às criaturas de boa índole, que simpatizam com os movimentos universalistas. A sua mensagem messiânica está acima das orgulhosas barreiras raciais e dos patriotismos exagerados; é um admirável multiplicador de frequência verbal confraternizadora entre todos os povos da Terra, concorrendo para que os sentimentos racistas se adoçam através de um mesmo entendimento idiomático.

Ainda se descobre certa semelhança do Esperanto com o Evangelho de Jesus, porque a linguagem fraterna endereçada à humanidade, porém, simples, neutra, fácil de aprender, pura da pronúncia e exata na expressão. Em sua essência íntima transparece algo do sacrifício, humildade e ternura de Zamenhof, que o impregnou de sua verdadeira santidade e fortaleceu a sua unidade espiritual. Quando no vosso mundo se houver concretizado o sonho venturoso de um só povo e uma só língua, melhor compreendereis que o Esperanto não é apenas um veículo de entendimento verbal entre as criaturas espiritualizadas mas, realmente, uma doutrina filológica de eleição universal.

Essa compreensão ainda não é geral, porquanto o gosto e a preferência por um idioma universal só pode identificar almas inclinadas ao amor fraterno entre os homens, pois os tiranos, os egocêntricos e os ditadores - e os há muitos em vosso mundo - só respeitam e se devotam fanaticamente ao nacionalismo de sua raça; por isso eles se recusam a cultivar uma linguagem que os obrigue a um entendimento fraterno além dos seus interesses mesquinhos e do seu exclusivismo de pátria e raça, ou fora de sua parentela terrena. Sem dúvida, pesa-lhes até a perda de tempo para aprender um idioma, cuja função precípua ainda os impele em favor de outrem. Não vos é estranho o fato de governos totalitários, da Terra, ditadores draconianos, e inimigos da emancipação espiritual haverem proibido o uso do Esperanto em seus países, como Hitler na Alemanha e Stálin na Rússia.

Eis, pois, o Espírito do Esperanto e as principais características que muito o afinizam à natureza e índole doutrinária do Evangelho de Jesus, pois o seu linguajar superior é como uma fonte límpida situada no deserto da incompreensão humana, que mitiga a sede do viajero sedento de intercâmbio fraterno.

Pergunta: - *Por que motivo destacais tanto o espírito da língua Esperanto, quando existem muitos outros idiomas assaz divulgados na Terra, sem que por isso mereçam de vossa parte menção especial?*

Ramatis: - Assim o fazemos, porque o Esperanto também se destaca excepcionalmente de todos os demais idiomas, pois estes são sempre resultantes da evolução de uma tribo, de um povo ou de uma nação. A linguagem essencialmente nacional nasce dos costumes, interesses, necessidades e idéias de cada povo ou raça à parte; conforme se modificam e evoluem as coisas na psicologia de cada raça, também se aprimora e se amplia a textura vocabular da língua pátria. O idioma então evolui pelo contato diário e pelas relações pessoais dos mesmos indivíduos, restringindo-se ao campo de suas próprias emoções e aos seus conhecimentos limitados pelo ambiente pátrio ou familiar.

Qualquer dos idiomas atualmente predominantes no vosso globo, malgrado os vossos esforços para tornar um deles internacional, trará sempre o estigma da nacionalidade e as idiossincrasias de uma raça ou de um povo para com outro. Há de fracassar, portanto, na sua missão neutra porque, sendo de um povo com psicologia à parte, não pode servir de modo algum à psicologia de uma humanidade que há de ser internacional. Será língua sempre isolada que já trará vícios nacionais de origem, incapaz de poder atender à gama emotiva dos demais povos de nacionalidade e costumes diferentes, que a repeliriam como recurso verbal estranho e em oposição aos seus próprios anelos, sentimentos e textura moral. A linguagem usada pelo esquimó, que serve especificamente para interpretar a sua psicologia, os seus sentimentos letárgicos e as reduzidas emoções caldeadas no clima gélido, não poderia revelar o dinamismo, a vivacidade e a emotividade da raça latina, cuja vida fremente à flor da pele. Assim, um idioma exclusivo de uma só raça ou país, por mais que se encontre divulgado e esteja familiarizado entre outros povos, não se ajusta hermeticamente à índole de todos os habitantes da Terra.

O Esperanto, no entanto, possui este excelso espírito coesivo, que explicativos há pouco, porque se trata de língua que já nasceu emancipada, por ter sido cultivada sob um clima psicológico adulto e eclético, que a tornará tanto mais valiosa quanto maior for o seu cultivo entre as raças humanas. É um veículo verbal doutrinário, capaz de permanecer acima de todas as idiossincrasias e psicologias à parte, pois, sendo neutro a todos os povos, é evidente que não poderá ser afetado em seu mecanismo iniciático. Em vez de frágil idioma desenvolvido exclusivamente no seio de algum povo terráqueo, já tendo sofrido as proverbiais intervenções e adaptações lexicológicas, é um conjunto de postulados iniciáticos definitivos, genialmente estruturados pela universalidade do mundo espiritual superior e destinado ao uso coletivo nos milênios futuros.

O Esperanto não evolui da Terra para o Céu, na forma de um conjunto verbal considerado o melhor e o mais aperfeiçoado no trato cotidiano entre os homens de várias raças e credos, mas é dádiva descida do Céu por intermédio de um "medianteiro espiritual", como foi Luís Lázaro Zamenhof, cuja vida digna e crística correspondeu integralmente à confiança requerida pelo Alto.

Pergunta: - *Através de um conclave mundial, não poderiam os povos escolher um idioma em grande evidência para o consagrarem como único instrumento verbal de entendimento internacional? Atualmente, algumas nações importantes, que lideram*

econômica, cultural, científica e até politicamente outros povos, procuram divulgar intensamente o seu idioma e chegam mesmo a simplificá-lo para o melhor entendimento comercial. Que dizeis da competição de alguns países, pretendendo que o seu idioma pátrio se torne o exclusivo veículo de compreensão internacional?

Ramatis: - Não importa a escolha e a consagração de algum idioma de mais distinção e progresso, dos que atualmente predominem no vosso orbe, seja ele proveniente da nação mais poderosa do vosso mundo ou se revista de maior influência lingüística, pois não passará de uma "língua provisória", como já aconteceu tantas vezes no pretérito. Supondo-se que no passado os filólogos tivessem tido a mesma idéia, provavelmente teriam escolhido para isso o idioma atlante, o chinês, o persa, o hebreu, o caldeu, o lemuriano ou o egípcio, pois todos eles eram de grande predominância no mundo, variando apenas de conformidade com o poder e a glória do seu povo. As nações se assemelham aos seres humanos, pois nascem, crescem, envelhecem e morrem, por cujo motivo nenhum idioma essencialmente nacional poderá sobreviver indefinidamente, visto que não poderá atender às exigências do progresso futuro.

Mesmo os países em maior evidência e progresso, atualmente, não passam de coletividades condenadas desde o berço de sua formação; não lhes cabe o privilégio de sobreviverem além do prazo marcado pelas leis siderais, como já aconteceu com as grandes nações do passado. Se desejais conhecer o futuro dessas comunidades importantes, é bastante que consulteis a história desde a existência da Lemúria, para então verificardes que sempre se repetem os mesmos fatos, embora mudem os personagens, as roupagens e os cenários, que se apresentam, então, sob outras disposições estéticas. É possível que já não tenhais dúvida de que a velha Europa se encaminha para o túmulo das civilizações gloriosas do passado, pois não só já alcançou a sua maturidade, como também já sente a sua próxima derrocada. Gradativamente, outros povos e nações - aos quais ainda não tendes dado a devida atenção e valor - emergem de suas submissões coloniais e letargia, para se constituírem nas grandes civilizações do futuro. É a Lei Sideral, justa e disciplinadora que, em incessante atuação, rege o curso evolutivo da alma na matéria, embora os políticos, os líderes e os tiranos do mundo ainda não queiram reconhecer que suas pátrias também devem sucumbir sob o peso da mesma lei renovadora, do tempo!

Devido à Lei Cármica, os vencidos de ontem deverão sobrepujar os vencedores de hoje; os asiáticos já se libertam do jugo colonial das nações dominadoras e se emancipam para perturbar a velha Europa, enquanto se acentua nos europeus a preocupação de atravessarem os oceanos e emigrarem para os países novos e futuras glórias da Terra. Isto posto, sabereis que, apesar das glórias e dos progressos dos povos tradicionais, e malgrado o seu idioma já consagrado como um monumento verbal, nunca poderá esse idioma servir como veículo internacional, porque não possui a absoluta e virginal neutralidade do Esperanto, que não foi edificado sob um espírito de nacionalismo pátrio, mas já nasceu absolutamente destinado a todos os povos.

Pergunta: - *Não se poderá supor que algum povo moderno termine assimilando o Esperanto de tal modo que consiga transformá-lo em sua própria língua pátria, resultando disso um idioma bastardo ou com muitos vícios?*

Ramatis: - Já refletistes quão doloroso e difícil ser-vos-ia abdicar do vosso próprio idioma pátrio, extinguindo-o pouco a pouco em favor de outra língua, mesmo que esta fosse

neutra? Será muito difícil que, de princípio, qualquer povo admita o Esperanto como a sua língua nacional exclusiva, a menos que atinja a sua maturidade espiritual e se confraternize completamente com todos os demais povos. Demais, é evidente que, mesmo que um povo muito espiritualizado adotasse o uso exclusivo do Esperanto em toda a sua pureza iniciática de um idioma neutro, sempre teria de se submeter ao controle da entidade máxima e responsável pelo mesmo na Terra, que tem por objetivo velar pela sua integridade iniciática. E se porventura se verificasse qualquer abastardamento da língua, isso redundaria no aparecimento de um dialeto esperantista, coisa que sempre poderá acontecer; mas é indubitável que nunca se poderia tomá-lo como sendo o próprio Esperanto em sua pureza original, do mesmo modo como certos sincretismos religiosos, que se baseiam nos postulados do Espiritismo codificado por Allan Kardec, também não podem se intitular "Espiritismo", porque são apenas derivações que já sacrificaram a sua pureza original.

As excrescências, impurezas ou derivações, que porventura surgirem no Esperanto, de modo algum extinguirão a sua fonte original, cujo linguajar oficial é regido sempre pela entidade emancipada do idioma esperantista, capaz de mantê-lo íntegro em sua ação verbal. O Esperanto poderá fornecer alguma cota de vocábulos, regras ou inspirações a outros idiomas, mas os dialetos derivados do mesmo não serão idiomas de garantia oficial. Porventura denominais de inglês, francês ou espanhol a algaravia e confusão de regras, vocábulos e vícios de linguagem que os povos nômades fazem com essas línguas, numa expressão heterogênea e cacofônica?

O Esperanto assemelha-se a um peregrino que, atravessando todas as fronteiras de raças e preconceitos humanos, propõe-se a revelar, de modo neutro, os costumes, as alegrias, os ideais e as conquistas de todos os povos.

Pergunta: - *O Esperanto não apresentará certa predominância de raízes latinas sobre menor porcentagem de germânicas e de outros idiomas, do que se poderia deduzir que, devido a essa maior proporção idiomática latina, há ostensiva injustiça para com os demais povos não latinos? Estes não poderiam se considerar subestimados e antipatizar com tal processo, uma vez que afirmais que os povos são avessos aos idiomas estranhos à sua vida nacional?*

Ramatís: - As instituições esperantistas situadas nas principais comunidades astrais, em torno do vosso orbe, concretizaram o seu trabalho idiomático de modo a que o Esperanto possuísse o toque espiritual de todos os povos, sem despertar qualquer antipatia racista.

Em face do futuro declínio da influência européia e da constante emigração de europeus para as Américas, aumentam as áreas demográficas e mais se cultivam as raízes do espanhol, do português, e mesmo certas derivações do inglês, e isso tanto nas relações comerciais, sociais e artísticas como na esfera da mentalidade mais emotiva, do latino. Então não tardará que a flexibilidade, a riqueza de expressão e a sonoridade das línguas derivadas do latim passem a influir muitíssimo nos demais países do mundo, que pouco a pouco se deixarão influenciar pelos seus fundamentos atraentes. Daí, pois, a grande preocupação de Zamenhof em consolidar o Esperanto com as raízes latinas, que serão, no futuro, a ponte, o elo e o fermento unificador dos continentes que hão de sobreviver após a catástrofe de "fim de tempos", em que os escolhidos para a "direita" do Cristo serão também aqueles que já propendem para o intercâmbio do idioma universal.

Pergunta: - *Mas essa predominância de bases latinas poderia ter sido proveniente de simpatia particular de Zamenhof pelo latim. Que dizeis?*

Ramatis: - A prova mais evidente da nobreza e pureza das intenções de Zamenhof, isentas de quaisquer simpatias ou preferências pessoais, está em que, embora predominem no Esperanto as raízes do latim, as bases da língua eslava são mais reduzidas, apesar de se tratar justamente do seu idioma. Esse seu ato, inspirado pelo Alto, foi uma verdadeira consagração do seu trabalho, pois quem fez predominar neste as regras e bases latinas, ou seja Zamenhof, era um médico eslavo!

Ele cumpriu integralmente a missão que aceitara no Espaço quando ainda estava desencarnado, comprometendo-se a suprimir no idioma as raízes de sua própria língua pátria e assim se impor à confiança do mundo por esse elevado espírito de renúncia que, de início, já o garantiu contra a crítica malévola dos que o poderiam julgar um faccionista protegendo o seu próprio idioma.

Conforme já dissemos anteriormente, atrás de todas as coisas e ações humanas há sempre uma força que ou estigmatiza ou estimula os feitos humanos, dando-lhes, de início, o sentido bom ou mau, o êxito ou a frustração. Quando esse toque invisível se relacionar com um espírito de renúncia, que quer trabalhar pelo bem alheio, como no caso de Zamenhof, então o êxito e a glória do trabalho também se afirmam definitivamente. Daí a sublimidade da missão de Jesus, pois embora ele fosse de origem hebréia, sacrificou sua vida, em pungente martírio, para favorecer todos os outros povos estranhos à sua pátria carnal. Zamenhof também soube aproveitar esse toque divino e renunciar às bases lingüísticas de sua própria pátria, codificando o Esperanto com a maioria das raízes latinas já consagradas por outros povos. A medida que o Esperanto for se divulgando e os homens passarem a compreendê-lo no seu mecanismo internacional e na sua beleza iniciática latina, também crescerá a gratidão para com a raça eslava, que é o berço glorioso desse homem admirável. O mundo já não esconde a sua admiração para com o povo eslavo, em cujo seio nasceu aquele que inventou o mais abençoado mecanismo verbal de entendimento entre os homens de boa vontade.

Pergunta: - *Podeis nos explicar claramente quais os fatores que não de assegurar o completo êxito do Esperanto depois do "fim dos tempos", e de que modo estão eles se coordenando para tal fim?*

Ramatis: - Conforme já vos expliquei em obra anterior a esta, a próxima verticalização do eixo da Terra provocará várias modificações de ordem geológica e geográfica na crosta terrena, ocasionando movimentação das águas dos oceanos, que pouco a pouco invadirão certas faixas litorâneas, destruindo praias tradicionais, ao mesmo tempo que emergirão do fundo dos mares algumas ruínas de velhas civilizações da Atlântida e de outros povos desconhecidos até de vossa História comum.

Esses acontecimentos coincidirão exatamente com a era da "Besta do Apocalipse", símbolo do grande desregramento humano, e com a profetizada rebeldia satânica dos espíritos trevosos, que envidarão hercúleos esforços para destruir as edificações do Bem. Devido, porém, ao excessivo sofrimento e à perturbação que há de acometer toda a

humanidade, os homens terão que se unir entre si, de modo incondicional, a fim de sobreviverem e suportarem os efeitos da grande catástrofe. O clamor, o arrependimento e o remorso farão coro entre as criaturas, que terão então de sofrer as conseqüências dessa modificação física do orbe e do caráter do homem. A confraternização e a afetividade, que nascerão então entre as criaturas sobreviventes, hão de eliminar muitas das fronteiras nacionalistas e seitas religiosas separatistas, favorecendo a ,efusão espiritual tão desejada e proporcionando, então, o clima psicológico destinado a concretizar a divulgação e o sucesso completo do Esperanto entre todos os seres terrenos.

É claro que o advento completo do Esperanto ainda exige muitas etapas, que vão se estabelecendo lentamente mas, independente disso, e em face dos acontecimentos trágicos do fim deste século, forçosamente há de se produzir um clima psicológico favorabilíssimo para a mais ampla divulgação do idioma esperantista. Os continentes europeus remanescentes das próximas catástrofes fundir-se-ão em uma área mais extensa, por cujo motivo também se concentrará maior quantidade de criaturas em um só bloco homogêneo, formando menor número de raças e de idiomas, e isso dará oportunidade ao uso mais intenso de uma língua neutra e internacional. Essa aproximação entre as civilizações sobreviventes do "fim dos tempos", ou do profético "juízo final", há de extinguir muitos dialetos e línguas menores, obrigando-as a se fundirem em um só idioma capaz de atender às relações e ao senso psicológico resultante desses grupos agregados pelos mesmos acontecimentos dolorosos.

Desnecessário é dizer que, à medida que for se extinguindo no mundo a quantidade de idiomas heterogêneos, tornar-se-á mais fácil a criação de clima simpático para a difusão e o êxito completo do Esperanto. Como as línguas também nascem, crescem e morrem, fundindo-se com as mais predominantes na época, hão de se reduzir também as barreiras criadas pelas nações orgulhosas, evidenciando-se o Esperanto como um recurso mais inteligente, sensato e lógico, para todos se entenderem melhor no campo das idéias.

Eis por que o Esperanto também significa um dos sinais dos tempos, pois o seu advento ocorre justamente no limiar dos acontecimentos profetizados por Jesus e por todos os profetas bíblicos, e que os sensitivos já podem perceber em desdobramento, no correr dos vossos dias. É um idioma destinado a uma raça superior, mais perto do coração e mais alheio às complicações do intelecto; o seu conteúdo guarda profunda similitude com a mensagem evangélica de Jesus, uma vez que é também linguagem descida dos céus, convidando todas as raças a vestirem os seus, pensamentos e os seus sentimentos com o mesmo traje verbal fraterno.

O Esperanto e o Espiritismo

(Esclarecimentos de Ramatis)

Pergunta: - *Temos notado que o Esperanto é um idioma bastante simpático, pois além de ser aceito pelos espíritas, preferem-no também alguns sacerdotes católicos, adeptos do esoterismo, teosofistas e outros espiritualistas.*

Ramatis: - A rota do Esperanto é a mesma do Evangelho, pois ambos se afinizam. A medida que o homem se evangeliza, também se universaliza e, portanto, necessita de um idioma que corresponda com êxito e facilidade às suas avançadas aspirações por um melhor entendimento espiritual no mundo. Eis por que o Esperanto já possui cultores em todas as raças, credos, religiões e filosofias, embora devamos destacar que isso acontece porque se trata de pessoas que também são simpáticas e devotadas à melhoria da confraternização da humanidade. Esses esperantistas, pertencentes a diversos credos e filosofias, inegavelmente já constituem um fragmento da admirável humanidade fraterna do futuro, pois o Esperanto já está aferindo o grau dos seus sentimentos universalistas.

Os esperantistas, quer sejam adeptos ou não de qualquer crença, ou oriundos de qualquer raça, já se encontram distinguidos por significativa credencial espiritual, visto que na justeza da lei de que os "semelhantes atraem os semelhantes", as criaturas fraternas certamente serão inclinadas a adotar um idioma que vibre com os seus ideais também fraternos. Por isso elegem o Esperanto como a sua língua ideal é cultuam-no como o revelador dos seus sonhos de confraternização humana.

Pergunta: - *Alguns confrades espíritas asseguram-nos que o Esperanto é um idioma instituído e protegido pelo Além porque talvez facilite as relações verbais entre a humanidade desencarnada do mundo Astral. Cremos que não há necessidade de se falar esse idioma no Espaço, ante o poder telepático dos desencarnados; não é assim?*

Ramatis: - A comunicação pela telepatia é acontecimento natural apenas nas esferas espirituais mais altas e entre os desencarnados que já lograram o êxito de um bom desenvolvimento dos seus poderes mentais. Não tendes observado que, no vosso mundo, só possuem o poder telepático aqueles que o desenvolveram à custa de árida disciplina e tenaz esforço?

Conforme já vos foi explicado pelo irmão Atanagildo, nas colônias ou cidades astrais mais próximas da Terra é muito comum o intercâmbio verbal no mesmo idioma pátrio que os desencarnados usavam quando ainda permaneciam na matéria, pois essas comunidades espirituais se agrupam concentricamente sobre as cidades ou países terráqueos aos quais também melhor se afinizam pelos seus velhos costumes e hábitos tradicionais.

Enquanto as coletividades astrais que se situam nas imediações do Brasil e de Portugal se dão ao uso da língua portuguesa, em outros agrupamentos afins a países terrestres fala-se o chinês, o árabe, o hindu, o germânico, o eslavo ou o francês. Os seus habitantes

permanecem ainda impregnados de certo espírito racial e se ligam por isso aos continentes astrais de origem européia, americana, asiática ou africana, que supervisionam os seus movimentos e o progresso espiritual dentro dos princípios básicos da raça-mãe de que faziam parte na Terra.

Quase todos os espíritos recém-chegados da Crosta não podem se furtrar, de princípio, ao velho hábito de articularem a palavra ou a ouvirem fisicamente articulada; embora ingressem noutros planos vibratórios sutilíssimos, ainda agem e reagem sob a mesma índole mental a que se condicionavam no mundo terráqueo. O entendimento exclusivamente telepático e capaz de dispensar o mecanismo verbal só desperta no Além para os desencarnados que já são donos de uma vontade positiva e forte, bastante experimentada no trato do mundo carnal. O milagre ainda é condição desconhecida no seio do cosmo; qualquer faculdade psíquica, quer conquistada na Terra ou nos mundos espirituais, ainda é o produto de um grande esforço de auto-realização, e não um privilégio extemporâneo. .

Eis porque, nas esferas astrais, o Esperanto não só facilita o intercâmbio entre os desencarnados que, em tarefas de aprendizado, visitam outros agrupamentos astrais de raças diferentes, como é o idioma que ainda favorece o psiquismo dos futuros reencarnantes, dotando-os com princípios verbais que os impelem à confraternização universal no mundo físico. A divulgação do Esperanto entre os espíritas será de muito auxílio em futuros trabalhos de comunicações mediúnicas, quando as entidades provindas de várias raças puderem se manifestar em qualquer setor de trabalho diferente do da sua pátria terrena. Entendendo-se através do Esperanto, se identificarão melhor, o que não conseguem perfeitamente quando devem se ajustar diretamente ao idioma pátrio do médium.

Os doutrinadores e os médiuns que conhecerem o idioma esperantista inegavelmente poderão prestar melhor serviço no intercâmbio com os desencarnados, pois a maioria destes ainda se escraviza mentalmente à articulação da palavra, ignorando o poder criador do pensamento que, após à desencarnação, pode dispensar os recursos pobres, próprios dos mundos materiais.

Pergunta: - Não será um tanto inoportuna a preocupação dos espíritas em aliamem aos seus esforços doutrinários a divulgação do Esperanto? Isso não deveria ser tarefa exercida exclusivamente por elementos especializados no assunto e como um movimento à parte do Espiritismo?

Ramatís: - Toda instituição, doutrina, credo ou movimento espiritualista que aspire a unir e confraternizar os homens deve se obrigar à divulgação do Esperanto, pois num mundo onde a palavra falada ou escrita ainda é o principal agente de intercâmbio dos pensamentos humanos, o cultivo da mesma linguagem torna-se abençoado recurso para a mais breve fusão emotiva e sintonia psicológica entre as criaturas separadas pelas mais distantes latitudes geográficas.

O Espiritismo, como doutrina de caráter universalista, é divino fermento a aumentar todos os empreendimentos confraternistas; assim, cumpre-lhe incentivar todos os esforços humanos que tenham por objetivo a solidariedade e o entendimento entre os homens. Considerando que o Evangelho de Jesus é a mensagem espiritual definitiva para o homem alcançar o Caminho, a Verdade e a Vida, e o Esperanto a mensagem verbal .que multiplicará entre os homens a oportunidade de evangelização, o Espiritismo pode se tornar um admirável

traço de união entre ambos, porque a sua função também é a de renovar o espírito e proporcionar a Paz entre os homens!

PERGUNTA: - *Podemos saber se os espíritas são os mais eletivos à linguagem universal do Esperanto?*

Ramatís: - Os reencarnacionistas, e não só os espíritas, são os mais eletivos, pois certos de que as raças são condições provisórias e o mesmo espírito pode ter feito parte de todas elas em existências anteriores, torna-se mais fácil a eles afeiçoarem-se a um idioma de intuídos internacionais. E, como o Espiritismo é doutrina reencarnacionista e os seus adeptos são mais assíduos e objetivos num espiritualismo operante à luz do dia, afinizam-se muitíssimo com o Esperanto, por ser linguagem para todos os homens de todas as classes.

Assim como o homem interessado em sua renovação espiritual volve suas simpatias para a linguagem elevada e amorosa do Evangelho de Jesus, que o sintoniza com as faixas vibratórias mais elevadas, a criatura de sentimentos universalistas também encontra no Esperanto o mecanismo adequado para a sua generosa expansão emotiva.

Tudo na vida se submete à consagrada lei de correspondência vibratória, a qual disciplina o ritmo propulsor de simpatia ou de antipatia, que se manifesta nas relações evolutivas da vida. Sob essa lei sideral inviolável, ou os homens se amam sob um padrão afetivo de mútua nutrição espiritual, ou então se odeiam sob a ação das próprias energias que se degradam. Há quem goste exclusivamente da luz para dar expansão ao seu júbilo interior, enquanto outros preferem as trevas para ambiente eletivo de suas emoções. Enquanto o beija-flor prefere a luz do Sol para se fartar no perfume das flores, o morcego, embora também seja ave, aguarda a noite tenebrosa para realizar os seus banquetes macabros. Assim também ocorre com a linguagem humana; enquanto o homem desbragado, fescenino e libidinoso aprecia o baixo calão para revelar a sua preferência interior perversa, as almas educadas e espiritualizadas não só sentem repugnância ante o anedotário indecente, o palavreado ignóbil e a malícia irreverente, como também preferem o emprego de linguagem correta e elevada.

Enquanto há idiomas semelhantes a filigranas de arte sonora, que deixam no ar um sentido de poesia superior, outros apenas se revelam na forma de grossa algaravia própria das raças inferiores, cuja confusão de vocábulos, que se atropelam aos golfões, mais se parece com seixos atirados em cavernas de cimento! Por isso o Esperanto, que foi codificado para interpretar os pensamentos humanos afinizados à alta estirpe de uma idéia universal, é idioma de eleição entre os espíritas que também sonham com um mundo melhor. É claro que nos referimos aos adeptos "universalistas" do Espiritismo, que consideram a Terceira Revelação como o divino fermento que renova, ou mesmo como técnica que modifica para melhor, mas nunca uma doutrina sectarista e transformada em nova verruga religiosa no corpo do Cristo, que é universal!

Zamenhof e o Esperanto

(Esclarecimentos de Ramatis)

Pergunta: - *O fato de Zamenhof nascer na Lituânia e haver descendido da raça hebraica não tem, porventura, ligação com um plano diretamente supervisionado pelo Espaço? Poderíamos crer que Zamenhof foi realmente um predestinado para desempenhar a missão de introduzir o Esperanto na Terra?*

Ramatis: - Bastar-vos-á um pouco de reflexão para verificardes que o espírito de Zamenhof reencarnou na Terra exatamente no clima psicológico mais propício ao advento do Esperanto. Na época de seu nascimento, em meados do século XIX, sua pátria era palco de tal confusão de idiomas, que se poderia julgá-la um verdadeiro experimento prático de internacionalidade lingüística. Afora os inúmeros dialetos falados na pequena Lituânia, não só predominavam ali quatro línguas principais e diferentes entre si, como ainda eram várias as crenças dos seus habitantes. Devido ao desentendimento contundente entre as próprias famílias, pois que os seus membros mais íntimos tanto divergiam em matéria de fé como no falar, sucediam-se inúmeros conflitos que acirravam velhos ódios e culminavam em lutas sangrentas. Era um mundículo estranho, alimentado por objetivos contraditórios e assaz caprichosos, constituído por um punhado de criaturas que se odiavam e hostilizavam, em virtude de não se ajustarem satisfatoriamente através de um idioma pátrio comum.

Aumentava a desconfiança e se difundia o sarcasmo religioso entre todos, pois, se num mesmo país, entre homens da mesma raça e relacionados por um único idioma, não se conseguem evitar conflitos e crimes resultantes da diferença de crença religiosa, imaginai o que ocorria na Lituânia, na época do nascimento de Luís Lázaro Zamenhof, quando existiam ali quatro idiomas principais, que só serviam para implantar antipatias e desordens entre os seus conterrâneos.

Esse conflito idiomático e religioso entre os seus compatriotas é que despertou no cérebro daquele estudante pobre e profundamente fraterno o ideal de uma língua internacional, capaz de ser um veículo afetuoso de entendimento humano entre todos os homens. Como se tratava de um espírito assaz evoluído, Zamenhof não cogitou de instituir um idioma neutro apenas para a Lituânia, que era sua pátria, dividida pelo linguajar dos judeus, polacos, russos e lituanos, e ainda algemada pelas suas contradições religiosas, que acirravam ódios irremovíveis entre todos. Mas ele, reconhecendo que a sua pátria tão contraditória era apenas a miniatura do próprio mundo onde viera reencarnar, refletia em que, se todos os homens pudessem compreender-se sob um mesmo idioma, ainda que se tratasse de uma língua nova, não seria difícil uma aproximação e confraternização afetuosa entre eles. Graças, pois, à tenacidade e ao sacrifício, aliados à pureza de intenção e ao ideal que sempre lhe inspirara os atos, o jovem estudante Zamenhof conseguiu desempenhar a contento, na Terra, a sua grandiosa missão.

Pergunta: - *Os progenitores de Zamenhof também influíram para a realização desse ideal?*

Ramatis: - Os mentores da "Missão Esperanto" proporcionaram a Zamenhof o ambiente doméstico e a necessária influência psicológica dos seus pais, a fim de que a semente adormecida no seu coração boníssimo pudesse ser preservada até o instante previsto para a sua divina eclosão. Marcos Zamenhof, pai de Luís Lázaro Zamenhof, encontrava-se sob a tutela russa; era um excelente pedagogo, homem prático, decidido e reto nos seus deveres profissionais; a sua passagem pela Lituânia foi marcada por uma conduta própria de um excelente cidadão regrado, útil e benfeitor à sua coletividade. Rosália Soler, sua esposa, filha de comerciante hebreu, era um espírito de graduação superior no Espaço, pois, além de mulher terna e mãe extremosa que foi para com o seu primogênito Luís, foi realmente quem cultivou no seu coração os rebentos de alta espiritualidade, que depois deveriam predominar na sua fase adulta. As importantes manifestações de zelo, e o critério de elevado teor espiritual bastante desenvolvido em Zamenhof, desabrocharam graças ao rigor paterno e à doçura e estímulos maternos; mesmo os quatro irmãos e as três irmãs de Luís não lhe causaram aborrecimentos nem com ele promoveram conflitos de ordem sentimental. A vida da família transcorria sob a atmosfera de austeridade imposta por Marcos Zamenhof e suavizada pelo espírito compreensivo e delicado de Rosália Soler. Enquanto a terna Rosália acendia as luzes espirituais no coração de Luís, seu pai, enérgico, prático e sob a orientação do Espaço, modelava-lhe o caráter e impunha-lhe a disciplina tão necessária para que o seu idealismo frutificasse de modo positivo e lógico entre as dificuldades próprias do mundo material. Luiz Zamenhof muito gozou, também, daquele magnífico "bom senso" que na Terra caracterizou a figura impressionante de Allan Kardec por ocasião da codificação do Espiritismo. Tanto quanto sucede com o Espiritismo, esse bom senso ainda é hoje, também, a garantia indiscutível da estrutura doutrinária esperantista, na qual a ordem e a lógica constituem suas bases definitivas e suas regras fundamentais. Naquele pequeno caos de desentendimento idiomático e de hostilidades religiosas, que era a Lituânia, Luís Lázaro Zamenhof instalou o seu arsenal de boa vontade, disciplina e coerência, extraíndo, ao vivo, o material necessário para compor o magnífico idioma que há de ser, no futuro, o instrumento definitivo das relações verbais; entre os homens terrícolas!

Marcos Zamenhof, seu pai, além de ser homem disciplinado, prático e professor emérito, aceitara a profissão de censor de imprensa, desejando assim aproveitar seus avançados conhecimentos de línguas estrangeiras. Isto ajudou-o muitíssimo a desenvolver-se para compor e editar em russo vários livros didáticos sobre geografia, auxiliando-o também no desembaraço intelectual do seu primogênito, o que resultou para o filho em grande favorecimento para o estudo sensato das bases definitivas do futuro idioma internacional!

À semelhança do ocorrido com Allan Kardec, quando codificava o Espiritismo, Luís Lázaro Zamenhof sempre esteve debaixo da supervisão coordenadora dos mentores e técnicos desencarnados, do Além, impondo então a si aquela integridade de trabalho e honestidade de ação, que tanto enobreceram a estrutura básica do Esperanto.

Em verdade, foi ele um gênio que superou os mais difíceis obstáculos, e basta uma singela observação de sua vida abençoada para se poder comprovar que o seu caráter se firmou sobre três preciosos elementos, que foram do mais valioso préstimo à sua obra; Zamenhof herdara a inteligência e a energia do pai e o coração e a bondade da progenitora, mas também cunhara definitivamente, em si mesmo, as impressões do próprio lugar onde

viera nascer, compondo, assim, a moldura precisa para a sua obra esperantista que, acima de tudo, é um importante objetivo da natureza espiritual.

Pergunta: - *Zamenhof revelou desde cedo vocação para o Esperanto ou tudo foi produto de uma eclosão posterior, como às vezes ocorre na esfera da arte ou da ciência, quando se revelam gênios que antes viviam em completa obscuridade?*

Ramatís: - Ele foi um eleito pelo Alto para essa missão, pois a sua vida foi sempre de uma dedicação incessante para com esse nobre ideal. Desde moço se pôs a observar a falta de compreensão entre os polacos, russos, hebreus e alemães, cujas hostilidades, conforme já vos dissemos, geravam por vezes conflitos homicidas e requeriam até intervenção das autoridades para solucionarem as pendências sangrentas! Zamenhof percebeu a luta tenaz de cada grupo nacionalista, tentando impor o seu próprio idioma como língua oficial e de uso obrigatório em toda a região. Desses esforços dispersivos e egocêntricos se aproveitavam os mais hábeis políticos, e usufruíam vantagens pessoais, embora fazendo conluíus vergonhosos com interesses estrangeiros e prejudiciais à sua comunidade. A preocupação partidária do nacionalismo feroz, que cada grupo defendia sem qualquer consideração aos prejuízos alheios, as contendas insolúveis ante a heterogeneidade de vários idiomas falados no mesmo agrupamento pátrio, terminaram comprovando a Zamenhof que só seria possível uma solução definitiva pela adoção de uma língua neutra, capaz de não ferir os brios patrióticos de nenhum daqueles povos adversos.

E ele acabou por admitir que o próprio mundo terreno não passava de outra Lituânia em grandes proporções, onde as nações se atritam e semeiam a confusão sob códigos verbais tão diferentes. Não lhe restava dúvida de que as soluções definitivas na esfera da cultura, da benemerência e da paz do mundo só seriam possíveis quando também fossem compreendidos sob um único idioma de mútua confiança. Em conseqüência, o seu ardente ideal assumiu tais proporções que, de princípio, lhe parecia inconcebível, ante a necessidade de compor e espalhar um idioma que servisse a toda a humanidade. Mas ele não ambicionava criar uma língua neutra e nacional, capaz de só atender aos problemas psicológicos e emotivos do povo de sua terra natal; seu sonho ampliava-se pelo desejo de conseguir a fraternal solução para todos os homens. Por isso, desde muito cedo revelou a vocação messiânica para essa realização extraordinária, que somente a humanidade futura poderá compreender em sua grandeza e benemerência, tendo de reconhecer com humilde reverência a vida missionária de Zamenhof, que foi dedicada sacrificialmente ao advento do Esperanto e à compreensão fraterna entre a humanidade terrena.

Pergunta: - *Desde o princípio do seu trabalho Zamenhof já havia delineado essa admirável qualidade de síntese e simplicidade do idioma internacional?*

Ramatís: - Zamenhof pôs-se primeiramente a estudar os meios de ajustar uma linguagem simples, lógica e sem perigo de abastardamento, mas bastante fluente para servir a todas as classes, culturais e dificuldades de entendimentos humanos. Pensava na possibilidade de compor um idioma que se pudesse transformar num elo afetuoso e sensato, servindo tanto à mais requintada cultura, como às mentes mais empobreci das, acessível a todas as gentes e camadas sociais. Assim, ele esforçou-se para evitar que no futuro as bases

do seu idioma viessem a exigir massudos compêndios de excessivo vocabulário, como é muito comum às demais línguas desde a sua evolução e aplicação. Preocupava-o imensamente não só essa probabilidade de sucessivo aumento e incorporação de vocábulos novos ao seu idioma, como ainda o desenvolvimento dos povos futuros e suas inevitáveis modificações, obrigando-o a melhor ajustar o Esperanto a todas as surpresas e imprevistos.

Mas os seus elevados mentores assistiam-no sempre e velavam por seus ideais santificantes pois, à noite, quando ele se afastava do corpo físico, durante o sono benfeitor, eles aconselhavam-no sobre o que devia fazer de mais sensato. É por isso que no desenvolvimento do Esperanto sempre permanece admirável segurança iniciática tão bem disciplinada por Zamenhof, pois, embora aumente a necessidade filológica dos homens, persiste miraculosamente a qualidade inata desse extraordinário idioma fraternal.

Só a supervisão do Alto é que realmente poderia orientar o jovem estudante a entrosar tão sabiamente as raízes idiomáticas do Esperanto, que ainda hoje se afiguram o indestrutível alicerce de garantia contra quaisquer inovações e excentricidades.

Pergunta: - *Quais seriam as sugestões que os mentores espirituais teriam dado a Zamenhof, durante a sua vida carnal, para que ele pudesse acertar tão logicamente com o objetivo de compor um idioma internacional? Gostaríamos de conhecer quais as primeiras providências tomadas pelo Espaço, nesse sentido.*

Ramatís: - Inegavelmente, Zamenhof era um espírito genial e capaz de realizar na Terra quaisquer outras missões semelhantes à que lhe coubera para o advento do Esperanto, por cujo motivo entregou-se logo aos objetivos superiores que haviam sido traçados pelos seus mentores espirituais!

Como era sumamente observador, qualidade esta que ainda mais se aprimorou sob a disciplina paterna, não tardou em verificar que as principais dificuldades para um entendimento verbal fraterno entre os homens residia, principalmente, no uso de excessivo vocabulário sempre em crescimento e cada vez mais exaustivo. Então, em suas horas de reflexões importantes, os mentores espirituais puderam insuflar-lhe a idéia de que devia aproveitar os afixos e transformá-los em temas iniciáticos de uma língua neutra, os quais seriam então de mais fácil memorização e se tornariam as bases fixas e desejada garantia para a criação de outras palavras indispensáveis.

Bastante esclarecido pelo conhecimento de inúmeras dificuldades de línguas estrangeiras que havia aprendido com o seu progenitor, Zamenhof entregou-se afanosamente ao trabalho, vislumbrando o louvável e genial processo de reduzir satisfatoriamente a extensa quantidade de vocábulos comuns exaustivamente utilizados em cada, idioma. Dedicando-se a estudar os afixos já existentes nos principais idiomas falados, conseguiu então compor o "sistema de afixação", que é uma das mais preciosas glórias do Esperanto, submetendo-o à disciplina de suas dezesseis regras fundamentais.

Muitas vezes, em suas reflexões, pudera observar que a língua inglesa já apresentava um sistema particular, fixo, através de certas regras fundamentais, o que muito o ajudou na composição do Esperanto e do que, mais tarde, resultou certa semelhança entre as regras de ambos os idiomas.

Pergunta: - *Durante o desempenho de sua missão, Zamenhof encontrou sempre favorecimento para o êxito de sua obra tão útil à humanidade? Supomos que seu progenitor tenha sido um dos seus mais devotados colaboradores; não é assim?*

Ramatis: - Quase ao completar vinte anos de idade, Zamenhof recebeu entusiástica adesão dos seus colegas de Liceu, ao expor o seu projeto de uma língua auxiliar, que ele denominava de "nobre causa" e assegurava tratar-se de duradouro e valioso benefício à humanidade. Entretanto, à semelhança do que é muito comum suceder aos homens que se sacrificam pelo advento de um mundo melhor, ele também não tardou em ficar sozinho com os seus entusiasmos e idéias elevadas, curtindo tanto os sarcasmos e as conseqüências das descrenças alheias, como sofrendo forte hostilidade daqueles que nutriam interesses inconfessáveis no seio da confusão de sua pátria. Inúmeras vezes fora assaltado pelo desânimo, e só a permanente assistência do Alto, que supervisionava a sua espinhosa missão, impediu-o de reduzir os seus esforços e deixar-se abater ante a excessiva descrença e ironia humana, quase privando o vosso orbe desse grandioso benefício lingüístico que, no futuro, se tornará um dos mais fortes elos da sonhada confraternização humana!

E ainda um fato doloroso obrigou-o a perder o seu jubiloso entusiasmo quando exatamente já previa o primeiro sucesso esperantista conduzido pela sua vontade férrea: o progenitor de Zamenhof - que ainda exercia sua autoridade severa sobre o filho - influenciado por outros pedagogos e amigos da família e temendo que o jovem estudante de vinte primaveras adoecesse por excesso de trabalho, ou então ficasse perturbado no uso da razão e viesse a prejudicar os seus estudos médicos, exigiu-lhe o abandono definitivo do temerário projeto de compor uma língua neutra e de natureza internacional! O jovem Luís, embora considerando que o seu verdadeiro motivo de viver residia fundamentalmente naquele ideal sonhado desde tenra idade, mais uma vez se revelou obediente no seu caráter íntegro e humilde; aceitou a imposição paterna e abandonou os seus apontamentos sobre o idioma neutro, que ficaram esquecidos por algum tempo.

Pergunta: - *Acreditávamos que o pai de Zamenhof - por se tratar de criatura de grande cultura e conhecedor abalizado das dificuldades de outros idiomas pátrios - devesse ser um dos mais entusiastas colaboradores do filho, sentindo a grandeza, a lógica e a necessidade de um idioma internacional. Não deveria ser assim?*

Ramatis: - Muitas vezes o que significa para vós impedimento ou intervenção indébita do "destino" a dificultar objetivos e ideais elevados, pode-se constituir num elemento criador ou no "fogo sagrado" das elevadas realizações espirituais, que tanto beneficiam a humanidade e promovem a felicidade dos seres. Enquanto o jovem Zamenhof, durante o trabalho para atingir o seu grande ideal, era reanimado em suas decepções cotidianas pela doçura da progenitora, através de seu pai severo eram-lhe aguçadas as arestas do intelecto, e assim iam ficando ajustados os elementos práticos e indispensáveis, que deviam firmar a sensatez e a lógica, que ainda são as mais valiosas garantias do sucesso do Esperanto.

Aconteceu, então, que, tendo Zamenhof, por ordem paterna, seguido para Moscou, a fim de acelerar os seus estudos de Medicina, quis o destino que, após dois anos, ele devesse retornar à terra natal, devido à insuficiência de meios financeiros para manter-se na capital russa, e assim teve de continuar os seus estudos na Universidade de Varsóvia. Mas, assim

que tomou contato com o seu ambiente pátrio e familiar, sentiu-se novamente invadido por intenso entusiasmo, que lhe despertou ainda com mais veemência a antiga idéia de compor o sonhado idioma que servisse fraternalmente para o uso de todos os povos da Terra. Reconheceu, então, sem qualquer dúvida, que aquilo representava sua vida, os seus sonhos mais puros e o seu ideal mais perfeito! No entanto, debaixo de atuação sábia e inescrutável decisão dos mentores espirituais desencarnados, o pai de Zamenhof, temendo o desequilíbrio da razão do jovem filho, já havia destruído todos os seus cadernos, manuscritos e apontamentos que ainda pudessem auxiliá-lo na recomposição ou na reestruturação do projetado idioma.

Pergunta: - *Não podemos aquilatar como sensata essa intervenção dos espíritos mentores, na obra de Zamenhof, chegando ao ponto de inspirarem o seu próprio pai e destruir apontamentos valiosos e imprescindíveis ao êxito do idioma! Podeis nos explicar onde se encontra a lógica desse ato, que nos parece tão atrabiliário?*

Ramatís: - Como Luís era dotado de excelente memória, a destruição dos seus cadernos de apontamentos trouxe-lhe um benefício que só posteriormente se pôde avaliar; o pai havia destruído muita coisa supérflua e que, se fosse revista mais tarde, só causaria dificuldades ao jovem estudante para escoimá-las de erros e furtar-se à tentação de um aproveitamento inútil. Acresce ainda que, devido à necessidade de Luís rever mentalmente os escritos destruídos, isso favoreceu-lhe a eclosão de novos raciocínios e descobertas filológicas mais geniais!

Recorrendo à sua valiosa memória, ele conseguiu reconstituir com mais precisão muitos elementos essenciais ao seu trabalho, pois é comum em nossas evocações mentais, identificarmos os assuntos mais importantes do passado, enquanto o supérfluo fica olvidado na câmara do cérebro. Então ele deixou-se tomar definitivamente pela força do seu ideal messiânico; isolou-se do público e entregou-se a intensivo trabalho por mais de seis anos, em cujo tempo evitou até as imprescindíveis relações sociais, as diversões ou quaisquer outros desperdícios de horas úteis nos ambientes exteriores. A destruição dos seus cadernos afastou a sua atenção de muitos detalhes e elementos inúteis que, assim, não lhe atravancaram o labor exercido nos seis anos seguintes. Submetendo-se ao exaustivo trabalho de avaliar quais as distorções, prejuízos ou deformações que a "teoria" da língua pudesse causar, quando transferida para a vida prática do mundo, ele corrigiu e substituiu fórmulas, ajustou palavras e provou-as, cotejando-as sob todos os módulos imagináveis da voz humana.

Em face dessa heróica dedicação, o Além vibrou de júbilo, comoveram-se as entidades laboriosas e benfeitoras que haviam atuado incessantemente sobre o espírito de Luís Lázaro Zamenhof, assim como se fizeram ardentes vaticínios para a mais breve ventura espiritual da Terra, sob a dádiva abençoada de um idioma internacional. Muitas manifestações jubilosas se registraram entre os núcleos, departamentos e instituições de Esperanto sediadas no mundo Astral e circunvizinhanças ao vosso globo, pois graças à tenacidade e à genialidade do jovem Zamenhof, a criatura terrena já contava com o divino elo verbal de entendimento fraterno, podendo aplainar o caminho para o advento mais breve da telepatia, assim como integrar-se ao Evangelho de Jesus. O Esperanto estava pois estruturado de uma forma tão escoreita e sensata, que o seu êxito e a sua integridade ultrapassaram as próprias previsões dos seus mentores do Além!

Pergunta: - *Em seguida ao advento do Esperanto, Zamenhof dedicou-se exclusivamente a esse seu propósito tão ardentemente sonhado?*

Ramatis: - Depois de haver se diplomado como médico aos 26 anos de idade, Zamenhof iniciou a sua sacrificial missão de curador, necessária ao seu próprio sustento, porque então já se havia casado com Clara Zilbernil. Seu sogro financiou a edição de sua primeira gramática esperantista, com as dezesseis regras fundamentais do idioma, a qual, além de um vocabulário auxiliar, constituído por quase um milheiro de radicais, ainda continha o "Padre Nosso" e alguns versos.

Esse homem tão nobre aliava ainda à sua genial idade um generoso coração, pois, quando exercendo a profissão médica, não cobrava dos clientes que faleciam, assim como se recusava a receber dinheiro daqueles que não conseguia curar ou sequer aliviar os padecimentos. Embora fosse o editor das próprias obras esperantistas, renunciou sempre a todos os seus direitos, assegurando que "uma língua internacional dispensava proprietário, por se tratar de um idioma de propriedade comum". Realmente, tratava-se de um espírito de elevadíssima graduação no Espaço, pois Zamenhof, em vidas pregressas e no cumprimento de outras tarefas benfeitoras no campo lingüístico e da filosofia, já havia deixado outras réstias de luz no vosso globo!

Graças a esse elevado grau de renúncia, retidão de caráter e cristalinidade espiritual, foi possível aos mentores espirituais cimentarem o Esperanto como um idioma fraterno, pois realmente ele traz em seu conteúdo as vibrações amorosas do seu criador, que foi um espírito puro e essencialmente tolerante. O amor de Zamenhof para com a humanidade, e a sua abnegação em servir aos seus próprios detratores, impregnaram a língua Esperanto de uma vibração psíquica de ternura espiritual tão sensível, na sua expressão idiomática, que a maioria dos seus simpatizantes é atraída por essa aura de bondade que foi a marca predominante do seu grande missionário.

Este é um dos motivos por que os espíritos superiores transmitem continuamente para a Terra o slogan de que o "Esperanto é o Evangelho das línguas", pois Luís Lázaro Zamenhof ainda adicionou ao seu magnífico trabalho lingüístico as suas próprias vibrações de ternura, humildade e devotamento, lembrando os sublimes preceitos que inspiraram o próprio Evangelho de Jesus. Eis por que não lograram êxito outros idiomas e experimentações semelhantes, inclusive o "Volapuk" de Schleyer porque, além do seu visível artificialismo, complicações e arbitrariedades idiomáticas, faltavam-lhe a singeleza e o "dom" de simpatia espiritual, que emana continuamente do linguajar terno do Esperanto.

Pergunta: - *Zamenhof chegou a gozar, ainda em vida, a glória e o júbilo de sua obra tão notável?*

Ramatis: - O abnegado Doutor Zamenhof terminou seus dias vivendo sob a mais admirável modéstia e, tanto foi o seu incondicional amor ao próximo, que mereceu o apelido popular de "Médico-Providência", ficando assim definitivamente consagrado entre os homens de boa vontade e de bons sentimentos. Ele mesmo traduziu depois muitas obras para o Esperanto, inclusive a Bíblia Sagrada, Efigênia, Hamlet e outras.

Em princípios deste século, o Esperanto logrou o êxito desejado, e os próprios cientistas auxiliaram muitíssimo a sua divulgação, quando o reconheceram como um idioma

perfeito e emancipado para entendimento de todos os povos. A França, que já fora a pátria de Allan Kardec e comumente o berço da civilização moderna, mais uma vez glorificou a dádiva do Esperanto à humanidade terráquea quando, no ano de 1906, em Bologne-sur-Mer, promoveu o primeiro congresso esperantista. Zamenhof, que ainda pôde estar presente àquele elevado conclave, viveu dias de júbilo e sentiu-se compensado do seu heróico esforço e renúncia a favor do idioma. Enquanto isso, as flâmulas tremulavam ao vento, e a insígnia esperantista, da cor esverdeada e simbólica da esperança por um mundo melhor, se ostentava nas lapelas, parecendo anunciar o advento da confraternização do verbo humano!

Zamenhof deixou o vosso mundo em abril de 1917, tendo vivido 57 anos; o seu ingresso no Espaço foi através de imensurável esteira de luz balsamizada dos mais suaves perfumes das altas regiões celestiais, enquanto inefáveis vozes cantavam a glória imortal de ter sido ele o sublime mensageiro do mecanismo verbal para a mais breve aproximação entre os povos terráqueos! Seu corpo ainda dormia sereno no esquife forrado de rosas e palmas simbólicas; as insígnias do mundo ainda cercavam a sua derradeira morada física, mas o seu espírito já gozava a alegria imortal de ter cumprido fielmente o mandato celestial, pois o seu organismo de carne nada mais fora do que um glorioso instrumento de convocação ao verbalismo internacional e cristão do orbe. Ele pudera escrever, na superfície da matéria densa, o mais belo poema lingüístico da confraternização humana, cuja limpidez, beleza e ternura merecem que se as compare, em símbolo e virtude, ao doce Evangelho de Jesus, pois o que este ensina e recomenda poderá agora ser transmitido ao coração e ao cérebro de todos os homens sob as asas de ternura verbal do Esperanto. Sem dúvida, pois, o "Esperanto é o Evangelho das línguas".

Sonhos e Recordações do Passado

Pergunta: - *Desejariamos saber por que motivo certas pessoas conseguem recordar com bastante clareza certos acontecimentos vividos durante os sonhos, enquanto outras não têm qualquer noção do que lhes sucede à noite. Poderíeis dar-nos explicações a esse respeito?*

Ramatis: - A maior ou menor porcentagem de clareza na recordação dos sonhos depende muito da maturidade espiritual do indivíduo e da tessitura do seu perispírito, assim como se favorece pelas experimentações esotéricas ou iniciáticas que porventura já tenha ele cultivado com êxito, nesta ou noutras vidas pregressas. A Lei Espiritual determina, com justiça, que a cada um seja dado conforme sua obra, e não faz concessões ou dá privilégios extemporâneos a quem quer que seja. Aqueles que conseguem lembrar com precisão dos acontecimentos vividos à noite, a distância de seu corpo físico, não usufruem de qualquer direito espiritual imerecido ou prematuro, mas servem-se de sua própria faculdade psíquica desenvolvida alhures.

O perispírito não é apenas um organismo estruturado com a substância do mundo astral invisível, mas ainda é interpenetrado pela essência mais sutil do plano mental, que também impregna profundamente toda a intimidade do orbe terráqueo e o põe em contato direto com a Mente Constelatória, que é a responsável pelo progresso e sustentação cósmica do sistema em que viveis. Quando durante os sonhos o perispírito fica em liberdade, a sua visão depende muitíssimo da intensidade e da natureza da carga energética que ele já conseguiu movimentar e assimilar em sua própria contextura, e que o coloca mais vivamente em contato com os acontecimentos no mundo astral. As imagens astrais que, através do fenômeno da repercussão vibratória, depois se transmitem do cérebro perispiritual para o cérebro físico, serão evocadas com tanta clareza ou obscuridade quanto também tenha sido o êxito de sua focalização pelo próprio perispírito fora do corpo carnal. Como o perispírito sofre em sua contextura até a influência da própria alimentação material, os carnívoros, por exemplo, são mais letárgicos em sua sensibilidade psíquica, porque as fortes emanções de uréia e de albumina que exsudam as vísceras animais durante a digestão, costumam obscurecer o delicado tecido etéreo-astral. O vegetarianismo contribui para higienizar a estrutura do perispírito, livrando-o dos fluidos viscosos da aura do animal sacrificado, cuja carne se decompõe no estômago humano; recorda o fato de que as lentes dos óculos se conservam límpidas quando não sofrem os efeitos da gordura exsudada pelo calor do rosto. Os exercícios "prânicos" respiratórios, a catarse mental, as reflexões elevadas e a disciplina esotérica, que avivam a memória e potencializam a vontade, também contribuem muitíssimo para que a consciência da criatura se mantenha desperta quando, durante o sono, consegue sair em corpo astral.

Pergunta: - *Quer isso dizer, então, que os sonhos são produto exclusivo da nossa saída noturna em corpo astral, quando entramos em contato mais direto com os espíritos desencarnados e o mundo invisível do Além-Túmulo; não é assim?*

Ramatís: - Convém não generalizades esse acontecimento, que nem sempre se ajusta aos fenômenos propriamente conhecidos como sonhos, pois existem certos fatores que distinguem bastante os estados psíquicos manifestados durante o repouso noturno, sem que por isso o espírito se afaste do corpo físico. Algumas vezes o indivíduo tem pesadelos provocados pela má digestão ou devidos à posição espasmódica do corpo físico mal acomodado no leito; doutra feita, podem ocorrer emersões da memória etérica e o espírito rever cenas de suas encarnações anteriores, confundindo-se com a fenomenologia comum dos sonhos. Podem ocorrer, também, associações dos principais acontecimentos verificados durante o dia e que, à noite, surgem então na mente na forma de quadros mórbidos ou exóticos, compondo cenas extravagantes com objetos, animais ou outras coisas terrenas, que são levadas à conta de sonhos confusos. Não vos deve ser estranho o caso de alguns estudantes ou intelectuais que, após exercícios mentais muito vigorosos passam a noite inteira a remoer impressões fatigantes, como se vivessem os mesmos acontecimentos cotidianos.

Finalmente, é muito comum o fato de o espírito abandonar o seu corpo físico durante o repouso noturno, a fim de participar de atividades espirituais de conformidade com o seu grau evolutivo: alguns põem-se facilmente em contato com seus parentes, amigos ou preceptores, de cujas conversas, apelos ou admoestações se recordam nela manhã na forma de sonhos mais nítidos. Geralmente, o homem só guarda uma vaga idéia dos acontecimentos astrais vividos durante a noite e, como não consegue compreendê-los em sua verdadeira significação astralina, explica-os como sendo produtos de impressões trazidas pela saudade das velhas amizades ou dos parentes já desencarnados. Quase sempre o espírito, ao deixar o corpo, estaciona no limiar dos mundos material e astral, sem poder perceber com clareza os fatos que lhe sucedem nessa região limítrofe, onde ele confunde tanto as impressões do dia como também as seqüências próprias da visão espiritual. Então os acontecimentos ficam misturados de tal modo, que se torna impossível distinguir-lhes a verdadeira natureza.

Pergunta: - *E por que motivo não recordamos com clareza aquilo que vemos durante a saída do nosso perispírito, no sono, quando é certo que então estamos de posse de nossa memória integral?*

Ramatís: - Isso acontece pela mesma razão que já vos expusemos anteriormente, fazendo ver que o corpo astral, ou o conhecido perispírito, é um veículo de textura eletiva só do mundo astral onde, depois da morte do corpo físico, é que passa a se mover tão livre e conscientemente quanto seja o grau de evolução sideral do espírito. Enquanto ele ainda se conserva encarnado, todos os acontecimentos de que participa no mundo invisível são fixados exclusivamente no seu cérebro perispiritual porque também se sucedem noutras dimensões inapropriadas à recepção grosseira do cérebro físico. Embora a memória do perispírito se amplie incessantemente pelos acontecimentos em que continua a tomar parte no plano extramaterial, o cérebro físico permanece alheio a tudo, pois só é responsável pela fenomenologia e pelos fatos próprios da matéria e entrevistados unicamente pelos cinco sentidos da carne. Pela manhã, quando o espírito retorna ao seu organismo de carne, que abandonou durante o sono, não lhe é possível transmitir ao cérebro físico, com a desejada limpidez, a ordem e a natureza dos acontecimentos que foram observados e vividos astralmente só através do cérebro do perispírito. E a razão é bem simples: evidentemente, o cérebro carnal não pode identificar com fidelidade as cenas e os acontecimentos de que não

participou diretamente, e que só foram vividos pelo cérebro astral quando fora do corpo físico. Assim é que as ocorrências de que o espírito participa, em cada nova encarnação, ficam definitivamente gravadas no seu próprio perispírito ou na sua memória etéreo-astral, como acervo de sua consciência espiritual definitiva, que é continuamente fortalecida e ampliada pela síntese das memórias das existências físicas pregressas. O perispírito, como sempre sobrevive à morte do corpo carnal, conserva então consigo tanto as imagens dos acontecimentos de que participa fora do corpo, no seu mundo astral, como aquelas que tenham sido fixadas pelo cérebro físico. Mas aquilo que o espírito só percebe quando livre no plano astral e fora do seu corpo físico, é óbvio que só é gravado no cérebro do perispírito, sem o conhecimento do cérebro de carne, porque este permanece ignorando o acontecimento. Às vezes, e com muita dificuldade, o cérebro perispiritual consegue fazer repercutir suas lembranças no cérebro físico, mas elas só se forjam na forma de evocações fantásticas, que mais tarde deixam dúvidas quanto à sua veracidade.

Pergunta: - *Quando o espírito volta para o corpo físico, não deveria a sua memória astral conjugar-se automaticamente à memória do cérebro carnal?*

Ramatís: - Aquilo que é visto e vivido pelo cérebro físico transforma-se em conhecimentos definitivos para o espírito, visto que este sempre se encontra presente a todos os acontecimentos em ambos os mundos, o material e o astral; mas aquilo que o espírito só percebe ou de que participa quando em liberdade no astral, não pode ser registrado no cérebro físico, pela simples razão de que se mantém ausente. Deste modo, é muito difícil ao espírito, quando encarnado, recordar com clareza as suas saídas astrais, ou então evocar acontecimentos que só foram vividos noutras existências anteriores, pois embora tudo isso esteja realmente gravado no cérebro do perispírito imortal, continua a ser da mais completa ignorância do cérebro físico de cada nova encarnação.

Uma vez que o cérebro carnal não pode perceber acontecimentos que, durante a noite, são presenciados unicamente pelo perispírito, ou que se registraram em outras encarnações e só foram observados por outros cérebros já "falecidos", é evidente que também não poderá recordá-los através de nova consciência gerada no mundo físico e completamente alheia ao pretérito! Se não podeis transportar para o cérebro físico, em cada nova encarnação, a lembrança dos acontecimentos gravados exclusivamente no cérebro do perispírito imortal, é natural que, durante a nova existência carnal, também não possais recordar o passado, salvo por efeito de aguçada sensibilidade psíquica ou através de alguma experiência psíquica incomum, como no caso da hipnose. As evocações do passado, no entanto, tornam-se possíveis àqueles que se ausentam com facilidade do corpo físico, pois a libertação astral, quando assídua, muito ajuda a projetar a memória perispiritual para o cérebro de carne. A maior familiaridade dos orientais para com o fenômeno do mundo oculto e os seus labores iniciáticos permitem-lhes maior revivescência da memória etéreo-astral, fazendo-os recordar-se dos fatos mais importantes das suas vidas anteriores.

Pergunta: - *Podeis nos explicar com detalhes a natureza desse fenômeno que se processa entre a memória dos dois cérebros – o perispiritual e o físico – de modo a que possamos nos assenhorear melhor do assunto?*

Ramatís: - Os acontecimentos de vossa presente existência não poderão ser recordados com nitidez, nas vossas encarnações futuras, porque o cérebro físico, que vos serve de arquivo para todas as lembranças e fatos vividos atualmente, há de se desintegrar na cova do cemitério, depois da morte carnal. Entretanto, todos os acontecimentos de agora, ou ocorridos nas vossas existências anteriores, não de permanecer fielmente gravados no vosso cérebro perispiritual que, sendo imortal, é órgão que preexiste e sobrevive à destruição de cada corpo físico, compondo a memória verdadeira e definitiva do espírito.

O cérebro do perispírito poderá ser comparado a um negativo fotográfico que tivesse a propriedade de gravar a lembrança de todos os fatos ocorridos convosco em cada existência física, para revelá-los à alma desencarnada a qualquer momento desejado. Isso já não poderá suceder com o cérebro de carne, porquanto este só pode registrar os fatos ocorridos em uma só existência física, constituindo apenas uma memória provisória, que depois desaparece no seio do túmulo terreno. No entanto, graças aos neurônios magnéticos do cérebro do perispírito, todas as impressões vividas pelo homem encarnado se transferem para ali, nítidas e inapagáveis, para se incorporarem aos registros sobreviventes e definitivos da memória etéreo-astral, que reúne a, memória de todas as encarnações anteriores do espírito. Então as lembranças do passado, que ficam definitivamente arquivadas na memória perispiritual, podem se manifestar com mais facilidade à luz da consciência do espírito desencarnado; mas, durante a existência física, o cérebro carnal se assemelha a um anteparo ou biombo que obscurece as recordações do pretérito, assim como os óculos pretos reduzem a visão normal da criatura diante de uma paisagem, por mais bela que seja.

Quando o perispírito se ausenta do corpo material, o cérebro físico se antepõe, depois, à clareza das imagens que não presenciou, dificultando a sua devida filtração para a mente desperta no mundo terreno. Posteriormente, através de alguns ecos vibratórios, como se fossem os últimos movimentos de uma rede após o seu balanço inicial, é que então o homem guarda, ao despertar, algumas vagas recordações da sua atuação livre no mundo astral, que em seguida considera como sonhos indistintos, emersões do subconsciente ou então produto das influências cotidianas.

Pergunta: - *Gostaríamos que nos dissésseis alguma coisa sobre os motivos por que certos indivíduos chegam a perder a memória, ou a faculdade de escrever ou de falar no seu próprio idioma pátrio. Podéis atender-nos?*

Ramatís: - Realmente, às vezes, devido a certa lesão que pode ocorrer num centro sensorial do cérebro físico, o espírito chega a perder a capacidade de escrever no seu próprio idioma pátrio, embora, para espanto dos menos entendidos, ele consiga escrever noutra idioma do qual porventura tenha conhecimento. É como se, por exemplo, ficasse destruída a chave da instalação elétrica da luz forte dos faróis de um automóvel, obrigando o motorista a socorrer-se da luz fraca, que ele só usava acidentalmente. Mas é evidente que, assim como o defeito na chave da luz forte do automóvel não indica nenhuma lesão na capacidade comum do motorista, que então passa a se servir de outro meio para superá-lo, a supressão de um centro sensorial, no cérebro físico, não indica redução ou mesmo ausência de capacidade do espírito, que também é imortal. Será bastante que o espírito se exercite para o despertamento de um novo centro sensorial no cérebro físico e cuide de avivar a sua memória no treino com o idioma esquecido na consciência em vigília na matéria, para que, pouco a pouco, também

se transmita da memória astral para a física a lembrança do conhecimento lingüístico que foi esquecido.

Pergunta: - *Temos conhecido algumas pessoas que se recordam com certa clareza de suas vidas anteriores, assim como de suas saídas conscientes para o mundo astral. Que é que as ajuda em tal possibilidade incomum?*

Ramatís: - Certas criaturas puderam, no passado, desenvolver suas forças mentais através de severa disciplina iniciática que, agora, as ajuda a sensibilizarem o perispírito e a tornar mais lúcida, então, a memória astral. Com tal recurso, conseguem atuar, nesta existência, com algum êxito na consciência pregressa, pois a sensibilização de sua memória integral atua com mais vigor sobre as fronteiras de ambas as vidas, física e astral. É assim como se pudessem dar uma espiadela no seu mundo interior, sem precisar abandonar a janela carnal, ainda aberta para o mundo físico. Como o cérebro de carne não pode registrar simultaneamente os acontecimentos da vida física e da astral, a memória de cada uma dessas vidas só pode ser cultivada à parte. Como exemplo rudimentar, lembramos o que se dá com as fitas magnetizadas, dos gravadores modernos, que, para se evitar a confusão, devem gravar cada assunto em separado, pois não podem agüentar a carga de duas gravações ao mesmo tempo.

Pergunta: - *Mas o certo é que, ao tentarmos recordar o nosso passado, só deparamos com um vazio, que se estende para além do berço físico em que nascemos, enquanto somos dominados pela desilusão e pelo ceticismo, que nos fazem duvidar de que já tenhamos vivido outras vidas anteriormente. Na realidade, as nossas convicções de imortalidade e reencarnação - cremos - provêm mais da força de nossa fé e confiança no Criador, do que mesmo da certeza ou das lembranças de outras vidas!*

Ramatís: - Reconhecemos a existência dessa decepção que alegais em vossas indagações sobre as existências anteriores do vosso espírito na matéria, pois em vidas menos felizes, aí na Terra, também já fomos vítimas de igual ceticismo e desilusão! Aliás, mesmo depois da morte corporal, nem todos os desencarnados conseguem, de início, recordar-se de suas vidas progressas, pois é evidente que cada espírito transpõe a sepultura com a bagagem íntima de sua própria concepção do que seja a vida cósmica.

Ainda existem muitas almas que, embora já tenham completado mais de um milênio de encarnações terrenas, não têm ainda a consciência exata de sua vida no Além-Túmulo pois, em face do seu acanhamento mental, permanecem exclusivamente condicionadas às impressões reduzidas da vida física. São entidades retardadas no seu despertar espiritual e incapazes de qualquer auscultação psíquica, bastante impossibilitadas das reflexões íntimas, que lhes permitiriam ampliar a noção de "ser" e de "existir" e livrarem-se dos estímulos condicionados do mundo exterior.

Na verdade, o escafandro de carne é um grande abafador da memória transcendental do espírito, mas esse mal ainda mais se avoluma diante da proverbial negligência de quase todos os homens para consigo mesmos quando, além do desinteresse pela sua própria estrutura espiritual e pelo despertar de suas forças mentais, ainda atrofiam os seus delicados centros psíquicos sob o guante dos vícios e das paixões animais! Os terrícolas, em

geral, vivem isolados no seio da carapaça física, não sabendo que serão bem contristadores a surpresa e o temor quando, após a desencarnação, comprovarem que a sua verdadeira individualidade não se resumia no corpo de carne entregue à cova terrena, mas residia justamente no espírito, tão subestimado e esquecido na existência física.

Tal situação, que é muito comum depois do "falecimento" e de o espírito se desvincular das ilusões terrenas, acabrunha dolorosamente aqueles que confiam demasiadamente na personalidade transitória da matéria. Só lentamente retornam à memória real das vidas pretéritas, quando então se apresentam despertos para avaliar a justiça dos seus sofrimentos e a importância das vicissitudes humanas, como fatores que elevam a alma para as regiões superiores. Apagam-se-lhes as últimas ilusões ante a comprovação da verdadeira vida do espírito, a qual se sobrepõe à insignificância dos nomes, privilégios e preconceitos terrenos, que tanto hipnotizam as criaturas no culto e no apego fanático às formas percíveis da matéria.

Entretanto, a morte, por mais tétrica e impiedosa que vos pareça, não passa de um processo técnico, justo e inteligente, com que o Criador transforma o "menor" em "maior" e o "inferior" em "superior". Também há de chegar o dia em que deixareis de sofrer o ceticismo e a desilusão de ignorar o passado, pois então a vossa consciência será unia só manifestação, liberta do tempo e do espaço; todas as vossas existências físicas serão apenas como as contas de simbólico e infinito colar, ligadas intimamente pela natureza imortal do espírito!

Pergunta: - *Temos observado que os sonhos, em geral, se apresentam em cores preto-branco. Por que motivo só raramente eles são em cores diversas?*

Ramatís: - À noite, quando o espírito abandona o seu corpo adormecido e contempla diretamente as paisagens ou os acontecimentos que se sucedem no mundo astral, a sua percepção psíquica o capacita a fixá-los nas suas cores correspondentes, mas isso não ocorre quando se trata de sonhos produzidos pela emersão da memória astral das vidas passadas ou mesmo das lembranças cotidianas, cujas imagens, então, se apresentam em preto-branco, mesmo porque são mais comuns as evocações pretéritas e as influências da vida carnal cotidiana quando o espírito se ausenta do corpo físico adormecido.

Uma grande parte dos sonhos é apenas conseqüente dos desejos e impulsos instintivos da criatura, que emergem à noite, impulsionados pela própria luta interior que a alma sustenta entre o senso crítico do inconsciente e do consciente. Neste caso, o sonho é quase que só a revivescência dos próprios conflitos da vida física, que se transformam em imagens atropeladas pelas emersões e recalques mentais, e não qualquer visão ou participação direta do espírito no mundo astral. Quando os sonhos são coloridos e acompanhados de impressões vigorosas, nitidamente recordadas ao despertar, em verdade não se trata de sonhos fantasiados, mas de acontecimentos reais que foram vividos pela alma durante a sua saída astral. Por isso, embora fatos ocorridos durante uma vivência íntima fora do corpo físico, deixam a sensação perfeita de coisas objetivas, que são gravadas definitivamente pela alma encarnada. Em sua maior parte, os sonhos coloridos são frutos dessa observação direta da própria alma nos seus fugazes momentos de liberdade astral, pois quando se trata apenas de flutuações do subconsciente ou de reminiscências da vida cotidiana, à noite, se transformam em imagens branco-pretas.

Os sonhos descoloridos não passam, pois, de emersões dos conflitos emotivos ou dos desejos represados pela alma encarnada no estado de vigília, pois quando a consciência

comum da matéria adormece, dominam então os dramas, as aventuras e os recalques ou acontecimentos interiores, que se projetam como ecos de angústias e aflições mentais. No entanto, quando se trata de fatos percebidos diretamente no turbilhão incessante das cores do mundo astral, eles ficam gravados na consciência física como lembranças agradáveis, que o espírito conserva com clareza até o despertar, como seqüências reais vividas fora do corpo carnal.

Pergunta: - *Pensamos que, durante a sua liberdade astral, o espírito poderá ingressar nos cenários coloridos dos planos purgatoriais. Nesse caso, as suas impressões detestáveis não deveriam ser recordadas pela manhã, na forma de fatos ou emoções desagradáveis?*

Ramatís: - É evidente que as recordações matinais, dos acontecimentos vividos fora do corpo físico, serão tão nítidas quanto tenha sido a clareza da visão astral, de acordo com a maior ou menor capacidade da memória no estado de vigília física. No entanto, como a tendência natural do espírito humano é a de olvidar as coisas que lhe causam angústia ou lhe são desagradáveis, o cérebro do perispírito se desinteressa da conservação das lembranças de acontecimentos hostis, guardando apenas as que causam alegria e satisfação.

É uma tendência que se comprova até nas criaturas que se deixam vencer por arroubos de saudosismos e que se põem a evocar a sua infância ou mocidade; notai que elas só suspiram pelos momentos agradáveis que passaram, e raramente recordam as vicissitudes e as decepções dolorosas já vividas. O espírito também lança ao esquecimento os cenários mórbidos e repugnantes que entrevê à noite, em sua saída astral, e retoma logo o corpo apenas este pressinta a estranha sensação de algum sonho detestável ou perturbador. No entanto, se ele visitou cenários empolgantes, onde predominaram as paisagens encantadoras, as flores formosas, os perfumes embriagadores e as cores resplandecentes, a sua tendência comum é a de evocar, o mais vivamente possível, o panorama paradisíaco e as belezas entrevistas fora do corpo físico, pois as imagens enternecedoras e emolduradas pela fulgência, cor e perfumes das coisas e paisagens celestiais, que lembram venturosos mundos de fadas, tornam o despertar da alma impregnado das mais suaves recordações e poesias. No retorno ao seu organismo de carne, ela insiste em evocar os sonhos maravilhosos, mas retrai a memória astral das impressões desagradáveis porque, em instintiva defesa, compreende que as recordações angustiosas lhe desarmonizam o psiquismo.

Pergunta: - *Quando se fala em "sair em corpo astral", deve-se compreender isso como o único meio que tem o espírito para poder penetrar no "outro mundo"? O corpo carnal representa, então, um cárcere absoluto, capaz de isolar a alma do seu verdadeiro mundo, que é o espiritual?*

Ramatís: - Visto que a verdadeira vida do espírito é, realmente, aquela que se exerce livre da matéria, é evidente que ele luta constantemente para se livrar de sua prisão carnal. E, se não o consegue mais cedo, é porque o instinto natural de sobrevivência animal não só lhe dificulta a ação, como ainda o escraviza sob o guante das paixões mais violentas! · Alguns espíritos débeis se entregam ao ópio, à cocaína, à maconha, à morfina e outros

entorpecentes, na ansiedade intuitiva de se libertarem do jugo obrigatório do corpo de carne, para então gozarem de alguns momentos de liberdade astral e fugirem de si mesmos. Em face de a maioria dos terrícolas viver algemada ao sofrimento e às vicissitudes morais, anseia por alguns momentos de fuga para as regiões jgnotas do reino espiritual! As almas encarnadas, embora tenham obliterada a sua memória astral, sentem-se dotadas de poderes que, dia mais ou dia menos, as lançarão pelo espaço cerúleo afora! Então lançam mão de drogas inebriantes, que funcionam como portas que se entreabrem para os mais afoitos e desesperados que, entorpecendo o corpo, tentam alguns momentos "paradisíacos" pela fuga deliberada dos grilhões vigorosos dos cinco sentidos do mundo físico. Usam, então, todo tipo de narcóticos, sedativos, entorpecentes e drogas extraídas de vegetais, plantas, frutos e raízes, que atuam nos interstícios etéricos do perispírito, isolando-o momentaneamente das grades físicas. E, à medida que a humanidade terrícola mais sofre e se contradiz, a ciência humana, em lugar de socorrer-lhe o espírito enfermo a se debater na prisão material, ainda cria novos produtos sintéticos, a granel, que incentivam os tímidos às fugas improdutivas da dor e das vicissitudes morais, mas não solucionam os seus problemas e tormentos milenários da alma. A benzedrina, os barbituratos, os brometos, o cloral e os derivados dos mais vigorosos entorpecentes funcionam como novos estupefacientes, que alimentam esse desejo crescente da "fuga", propenso a culminar num vício incontrollável!

Por meio dessas drogas, muitos frustram o imperativo da consciência desperta no aprendizado espiritual do planeta, obrigando-a a recuar para uma vida improdutiva e fragmentária, do mundo astral. Aqueles que são mais ternos e bons ainda conseguem alguns arremedos de êxtase quando podem atingir as frequências vibratórias agradáveis, embora a persistência viciosa os conduza lentamente à degradação completa e ao atrofiamento da sensibilidade nervosa. Outros, mais infelizes, flutuam perispiritualmente pelas regiões inferiores do mundo purgatorial, na figura de múmias hipnotizadas pelos efeitos depressivos dos entorpecentes, até que, mais tarde, desencarnam como fâmulos de um mundo sub-humano. Aqueles que tentam a "fuga psíquica" pelas portas dos vícios só raramente conseguem compreender que a própria dor e o sofrimento já representam outras portas valiosas e que, sem violentar a sensibilidade da alma, dão acesso às regiões paradisíacas do Cristo!

Antigamente, os fanáticos e os místicos que fugiam do mundo profano também conseguiam provocar algumas visões hipnogógicas através da autoflagelação ou de jejuns prolongados, quando então produziam determinados estados febris que os faziam perceber alguns fragmentos deformados da vida astral, proporcionando uma tênue satisfação à alma sempre ansiosa de desertar das imposições retificadoras da vida física. Em alguns casos é tão veemente o desejo de fuga da responsabilidade educativa na matéria, que certos obsidiados se afinam gostosamente à índole daninha e à emotividade entorpecida dos seus próprios obsessores ou algozes, aceitando submissos a desagradável situação de obscurecimento da sua consciência desperta no mundo físico!

A saída em corpo astral não é condição absolutamente exigível para que só então o espírito possa penetrar no "outro lado" da vida; em verdade, os nossos espíritos nunca se afastam de qualquer plano da vida cósmica, na qual estamos permanentemente integrados. O corpo físico - aliás, conforme a conceituação moderna de que a matéria é energia condensada - também vive interpenetrado pelas forças vivas de todos os planos do Cosmo. A "saída em astral", portanto, é apenas aumento de visão e de mobilidade que o espírito encarnado consegue usufruir no campo da energia mais sutil do plano astral, mas nunca o abandona, nem mesmo quando "desce" vibratoriamente para mergulhar na carne. O corpo físico reduz a

visão astral e obscurece a memória etérica, mas nem por isso exige o afastamento da alma do seu plano interior correspondente. Quando o homem limpa as lentes dos seus óculos, ofuscadas pelas gorduras ou obscurecidas pelo pó, é óbvio que, após isso, ele não penetra num outro mundo de que fora isolado, mas apenas clareia a sua visão e aumenta o seu campo de percepção comum. O organismo carnal é realmente um cárcere, que reduz a consciência astral e a ação mais ampla do espírito no meio eletivo de sua própria origem, mas de modo algum o afasta do seu mundo familiar.

Pergunta: - *Quereis dizer, com isso, que se operam modificações no estado de espírito, sem que por isso precise ele se separar do seu meio eletivo para algum lugar especial, permanecendo sempre "presente" em qualquer plano da criação; não é assim?*

Ramatís: - Como o nosso espírito é centelha emanando da Chama Viva do Cosmo, que vem a ser o próprio Deus eternamente presente na sua Criação, nós também participamos e vivemos da sua Onisciência e Onipresença, embora ainda não estejamos suficientemente capacitados para usufruir de todo o conhecimento e poder nele existentes. A nossa consciência espiritual, na verdade, mantém-se em contato com todos os demais planos da vida cósmica, embora ainda desconheçamos a natureza dos demais corpos ou energias que se responsabilizam por tal acontecimento, o que só verificaremos em futuro remoto.

Mas tanto o perispírito como o corpo físico não passam de verdadeiros interruptores da visão espiritual infinita; que reduzem a influência limitada da massa da consciência total do Criador. Eles "eliminam" o excesso da Onisciência, transferindo para o homem apenas o conhecimento menor e apropriado a consolidar a sua consciência individual. É através desse conhecimento menor, mas incessantemente renovado e em expansão, devido ao intercâmbio educativo com os mundos transitórios da matéria, que o espírito vai compondo o seu campo consciencial e acumulando sua memória no seio da própria Consciência Cósmica de Deus. As consciências individuais, que se 'constituem nos espíritos destacados do próprio Espírito Infinito, ampliam-se sideralmente à medida que mais se lhes flui o conhecimento maior, fazendo-as progredir na percepção real do Sublime Princípio da Vida Imortal.

Assim é que os cérebros do perispírito e do corpo físico, como principais órgãos de atuação da consciência do homem no seio do Cosmo, funcionam então como verdadeiros interceptadores e eliminadores do potencial máximo da Onisciência, assemelhando-se a válvulas redutoras que graduam e transmitem só o conhecimento suficiente para a razão coesiva do espírito individualizado em Deus. Interrompem, no mundo astral e no físico, a excessiva massa de conhecimentos sem limites, cumprindo-lhes eliminar o que ainda for inassimilável pelo núcleo espiritual humano ainda imaturo. Ademais, no Cosmo, tudo já existe perfeito e eterno, pois Deus não retrograda nem progride, mas é o próprio Conhecimento, o Poder e a Vontade elevados ao máximo potencial e humanamente indescritível! Só Ele pode suportar o máximo e o infinito de "Ser" e "Existir", além e acima de qualquer outro limite ou definição conceptual por parte do homem.

Em conseqüência, o homem não é um produtor de idéias nem criador de acontecimentos inéditos, mesmo submetendo-os a incessante progresso; mas, como tudo já existe num estado de absoluta perfeição e imutabilidade, integrado no Conhecimento Total do Criador, o espírito humano é apenas um captador da quantidade de conhecimento cabível em sua mente finita, e que ele gradua conforme sua capacidade de suportação racional ou de apreensão da própria consciência forjada no simbolismo do tempo.

E então se justificam os tradicionais conceitos bíblicos, quando rezam que "o homem foi feito à imagem de Deus", ou que "o reino de Deus está dentro do homem". Mesmo Jesus, num momento de elevada inspiração, afirmou que "Ele e o Pai eram um", mostrando assim que no homem permanece latente o potencial da Onisciência e Onipresença, embora ajustado à capacidade receptiva da consciência do indivíduo, ainda em crescimento, sem se confundir com o conhecimento total, que é infinito e eterno.

O cérebro físico é, pois, o redutor da Onisciência no mundo da matéria, sendo esta a última fase da "descida angélica", ou seja, a mais grosseira manifestação da Divindade. O cérebro perispiritual, no entanto, é o responsável por essa redução no plano da vida astral. Ambos selecionam, eliminam e ajustam somente aquilo que pode ser útil, suportável e entendível no campo da consciência-indivíduo e ajudam-na a se expandir e a despertar no seio da Consciência Cósmica de Deus. Embora existam ainda outros órgãos que cumprem o mesmo objetivo redutor em planos ainda mais sutis, como no mental concreto e no mental abstrato, não podemos nos alongar na descrição de tais processos e veículos atuando na intimidade do Espírito Cósmico e que também amoldam o conhecimento infinito, de modo suportável, ao entendimento humano.

Os espíritos criados no seio da Onisciência representam outras tantas miniaturas da vida cósmica, que despertam para o auto-entendimento e progridem incessantemente, alimentadas pelo próprio conhecimento infinito de Deus. A consciência do homem nada pode criar de novo no seio do conhecimento perfeito e infinito do Criador; no entanto, ela desperta sob os incessantes impulsos que se manifestam do interior para o exterior, despertamento esse ininterrupto e que prossegue por toda a eternidade, uma vez que, Eterno é o próprio Deus!

Esse processo e expansividade inata e ininterrupta de despertamento da consciência humana, os orientais os têm consagrado através de vários conceitos tradicionalistas da vida oculta, como estes: "Busca o caminho avançado resolutamente para o exterior"; "Busca o caminho penetrado para o interior"; ou "Cresce como cresce a flor, inconscientemente, mas ardendo em ânsias de entreabrir sua alma à brisa"; ou, ainda: "Busca à integração no Existente antes de ti!"

Estas máximas referem-se ao convite incessante que a Consciência Total de Deus lança na intimidade da consciência individual do homem que, na figura de verdadeiro filtro ativado por inextinguível poder e inteligência, capta o conhecimento cósmico na conformidade do grau de sua própria percepção. A alma humana busca o conhecimento definitivo e preexistente da Vida Real originada do Sublime Princípio Eterno, mas sem lhe poder acrescentar qualquer novidade, pois se pudesse fazer tal coisa, é evidente que também criaria algo desconhecido dentro do seio do próprio Deus. Então seria uma absurdidade que a centelha espiritual do homem, que é produto da Criação, pudesse criar ineditismos no seio do próprio Criador donde emanou!

Pergunta: - *Há certo tempo, tomamos conhecimento de uma obra ditada por espíritos desencarnados, na Inglaterra e na América do Norte, na qual eles negam a existência da reencarnação do espírito e afirmam que ele só se encarna uma vez na matéria. Isso deixou-nos perplexos, porquanto se trata de obra de conteúdo elevado e que foi recepcionada por médiuns dignos e de talento espiritual. Podeis nos dizer alguma coisa a esse respeito?*

Ramatís: - A revelação da vida imortal do espírito e suas seqüências avançadas são transmitidas ao vosso orbe por etapas gradativas, a fim de ser evitada a violência contra os preconceitos e a imaturidade mental ou espiritual das criaturas, cuja reação pode ser nefasta, como já tem ocorrido no passado, durante as perseguições e vinganças religiosas. Os ensinamentos do Alto são graduados de conformidade com o senso psicológico proporcional à suportaçã e compreensão dos seres humanos. Enquanto Maomé nivelou-se à belicosidade do povo árabe, para despertar-lhe a confiança e o interesse necessários para aceitarem alguns fragmentos da Verdade Espiritual, Buda pôde explicar muitos ensinamentos ocultos aos hindus, sem que necessitasse de qualquer contemporização com a violência. Moisés fez rigorosas exigências ao povo hebreu através do temor e da ameaça; Jesus fez o convite celestial pela renúncia e pelo amor, enquanto Kardec, surgindo em época de maior despertar mental da humanidade, fixou as bases definitivas do Dever que o próprio espírito encarnado deve impor a si mesmo.

Eis por que, no caso implícito em vossa pergunta, embora os espíritos comunicantes fossem entidades criteriosas, operando através de médiuns dignos, preferiram velar, em parte, a realidade da reencarnação e a sua conseqüente lei cármica de causa e efeito, guardando a prudência de não ferir os preconceitos e a psicologia desses povos ainda impermeáveis a uma revelação tão insólita. Atendendo sãbiamente ao seu delicado senso e tato espiritual, eles preferiram deixar em suspenso o esclarecimento definitivo sobre a reencarnação, até que a futura reforma de suas concepções sociais e raciais - ainda estratificadas pelos rígidos preconceitos do mundo - oferecessem melhor oportunidade para uma revelação mais lógica e perceptível.

No princípio deste século, o povo inglês e o americano ainda não se apresentavam satisfatoriamente libertos das influências prejudiciais de certas castas, tradições seculares e diferenças raciais, o que os tornava muito violentos contra quaisquer revelações radicalmente contrárias à sua índole e psicologia em comum. Então os espíritos protelaram o esclarecimento da realidade indiscutível da reencarnação, assim como o das conseqüências decorrentes da sabedoria da Lei do Carma.

Pergunta: - *Poderíamos conhecer o fundamento desses preconceitos ainda tão arraigados nesses povos e quais foram os motivos mais fortes que levaram os espíritos desencarnados a sustarem a revelação lógica da reencarnação?*

Ramatís: - Não vos deve ser desconhecido o espírito conservador do povo inglês, bem assim a sua ética aristocrática e a severidade protocolar com que esse povo faz questão de distinguir um nobre de um plebeu. Em conseqüência, ser-lhe-ia bastante ridícula e antipática a doutrina ou crença religiosa que, logo de princípio, ousasse aventar a hipótese de que um homem de linhagem nobre pudesse, no futuro, se reencarnar no seio da própria ralé, ainda com a disparatada finalidade de expiar possíveis faltas provindas do orgulho, da vaidade ou dos preconceitos de casta.

Sob as mesmas condições, o povo americano - ainda tão escravo do infeliz preconceito racial de repudiar o negro - também se recusaria a aceitar uma doutrina que ousasse firmar a absurdidade de um homem branco renascer obrigatoriamente dentro da pele do preto tão detestado!

Esses preconceitos demasiadamente egocêntricos e separatistas constituíram-se em sérios obstáculos para a revelação prematura do processo avançado da reencarnação, pois

iam de encontro às tradições de purismo de raça. Os espíritos preferiram, então, aguardar ambiente psicológico mais favorável para a revelação definitiva, assim como confiar na imposição da própria vida moderna, quando se pusesse a derribar' convenções e preconceitos petrificados pelo orgulho ancestral. Evitaram, também, provocar excessiva combatividade ao Espiritismo ou mesmo atrair para ele a pecha de ridículo, ainda no início de sua divulgação doutrinária.

Foi entre os povos latinos que o Espiritismo encontrou ambiente psicológico mais favorável para a sua expansão doutrinária, porque começaram a aceitá-lo pela inspiração de afabilidade e evangelismo e sob menor exigência científica; simpatizaram com ele de início, pela influência cordial do Evangelho do Cristo, para só depois tornarem exigível a especulação científica.

Por isso é que no Brasil a doutrina codificada por Kardec conseguiu promover maior fusão de amor entre os adeptos spiritistas, pois distinguiu-se principalmente pela atitude evangélica na preocupação pelo Bem alheio. A singeleza da "receita mediúnica", a confiança na "água fluidificada" e a receptividade benfeitora do "passe" conseguiram confraternizar criaturas das mais variadas raças, posições sociais e capacidade intelectual. A proverbial despreocupação do povo brasileiro para com os preconceitos de cor, de posições sociais, de diferenças de raças ou hierarquia humana favoreceu muitíssimo o ensejo para a doutrina espírita congregar temperamentos, gostos e preferências opostas, no sentido de se fazer um só entendimento espiritual. Graças à intuição, que é uma das grandes características dos povos latinos e muito acentuada no povo brasileiro, devido à influência fundamental de três raças emotivas, a do português, a do negro e a do índio, a crença na reencarnação foi logo aceita sem quaisquer melindres raciais ou de castas sociais.

Entretanto, essa disposição fraterna e favorável, que o Espiritismo encontrou no Brasil, para expor a doutrina da reencarnação, já entre os americanos do norte ou entre os ingleses poderia transformar-se num clima hostil e de reação ideológica, porquanto, como já disse, muito difícil se lhes tornava acreditar na possibilidade de o espírito de um lorde encarnar no corpo de um miserável plebeu ou então o branco renascer no organismo negro, tão hostilizado.

Pergunta: - Poderíamos atribuir à precariedade dos olhos de carne as dificuldades e os impedimentos que tanto prejudicam a nossa visão das coisas imponderáveis do mundo espiritual?

Ramatís: - É evidente que, se os olhos de carne são as janelas abertas para o mundo provisório da matéria, os "olhos" do espírito são a instrumentação fiel e definitiva de que a alma se serve para a visão da vida imortal. Os olhos carnis são órgãos que limitam os sentidos imponderáveis do espírito à percepção dos fenômenos do mundo físico, desenvolvendo-lhe o raciocínio pela contemplação das imagens exteriores, mas evitando-lhe a confusão que resultaria da visão simultânea de ambos os mundos. Entretanto, depois da desencarnação, a alma tem a oportunidade de comprovar que o espaço livre, chamado céu, sempre tão vazio para os pobres olhos de carne, não passa de outro mundo imensurável, repleto de selvas, oceanos, desertos, campinas e civilizações de todas as estirpes, ultrapassando os mais inconcebíveis e ousados raciocínios dos encarnados. Modificam-se apenas os processos vibratórios de manifestações da vida cósmica, que ao espírito livre se apresenta, então, interpenetrada por admirável substância quintessenciada e vivíssima, que sustenta as atividades educativas de humanidades maravilhosas e só comparáveis às dos

mundos de fadas! As lendas e as maravilhosas narrativas, que no vosso orbe são frutos da imaginação ardente de ousados poetas e escritores, provam que o espírito do homem não esquece os seres resplandecentes e os cenários paradisíacos prenhes de luzes e cores, da vida imortal!

As almas benfeitoras, cujas vidas terrenas são divinos poemas de renúncia pela felicidade alheia, quando penetram nesses mundos felizes se tornam verdadeiras crianças, dominadas pela mais alta comoção espiritual, ao comprovarem quão real se lhes apresentam os sonhos de ventura, que julgavam fantasiosos, na Terra.

Pergunta: - *Ainda levando em consideração a grande dificuldade com que a memória astral luta para transferir os acontecimentos do mundo imponderável para o cérebro físico, gostaríamos que nos fizésseis compreender melhor os fatores que facultam ao homem a lembrança de alguns acontecimentos das suas encarnações anteriores.*

Ramatís: - Uma das provas evidentes de que a lembrança das vidas passadas depende essencialmente da memória etéreo-astral, está no fato de que as recordações pretéritas são muito mais claras e identificáveis até que a criança complete a idade de sete anos. Depois dessa idade, as evocações quase sempre se confundem ou se enfraquecem na consciência física desperta, porque o perispírito, então, se incorpora ou se ajusta mais profundamente ao escafandro de carne. Até os sete anos de idade, ele se encontra algo deslocado para dentro do mundo invisível, mais para o interior da vida astral, o que facilita ao espírito encarnado ligar-se com mais êxito ao acervo de sua memória etérica pregressa.

Entre muitos encarnados costuma-se dizer que as crianças são "inocentes" até os sete anos de idade, mas, em geral, ignora-se que isso é decorrente do próprio cientificismo espiritual, pois durante essa idade o perispírito ainda não se incorporou completamente ao seu novo corpo de carne. Então predominam, nela, fortemente, a natureza emotiva e a bagagem instintiva de psiquismo milenário, que produz desejos e emoções descontroladas, que são levados à conta da irresponsabilidade dos atos infantis. Ao contrário disso, os adultos devem ser responsáveis por seus atos porque, devido à incorporação completa do seu corpo mental, na maioridade física já gozam do senso de autocritica entre o Bem e o Mal. E, como o perispírito também se encontra obrigatoriamente ajustado à consciência física, na fase adulta se tornam mais raras as recordações do passado, que mais dificultadas ficam devido à proverbial redução de sensibilidade psíquica do homem escravo das paixões animais e dos vícios degradantes.

Quase sempre os espíritos terrícolas encarnam-se à semelhança do pássaro que tomba desamparado no lodo; encarceram-se completamente na carapaça carnal e depositam toda sua fé e confiança no culto exagerado dos fenômenos físicos. Elegem a matéria como seu verdadeiro e exclusivo mundículo, deixando-se dirigir com docilidade pela frieza intelectual dos raciocínios escravos da fenomenologia dos cinco sentidos.

Durante a vida física, a memória integral do espírito, acumulada na jornada milenária do passado, fica amortecida pelas vibrações mais grosseiras do cérebro carnal. E, como a tendência da alma encarnada é quase sempre a de se escravizar ao jugo das paixões, vícios, desregramentos mentais e emotivos, próprios do mundo terreno, o homem se torna um pobre autômato a serviço humilhante do instinto animal, abdicando imprudentemente do livre exercício do seu glorioso mandato espiritual. A dor acerba e o sofrimento demorado é que,

então, servem de recursos de última hora para salvá-lo do guante das paixões, que o amordaçam vida por vida, na matéria.

Pergunta: - *Acreditamos que a assistência do Alto muito deverá ajudar no mais breve entendimento da imortalidade àqueles que se devotam às práticas e aos exercícios espirituais; não é assim?*

Ramatís: - As igrejas católicas, os templos protestantes, adventistas, budistas, muçulmanos ou as sinagogas hebraicas; os centros espíritas, instituições esotéricas e tendas umbandistas, vivem todos repletos de criaturas ainda tão escravizadas à liturgia e à adoração inútil das formas terrenas que, em lugar de tentarem o seu despertar mental para a verdadeira vida do espírito eterno, transformam suas crenças habituais numa dose de ópio com que procuram esquecer suas complicações e tricas cotidianas, ou então na solução precária dos seus caprichos e interesses.

Em geral, no seio dos sistemas religiosos ou das doutrinas espiritualistas, movem-se grupos de criaturas transformadas em "pedintes", exclusivamente interessadas em obter do céu a solução de problemas corriqueiros da vida física, e que raramente se preocupam com os deveres principais da própria alma, que é a grande esquecida de todos os tempos! Desinteressam-se de ativar suas forças psíquicas e treinar a alma para a postura evangélica superior, que são fundamentos essenciais para a manifestação do anjo venturoso. Quando o véu da morte se estende sobre tais criaturas, que fazem de suas crenças um motivo de mendicância religiosa e se atrofiam na parasitose deliberada, então ingressam no Além quase que de mãos estendidas, constituindo-se em pesada carga viciada pela ociosidade espiritual, que ainda vai onerar os labores sacrificiais dos desencarnados benfeitores.

Há demasiado desinteresse entre quase todos os encarnados em conhecerem as suas próprias necessidades íntimas, pois atravessam a vida física em doida fuga do mais débil sofrimento e de qualquer vicissitude material, em lugar de recebê-los como lições valiosas, que renovam e retificam o espírito, a fim de que se possa libertar definitivamente do melancólico ciclo das reencarnações planetárias. Embora a vida física seja o processo natural de evolução e desenvolvimento da consciência espiritual, o terrícola prefere escravizar-se completamente à rotina monótona de beber, mastigar, vestir-se, dormir e procriar, qual autômato hipnotizado ao culto exagerado das formas transitórias da vida física.

Pergunta: - *Quais seriam as condições de vida que nos poderiam auxiliar para o melhor êxito na evocação de nossas existências passadas?*

Ramatís: - É evidente que mesmo o mais treinado espiritualista terá pouco êxito na evocação do seu passado encarnatório se a sua memória ainda for tão falha que mal consiga recordar-se do almoço ingerido no dia anterior. Estabelecida a premissa de que a criatura é fruto sempre de suas próprias obras, só o desenvolvimento de suas forças mentais, a emancipação de sua vontade e o serviço evangélico sem condições é que podem oferecer as melhores probabilidades para a recordação do pretérito. O despertar da memória etéreo-astral pregressa, quando o espírito ainda se encontra submerso na carne, requer muitos sacrifícios íntimos e exige muitas renovações espirituais, coisa para com a qual a maioria dos homens atuais não sente simpatia nem tem qualquer disposição heróica. Conforme vos

fizemos ver em outra obra, a própria nutrição carnívora, que os terrícolas efetuam com os detestáveis repastos de carne do animal sacrificado, sobrecarrega o perispírito com a carga danosa das gorduras astrais. Isso não só obscurece a nitidez da memória etérica, como ainda a impede de repercutir favoravelmente sobre a massa cinzenta do cérebro carnal.

Ademais, também não devem esperar muito sucesso na evocação do seu passado reencarnatório aqueles que, além de viverem saturados de substâncias albuminóides e uréicas das vísceras animais, ainda se enfartam de bebidas alcoólicas ou se intoxicam com a nicotina do cigarro ou com alcalóides perigosos, ou os que embotam a sua sensibilidade psíquica pelo uso excessivo de barbitúricos e anestésicos, usados à larga a fim de fugirem da mais diminuta advertência de sofrimento. Em geral, a criatura terrena pratica incessante agressão à delicadeza das suas fibras nervosas, pois habitua-se a cultivar justamente o que é pernicioso à sutileza vibratória do seu perispírito. Mesmo o valioso sistema de "chacras etéricas", que é o intermediário entre as relações mais importantes do perispírito e do corpo físico, mal consegue manter o seu movimento vibratório e a sua luz mortíça, em face do fustigamento contínuo que recebe das paixões animais. Conseqüentemente, avolumam-se as dificuldades para o espírito recordar o seu passado, assim como não seria possível a clareza do dia se revelar num espelho coberto de pó, ou então a luz do luar refletir-se num lago de lama revolvida.

Pergunta: - *Mas temos tido notícias de alguns seres, que aliás não gozavam de boa reputação espiritual e que, no entanto, manifestaram faculdades extraordinárias, pois alguns deles puderam até identificar vidas passadas de outras criaturas. Em sentido oposto, outras criaturas boníssimas mal conseguem recordar dos seus próprios sonhos!... Que nos dizeis a esse respeito?*

Ramatís: - Não opomos dúvida ao fato de que Francisco de Assis, por exemplo, revelava poderosas faculdades em sua vida sacrificial; a sua alma límpida refletia até a consciência de Jesus, enquanto o diabólico Rasputin, embora fosse um ser tenebroso, também gozava de poderes ocultos que abalaram uma nação e contribuíram para o extermínio cármico da aristocracia russa. Mas é evidente que, se o poverello de Assis era emissário da angelitude, Rasputin era apenas mensageiro das trevas, pois materializava na Terra a vontade e o poder satânico para objetivos perniciosos.

Uma vez que na Terra ainda predomina o tipo de espíritos inferiores encarnados, é óbvio que se trata de um planeta onde o mal predomina sobre o bem. Em conseqüência, sempre logram maior sucesso as realizações que se afinam à natureza agressiva e grosseira, própria do plano material, assim como os arbustos inúteis ou venenosos vingam melhor no clima deletério das zonas pantanosas, enquanto que as ervas balsâmicas e as flores odorantes enfrentam maiores dificuldades para sobreviver mesmo no solo adubado.

Mas o certo é que, de acordo com essas mesmas disposições provindas das leis superiores da natureza, também o arbusto tóxico, que prolifera fartamente no lodo, morre com mais facilidade no clima elevado dos Alpes.

Inúmeros magos do passado, que desenvolveram suas forças e faculdades ocultas sob tenazes exercícios de penetração no mundo astral inferior, têm o direito de usufruir do fruto de suas realizações penosas, mesmo quando sejam malignos os seus objetivos. Embora, no futuro, devam ser responsáveis por todos os desatinos e prejuízos que praticaram pela subversão das energias perigosas, é evidente que sempre se trata de uma conquista pessoal,

malgrado a cultivem sob o comando diabólico. Trata-se de almas tenazes e egocêntricas, que atuam com vigor no subterrâneo das paixões perigosas e visam obter a glória e o poder, que idolatram no mundo material. Mas, de acordo com a lei de que "a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória", elas terão que pagar até o último ceitil o resultado de todos os sofrimentos e torpezas que semearam na crosta terráquea. Não os favorecerão os poderes efêmeros que movimentaram na transitoriedade da carne, pois no Além-Túmulo não poderão fugir dos efeitos torturantes que são próprios das forças satânicas, que operam como perigosa espada de dois gumes.

Conforme vos ensinam as obras de Ocultismo, através do desenvolvimento disciplinado dos "chacras etéricos", em sincronia com o despertar do fogo kundalíneo, que serpenteia pela medula perispiritual, podem se manifestar poderes extraterrenos nas almas perseverantes e tenazes. No entanto, qualquer descontrole mental ou emotivo, pernicioso, pode levá-las a produzirem danos e calamidades alheias quando, por lei sideral, as mesmas forças desencadeadas pela dinâmica do desejo ou do pensamento imprudente se voltam, depois, terrivelmente, contra os seus próprios agentes desarvorados.

A hipersensibilização do perispírito, através da técnica ocultista, pode muito bem favorecer a focalização de alguns quadros das vidas pregressas, sem que por isso se comprove a existência de atributos angélicos na criatura interessada. É bem possível que, de posse de tais poderes extemporâneos, em vez do júbilo próprio do reino de Cristo, o homem ainda venha a provocar maior exaltação de sua personalidade humana, glorificando-se apenas pelo uso dessas energias agressivas do psiquismo inferior.

Qualquer homem pode exercitar-se no uso desses poderes excepcionais, pois que para isso existem técnicas e roteiros esotéricos eficientes, que dependem mais da tenacidade e da vontade disciplinada dos interessados, do que mesmo da sua purificação espiritual, que é muito mais dificultosa porque, de início, exige a renúncia completa como condição primordial do êxito. Quanto, porém, aos objetivos com que forem aplicados tais poderes, isso já é problema de foro íntimo e de responsabilidade pessoal no curso da colheita cármica.

Pergunta: - *Por que motivo temos às vezes uma vaga idéia de que estamos recordando fragmentos de outras vidas passadas e, depois, quando enviamos ingentes esforços de memorização pregressa, não conseguimos alcançar o mesmo êxito?*

Ramatís: - As lembranças das encarnações passadas podem afluir espontaneamente nas criaturas, variando conforme o grau de seu temperamento e da sua bagagem psíquica já adquirida. Em certos casos, a elevada sensibilidade espiritual de alguns seres facultam-lhes a possibilidade de "sentirem" os principais acontecimentos que se não sucedido em vidas anteriores; em outros - em virtude de possuírem um cérebro carnal de natureza muito perceptível e constituído por ascendentes biológicos rigorosamente sadios - as vibrações da memória astral repercutem-lhes com mais profundidade, permitindo-lhes que, ainda encarnados, possam auscultar algo dos acontecimentos definitivos arquivados no seu cérebro perispiritual. Há casos, também, em que o exercício esotérico, a leitura espiritualista ou a convivência sistemática em ambientes iniciáticos fazem emergir algumas lembranças pregressas, que mais se revigoram durante o despertar parcial do perispírito.

Mas, em geral, as reminiscências das vidas anteriores se manifestam gradativamente e através de espontâneas associações de idéias, quando então certos acontecimentos da atual existência se afinam com alguns fatos semelhantes, já vividos no pretérito. Em tais

momentos, as criaturas são dominadas por estranhas emoções e por efeitos misteriosos, que elas desconhecem em sua origem, mas "sentem" como exatos e vividos alhures. Essas súbitas associações de idéias, que clareiam e sensibilizam bastante as ligações complexas entre o cérebro astral e o físico, podem suceder através da visão, da audição ou do olfato comuns, pois enquanto os sentidos físicos são fortemente atuados por quaisquer circunstâncias associativas do passado, o espírito fica num estado de profunda auscultação íntima, ansioso por identificar o fenômeno que reconhece verídico no seu subconsciente.

Assim é que, para certas criaturas, os sons vigorosos e sonoros do bater dos sinos, nos templos religiosos, podem associá-las inesperadamente a quaisquer acontecimentos importantes que já viveram noutras existências físicas e que se ligam a igrejas, catedrais, templos ou festividades religiosas, que tanto podem ter ocorrido em Roma, Paris, Budapeste ou Madri! Doutra feita, os gritos, o vozeiro e as imagens das multidões desordenadas acordam então na memória astral cenas idênticas, que se associam as lembranças subjetivas de movimentos belicosos, rebeldias, chacinas ou revoluções em que também tomaram parte em outras encarnações. Da mesma forma, o perfume de determinadas flores, ou de algumas ervas odorantes e originais de países onde o espírito já viveu alguma existência mais impressionante, no pretérito, podem associar-lhe outros quadros importantes, embora não consiga defini-los com perfeita nitidez. O sândalo da Índia, as margaridas do Egito, as flores de cerejeira do Japão, os cravos da Espanha ou o almíscar da Ásia podem transformar-se em súbitos **élangs**, associando a mente encarnada às paisagens ou às lembranças de acontecimentos vividos outrora.

Em alguns casos, as cúpulas de edifícios exóticos, as paisagens estranhas, os filmes históricos, as músicas, canções, os vestuários ou os costumes pitorescos de outros povos atçam reminiscências misteriosas na alma desprevenida, despertando-lhe a memória astral e superativando a imaginação sensível. Quantas vezes encontrais criaturas que vos acordam lembranças ou reflexões estranhas, sem que possais descobrir os verdadeiros motivos que vos induzem a reconhecer, detrás daqueles corpos diferentes, alguém que já amastes ou que então odiastes alhures!

Há casos em que o homem maltrapilho, feio e rude, que encontrais pela primeira vez, consegue despertar-vos a simpatia que outro mais comunicativo e afidalgado não logra obter de vossa afeição! Sem dúvida, no primeiro caso é possível que estejais defrontando com o espírito amigo do querido progenitor ou filho do passado, enquanto que, no segundo, reconheceis no subjetivismo de vossa alma o adversário ou algoz que vos causou dolorosas atribuições e desesperos em vidas sucedidas anteriormente!

Isto posto, se evidencia que fica favorecida a sensibilidade psíquica para as evocações encarnatórias quando, através de associações de imagens, sons, perfumes ou fatos semelhantes, ativa-se a imaginação pela inesperada repercussão vibratória da memória astral do passado sobre a letargia do cérebro carnal.

Pergunta: - *Alguns líderes espiritualistas nos têm dito que é desaconselhável a preocupação de pretendermos conhecer o nosso passado reencarnatório, pois isso é de pouca valia para o espírito encarnado; que nos devemos importar unicamente com a vida presente e o porvir, em lugar de nos entregarmos a essas cogitações pregressas, que só nos roubam precioso tempo. Que dizeis?*

Ramatís: - Evidentemente, se hoje fôsseis um zelador de sanitários, que utilidade prática vos traria o fato de saberdes que já fostes requintado fidalgo no reinado de Luís XV? Nem há muita necessidade de que evoqueis o passado para saberdes o que já tendes sido alhures, porquanto o fato de serdes atualmente um zelador escravizado às tarefas anti-higiênicas bem poderia demonstrar-vos, com suficiência, que no pretérito houve de vossa parte abuso de poder ou demasiada exaltação pessoal.

Desde que a Lei determina que a colheita deva ser de conformidade com as próprias obras, compreende-se que os efeitos da vida presente devem servir de base para se poder avaliar a plantação feita na existência pretérita. Em geral, na evocação do passado reencarnatório, as criaturas só se empolgam pela probabilidade de saber se foram marqueses, condessas, faraós, reis ou imperadores, mas esquecem-se de que tais títulos, que representam tanto valor no mundo material, são de nenhum valor nas esferas da espiritualidade superior, onde a lei sideral determina que "os humildes serão exaltados e os que se exaltarem serão humilhados". Uma vez que no mundo dos espíritos só prevalecem os bens que a alma consolida em sua intimidade espiritual, é de somenos importância o tipo de vestuário de carne que ela enverga em cada existência humana porquanto, fora dessa sua realização interior, o resto é apenas "pó que retoma ao pó".

Quando após a desencarnação a alma é obrigada a reconhecer que só as virtudes diplomam para as regiões paradisíacas, arrepende-se de não haver preferido mil vezes o vestuário de estame, a pobreza e a glória espiritual de um Francisco de Assis, às jóias, sedas e veludos que cobrem os corpos dos que passam pelo mundo escravizados à animalidade inferior. Entretanto, como a vaidade e o amor-próprio são os sentimentos mais resistentes para serem dominados pelas almas, no aprendizado do mundo terreno, algumas criaturas sentem-se mais felizes no Astral por terem sido desabusados aristocratas ou famosos aventureiros sem escrúpulos, no passado, em vez de pobre criatura, mas dotada de qualidades cristãs.

Quanto a ser aconselhável ou desaconselhável o propósito de se conhecerem as vidas anteriores, não vos esqueçais de que isso é questão de foro íntimo e não de regra sideral. Futuramente tereis que conhecer todo o vosso passado, a fim de poderdes programar com êxito as vossas retificações cármicas, em conformidade com as exigências da mais breve ventura sideral.

Embora o conhecimento extemporâneo das encarnações progressas não contribua praticamente para modificar a vossa existência atual, é evidente que a realidade espiritual de vossa alma abrange desde o primeiro fulgor racional, que deu início à vossa consciência, até o momento em que viveis. Quando o espírito lograr alcançar o conhecimento completo de si mesmo, para a integração consciente no seio do Criador, é fora de dúvida que, então, terá de vislumbrar todo o seu passado espiritual, vivido tanto no mundo físico como no astral, a fim de focalizar com êxito toda a memória de "ser" e "existir" no tempo e no espaço.

Embora vos digam ser inutilidade o conhecimento das encarnações anteriores, assim como para alguém poderia parecer inutilidade a empreitada de escreverdes a história da vossa vida atual desde o berço físico, o certo é que, quanto melhor conhecerdes o vosso passado, tanto melhor identificareis a natureza exata do vosso próprio caráter espiritual. Obviamente, com isso ser-vos-á mais fácil programar as futuras existências retificadoras, pois a visão panorâmica espiritual dos vossos sentimentos e objetivos vividos anteriormente é que justamente vos ajudará a extinguir os interstícios vulneráveis às paixões e aos vícios. Conhecendo então a razão e a intensidade dos "desejos", que são os responsáveis pela

necessidade das encarnações físicas, também ser-vos-á mais fácil empreender a libertação dos ciclos reencarnatórios.

A recordação espiritual das vidas passadas desperta lentamente na intimidade da criatura e se torna tão nítida e extensa quanto seja a capacidade psicológica de sua própria suportação interior. Mas nem todas as almas se encontram em condições favoráveis para conhecer toda a trama diabólica de suas vidas progressas, principalmente se ainda fazem lisonjeiro julgamento de si mesmas e se consideram portadoras das mais excelsas virtudes. Sendo assim, seria muitíssimo doloroso e decepcionante, para um homem que se julgasse um caráter ilibado e impoluto, vir a comprovar que na existência anterior fora um refinado larápio ou um cidadão desonesto; assim como a mulher que atualmente se envaidece da sua condição afidalgada ou de sua respeitosa situação matrimonial vir a descobrir que no passado dirigia infecto prostíbulo!

É por isso que muito se justificam a severidade e a lógica da advertência evangélica do Sublime Jesus quando, em razão dos nossos próprios pecados, Ele nos aconselhou sabiamente: "Não julgueis, para não serdes julgados."

Os estigmas do pecado no corpo físico e no perispírito

PERGUNTA: — *Temos lido afirmação de que, devido à sua persistente atuação, a força mental produzida pelo pensamento desregrado causa modificações tão profundas na fisionomia de certos desencarnados, que alguns chegam a apresentar verdadeiros estigmas animais. Podeis nos dizer alguma coisa a respeito desse assunto?*

RAMATÍS: — Realmente, há modificações que se processam no perispírito de certos desencarnados, dando-lhes aspectos exóticos ou repulsivos, em que, muitas vezes, reproduzem as feições de conhecidos animais. Mas é certo que também os encarnados podem revelar em sua fisionomia os mais variados estigmas resultantes das vicissitudes morais, ou então dos vícios aviltantes. A face da criatura humana assemelha-se à tela cinematográfica refletindo as sensações do filme; ali plasmam-se tanto os estados de ventura, bondade e otimismo, como se refletem as subversões íntimas e insistentes do ódio, da cupidez, da astúcia ou da avareza.

O semblante humano retrata prontamente as investidas emotivas da alma, assim como registra os seus mínimos pensamentos. Quantas vezes não tendes notado que os rostos das criaturas escravizadas ao vício e às paixões aviltantes são parecidos à fisionomia de certas aves e animais! O avarento, por exemplo, não é representado pela figura do

abutre, com o seu nariz adunco e os olhos com o brilho da rapina? O homem lerdo e inexpressivo não o comparam ao boi, o astuto à raposa, o cruel à hiena, o voraz ao lobo e o luxurioso à figura do caprino?

Imaginaí, pois, o que acontece quando o potencial vigoroso da força mental pode agir diretamente sobre a estrutura astral do perispírito desencarnado que, por ser dotado de incrível qualidade plástica, modifica-se rapidamente na sua configuração fisionômica! Raros homens conhecem o assombroso efeito do pensamento sobre a ideoplastia do perispírito, que é na verdade o mais admirável prolongamento da mente do mundo astral.

Não nos referimos ao perispírito como sendo apenas um organismo singular e semelhante a uma veste vaporosa, como ainda o crêem muitos espiritualistas, mas sim como a um avançado conjunto coletivo composto de todos os veículos de que o espírito necessita para atuar e se relacionar com os diversos planos da vida imortal, como sejam o etérico, o astral, o mental concreto, o mental abstrato, etc. Sabemos que a sua real estrutura só agora está sendo conhecida entre os espíritas estudiosos, pois só era familiar aos teosofistas, esoteristas, rosa-cruzes, iogues, hermetistas e iniciados, que já conheciam a sua avançada fisiologia "etéreo-astral", através dos ensinamentos hermetistas e védicos. É o mais complexo aparelhamento jamais imaginado por um fisiologista ou anatomista humano, e o seu completo conhecimento no mundo físico ainda poderá exigir alguns milênios de estudos bem aplicados. A sua cor, densidade, temperatura magnética, luminosidade e odor astral são resultantes de processos metabólicos tão complexos e sutis, que ainda escapam inteiramente à compreensão do atual homem encarnado. São fenômenos de grande sensibilidade, que atendem e reagem rapidamente sob o mais ténue pensamento e emoção produzidos pela

alma, como também se modificam e se elevam pela influência da luz original do espírito, que pode afluir do seu interior.

O perispírito é o revelador de todas as ações ocorridas na intimidade da vida espiritual, e a mente, então, significa o seu aparelho cinematográfico que projeta aquilo que a alma pensa ou deseja. Em consequência, ele também reproduz, em suas funções e aspectos, o "cunho permanente", ou caráter definitivo que a alma já imprimiu na formação de sua consciência individual através dos milênios.

É uma organização básica que, exteriormente, pode ser analisada pela sua cor, magnetismo, luminosidade, temperatura e odor, como elementos identificadores do temperamento psíquico do ser imortal.

E, como é o fundamento identificador do tipo de cada alma, também costuma apresentar outras características de cores, com novos reflexos de luminosidade e diferenças magnéticas de temperatura e odor. Isso é conhecido no mundo astral como os "sinais acidentais" que resultam dos vários tipos de emoções e pensamentos produzidos pelo espírito, mas que não modificam o seu caráter fundamental, já exposto na aura perispiritual.

PERGUNTA: — *Antes de prosseguirdes no assunto, poderíeis nos explicar com mais clareza o que sejam esse "cunho permanente" e "sinais acidentais", que resultam dos pensamentos e das emoções definitivas ou provisórias sobre a contextura do perispírito?*

RAMATÍS: — Quando alguma obra humana se impõe definitivamente por alguma expressão particular ou por um aspecto artístico, literário ou oratório "sui generis", considera-se isso como um estilo, marca ou cunho permanente que distingue o modo inimitável de se expressar do autor da manifestação exterior. Diz-se, no vosso mundo, que o estilo é a maneira privativa que cada um tem de exprimir o seu pensamento pela escrita ou pela palavra, pois pelo estilo da escrita se conhece o escritor e pelo estilo da palavra o orador. O estilo, pois, é a expressão, a arte da forma, que torna sensíveis as ideias e os sentimentos, através de um meio particular de exprimirmos os nossos pensamentos. Ele abrange a ideia e a fortuna; expõe ao mundo exterior o conteúdo particular da alma.

Do mesmo modo, através das características exteriores do perispírito, que constituem o seu "cunho permanente", sintetizado nas convenções sidéreas de cor, magnetismo, odor e luminosidade, também é possível conhecer-se o tipo de alma ali presente. Esse "cunho permanente", da alma, distingue-lhe a virtude fundamental, a sua máxima qualidade já conseguida no ritmo de vida sideral ou, então, marca a sua paixão aviltante milenária, da qual ainda não pôde se libertar. E verdade que, na maneira peculiar de o homem se expressar, seja na poesia, na literatura ou na oratória, ele também se vale de outras expressões acidentais, ou de outros recursos e figuras provisórias, que não fazem parte definitivamente do seu estilo consagrado, e que não expressam a sua exata individualidade já construída no tempo.

PERGUNTA: — *Qual um exemplo elucidativo desse caso?*

RAMATÍS: — Certos escritores de estilo veemente e de um realismo desassombrado, podem algumas vezes apresentar certas variações de estilo em suas obras, introduzindo nelas alguns toques de ternura, romantismo ou poesia, sem que isso prove que eles são efetivamente sentimentalistas ou românticos. Trata-se apenas de variações acidentais

ou recursos provisórios que não afetam o "cunho permanente" do seu estilo já consagrado pelo tempo.

Examinando o perispírito de cada alma, cuja consciência vem se elaborando na noite dos tempos, os mestres espirituais conhecem a sua virtude ou o seu pecado milenário fundamental, bastando-lhes verificar o "cunho permanente" que se forma na aura perispirítica, cujo diagnóstico dependerá do tom da cor e intensidade de luz, natureza da temperatura e tipo de magnetismo odorante, isto é, repulsivo, balsâmico ou irritante. Examinando outros fragmentos de cores, reflexos luminosos e variações magnéticas de menor importância, conseguem eles também esquadrihar as demais variações mentais e emotivas, que se produzem acidentalmente na aura do examinando, como produto de sentimentos ou ansiedades transitórias, que ainda não conseguiram causar modificações no caráter espiritual.

PERGUNTA: — *Quereis dizer que o "cunho permanente" ou o "caráter fundamental" de cada alma pode permanecer sem modificação até durante séculos, quíçá milénios? Não seria isso um improdutivo estacionamento da alma por se ver cerceada pelo seu próprio psiquismo?*

RAMATÍS: — Realmente, a Lei é esta: a alma não retrograda, mas sim evolui ou estaciona. Mesmo durante essa fase que vos parece de improdutivo estacionamento, as forças propulsoras não se extinguem no seio da alma, mas se represam em salutar concentração, lembrando o repouso da natureza quando, durante o Inverno, aquieta as suas energias para depois incentivá-las vigorosamente na Primavera. O que vos causa dúvida provém de situardes a sequência da vida imortal do espírito sob a marcação prosaica do calendário humano. Embora, para o entendimento humano, os milénios pareçam algo impressionantes no conceito de tempo e espaço, eles ainda pesam muito pouco no desenvolvimento formativo das consciências individuais, que são lançadas virginalmente na corrente da evolução espiritual. Esse cunho permanente ou caráter fundamental, que é a própria marca psíquica da alma, ainda pode conservar-se por muito tempo sem sofrer mudanças radicais porquanto, à medida que o espírito opera vagarosamente, para extirpar uma paixão milenária e já perniciosa à sua consciência evoluída, outro sentimento sorrateiro tenta emergir e deitar corpo para também exercer o seu mandato ditatorial, embora seja por curto prazo. Daí, pois, o motivo porque muitos espíritos, em sucessivas encarnações, ainda revivem fortemente a característica fundamental, virtuosa ou aviltante que os dominou na existência anterior. Quando puderdes examinar a história da Terra sob a visão espiritual desencarnada, podereis comprovar que, devido à ação desse "cunho permanente" em alguns espíritos de projeção mais vasta, eles deixaram na Terra novos rastros luminosos ou sombras denegridas, como cópias-carbono de sua maior virtude ou de seu maior pecado cometido nas vidas anteriores.

PERGUNTA: — *Não vos seria possível dar-nos alguns exemplos desse fato?*

RAMATÍS: — Alexandre Magno — por exemplo — cuja índole psíquica era a belicosidade, os sonhos de conquistas materiais, ao reencarnar no vosso orbe viveu novamente nas figuras invasoras de César e Napoleão; Samuel, o profeta puro, voltou como João Evangelista, o discípulo amado de Jesus, e depois ainda mais uma vez se consagrou como

Francisco de Assis; Elias, o puritano e genioso profeta que exterminou os sacerdotes de Baal, reviveu na irascibilidade de João Batista, degolado a pedido de Salomé; Isaías, o consagrado profeta de ampla visão bíblica, encarnou-se na França como o famoso Nostradamus, cujas profecias muito se assemelham às daquela; Einstein, dando o roteiro da bomba atômica, revela a sua anterior encarnação como Demócrito, o fundador da atomística, estudioso da física e da matemática; José Bonifácio, político, escritor e jurisconsulto brasileiro, principal figura da Independência do Brasil, renasceu como Rui Barbosa, repetindo a profissão, a índole política e se tornando, também, um paladino contra a monarquia, a favor da República; Amenófis, inteligente e sensato médico da época de Ramsés II, volta noutra encarnação como João Huss, divulgando ideias corajosas e revolucionárias e, depois, regressa como Allan Kardec, o "bom-senso" encarnado e responsável pela codificação gloriosa do Espiritismo; Anchieta, o grande amigo dos silvícolas e da caridade, toma outra vez o vestuário de carne, vivendo a figura de Frei Fabiano de Cristo, o venerado capuchinho da tradição cristã; Iron, o grande cacique inça, descobridor das florestas da Colômbia, retorna à Terra e, na figura de Cristóvão Colombo, cruza o oceano e descobre as próprias terras que lhe pertenceram no passado, sendo ainda reconhecido e saudado em espírito pelos seus velhos amigos da existência anterior e novamente encarnados; Átila, pela segunda vez percorre a História, erguendo pirâmides de cabeças, na figura do feroz Gengis Khan; Antúlio organiza a mensagem de trabalho e a rota amorosa para a Atlântida, para milênios depois descer ao vosso orbe e iluminá-lo novamente, na figura do sublime Jesus de Nazaré.

Fica evidenciado, portanto, que, embora se dobrem os séculos e até os milênios, os espíritos ainda conservam por longo tempo a sua característica fundamental amorosa ou odiosa, benfeitora ou delituosa, revivendo em novas personalidades terrenas as mesmas virtudes ou as mesmas paixões perigosas, sem trincar a sua "linha psicológica" reencarnatória.

PERGUNTA: — *E como se pode identificar o "cunho permanente" que, no perispírito, represente o caráter fundamental da alma, ou seja a sua maior virtude ou seu maior pecado? Há, porventura, algum código ou regras que facilitem essa identificação?*

RAMATÍS: — Há certos fenômenos peculiares ao perispírito que nos permitem identificar o "cunho permanente" da alma, através da cor, temperatura, odor e magnetismo que formam a sua aura, clarificada pela luz interior ou então submersa em sombras.

Há perfeita relação entre todos os fenômenos do perispírito e as manifestações da alma, principalmente quanto às suas emoções e pensamentos, os quais se sintonizam com as cores áuricas. Em virtude de serem as cores padrões vibratórios que, ao se modificarem em sua frequência interior, também mudam no seu aspecto exterior, todos os matizes coloridos da aura perispiritual alteram-se ante a mais sutil vibração mental.

As emoções e os pensamentos angélicos são de alto teor vibratório, por cujo motivo produzem cores claras e formosas, em admirável simpatia com a natureza dessas manifestações elevadas da alma. É por isso que a tradição do vosso mundo diz que certas cores de matizes belos e munificentes identificam sentimentos do mais alto padrão espiritual; o rosa-claro exprime o amor puro; o verde-seda indica a esperança e a poesia da natureza, enquanto o branco lírial simboliza a pureza da alma.

Em sentido oposto, o preto significa as trevas ou a negatividade de qualquer sentimento benfeitor, enquanto o vermelho chamejante representa a cólera, o espírito de guerra ou o sangue!

Eis porque, de conformidade com a virtude ou estado pecaminoso que a alma desenvolve mais rigorosamente e passe a dominar a sua individualidade no tempo, também se firma um tipo de cor permanente na aura do seu perispírito, capaz de permitir identificar no astral a sua característica espiritual predominante. E as cores principais apresentadas pelo perispírito realmente correspondem às próprias interpretações que a sabedoria humana lhes atribui no mundo da carne, como explicado há pouco.

PERGUNTA: — *Rogamos-vos mais alguns esclarecimentos sobre essa característica da cor, que no perispírito pode identificar o "cunho" ou a "característica permanente" da alma. Podeis atender-nos?*

RAMATÍS: — A alma que durante muitas encarnações na matéria sempre se deixou dominar particularmente pela cólera ou a irascibilidade, tem como predominante no perispírito a cor vermelha, chamejante, que também se combina cromosoficamente com o pecado da ira. Essa cor vermelha, que só se modificará quando a alma mudar para melhor, representa então a característica ou seja o "cunho permanente", no perispírito, reconhecido pelos espíritos servidores do Bem.

Entretanto, outra entidade que já seja portadora de credenciais angélicas, cujas reencarnações terrenas tenham sido de serviço e de amor ao próximo, terá o seu perispírito aureolado de um rosa translúcido e de formoso matiz, a indicar que o "cunho permanente" dessa alma é o amor ou a ternura espiritual.

PERGUNTA: — *E quais são as variantes da cor fundamental do perispírito?*

RAMATÍS: — A alma — por exemplo — cuja característica fundamental é a cólera, motivo porque o fundo permanente de sua aura é o escarlate, toda vez que se deixar enlevar por algum pensamento de ternura e afeto para com seus semelhantes, mostrará na aura as nuances da cor rosa escuro ou claro, conforme a razão, o interesse, ou o altruísmo desse sentimento. Sob a mesma lei de correspondência vibratória, se o espírito fundamentalmente amoroso se deixar dominar por pensamentos acidentais de cólera, sobre a sua aura rosa-puro manifestar-se-ão matizes da cor escarlate, formando manchas tão extensas quanto seja a intensidade da cólera. Estes são os sinais "acidentais" que vos temos enunciado, e que formam subitamente manchas, nódoas, pontos, faíscas, relâmpagos, figuras ou rendilhados coloridos sobre a cor fundamental do perispírito. Além desse processo identificador dos sentimentos, através das cores da aura humana, podemos conhecer o sentimento das criaturas através de outros fenómenos bastante correlates e naturais do perispírito, tais como a sua temperatura, magnetismo e odor. Estes fenómenos são de manifestações atraentes e de estranha beleza quando observados nas almas excelsas, mas se tornam repugnantes e insuportáveis no perispírito das almas desregradas e em extrema delinquência espiritual.

Mas ainda insistimos em repetir que a luz é o fator de maior importância na manifestação de todos esses fenómenos do perispírito, como a guardiã fiel da identidade

divina do ser e provinda do interior da própria alma emanada do Todo. É elemento original da fonte interior da vida cósmica, e que em angélica projeção ilumina todo o organismo perispiritual da alma benfeitora, destacando-lhe toda a beleza da cor, a suavidade da temperatura, a delicadeza do magnetismo e a fragrância balsâmica do perfume; mas, quando reflui para o recesso de si mesma, ante a rebeldia, a malignidade ou o aviltamento, as sombras envolvem o delicado tecido eterizado da alma e degradam todas as expressões de sua vida astral.

PERGUNTA: — *Então podemos concluir que essas características das cores, temperamentos, odores e magnetismo no perispírito, que se modificam sob a ação do pensamento e do sentimento da alma, são os elementos que servem para identificar a natureza evolutiva dos espíritos desencarnados; não é assim?*

RAMATÍS: — A comprovação de que a natureza evolutiva do espírito se revela nos fenômenos exteriores que identificam suas virtudes ou pecados é tão velha quanto a própria alma humana! A história e a lenda do vosso orbe sempre descreveram os santos e os anjos no seio de massas luminosas e cores celestiais, e os demónios envoltos pelo fogo, de aspectos sujos, grotescos e exalando o mau cheiro do enxofre, o que quer dizer que vós mesmos sabeis que a manifestação exterior da alma está em perfeito acordo com a sua qualidade interior.

Cada perispírito possui o seu odor, magnetismo, cor e temperatura, que constituem o fundo permanente da aura perispiritual e revelam o tom definitivo ou o sinal identificador do grau de evolução da entidade espiritual. É um verdadeiro livro completamente aberto, e exposto sem subterfúgios à visão dos mentores siderais; não há nele possibilidade de qualquer artificialismo ou esconderijo para se ocultarem as mazelas da alma. Enquanto as almas daninhas se atritam incessantemente, no conflito de suas próprias manifestações torpes, as benfeitoras ainda mais se estimam e se conjugam na extirpação de seus defeitos, reconhecendo que a vida angélica é um estado de pureza interior.

A configuração do perispírito e os fenômenos que com ele sucedem representam a síntese moral da própria alma, revelada para o exterior. Assim como na Terra argutos e hábeis quirólogos conseguem avaliar a estrutura psicológica e o caráter de certas pessoas, apenas porque lhes examinam a contextura e aparência das mãos, no Além a ciência transcendental de leitura do perispírito também permite identificar com facilidade a natureza psíquica dos espíritos em aprendizado primário.

PERGUNTA: — *Rogamos escusas pelas nossas dúvidas, mas sentimos algum embaraço em compreender que no Espaço se possa avaliar o grau espiritual de algumas entidades apenas examinando-se a sua temperatura, magnetismo ou o odor do perispírito. Não vos seria difícil explicar melhor o assunto?*

RAMATÍS: — Os médiuns eficientemente desenvolvidos podem vos informar como variam as sensações psíquicas provocadas sobre eles pelas diferentes naturezas dos espíritos comunicantes que, em extensa gama vibratória, atuam com fluidos que vão desde a impressão de extrema gelidez até o calor sufocante, quando se trata de infelizes delinquentes, e suaves e balsamizantes, quando se manifestam entidades amorosas. Os dois extremos se

contrastam fortemente; de um lado, os desencarnados se sobrecarregam com odores repulsivos e sulfúricos e, em contraposição, as almas elevadas manifestam o fragrante aroma vivo da primavera espiritual.

Mas é conveniente não generalizades o que vos digo pois, entre as trevas e a luz fulgurante, o mau odor e o perfume sutil, a cor trevosa e os matizes resplandecentes, ainda é muito extensa a escala que gradua todos os tipos de almas. Os espíritos terrícolas, em sua maioria, ainda são portadores de auras possuindo os coloridos intermediários mais diversos, pois situam-se entre os extremos que vos enunciamos, isto é, nem se revelam suficientemente diabólicos, com cores extremamente degradantes, nem bastante angélicos com os matizes celestiais.

Em geral, suas auras são impregnadas de expressões heterogêneas de todas as cores, temperaturas, odores, magnetismo e variações de luz e sombra. Os diversos sentimentos e a multiplicidade de pensamentos, que instantaneamente se entrecruzam nos seus perispíritos, semeiam-nas de todos os matizes acidentais, que então se destacam sobre a aura fundamental e o temperamento psíquico já predominante em sua jornada evolutiva. Daí o motivo por que os desencarnados, através do seu perispírito, reproduzem no mecanismo endócrino e no sistema nervoso sensibilíssimo do médium as próprias características de temperatura, odores e sensações psíquicas, que causam prazer ou repulsa.

Como o perispírito é portador dessa variedade de elementos, que tanto o identificam como entidade superior, delicada e bela, ou como uma veste da alma inferior, envolta em suas emanções repulsivas, a tradição bíblica descreve o inferno como um lugar de temperatura extrema, chamejante, e povoado por demónios que exalam o odor repugnante do enxofre.

No entanto, em sentido oposto, o céu é descrito como um panorama resplandecente de luz, impregnado de perfumes, melodias e cores belíssimas, que se casam às auras formosas e refulgentes dos anjos.

Em verdade, os espíritos do bem são revestidos de luz intensa, cores translúcidas e límpidas, cujos fluidos são odorantes, balsâmicos e curadores, despertando júbilo e ternura a sua presença. Entretanto, as entidades malfeitores desregradas e sofredoras encontram-se imersas em halos sombrios, revestidos de cores sujas e odores repugnantes, cuja temperatura é extremamente gélida ou então opressiva e sufocante, pois o seu magnetismo só se alimenta do entrechoque das paixões ínfimas e animalizadas.

PERGUNTA: — *Para nossa melhor compreensão, poderíeis nos descrever, por exemplo, a natureza das cores, luzes, odores ou magnetismo próprios da aura de uma alma absolutamente cruel, debochada ou rebelde aos ensinamentos superiores?*

RAMATÍS: — Queremos advertir-vos de que não existe no Cosmo um tipo de alma absolutamente subvertida, porquanto somos todos oriundos da mesma essência fundamental do espírito de Deus, por cujo motivo também estaremos garantidos por uma partícula angélica, que intimamente nos impulsiona para o Bem. Em verdade, já nos originamos incapacitados para o "mal absoluto", porque a nossa finalidade é ascender para Deus, que é a fonte de nossa vida.

Podemos cobrir uma lâmpada elétrica com envoltórios os mais espessos e até pichar à vontade a sua superfície de vidro; no entanto, não conseguiremos extinguir a sua luz interior, que sempre há de permanecer debaixo da sua forma protetora de vidro, exceto se a

desligarmos da energia fornecida pela usina. Isso também se dá conosco; somos impotentes para nos cobrirmos de trevas absolutas ou, então, extinguirmos o princípio criador em nossa alma. A fonte que nos gerou, constituída pela luz absoluta do Espírito Divino, ninguém poderá extingui-la, nem romper os elos que a ela nos ligam.

Essa luz íntima, que existe em nós todos, quer sejamos demónios ou anjos, é o cunho definitivo de nossa individualidade eterna, permanecendo como incessante atração para a fonte original que nutre e ilumina o Cosmo. É chama espiritual, indescritível, como garantia absoluta do "elo religioso" entre a criatura e o seu Criador; é a luz que realmente alimenta o nosso espírito em sua pulsação de vida eterna. Todas as existências malignas e de crueldades, das quais já temos participado no pretérito das trevas de nossa ignorância, significam alguns punhados de fuligem atirados sobre a eterna e formosa lâmpada de luz imorredoura, que forra a nossa consciência espiritual.

Quando todos os homens descobrirem em si mesmos a sua fulgurante identidade sideral, existente no profundo recesso do seu "ego", os seus esforços hão de convergir para a mesma Ventura, dispensando-se todas as religiões e doutrinas, que ainda discordam e separam, mas que serão desnecessárias depois que as criaturas comprovarem que são oriundas da mesma fonte criadora. Repetimos: não há alma absolutamente pervertida, pois, se assim fosse, justificar-se-ia a crença absurda e infantil no Diabo eterno! O mais ex-crável e cruel demónio das trevas, que puderdes conceber para o fundamento de nossas asserções mediúnicas, de modo algum poderá ser considerado eternamente maligno. Ele nunca poderia se libertar da divina centelha de luz, que também havia de pulsar na intimidade do seu ser e abalar a sua personalidade inferior forjada no tempo e no espaço. Em face do ritmo de ascensão sideral, que orienta implacavelmente o espírito para a luz, como base definitiva de sua consciência, o anjo gasta menos esforços para não prevaricar, do que as energias que o Diabo precisa despender para não se angelizar.

Assim como as almas benfeitoras, por qualquer descuido ou invigilância, podem entrar em contato com as zonas trevosas, os espíritos extremamente pervertidos também permanecem atentos e procuram endurecer os seus próprios ouvidos espirituais, a fim de não se deixarem vencer pela "voz silenciosa" que, no recesso de suas almas, os convida incessantemente para a gloriosa angelitude! Mesmo no âmago da alma extremamente perversa, a lâmpada divina permanece eternamente acesa, impedindo o completo domínio das Trevas! É por isso que os mais terríveis malfeitores do Além, terminam cedendo em sua rebeldia e crueldade, dobrando os joelhos, afogados pelos soluços de arrependimento, clamando por suas culpas e vencidos pela chama eterna do Espírito do Pai que, no âmago de suas almas, consegue atravessar as sombras espessas e modificar-lhes a consciência para a realidade do espírito angélico.

PERGUNTA: — *Não se poderia supor que a luz existente no imo da alma, e que emana do próprio Deus, nunca deveria ser dominada pelas trevas do mundo exterior? É plausível esta nossa indagação?*

RAMATÍS: — Todos os propósitos espirituais benfeitores aceleram a dinâmica do perispírito e, por isso, facilitam a expansão de luz; entretanto, as intenções maléficas são letárgicas e favorecem a condensação das trevas. Desta forma, como a luz é na realidade o princípio basilar da vida espiritual e a essência mais pura conceptual de Deus, o espírito nimbado de luz também clareia, purifica e acelera continuamente o tom vibratório de todas as

demais funções do seu perispírito. A luz indestrutível, que vem do núcleo íntimo de sua verdadeira consciência espiritual, é que também coordena a textura do perispírito, clareando o seu trabalho fisiológico e iluminando toda a sua configuração anatômica. O aceleração e a fluência de luz interior clarifica então as cores, eleva o tom vibratório dos odores astrais, refresca a sua termodinâmica e balsamiza a alma no contato mais feliz com a essência elevada das esferas angélicas.

No corpo físico, a temperatura sempre resulta do trabalho específico dos "centros térmicos", enquanto que no perispírito, embora sob outro processo sutilíssimo, esse metabolismo depende de maior ou menor nutrição de luz interior; esta, por sua vez, só aflui pela natureza dos pensamentos e das emoções elevadas do espírito. O equilíbrio espiritual, provindo dos pensamentos regrados, proporciona limpidez ao perispírito e o desafoga para maior filtração de luz, resultando a suavização da temperatura magnética, fragrância de perfumes e purificação das cores, enquanto que as trevas reduzem o metabolismo delicado da vestimenta perispiritual, assim como o inverno retarda o dinamismo da vida.

Na alma devotada ao mal, as sombras aderem como fuligem redutora do delicado funcionamento "etéreo-astral" do perispírito, resultando disso uma verdadeira restrição de vida. Então se processa acentuada redução vibratória; a temperatura desce à gelidez, o magnetismo se torna irritante e opressivo, porque se desequilibra na sua dosagem transcendental; as cores da aura baixam para o tom sujo e terroso, pesando no sistema perispiritual qual um denso manto de fluido pegajoso; o odor se torna tão repugnante, por vezes, que certos espíritos chegam a exalar emanações cadavéricas.

Enquanto os encarnados podem se apresentar com o corpo limpo e odorante, servindo-se dos recursos comuns do banho e do sabão perfumado, no mundo astral a desejada higiene só pode ser conseguida pelo banho de luz projetadona intimidade da alma. E essa luz, como já vo-lo dissemos, aumenta tanto quanto a alma se angeliza e reduz-se tanto quanto ela se degrada.

PERGUNTA: — *Então podeis nos descrever quais seriam as características particulares apresentadas pelo perispírito de uma alma trevosa e de grande potencial diabólico?*

RAMATÍS: — A fim de melhor esclarecer o assunto, dou um exemplo bem claro: Supõe a existência de um espírito cuja característica fundamental, ou seja, o seu "cunho permanente", seja a de profundo egoísmo. É este o seu defeito fundamental, a marca de sua exclusividade pessoal, o selo delituoso apostado em todos os seus atos, serviços e projetos, tanto no mundo astral como no material. Há de ser um espírito, pois, cuja vida se move em torno do mais frio e completo egoísmo! Qual seria, então, o quadro geral da configuração e dos atributos do perispírito dessa alma excessivamente egoísta? Qual a cor e quais os fenômenos indicados pela sua aura?

A cor do egoísmo, na escala sideral, é o pardo brilhante, a forrar-lhe todo o perispírito; não com um brilho translúcido ou refulgente, mas apenas com um reflexo oleoso e sujo sobre o tom fundamental; o odor astral, próprio do egoísta permanente, recordar-vos-ia as emanações apodrecidas dos legumes no máximo de sua deterioração. A sua temperatura seria extremamente gélida, causando grande sofrimento aos médiuns de incorporação, pois o egoísmo, como sentimento de exclusivo interesse pessoal, é psiquicamente isolante, como se o seu portador vivesse solitário, num círculo de gelo. O magnetismo peculiar do

egocentrismo é coercitivo e denso; por isso, quando em contato com outras almas de tendências simpáticas, torna-se um multiplicador de vibrações egotistas.

Através do magnetismo perispiritual de que todos nós somos portadores, e que varia de conformidade com a natureza da alma, é que as entidades perversas ou os espíritos sofrendores produzem os estados emotivos de angústia ou então conseguem ativar as paixões perigosas nos encarnados. Certas criaturas portadoras de faculdades mediúnicas desenvolvidas sem a moldagem evangélica, quase sempre não passam de meros prolongamentos vivos dos malfeitores do Além, que pouco a pouco as tornam viciosas, ferinas e interesseiras, fazendo-as até descreverem de sua mediunidade e da própria realidade espiritual. A sensibilidade mediúnica, cada vez mais florescente na Terra, aumenta a oportunidade para os desregrados do Além atuarem com o seu magnetismo viciado sobre os encarnados, pois os influenciam apenas com a sua simples presença, mesmo sem quaisquer interesses secundários.

Já vos enunciamos, em obra anterior, que algumas mulheres parturientes, devido ao tipo de influência magnética nociva, do espírito a se encarnar, chegam até a modificar o seu temperamento comum, algumas variando para pior no seu caráter bem formado, a ponto de sentirem aversão às virtudes espirituais afins ao seu temperamento.

PERGUNTA: — *E quais seriam os sinais acidentais que poderíamos notar na aura daquele espírito extremamente egoísta, que nos serviu de exemplo?*

RAMATÍS: — **Sobre sua aura de cor parda brilhante e reflexiva pela sujidade oleosa, poderiam se manifestar, acidentalmente, outras nódoas, manchas escuras repelentes, ou mesmo indícios de cores claras e belas, que seriam as variações dos sentimentos, emoções ou pensamentos, que também possam se manifestar de modo acidental numa alma "fundamentalmente" egocêntrica.**

PERGUNTA: — *E qual seria a natureza exata dos pensamentos responsáveis pelas formas, cores, manchas, sinais ou nódoas acidentais, na sua aura parda?*

RAMATÍS: — Já vos expliquei que não há espírito absolutamente perverso pois, mesmo no estado do mais profundo egoísmo, que é a paixão do excessivo amor ao bem próprio e desinteresse pelo alheio, ele tem momentos de angústia, saudade, ternura ou remorso, que são provenientes do impulso expansivo e ascensional, que incessantemente se origina da centelha divina palpitante do imo da alma.

O espírito, por mais desprezível que se nos apresente, sempre é vulnerável a certo afeto, a algum ideal recalcado, e também pode ser vítima de suas próprias reflexões dolorosas ou desespero interior. Mesmo os seres mais diabólicos não deixam de ter saudade da família e de certos amigos que deixaram na Terra, assim como há momentos, no recôndito dos seus corações, que clamam pela exaustão da própria maldade. Como a tendência inata da alma é a Ventura Espiritual, em afinidade com a natureza da centelha de luz interior provinda de Deus, sendo as trevas uma condição anormal, as entidades satânicas são como os viciados no álcool, que teimam em defender o sofisma de que assim é a verdadeira vida e o prazer de viver!

Malgrado os entusiasmos e os poderes diabólicos, os génios do mal comprovam que precisam viver em constante defensiva e vigilância, pois não ignoram que são odiados e vigiados pela desconfiança e hostilidade dos próprios associados e sequazes, que anseiam por suplantá-los. O diabolismo não é um estado de malignidade definitiva, porque é visitado incessantemente pelas oscilações benéficas, que vêm da intimidade espiritual e lhe enfraquecem a estrutura subversiva.

Esse surto de pensamentos e sentimentos com intenções renovadoras, no psiquismo embrutecido, é que produzem novos efeitos de cores claras e límpidas sobre a aura permanente, e que em nosso exemplo têm o tom pardo terroso do egoísmo. São os sinais "acidentais" que se manifestam à superfície do perispírito, variando de conformidade com os sentimentos em jogo, nas cores correspondentes aos mesmos.

PERGUNTA: — *Podeis nos citar algumas dessas variações e suas respectivas cores?*

RAMATÍS: — Supondo-se que a alma profundamente egocêntrica, do nosso exemplo, se deixasse tomar momentaneamente por alguns impulsos de orgulho, ciúme e cólera, estas seriam outras paixões acidentais projetadas sobre o seu egoísmo. Então, sobre a cor áurica pardo-oleosa permanente, do egoísmo, surgiriam nódoas ou fragmentos de alaranjado escuro e brilhante, verde em matiz sujo e encarnado chamejante, que identificam, respectivamente, os padrões cromosóficos ou vibratórios do orgulho, ciúme e cólera. Em outro sentido, supondo-se um espírito cuja paixão fundamental fosse a cólera, a cor permanente de sua aura seria então um encarnado afogueado; desde que acidentalmente tivesse alguns assomos de egoísmo, o fenómeno seria inverso, pois nessa aura de encarnado permanente apareceriam nódoas ou manchas esparsas, de cor parda oleosa e suja, que é a cor do egoísmo .

Os sentimentos de tolerância e urbanidade revelam-se por alguns matizes de um verde claro e transparente; a saudade fraterna ou o amor sincero se denunciam pelo rosa-claro, enquanto que a ansiedade espiritual elevada se manifesta por uma formosa tonalidade de azul claro, luminescente, cujas cores, como formosas centelhas policrômicas, têm alguns momentos de vida, como sinais acidentais elevados sobre a aura fundamental do espírito.

PERGUNTA: — *Tomando por base o exemplo que destes, de um tipo de alma extremamente egoísta, quais seriam, em sentido oposto, as características assinaláveis no perispírito de uma alma elevadíssima?*

RAMATÍS: — Um espírito elevadíssimo e de imenso amor para com a humanidade, como Francisco de Assis, por exemplo, possui uma aura fundamentada em um tom rosa claríssimo, impregnado de suaves matizes de lilás resplandecente, indescritíveis à visão humana, em que o rosa interpreta o amor incondicional e o lilás a humildade espontânea. Mas um tipo espiritual, mais afim à natureza de um Buda, por exemplo — cujo equilíbrio e santidade muito deviam à sua grande sabedoria e a um mentalismo de alta espiritualidade -, deve possuir uma aura baseada num amarelo dourado, formoso e franjado de azul claro, em cintilantes filigranas a lhe formarem extenso bordado. Esses tons indicam também elevada sabedoria espiritual, quando aliada ao poder de grande concentração mental.

Suponhamos que se trate de um espírito da mais extrema e consciente humildade, vivendo a espontaneidade da flor em viva doação ao mundo: a sua aura pode ser formada por um rosa formoso claro, ou então pelo lilás resplandecente, exsudando o mais suave aroma de violeta sidérea; se além da humildade ele já tiver alcançado os dons da sabedoria sideral, o admirável lilás tanto pode se apresentar matizado de lantejoulas douradas e refulgentes, entrecortadas de fios diamantíferos, com reflexos amarelos, como envolto por majestoso rendilhado fulgindo no matiz do ouro.

Só a aura de Jesus, com a sua cor líria, imaculada, e impossível de ser concebida pela mente humana, apresenta manifestações mais belas do que as que estamos descrevendo no momento.

Em sintonia com as cores áuricas das entidades de alta vibração espiritual, também se manifestam os demais fenômenos do perispírito, como o magnetismo balsâmico, a temperatura sedativa e os odores inebriantes que lembram os do jasmim, da violeta, do sândalo ou da açucena. Quando algum médium muitíssimo sensível consegue pressentir a aura de algum desses gloriosos espíritos, guarda uma recordação imorredoura em sua vida. Muitas criaturas eram curadas ao simples toque nas vestes de Jesus, enquanto outras se sentiam tão hipnotizadas à sua presença, que asseguravam ter visto as luzes dos anjos e sentido o perfume dos céus, em torno da aura do sublime Cordeiro de Deus!

PERGUNTA: — *É devido a esses fenômenos que certos videntes aludem a espíritos que já "têm luz", enquanto outros se lhes aparecem imersos nas sombras?*

RAMATÍS: — A humanidade terrena vai pouco a pouco despertando para o entendimento dos valores intrínsecos das cores, que excedem muito de sua natureza substancial exclusiva e mesmo de apresentação emotiva. Atualmente, já se constroem hospitais cujos aposentos são decorados de acordo com as necessidades terapêuticas de cada doente, comprovando-se que a cromosofia — ciência da cor — desenvolve-se gradativamente através do estudo dos efeitos dos matizes coloridos sobre o caráter e a psicologia humana. Muitos pintores modernos têm se desinteressado das formas exclusivamente acadêmicas, com suas configurações clássicas, para só se dedicarem à pesquisa da pintura em função exclusiva da misteriosa mensagem espiritual da cor.

Surge-lhes a esperança de que, na intimidade singela das cores, seja encontrada uma das mais importantes mensagens capaz de colocar o homem em relação experimental com os matizes fenomênicos do mundo astral.

Os estudos sobre o efeito da cor no sistema nervoso já se afastam da observação puramente objetiva, porque o homem já começa a perceber sua influência direta na psique humana; no futuro, os cientistas poderão avaliar as nuances do caráter e as tendências dos espíritos encarnados examinando as irradiações cromosóficas de suas auras, que muito em breve começarão a ser sensíveis no aparelhamento dos laboratórios terrenos.

E quando o homem puder verificar que a criatura humana irradia de si um tom colorido, em perfeita sintonia com o seu caráter e temperamento psicológico, é certo que haverá completa reforma pedagógica e correccional no vosso orbe. Mesmo a solução do problema do menor delinquente será bastante favorecida, graças aos diagnósticos a serem obtidos pelo exame das cores áuricas, e pela possibilidade de se poder ajustar cada espírito reencarnado ao seu ideal e à fonte emotiva protetora do seu tipo psíquico.

A "cromosofia astral" é ciência a que no Além os espíritos se devotam com muito carinho, representando um avançado ramo do cientificismo transcendental, que no futuro será divulgado ao vosso mundo. Estudando-se os efeitos áuricos coloridos, poder-se-á descobrir com mais facilidade

a origem dos pensamentos prejudiciais ou tolos, das crianças, e então poderão elas ser encaminhadas para um curso benfeitor, evitando-lhes as inconsciências perigosas e os efeitos reflexivos das vidas anteriores.

É certo que os videntes encarnados já podem distinguir algo do padrão fundamental benéfico ou maléfico, sadio ou enfermo, das almas desencarnadas, ao perceberem que as felizes são nimbadadas de luzes e emanações atraentes, enquanto as infelizes e escravas das paixões inferiores têm o seu perispírito confundido com as sombras opressivas.

PERGUNTA: — *Por que motivo não podemos aplicar a nós mesmos essa admirável ciência das cores, que identifica as diversas emoções e os fundamentos psíquicos da alma? E por que nos custa tanto compreender que o pensamento seja o dinamismo propulsor de todo esse mecanismo imperceptível para os nossos sentidos comuns?*

RAMATÍS: — Ainda são raros os encarnados que podem compreender quão poderosa é a força do pensamento e o seu maravilhoso poder de alquimia sideral, que modifica a vestimenta perispiritual da alma. Como ainda não podeis comprovar objetivamente a força mental que provoca as modificações plásticas e fundamentais no organismo de carne, duvidais da presteza e do poderio ideoplástico com que essa mesma energia mental pode modificar o vosso perispírito! A encarnação obscurece o poderoso dinamismo da memória etérica, fazendo-a esquecer a sua realidade maravilhosa do Além, por cujo motivo também não vos é dado compreender todas as funções admiráveis das cores, em sua sutil operação sobre a vossa emotividade espiritual.

PERGUNTA: — *Então é devido a essa força do pensamento, atuando fortemente e podendo modificar o perispírito, que alguns desencarnados assumem a forma e a fisionomia animais?*

RAMATÍS: — É evidente que, se os pensamentos nobres e as ações boas aperfeiçoam a forma do perispírito, estampando no semblante dos seres os traços da ternura e beleza espiritual, os aviltamentos imprimem nele as linhas monstruosas e produzem estigmas animais na criatura. Os das paixões descontroladas vergastam terrivelmente a textura delicada da fisionomia perispiritual, cunhando nela a configuração e o aspecto da predominância animal do passado. A alma é a exclusiva responsável pelos seus próprios pensamentos, sejam bons ou maus, agradáveis ou horripilantes.

A conhecida teoria das "ideias fixas", tanto tempo comentada pelos discípulos de Freud e pelos estudiosos da psiquiatria, constantemente é indicada como a responsável pelos mais variados tipos de alienações mentais de infelizes criaturas dominadas pelos estigmas esquizofrênicos.

Mas o certo é que os psiquiatras comumente ignoram que muitos desses estigmas ultrapassam os limites do berço físico, pois têm suas origens principais no passado longínquo. Quantas vezes o tipo popular de rua não passa da reprodução viva do reflexo doentio do

passado, quando o seu espírito perturbou-se pela sagacidade intelectual, pelo excesso de riqueza, pelo abuso do mando ou devido a qualquer privilégio aristocrático!

A humanidade pouco sabe ainda do poder criador ou destruidor que se encerra na simples emissão de um pensamento e que, agrupando as energias dispersas e emitidas por outras mentes que funcionam na mesma faixa vibratória, pode ser arregimentado para os objetivos mais perigosos. As "formas pensamento" que se plasmam continuamente nos centros cerebrais produzem substâncias imponderáveis para a rudeza dos sentidos físicos, mas grandemente influenciáveis no sistema nervoso e endocrínico, podendo tanto acelerar como retardar a produção de hormônios do sistema glandular.

É de senso comum que a glândula tireóide é de grande importância no desenvolvimento somático do indivíduo e na sua manifestação psíquica no mundo; o seu simples aceleração fisiológico basta para que se produzam certas alterações no rosto, como, por exemplo, os olhos esbugalhados e a fisionomia angustiada, roubando a serenidade habitual da expressão humana. Embora se procure verificar cientificamente o roteiro carnal que compõe ou altera a fisionomia, o certo é que esta se plasma vigorosamente influenciada pelas energias psíquicas, que atuam nos sistemas responsáveis pela sua exteriorização objetiva, como os hormônios, por exemplo, que, influinte na circulação, aceleram ou reduzem os movimentos musculares e ajustam as coletividades celulares, dando a conformação biológica.

É indiscutível a profunda diferença entre um rosto humano de semblante sereno e convidativo e o de outra pessoa que vive num ritmo de sofrimento atroz ou que tem os olhos esbugalhados e a palidez cadavérica, devido a um acontecimento assustador!

Notai que os extremos fisionômicos, da alegria e da dor, que em alguns segundos podem se mostrar na mesma criatura, parecem retratar dois indivíduos completamente diferentes entre si! O homem pessimista, letárgico ou hipocondríaco sente dificuldade até para rir, pois é de catadura conventual e aspecto desanimador, capaz até de perturbar o sorriso da criança! No entanto, aquele que vibra sob o júbilo das atividades construtivas e busca os bens superiores, aceitando a vida humana como um ensejo educativo de libertação espiritual, imprime no seu rosto um cunho estimulante e de simpatia, que a própria velhice custa a roubar das faces!

Que é isso tudo senão o resultado do próprio modo de a criatura pensar e viver as suas emoções em contato com o mundo? Embora seja o mecanismo funcional do corpo físico o que modifica a expressão da fisionomia humana, através das operações seletivas dos seus sistemas orgânicos, é a mente que plasma no rosto aquilo que a alma cultiva e extravasa entre as fronteiras do seu psiquismo. O rosto apenas reflete para a luz do mundo material aquilo que a alma já configurou com prioridade no seu mundo astral e mental. Por isso é que encontrareis do lado de cá profundos estigmas animais no espírito desencarnado, pois a sua forma, tendo sido violentada pelo bombardeio das forças mentais perniciosas, deformou-se nas suas tradicionais linhas de forças magnéticas e coordenadoras da configuração humana.

O homem que chafurda continuamente no charco das paixões inferiores faz reviver em si mesmo os velhos estigmas da sua animalidade ancestral e, conforme o tipo da paixão que cultuar mais desbragadamente, também provocará em si mesmo um desenvolvimento enfermoso da configuração do animal que mais vivamente reproduza aquele tipo de paixão.

Dai o motivo porque ser-vos-á possível encontrar no mundo astral glutões de olhos miúdos, encravados num rosto afunilado e de narinas achatadas, com forte estigma suíno; espíritos avaros, de olhos cúpidos e rosto adunco, de mãos e pés crispados como garras,

perfeitamente comparáveis à ostensiva figura do abutre; ou então criminosos vorazes e cruéis, com a fisionomia alongada e orelhas pontiagudas ao lado de olhos de aço, que se movem felinamente como o lobo à espreita da vítima!

PERGUNTA: — *Então o instinto animal prepondera sobre o psiquismo humano já desenvolvido através da tra-jetória milenária?*

RAMATÍS: — Conforme já vos dissemos, o perispírito é um efervescente aglomerado de energias que assumem rapidamente as mais inconcebíveis configurações, obediente à força do pensamento e ao desejo do espírito, ao passo que o pesado corpo de carne é como um biombo que, só depois de muito tempo, expõe ao mundo exterior as transformações definitivas da alma. Quando as emoções violentas explodem de súbito naqueles que ainda não possuem o controle evangélico sobre as paixões animais, elas produzem na aura os sinais flamejantes do relâmpago, ou centelhas ameaçadoras, em cores vivíssimas, que se ajustam hermeticamente ao conteúdo mental e às emoções descontroladas.

Como o perispírito é um produto de milhares de séculos, tendo se caldeado lentamente desde as espécies mais inferiores, é óbvio que ele ainda possui em sua contextura a síntese atávica de todas as paixões, impulsos e instintos animais, que não só lhe forneceram o magnetismo criador, como ainda protegeram a sua configuração e os seus primitivos ensaios de ancestralidade biológica.

Os cientistas do vosso mundo têm elaborado exaustivos compêndios de anatomia, fisiologia, genética, zoologia e embriologia, nos quais tratam de todas as minúcias do corpo físico. Assinalam que os próprios segmentos de vários órgãos internos muito se assemelham a determinados aglu-tinamentos de formas embrionárias, como répteis, batrá-quios e aracnídeos, que mais parecem ter-se agregado disciplinadamente, para então se constituírem em vigorosos sistemas orgânicos do corpo humano.

Sob a mesma regra de hereditariedade física biológica, também há no perispírito um produto psíquico, como resultante de sua concentração energética nos planos interiores da vida, que possui algo da influência evolutiva dos próprios vermes, répteis e animais que contribuíram para formar o organismo instintivo do homem, apropriado ao desenvolvimento de sua razão. Indiscutivelmente, é bem grande a diferença de ação e instinto entre as próprias espécies animais: a raposa sobrevive requintando a sua astúcia inata; o leão, símbolo de lealdade animal, enfrenta o adversário em campo aberto; o tigre ataca traiçoeiramente e, farto, se retira; mas a hiena, cruel e vingativa, mata pelo simples prazer de destruir!

E já se podem anotar diferenças de temperamentos psíquicos até no semblante do animal, pois há enorme distância emotiva no olhar nobre do cão inteligente e amigo, comparado à expressão cínica do olhar do macaco. Na própria raça ou espécie já diferem os estigmas que revelam a paixão interior; o cavalo ereto e feroso, cujo olhar é inteligente convite para a galopada, não parece irmão do animal humilhado ao varal da carruagem, olhos no solo, já meio insensível ao chicote e entregue passivamente à sua sina. Cães nascidos da mesma prole revelam paixões diferentes entre si; há o valente que enfrenta o próprio homem, o covarde que foge do gato esquelético, o traiçoeiro que ataca sorrateiramente e o fleugmático, cujo sono ninguém perturba.

Essa dinâmica das paixões animais, que varia entre os próprios grupos racistas, é que comanda então os estigmas, assim como na licantropia o paciente chega a transformar a fisionomia pela ideia fixa de supor-se um lobo.

PERGUNTA: — *Dentro da nossa compreensão humana, é difícil entendermos essa relação "psíquica" entre os animais e o perispírito do homem pois, na tela de nossa mente, os animais se parecem a seres demasiadamente físicos, como uma superação já vencida do passado, e impotente para impor os seus estigmas primários.*

RAMATÍS: — Há um psiquismo acumulado e latente no organismo físico, que é a soma de todo o esforço de adaptação ao meio por parte da espécie animal; o corpo humano mais se assemelha a um "coquetel" composto com um pouco do psiquismo coordenado de cada espécie animal, que tem servido na esteira do tempo para formar o automatismo da vida instintiva e ligar o feto à matriz uterina. Nessa hora do encontro do espírito com a carne, o homem e a mulher, configurando dois campos magnéticos opostos, transmutam energias vindas do Alto e forças criadoras do mundo instintivo, dosadas pela psique animal, as quais fazem o seu misterioso enlace na zona do "plexo abdominal", que é o exato limiar controlador dos automatismos criadores.

O corpo humano é um vaso vivo de energias milenárias, colocadas ao serviço do espírito encarnado, mas que reagem à sua atuação e tentam impor os seus valores instintivos cal-deados no pretérito. O espírito tanto pode se tornar um comandante vigoroso e emancipado, capaz de controlar o seu exército de entidades microscópicas, como também se transformar num infeliz farrapo psíquico, arrastado sob o império dos estigmas do atavismo animal. E se não houvesse essa reação incessante, a matéria perderia a sua razão de existir e a sua utilidade pedagógica pois, na falta do inferior para acicatar o superior, é óbvio que ocorreria a estagnação espiritual. Graças a esse entretenimento milenário é que se desenvolve o raciocínio e se apura a consciência espiritual da alma encarnada.

O espírito, o perispírito e o corpo terminam formando uma só entidade nesse aspecto trifásico: o pensamento, a energia e a matéria. Daí os motivos por que ainda perduram na ação perispirítica do corpo físico os velhos estigmas das paixões animais, como produto resultante dos períodos de formação da carne e da organização humana. O corpo pode ser comparado ao positivo da fotografia; revela à luz exterior o conteúdo exato do negativo psíquico; mas é necessário convir em que, para a revelação perfeita do seu conteúdo, também precisam existir ingredientes químicos e apropriados para a materialização do psiquismo na tela física.

E são os impulsos da ancestralidade animal que representam o "revelador" químico com que a alma reproduz, no corpo físico, o seu conteúdo psíquico, para depois retificá-lo no frenamento compulsório pelas rédeas da vida física.

PERGUNTA: — *Não poderíamos considerar as paixões como produtos exclusivos da carne?*

RAMATÍS: — Não pretendemos afirmar que as paixões sejam produtos exclusivos da carne e não do próprio psiquismo, assim como ser-vos-á impossível determinar exata-mente a fronteira onde ambos se separam; por isso, recomendamos que eviteis o equívoco do extremismo, pois na vida cósmica nada subsiste completamente isolado.

Há vida embrionária tanto na pedra, que se apura para habitar expressões mais evoluídas, como no potencial de energia livre com que o espírito modela o seu corpo físico e

o ajusta à disciplina das forças atávicas das espécies animais. Daí a luta incessante entre as forças psíquicas despertadas na alma e as energias vigorosas da descendência animal, que servem para plasmar, no cenário da matéria, o seu veículo físico de progresso, e ao mesmo tempo torná-lo um instrumento retificador das mazelas e imprudências pre-gressas. Ante a mais sutil displicência mental, o corpo físico reage, atento e impulsionado pelo seu atavismo inferior; no entanto, só a vontade espiritual treinada ou a inspiração superior pode fazer cessar essa violência instintiva ou dar-lhe uma direção construtiva.

A mesma força mental explosiva que, num homem vigoroso, aciona-lhe o braço e fá-lo esmurrar o seu adversário, pode existir ainda com mais veemência no paralítico humilhado, cuja cólera deixa de se materializar através da brutalidade física, mas pode se revelar mais violenta no seu olhar enfurecido. É força represada no intercâmbio milenário, pronta a agir mesmo sob o menor impulso mental, fazendo com que o espírito, por vezes, imediatamente se arrependa da reação violenta a que deu corpo devido a qualquer singela provocação.

Se não fora a força do psiquismo oculto e também atávico, do animal, talvez muitos homens pudessem represar as suas precipitadas ordens mentais de reagir, que intempestivamente os levam à violência. Mas o instinto animal quando acorda no seu psiquismo milenário, que é só impulso e instinto, não dá mais tempo para que o espírito possa freá-lo e mudar de ideia, salvo quando já dispõe do admirável domínio das paixões inferiores, como ensinado por Jesus.

De outra forma, a alma só pode se tornar em uma imprudente colecionadora de "estigmas" animais!

Capítulo 18

O Suicídio e suas Conseqüências Cármicas

Pergunta: - *Supondo-se que alguns encarnados que se suicidaram no passado se rebelam em futuras encarnações contra as novas provas dolorosas de retificações espirituais e resolvam suicidar-se novamente, quais serão os recursos empregados pelos mentores espirituais, a fim de que esses infelizes irmãos não possam fugir às provas redentoras?*

Ramatis: - Não é preciso que os prepostos espirituais criem situações propositadamente punitivas para que esses espíritos rebeldes não fujam de suas provas, pois eles mesmos criam suas condições expiatórias quando avançam em demasia na sua revolta e ficam manietados aos resultados de suas próprias ações.

Assim como o trovão desfere o raio, que carboniza as substâncias na atmosfera carregada de eletricidade, os espíritos revoltados também produzem venenos mentais e astrais violentos, que os vitimam sob terrível intoxicação e os debilitam, minando-lhes até o senso psíquico de coordenação mental. Sobrecarregam-se de corrosivos produzidos pela mente em rebeldia, como produtos da cólera, da raiva ou do ódio, e que na lei de correspondência vibratória se condensam e incrustam na superfície delicada do perispírito, tornando-o terrivelmente enfermo.

Durante a reencarnação, o perispírito é obrigado a reduzir-se até se encaixar perfeitamente na forma fetal que se encontra em gestação no corpo feminino para, então, despertando aos poucos, desenvolver-se aglutinando os novos elementos biológicos da linhagem hereditária a que se encontra ligado e que hão de constituir-se no seu novo corpo carnal. À medida que vai crescendo o embrião no ventre materno, o perispírito vai se libertando gradativamente de sua carga astral venenosa, que se transfere para o organismo tenro em formação, para mais tarde surgir a mesma enfermidade em toda a sua eclosão pernicioso. Em certos casos, o encarnante drena com demasiada violência o conteúdo tóxico do seu perispírito para o novo corpo físico, ainda em vida uterina, resultando que, ao nascer, já se apresenta com terrível lesão, enfermidade ou estigmas congênitos. Em verdade o corpo carnal é a materialização completa do perispírito na matriz uterina, e se plasma sob o princípio atualmente esposado pela ciência, de que a matéria é energia condensada. Deste modo, todas as forças envenenadas do psiquismo doentio, que se geraram pela rebeldia, cólera, irascibilidade ou fúria suicida, baixam vibratoriamente durante a acomodação do perispírito no órgão etérico da gestante e, à medida que vai se constituindo o novo corpo, também absorve os venenos da veste perispiritual do encarnante. A carga tóxica transfere-se desta última para o corpo tenro, que depois será, então, um instrumento de sofrimentos e dificuldades para o seu próprio dono, vítima de suas tropelias e invigilâncias pretéritas.

Então o indivíduo poderá nascer com o corpo coberto de chagas incuráveis, lesado no sistema circulatório, nervoso ou linfático, ou enfermo de outros órgãos vitais do corpo. Em

certos casos, as perturbações nos plexos nervosos ou na zona cerebral são as responsáveis por angustiosas paralisias, quadros mórbidos de alucinações vividas no astral inferior, ou ainda pelos estados confrangedores da epilepsia. Justifica-se, então, a existência dessa tenebrosa caravana de criaturas teratológicas, imbecilizadas ou portadoras das mais aberrativas atrofia, que expõem os seus molambos de carne pelas ruas das cidades ou se arrastam grotescamente como inquilinos torturados de um mundo infernal, e em ânsias frementes de viver! São infelizes almas que há muito tempo vêm se estertorando no resgate dos mais trágicos desatinos do passado ou, então, inveterados suicidas que fugiram da vida esfrangalhados sob veículos ou por quedas desesperadas, carbonizados pelo fogo, envenenados pelos corrosivos ou aniquilados pelas armas de fogo ou pelos punhais. A Lei Cármica então os manietou aos resultados dos próprios tóxicos e lesões perispirituais que em momentos de vingança geraram contra os princípios harmônicos da vida humana.

Em conseqüência, aqueles que se suicidaram em uma encarnação e que, em novo ato de rebeldia, se trucidam em reencarnações retificadoras, são apanhados pelo próprio cientificismo regulador da Vida e agravam, ainda mais, as suas situações dantescas. O Carma os enlaça novamente e eles retomam ao mundo físico amordaçados aos próprios ergástulos de carne; muitas vezes renascem imbecilizados e com fugidio sopro de consciência flutuando sobre o vigoroso instinto de vida animal, que então se encarrega de impedir-lhes a coordenação psíquica para efetuarem qualquer novo ato de suicídio.

Pergunta: - *Qual a conseqüência educativa, para a alma, em renascer completamente tolhida nas suas ações físicas?*

Ramatís: - Em virtude de a alma ficar impedida de aniquilar o seu corpo carnal em nova tentativa de rebeldia - pois que o seu psiquismo se encontra oprimido pela força da animalidade, que é toda instinto de sobrevivência - pouco a pouco acostuma-se à existência de que pouco participa, à qual a Lei do Carma o habitua, como um exercício recuperador da vontade que se encontra subvertida. Desse modo, o inveterado suicida, que era vezeiro em destruir os seus corpos físicos nas vidas anteriores, passa novamente pelo mundo, porém traumatizado pela mesma Lei que violentou, impossibilitado de viver a sua própria existência ou vontade psíquica perigosa. É obrigado a viver apenas a vontade instintiva do corpo atrofiado ou imbecil, que então lhe cerceia o espírito e o obriga a permanecer impotente, no seio da mesma vida animal que desprezou outrora.

Em face de ter sido sempre um espírito viciado ao suicídio, com desprezo pela vida humana, eis que a Lei o coloca exatamente no limiar dessa mesma vida que tanto subestimou, impedindo-o de agir e intervir contra ela a seu talante. Diante da vida em eterno progresso e responsável pela angelitude de todos os filhos de Deus, os suicidas rebeldes estacionam nas fronteiras perigosas de suas próprias insânias, mas novamente se reeducam, sob a paradoxal terapêutica de desenvolver a vontade de viver, pelo próprio impedimento da vida!

Pergunta: - *Desde que os venenos produzidos pela mente rebelde do suicida o tornam imbecil na futura existência e impedem-lhe a vontade consciente, a fim de não praticar novo suicídio, devemos supor que todos os suicidas rebeldes ficam submetidos implacavelmente a um destino expiativo?*

Ramatís: - Como essas atrofias variam de conformidade com o conteúdo psíquico deletério e próprio de cada alma delinqüente, nem todos os suicidas renitentes se reencarnam como imbecis. Também os encontrareis conscientes de si mesmos, sofrendo provas iguais às que purgam outros espíritos galvanizados no mal, que se movem pelas ruas das cidades como verdadeiros "trapos vivos" e de sistema nervoso completamente perturbado. Lembrando a figura de fardos vivos atirados nos catres dos hospitais, colocados em cestos, caixotes ou veículos apropriados, muitos vivem à cata de esmolas ou são tratados por outras almas às quais o destino os algemou como parentela consangüínea.

Às vezes esses infelizes movem apenas os olhos, onde ainda brilha uma réstia da consciência que os ferreteia em surda revolta, enquanto os lábios mal retêm queixas, revoltas e disfarçado ódio contra a vida e os seres! Há momentos em que o fulgor odioso do seu orgulho ferido e exaltado no passado rebela-se até contra a mão amiga que ainda lhes estende a esmola! Doutra feita, todo o ser se crispa num hercúleo esforço, buscando atear a vida ao seu sistema flácido e atrofiado, como se uma fúria homicida eclodisse do espírito subjogado para se transformar em brutal vingança contra as criaturas que se movimentam alacres e festivas ao seu redor! Então os olhos abatidos e compulsoriamente humilhados insuflam-se de cólera, e a fúria interior consegue ainda extravasar pela carne doentia e pelos nervos lassos, movendo os membros contra o cão inofensivo ou então furtando-se na destruição maldosa da ave ou do inseto inofensivo.

No entanto, nenhuma injustiça se lhes desabou no destino trágico; é apenas a colheita conseqüente à sementeira imprudente do passado, em que tantas vezes resistiram à lei do Amor e ao aproveitamento dos bens da vida física. Esses infelizes ex-suicidas, em sua situação grotesca e deserçada, plasman o resultado do próprio destino que geraram outrora e através da mente deformada, pois os seus corpos estropiados não passam de materialização viva dos mesmos desejos do pretérito quando, revoltando-se devido às primeiras insatisfações ou caprichos frustrados, destruíram o precioso instrumento da vida humana, que lhes fora concedido como valiosa oportunidade de ventura espiritual.

A velha imagem suicida e destrutiva do passado transferiu-se de uma existência para outra, constituindo-se em novos reflexos suicidas no campo mental, e atingindo implacavelmente a sede da vida carnal, reproduzindo em execrável deformidade aquilo que antes apenas vivia no subconsciente da alma, como quadros torturantes da hora derradeira da morte tresloucada, no passado. O molde perispiritual, tão castigado nos suicídios progressos, termina plasmando na carne, sob a mesma tensão e deformidade de suas linhas de forças sustentativas, a figura enferma que o espírito delinqüente tanto lhe impôs no psiquismo sobrevivente. E o destino, que então parece manifestar-se tão trágico, ainda é o serviço benfeitor oferecido pela Lei do Carma ao espírito rebelde pois, sofrendo na sua desdita redutora da vida humana, também se reajusta espiritualmente na própria carne embrutecida e que lhe tolhe a revolta interior. Essa Lei ajusta-lhe em tempo preciso os recursos e os elementos do mundo físico que possam auxiliar a drenação da toxidez tão cruciante do perispírito e refrear os seus impulsos violentos no ergástulo retificador da carne.

Pergunta: - *Mas, voltando à pergunta anterior: Devemos supor que tais tipos de suicidas sempre não de se reencarnar impedidos da consciência de si mesmos, ou então privados de sua liberdade orgânica no mundo físico?*

Ramatís: - Da mesma forma como pode existir diferença de recursos terapêuticos para os enfermos com igual manifestação patogênica, o cientificismo do mundo espiritual - embora usando de técnica diferente - também consegue obter resultados diversos nos mesmos casos de suicidas inveterados. Muitos suicidas rebeldes renascem sob condições tão enfermigas que, perturbando-lhes parte da razão, também os impedem de cogitações filosóficas demasiadamente mórbidas e perigosas, passíveis de induzi-los novamente à autodestruição. Sofrem por isso de amnésia parcial na consciência espiritual, ficando com os seus poderes e raciocínios reduzidos, e que assim não revelam toda a sua velha estrutura psíquica já acumulada no tempo.

Outros retornam ao mundo com a sua inteligência bastante velada e nascem no meio dos brutos e ignorantes, onde atuam sem a grande capacidade do passado, incapazes de uma compreensão psicológica além do ramerrão da vida cotidiana. Não ficam imbecilizados, sem a consciência de suas ações, mas também não gozam totalmente do poder arguto da análise e dos seus requintes filosóficos habituais; as suas necessidades intelectivas e morais são poucas, pois nessa piedosa readaptação à existência humana, pouco mais exigem do que é necessário para o animal doméstico! Normalmente, só comem, bebem, dormem e procriam, sem que lhes passe pela mente qualquer outra ansiedade além dessas satisfações rudimentares.

Pergunta: - *Que tipo de suicidas foram essas almas, no passado?*

Ramatís: - Trata-se de almas que, em face de sua excessiva agudeza mental e raciocínios perturbadores no passado, saturaram-se dos propósitos comuns da vida humana, sem ainda haverem compreendido os seus sublimes objetivos espirituais. Algumas, em vidas sucessivas, fartaram-se epicuristicamente com os requintes intelectivos e sem objetivos de estímulos espirituais, para depois se deixarem dominar pelo prazer da pura abstração ou especulação filosófica, terminando intoxicadas pelo invencível tédio e pessimismo, que as abateu sem lhes colimar um objetivo justo. Muito antes de perceberem a finalidade inteligente e gloriosa da existência humana e dos objetivos do espírito imortal, destruíram seus corpos pelo suicídio insano. Petrificaram suas emoções de alto nível angélico, confundindo a inesgotável capacidade eterna da consciência espiritual com o limite do intelectualismo puro do homem encarnado.

São tipos de suicidas inveterados, vítimas de sua excessiva intelectualização pois, supondo-se mestres de arguta sensibilidade no trato da matéria, na verdade não passam de infelizes vítimas de saturação intelectual, que acreditam ter resolvido o destino da vida examinando a fenomenologia provisória do mundo físico através das acrobacias no trapézio da mente humana.

Pergunta: - *Quereis nos explicar melhor o que seja essa saturação intelectual?*

Ramatís: - Referimo-nos àqueles cujo raciocínio demasiadamente especulativo e ao mesmo tempo egocêntrico os torna, aprisionados no labirinto do seu círculo vicioso intelectual e, assim como faz o escorpião encerrado no círculo de fogo, preferem o suicídio mais calculado do que emotivo, antes de tentarem atravessar a linha das chamas. São poetas, oradores, cientistas ou artistas famosos, que se habituaram ao sucesso e aos mimos do

mundo, atribuindo demasiado valor às formas transitórias da vida terrena. Quando saturados ou decepcionados, muitos - que até merecem a devoção pública e louvores justos - aliciam motivos tolos para justificarem o seu suicídio resultante da confusão e tédio mental. São profundamente traídos pela sua própria insensibilidade psíquica para com os motivos da vida oculta espiritual. Descrentes da sobrevivência da alma, a sua estultice os leva a matarem o próprio corpo, na ingênua crença de desaparecerem da vida imortal!

Alguns deles tombam ao colher a primeira flor no jardim da vida, certos de que o mundo os chorará inconsoladamente! Em encarnação futura, porém, a Lei do Carma ajusta-os de acordo com a terapia que se fizer mais eficiente, pondo-lhes piedoso véu sobre a consciência intelectual muito requintada e auxiliando-os a se recompoem gradativamente, evitando que engendrem raciocínios muito avançados e sofram de novo a saturação mórbida intelectual, antes do conhecimento da vida no Além. A bondade do Criador auxilia-os a recuperarem o prazer pela vida, em uma ou mais existências terrenas, enquanto a excessiva argúcia e o requintado intelecto permanecem em estado latente, no âmago da alma, aguardando que a sensibilidade psíquica seja primeiramente ativada, dando-lhes a direção certa para o gosto às reflexões exatas sobre a vida imortal.

Pergunta: - *Se é assim, estamos propensos a crer que, neste caso de ajuste reencarnatório, haja certo protecionismo da Divindade. Parece-nos que, enquanto nas existências posteriores se registram padecimentos atroztes para alguns suicidas, outros gozam de alguns favores como o dessa "piedosa" redução de consciência feita aos suicidas saturados intelectual ou filosoficamente. Que nos dizeis?*

Ramatís: - A Lei do Carma sempre age de modo justo e, durante a sua aplicação, aproveita os valores morais já consagrados na contextura da consciência dos espíritos faltosos, para aplicá-los em favor do bem coletivo. Essa Lei pesa desde a mais sutil atenuante e ação benéfica, durante as provas espirituais retificadoras, pois a sua ação é educativa e não punitiva, embora ajuste a causa de um delito a um efeito corretivo sob igual intensidade. Já vos temos lembrado de que a Lei Cármica não tem por função vingar qualquer agravo cometido contra a Divindade, pois não existem agravos que atinjam a Deus ou às autoridades espirituais superiores, pois que os atingidos são exatamente os seus próprios autores, sem a necessidade de um tribunal sideral para avaliar culpas e exarar sentenças punitivas. O processo sideral ajusta os resultados bons ou maus, produzidos pelas causas acionadas pelos seus próprios agentes para, em seguida, auxiliá-los a empreenderem as providências necessárias e indicadoras dos caminhos certos para a sua ventura espiritual.

Se o homem confiasse decididamente na Lei superior, aceitando todos os princípios e convites da vida angélica, assim como o carbono submisso aceita o buril do ourives para se tornar o brilhante formoso; desapareceria toda resistência cármica humana e agiria apenas o sentido espiritual condutor para a felicidade eterna. Embora a criatura não se submetta espontaneamente aos ditames certos da evolução espiritual, a Lei pesa sobre as atenuantes e agravantes ao organizar as reencarnações retificadoras dos faltosos. No caso de um suicídio - quando, apesar de haver destruído a sua vida num momento de insânia mental ou de excessivo intelectualismo, o tresloucado haja sido criatura benfeitora ou deixe motivos ou realizações úteis à coletividade - malgrado o espírito não se livre dos padecimentos específicos ao seu caso, após à desencarnação violenta, gozará de atenuantes na existência futura, graças ao serviço útil superior.

É justo que o escritor, o filósofo, o cientista ou o artista, que hajam sido bons e sinceros em suas obras, devam ser tratados sob melhor condição, apesar de se haverem suicidado pela incapacidade de assimilar os verdadeiros motivos espirituais da existência humana. Cabe-lhes pessoalmente a culpa de terem destruído a sua maquinaria carnal de experimentação humana, mas também merecem a atenuante reeducativa da "piedosa" redução consciencial, se anteriormente visavam elevar o padrão moral do mundo, apesar de sua imaturidade espiritual tê-los cegado sobre a vida imortal. No entanto, seria flagrante a injustiça, se a Lei também aplicasse o mesmo tratamento àqueles que não trepidam em se suicidar, abandonando covardemente a sua família e a responsabilidade da vida humana, apenas porque já se encontram fartos de todas as sensações inferiores e se rebelam contra os reverses da experimentação espiritual. A reencarnação corretiva e a reeducação psíquica atenuada Poderão modificar o ex-suicida, transformando-o mais rapidamente num tipo de alma benfeitora e laboriosa e que, após despertar a sua sensibilidade espiritual, ainda será mais útil à humanidade, porque se trata de criatura também aprimorada pela razão. Mas ao 'suicida rebelde, frustrado pelo prazer, ou vingativo, só a dor incessante será capaz de romper os grilhões do seu instinto inferior e das paixões insaciáveis, que prendem a alma às existências de caprichos e desejos pessoais, à maneira do caramujo na sua concha egocêntrica.

Pergunta: - *E no caso desses espíritos mais intelectualizados, que se suicidam por saturação, como dizeis, também são atenuados no Astral os sofrimentos que são próprios dos demais suicidas truculentos?*

Ramatís: - A Lei Cármica não se modifica diante do tipo de efeitos decorrentes de causas semelhantes, mas sim dá "a cada um conforme as suas obras". Assim, o suicida mais emocional sofre os quadros torturantes de modo mais objetivo, isto é, mais propriamente no seu veículo astral, que é a zona de apoio emotivo do perispírito. Malgrado a figura imperfeita, diríamos que, nesse caso, o suicida sofre mais diretamente em sua "carne perispiritual".

O suicida se apavora e se arrepele diante de sua loucura suicida e a precipitação em destruir-se quando se descobre vivo, e ainda em pior situação, no Além. No entanto, se foi um intelectual, podendo dispor de raciocínios ponderados, quando se matou certamente o fez depois de maduras reflexões, quase sempre decepcionado por uma vida que julgou ter atingido ao máximo de emoção e entendimento, mas sem haver encontrado motivos ocultos e justificáveis, como condição lógica e sensata para o prosseguimento de sua existência. Então, após deixar a sepultura, é vitimado propriamente pelas cenas atroztes, que lhe ferem mais fundamente a esfera mental do que mesmo o corpo emotivo de textura exclusivamente astral. É um sofrimento tão comum e intenso quanto o dos demais suicidas; difere apenas pelo motivo de ser mais "intelectual", pois também fora essa condição a maior preocupação do seu espírito na carne, enquanto que outros sofrem mais atrozmente na esfera emotiva, onde se situa a força das paixões. O homem de raciocínio desenvolvido, reconhecendo-se sobrevivente e imortal, centuplica a sua angústia mental, por sentir-se envergonhado da exagerada valorização atribuída ao seu intelecto e à proverbial indiferença para com a mística da sobrevivência da alma no Além-Túmulo. O seu sofrimento é acerbo, mas profundamente moral e acusatório, anotando-lhe todos os momentos perdidos nos raciocínios vaidosos e

prazeres epicuristas de exclusiva relação com a vida provisória da carne; revê as seqüências benfeitoras das quais bem poderia ter usufruído em benefício da própria inteligência.

É inimaginável o sofrimento daquele que atravessa a vida humana carregando exaustiva bagagem à conta de valioso tesouro e, após a morte truculenta, verifica que o seu carregamento é de pedras que deixara de trocar pelo ouro da esperança imortal! Esse mesmo intelecto desenvolvido depois tortura dantescammente o seu dono tresloucado, pois esforça-se em rebuscar o recôndito da alma para achar ali o mais débil espinho da desilusão e da vergonha íntima, para ele ver que é inteligência superlouvada, mas incapaz de criar a própria ventura!

Esse sofrimento não conta com outras atenuantes que não seja o próprio lenitivo da humildade ou da aceitação da própria dor, como holocausto às culpas e atos irrefletidos no mundo transitório. Mas, se o caminho já houver sido percorrido por um intelecto apurado, tentando uma realização de sentido moral no mundo, o suicida poderá se rejubilar depois, ante a certeza de sua realidade imortal e a esperança de compensar, em seguida, a frustração anterior. Mesmo quando, em nova consciência, para evitar nova saturação intelectual prematura - num estágio benfeitor e sob novos experimentos que lhe graduarão também o despertar espiritual - é certo que esse tipo de suicida intelectual já terá sofrido em si mesmo o efeito mórbido de sua precipitada autodestruição, pois a Lei Cármica, como já dissemos, move-se sob a ação do próprio agente que a perturbou.

Pergunta: - *Podéreis nos informar sobre os motivos de algumas crianças se suicidarem em tenra idade, conforme já tivemos conhecimento?*

Ramatís: - Os espíritos suicidas que, durante o tempo em que estão desencarnados, em vez da rebeldia teimosa ou da ociosidade deliberada, aceitam serviços sacrificiais e cooperam em favor de outros infelizes, quando depois se reencarnam sempre conseguem atravessar a fase infantil, ou a juventude terrena, algo imunizados contra os perigosos estímulos suicidas que, na forma de verdadeiros "ecos" enfermícios da loucura passada, buscam a mais diminuta invigilância espiritual para se infiltrarem perigosamente no psiquismo e o conturbar novamente. Em conseqüência, aqueles que se revoltam contra a perspectiva de servir e aprender junto às falanges dos trabalhadores desencarnados, preferindo curtir o orgulho atávico da personalidade humana, na rebeldia inconformada, também desprezam a oportunidade do socorro que teriam durante a infância da sua reencarnação retificadora e graças ao cimento da amizade superior. Acresce que tais rebeldes consideram de pouca valia os próprios ensinamentos evangélicos deixados por Jesus, ou mesmo dados por outras consoladoras doutrinas espirituais.

Demasiadamente orgulhosos e ostensivos, ainda envaidecidos pela estulta auto-suficiência, consideram supérfluos ou inúteis os recursos da terapia evangélica, apreciando-a como um meio ingênuo e incapaz de sustentá-los em suas vidas difíceis no mundo da carne. Aliás, não se pode atribuir excessiva malevolência a esses poucos indivíduos que se acreditam senhores absolutos de seus atos, pois embora já tenham decorrido dois mil anos de propagação do Evangelho do Amado Jesus, nem por isso a humanidade terrícola também demonstra a sua confiança nele. Se os homens não duvidassem do generoso trabalho do Sublime Jesus, é claro que há muito tempo eles teriam se libertado dos renascimentos físicos e das incessantes retificações dolorosas, que são conseqüentes de sua estultice e rebeldia

espiritual. Em verdade, todo o arcabouço grandioso do Evangelho ditado pelo Cristo repousa nesta singela frase de oculta significação: "O meu reino não é deste mundo!"

Tanto do lado de cá como aí na Crosta, muitos espíritos onerados por crimes, suicídios ou rebeldia ao Bem e à Luz subestimam e combatem ferozmente a extraordinária força criadora do Evangelho, desconhecendo o seu potencial assombroso e a particularidade valiosa de transformar almas impuras para a cidadania angélica. Por isso, alguns inveterados suicidas, rebeldes a qualquer amizade redentora no Espaço, descem para a carne sem a iniciação da humanidade, do afeto e do perdão evangélico, cercando-se novamente dos velhos comparsas e adversários impiedosos que já os abateram no passado. Excessivamente confiantes em si mesmos e com todos os equívocos da alma ignorante, submetem-se às provas obrigatórias da reencarnação terrena com o perispírito já vibratoriamente impermeável à proteção superior.

Infelizmente, alguns deles não conseguem ultrapassar, sequer, o período da infância e alcançar as retificações cármicas posteriores; então deixam-se vencer muito cedo pela melancolia das provas futuras, que já adivinham na sua mente enfermeira e são revestidas pelos seus inimigos à espreita, nas sombras, que lhes avivam os estímulos suicidas do passado. Quase sempre, a insânia os toma ainda na fase juvenil, resultando os quadros trágicos do suicida precoce, que comovem o mundo ante a surpresa de tal incógnita humana.

Pergunta: - *E no caso de alguns suicídios de sexagenários, e até octogenários, como já tivemos conhecimento, em que muitas vezes nem ao menos oferecem motivos aparentes para tais tragédias? Porventura, em idade tão avançada, ainda estão sob atuação dos "estímulos suicidas" do passado?*

Ramatís: - Sempre vos temos advertido de que, mesmo no mundo espiritual não há regra sem exceção. Nem todas as crianças que se suicidam são espíritos exclusivamente de ex-suicidas do passado; do mesmo modo, nem todos os que se suicidam na velhice também são vítimas dos estímulos suicidas pregressos. É preciso não olvidar o temível problema das obsessões, quando almas impiedosas, desde o berço da reencarnação dos seus velhos adversários, os perseguem obstinadamente com o fito único de expulsar-lhes o espírito do corpo protetor. Auscultam-lhes todas as zonas vulneráveis e aplicam todos os recursos, os mais vis e implacáveis, a fim de levá-los ao suicídio prematuro, mesmo que se trate de espíritos que não se suicidaram no passado.

Em virtude de o suicídio ser um dos crimes mais condenáveis pela consciência espiritual, pois a alma trai a concessão divina do corpo carnal, esses infelizes obsessores e verdugos do Espaço buscam acicatar ao máximo a vaidade, o orgulho e o amor-próprio daqueles em que vislumbram qualquer debilidade psíquica que possa induzi-los ao suicídio. Deste modo, a pertinácia e a crueldade obsessora, em certos casos, tanto podem levar ao suicídio uma criança cujo espírito ainda esteja muito onerado por graves débitos do passado, como também burlar a vigilância espiritual do sexagenário descuidoso e imprudente, conduzindo-o também à morte ignominiosa.

É por isso que uma das mais importantes atitudes que auxiliam a permanência do espírito na matéria ainda se enquadra na máxima do "orai e vigiai" que Jesus recomendava a todos os seres e à qual se referia a todo momento. A oração, como divino multiplicador de frequência vibratória angélica, estabelece maiores defesas em torno da alma e dos seus

pensamentos, suavizando-lhe as emoções e cerrando as portas do psiquismo vulnerável às insuflações e estímulos das trevas.

Pergunta: - *E qual é o vosso ponto de vista sobre o fato insólito desses milionários que se suicidam? Uma vez que a fortuna já lhes proporciona completa segurança econômica e todas as satisfações no mundo material, isso não deveria servir-lhes de motivo para não se entregarem ao suicídio?*

Ramatis: - É de senso comum que o homem mais rico não é aquele que possui mais dinheiro, mas o que menos precisa dele. Inegavelmente, existem inúmeros motivos que podem levar as criaturas ao suicídio, quer sejam ricas ou pobres, doentes ou sadias, ignorantes ou sábias, Há os estímulos suicidas como vibrações mórbidas decorrentes do suicídio da vida anterior, assim como outros novos incentivos, que se produzem pelo desespero moral, fracasso econômico, sofrimento atroz, rebeldia ou indiferença para com a vida humana, e tenaz perseguição dos terríveis obsessores das trevas.

A fortuna terrena não significa um cinto de segurança para aqueles que causaram desgraças e infelicidades no pretérito, pois o dinheiro do mundo material não consegue livrar o espírito encarnado da perseguição dos seus desafetos em liberdade no Além-Túmulo. Enquanto o pobre se suicida desesperado com as suas vicissitudes, doenças ou humilhações, o milionário descuidado dos bens espirituais vive sob perigosa companhia de espíritos trevosos, que o acompanham sorratamente, excitando-o para todas as satisfações e paixões humanas, a fim de o transformarem no prato predileto do interminável cortejo de gozadores desencarnados.

Para alguns obsessores espertos, muitos homens afortunados não passam de excelentes prolongamentos vivos que atendem à sua sede de alcoólicos, do vício da jogatina e demais sensações da animalidade inferior. Deixando-se situar imprudentemente dentro de hábil plano maquiavélico sob o comando dos magos das sombras, o rico desregrado vai se atrofiando nos delicados sentimentos de sua alma imortal e se impermeabilizando contra todos os estímulos espirituais superiores, pois condiciona-se aos impulsos torpes e aos prazeres fáceis sugeridos pelo astral inferior.

Desorientado pelo excitação animal, atinge a saturação máxima dos prazeres e facilidades duvidosas da vida humana, para então embotar-se na sua sensibilidade, tornando-se apático para com todas as coisas do mundo, pois está farto, mas não saciado, impossibilitado de reerguer-se pelo afinamento espiritual, de que sempre se descuidou ou que se negou a conhecer, petrifica a emotividade saturada, a melancolia e o tédio tomam-lhe conta da vida e o dinheiro se torna impotente para atear fogo a quaisquer emoções tão excessivamente repetidas e vulgarizadas no trato grosseiro da vida física.

Quando atinge esse limite de embrutecimento, as próprias paixões deletérias e o cenário apazível do mundo transformam-se num panorama indesejável, já muitíssimo conhecido e explorado em todos os seus ângulos emotivos e prazenteiros. Alguns afogam o seu desencanto em sucessivos garrafões de uísque, desfolhando melancolicamente as folhas do calendário terrícola e evitando que a consciência se equilibre para anotar o tédio detestável. Esses suicidam-se a prestações, na ingestão do álcool; outros, respingados de cultura transitória erigida sobre a fenomenologia do mundo material e suas tricas artísticas e sociais, com um conhecimento puramente intelectual, ainda tentam algumas acrobacias

filosóficas e parafraseados do senso comum da vida requintada, para justificarem a sua própria frustração.

Mas, faltando-lhes o poderoso alimento da vida espiritual sem os sofismas do intelecto requintado no mundo, atrofiam-se-lhes de uma vez os resquícios da sensibilidade psíquica, que ainda vagavam em torno das acanhadas janelas dos cinco sentidos carnaís. Então só lhes resta um recurso estúpido e de pavoroso sofrimento que ainda desconhecem, que é o suicídio.

Pergunta: - *Mas o que às vezes nos surpreende é que também ocorrem suicídios de criaturas que, além de riquíssimas, eram cultas e emancipadas em suas relações com o mundo. Que nos dizeis a esse respeito?*

Ramatís: - É evidente que existem situações e motivos que podem levar ao suicídio qualquer tipo de criatura, por mais privilegiada ou culta na esfera intelectual do mundo, tais como as moléstias incuráveis, os tremendos impactos morais, que escandalizam fragorosamente, ou as paixões frustradas. É enorme a lista de conseqüências que podem roubar o gosto de viver àqueles que ainda não se fortaleceram pela resignação e o entendimento ensinados por Jesus.

Acresce que, no caso desses ricos e cultos que se suicidam há sempre falta da sabedoria espiritual, que é a garantia da alma em qualquer situação trágica ou desilusória no mundo físico. A prova de que são cultos na matéria mas incultos em espírito está em que eles se matam! O homem sábio espiritualmente não se mata, pois além de já estar condenado à morte pela própria natureza, sendo estupidez apressar o que é inevitável, também sabe que se lança num cenário de pavores e sofrimentos dantescos, por sua livre e espontânea vontade. Um homem nessas condições há de estar louco, mas não sábio!

A emancipação do homem não provém do polimento proporcionado pelo verniz das formas terrícolas, nem mesmo a concedem os pergaminhos, anéis de grau ou as prosaicas-condecorações, misto de baeta colorida e medalhinhas de metal. Quase sempre não existe nesses ilustres candidatos ao suicídio o ardor espiritual que eleva o homem no serviço benfeitor ao próximo, pois relegam propositadamente para plano secundário a solução fraterna dos problemas vividos pelos infelizes deserdados da sorte, que tremem de frio e gemem de dor e fome. Francisco de Assis, Padre Damião, Vicente de Paula, Bezerra de Menezes, Ghandi, Buda, Allan Kardec, e outros seres dispersos pelas várias regiões do orbe, eram tão devotados ao bem alheio, que não lhes sobejava tempo para pensarem no suicídio ou deixarem o tédio infiltrar-se em suas vidas.

Não nos parece grotesco que os fartos do mundo fujam da vida acorvadados ou decepcionados, enquanto os miseráveis continuam heroicamente a viver? E há outros indivíduos que se matam aos poucos, gastando-se junto às mesas do uísque, nas alcovas luxuosas, nos banquetes opíparos e nas estultas competições ostensivas! Quando os seus corpos baixarem à cova fria, esses suicidas terão que explicar aos seus mentores espirituais, que lhes confiaram os valores da fortuna, por que antes de alimentarem os famintos, socorrerem os doentes e vestirem os nus, alentaram os festivos concursos de cães, cavalos e beldades, esmerando-se em escolher os espécimes mais belos e sadios, enquanto os hospitais, asilos, creches e manicômios vivem abarrotados de enfermos, esfomeados e estropiados! Terão de dizer por que motivo cultuaram a ridícula profissão de anfitriões, glorificando-se na apresentação de cardápios em que entravam as mais caríssimas iguarias transportadas por via

aérea, confeccionadas com retalhos de cadáveres de animais e aves raras, enquanto a poucos passos crianças gemiam esfomeadas! Terão de explicar por que motivo exauriam fortunas no sponsalício dos seus descendentes, empanturrando os fartos e servindo os felizes, quando em torno a multidão sofria a desforra, a impiedade e a vingança surda da riqueza!

Após tanta extravagância e incompreensão do objetivo espiritual da vida humana por aqueles que são os mais credenciados pelos favores do mundo, não é de estranhar que até o milionário culto também se suicide! Repete-se modernamente a velha lenda do homem que vendeu a alma ao diabo e depois não pôde cumprir o contrato de gastar no prazo combinado toda a fortuna com que era suprido diariamente. E o diabo então levou-lhe a alma para as profundezas do inferno, pois o infeliz não tivera a idéia de se salvar, para o que lhe bastaria aplicar parte da verba fornecida por Satanás no serviço da caridade! É o que também ocorre com muitos ricos suicidas; cultos, mas de emoções embotadas pelo exagero de uma vida excessivamente egoísta e epicurística; os malfeitores das sombras levam-lhe as almas, depois, para os charcos do astral interior, pois na administração provisória da fortuna concedida por Deus em favor do bem comum, eles se esquecem da mais sublime e inesgotável emoção do espírito, que é socorrer o próximo e mitigar a dor humana.

Pergunta: - *Referistes-vos a essa "venda da alma ao diabo" apenas como um símbolo dos prejuízos que podem suceder aos ricos suicidas; não é assim?*

Ramatís: - Evidentemente estamos lançando mão de um símbolo, embora Jesus já vos tenha advertido claramente sobre o perigo da riqueza malbaratada usando também do simbolismo do Inferno na parábola de "O Rico e Lázaro", de modo a tornar compreensível o seu pensamento às massas. A riqueza não é patrimônio que pertence especificamente a um só homem, tribo ou povo, pois a reencarnação troca os donos das fortunas e, o que é pior, deserdá completamente o mais rico da Terra! Daí, pois, merecer censura o rico que, sendo apenas o mordomo ou administrador provisório de certos valores, usufrui deles avaramente ou só auxilia a parentela ou pessoas de suas afeições interesseiras. No seu infeliz orgulho e estultice, agindo contra os nobres princípios da vida espiritual e para o culto exclusivo de sua vaidade perecível, eles só atendem ao convite mefistofélico dos espíritos trevosos. Pouco a pouco esses espíritos se infiltram em sua companhia emotiva e sensual, explorando-lhes a gula nos opíparos banquetes, a embriaguez na champanha ou no uísque, desgastando-os tranqüilamente para mais breve os levarem à melancolia perigosa e à apatia para com uma vida cada vez mais insossa e farta dos tesouros dourados e enjoados dos cenários ilusórios da: matéria. A solidão tenebrosa, ativada pelos magos das sombras, mata-lhes gradativamente os desejos e cria-lhes o vazio pela limitação dos sentidos físicos. E então o dilema se impõe dia a dia: ou se matam, ou então passam a viver como sonâmbulos entre as decorações faustosas.

Quando esses espíritos deixam na cova do mundo o corpo amarfanhado, então a imprensa traça-lhes compungidos necrológios sob as velhas chapas, louvando-lhes o "espírito brilhante" ou o seu "elevado senso artístico" nos faustosos banquetes da fina sociedade... Mas a superficialidade humana logo os esquece na Crosta, ergue-lhes caríssimo e luxuoso mausoléu, que servir-lhes-á como depósito provisório das carnes apodrecidas.

Infelizmente, a lisonja ainda lhes envolve o cadáver quente, mas a alma precipita-se em apavorada queda, magnetizada pelas mais horrendas paisagens do astral trevoso, onde o sofrimento inenarrável superativa-lhes então as emoções embotadas na fartura e na

impiedade egocêntrica do mundo físico. Satanás, simbolizado na forma de verdugos impiedosos, leva-os de roldão pelos abismos e charcos pestilentos, enquanto os seus gritos e brados lancinantes não encontram eco nesses corações diabólicos empedernidos! Sentimo-nos incapazes de vos descrever o **quantum** de sofrimento de que são tomados esses infelizes, pois, nascidos em berços de rosas e vivendo em palácios dourados, deixam-se vencer pelo excessivo epicurismo da existência humana, matando-se aos poucos enquanto pretendem matar o tempo para esquecer a vida!

Pergunta: - *Sabemos de alguns suicídios trágicos, praticados por autores de obras de moral construtiva e filosofia benéfica que, num momento de desespero, se hão suicidado como um protesto ou desagravo a determinadas injustiças cometidas contra a sua pátria e o seu povo. Esses casos se assemelham, porventura, aos de rebeldia cometida pelos suicidas comuns, que já tendes citado?*

Ramatís: - Sabeis muito bem que não há efeito sem causa; se no vosso mundo existem leis e penalidades que podem ser aplicadas com justiça a cada caso de delinqüência humana, é óbvio que a Sabedoria Divina ainda é milito mais eqüitativa e exata no processo de educar e redimir cada alma para os objetivos angélicos. Em conseqüência, o que chamais de "injustiça", no vosso mundo, não existe em relação ao processo técnico da "ação e reação" ou do de "causa e efeito" que, sob a disciplina cármica, é da responsabilidade do seu próprio autor. Repetimos: não é possível ocorrerem injustiças na Lei de Deus, por uma razão lógica e simples, isto é, não existe "reação" sem ter existido a "ação" correspondente. Por isso, aquele que se revolta contra injustiças e torpezas do mundo, caídas sobre si ou sobre sua pátria, embora seja culto, regrado ou pacífico, de qualquer forma encontra-se colhendo o efeito cármico do seu próprio passado, ou seja sofrendo exatamente os efeitos das causas que as originaram. Se assim não fora, esse suicida teria nascido em outra pátria, livre de injustiças e de outros males, ou mesmo em outro planeta cujo carma fosse bem melhor. ³

[3 - Nota do Médiun:](#) - [Cremos que é o caso do consagrado escritor Stefan Zweig, cujo suicídio foi motivado principalmente devido à invasão de sua pátria pelos nazistas.](#)

Embora se trate, como diz eis, de alma devotada às tarefas do mundo, é possível que ela tenha sido culpada ou instigadora de iguais desesperos no passado, por cujo motivo elegera-se para habitar num meio de condições semelhantes. A técnica sideral não cria ambientes propositados para incentivarem o homem ao suicídio, o que seria imoral, mas apenas o coloca no ambiente simpático às mesmas causas que semeou outrora. Algumas vezes trata-se de espírito que já se suicidou no passado e se torna incapaz de resistir aos reflexos suicidas, no tempo em que são mais intensos e coincidem com a idade da tragédia anterior. Não importam as tarefas em que esteja empenhado, embora nobres, pois o suicídio é questão de debilidade espiritual, que a própria alma precisa curar em si. Quando semeardes espinhos, não vos iludais, porque não colhereis morangos! É difícil ao espírito encarnado compreender que o mundo físico, na verdade, é apenas uma escola de educação espiritual, e não local de ventura ou de prazeres definitivos. Os que se suicidam em desagravo a qualquer violência ou injustiça cometida contra os seus preconceitos de raça ou nacionalismo fanático lembram os alunos que se rebelam contra o seu estabelecimento escolar e se trucidam como protesto às argüições educativas dos seus professores.

Pergunta: - *Perante a Lei espiritual, não haverá justificação para o fato de um bom rei ou imperador haver se suicidado como protesto contra a invasão de sua terra natal, preferindo o seu sacrifício a desencadear a violência homicida? Não se trata de um homem que, em lugar de matar, se suicida por excessivo amor à sua pátria ou à sua raça, motivo que não deixa de ser heróico?*

Ramatis: - A própria idéia de um "protesto suicida" contra as leis ou injustiças sofridas no mundo carnal já revela algo de um egoísmo oculto, malgrado venha a se sublimar no disparate de um desagravo pátrio! É evidente que; nesse caso, o suicida acredita com certa ingenuidade que o seu problema particular deve ser considerado como um acontecimento de importância universal! Ainda aí a vaidade humana se manifesta sorrateiramente, pois o suicida pretendia transformar um fato de interesse pessoal em um drama que pedisse a contemplação do mundo! Nessa espécie de suicídio ainda pode predominar a subjetiva volúpia de vingança contra o mundo e sua geração, não sendo difícil ao mais singelo psicanalista encontrar nisso tudo a origem de um amor-próprio ferido. O suicídio, em qualquer condição, sempre trai a vaidade e o amor-próprio das criaturas, aliciando-lhes motivos mórbidos para que destruam o sagrado patrimônio do corpo. Cegam-nas, fazendo-as esquecer os martírios e desesperos de outros milhares de criaturas esfomeadas, enfermas, disformes e escravas de todas as explorações do mundo, mas que não se desesperam e continuam a entoar o cântico amoroso da vida e do sacrifício pelo bem espiritual!

O patriota ilustre, que se suicida como um protesto à invasão de sua pátria, de modo algum revela o heroísmo e a dignidade daqueles outros seus compatriotas que, embora sob a mesma vicissitude, continuam sacrificialmente vivos, a servir à sua coletividade. A esses, sim, se deveria aplicar a classificação honrosa de heróis!

Mais grave se torna esse tipo de suicídio, pois justamente os reis, os imperadores e outros governantes de povos, que são os portadores de discernimento e raciocínios superiores, lisonjeados ainda com o tributo da fama, são os que não devem incidir na prova de covardia espiritual quando, em lugar de sobreviverem, para solução dos problemas angustiosos dos seus compatriotas, ainda os abandonam no mesmo cenário agitado - talvez criado por eles mesmos - do qual fugiram sob o tolo pretexto de desagravo! Se o seu heroísmo e a sua glória consistiram em "morrer" por princípios nobres, melhor seria que tivessem procurado "viver" por esses mesmos princípios!

No seio das inumeráveis injustiças que acometem diariamente os infelizes indefesos às explorações do mundo, qualquer homem inteligente, afortunado ou de posição, que se suicida, é verdadeiro escárnio contra aqueles que sobrevivem corajosamente e com menores credenciais de poder ou de inteligência.

Pergunta: - *E quanto ao suicídio de criaturas religiosas, que se desfazem da vida diante de altares de igrejas, ou de santos a que se devotavam, desesperando-se mesmo diante da assistência espiritual que procuram na hora cruciante?*

Ramatis: - Qualquer tratado psicanalítico poder-vos-á explicar satisfatoriamente as razões e a técnica mórbida desses suicídios, que também não passam de outros protestos sutis, provindos das insatisfações ou caprichos recalcados. São criaturas que, ainda não

satisfeitas por extinguirem a sua vida física, que muitos outros seres suportam heroicamente em piores condições, praticam um suicídio teatral e dramático, para efeito público, como afrontosa demonstração de vingança subjetiva contra o "santo" ou o "guia" que haviam nomeado como seu exclusivo procurador nas tricas da vida humana. Inconformadas com as próprias frustrações, sem lhes buscar as origens egotistas, ainda cometem o terrível sacrilégio de atribuir ao seu protetor ou espírito benfeitor a culpa de suas fraquezas espirituais.

Inúmeros seres ainda confundem a assistência espiritual superior com a obrigação incondicional de serem assistidos por certos espíritos em suas teimosias mais ridículas; exigem que os santos ou os espíritos benfeitores abandonem os seus afazeres de importância coletiva, no Espaço, para acorrerem para junto de si a todos os segundos de preguiça mental e rebeldia ao sofrimento purificador! Durante a juventude, sob a ilusão de que o verdadeiro amor seja a virulência da paixão carnal, muitas donzelas subestimam a advertência amiga dos pais sensatos, para em seguida sofrerem as conseqüentes desilusões emotivas, deixando-se precipitar para o ato tresloucado do suicídio! Na maturidade do corpo, os deslizos morais, as insatisfações, a perda de entes queridos, a crise financeira da família em conseqüência do excessivo conforto, os sofrimentos decorrentes da imprudência humana ou da retificação cármica, terminam por provocar os suicídios, que abrem as comportas dos mais pavorosos sofrimentos no Além-Túmulo.

Pergunta: - *Mas é evidente que somos assistidos por almas benfeitoras, no Além, às quais podemos devotar-nos carinhosamente; não é assim?*

Ramatís: - Sob qualquer hipótese, toda, criatura humana possui a entidade amiga que envida todos os esforços para livrá-la da infelicidade espiritual, mas é preciso não chegar à insânia de se crer que um santo é "pau para toda obra", como diz o vulgo... Em algumas criaturas ainda persiste a crença antiga do "corpo fechado", pela qual determinadas orações mantrânicas têm o poder de imunizar até o facínora ou o aventureira criminoso contra as perseguições da lei terrena. Confundia-se antigamente - como ainda hoje se confunde - certas entidades diabólicas das trevas, que costumam socorrer imediatamente os seus pupilos subvertidos na vida material, com a presença do espírito superior, que só inspira a humildade, a tolerância, a paciência e a renúncia, pois é mediador do céu e não advogado do inferno... Daí a perigosa convicção de muitas criaturas imprudentes que, vivendo no mundo só à cata de prazeres, benefícios fáceis e gloriolas mundanas, acreditam que o seu "guia" espiritual ou o seu "santo" devotado tem por obrigação atender-las em todas as suas emoções descontroladas, caprichos tolos e apetites ridículos.

Antônio de Pádua, uma das grandes vidas sacrificadas no orbe, nada mais significa para muitas moças do que valiosa proteção para os namoricos no cinema e os casamentos afortunados. Certos motoristas irresponsáveis e despreocupados da vida alheia cruzam as ruas e percorrem estradas quais perigosas bólides, sob a ingênua certeza de que estão supergarantidos por São Cristóvão, que se sente muito honrado por ter pregada a sua efígie no tabuleiro do veículo. Alguns beberrões ultrapassam o código sensato do equilíbrio humano, saturam-se e se deprimem pelo álcool, retornando embriagados aos seus lares, muitíssimo despreocupados de qualquer acontecimento infeliz, por terem lembrado de que, no seu singelo oratório, Santo Onofre já recebeu a sua quota de aguardente!

Nos dias límpidos e belos, em que a natureza se enfeita de flores e as campinas se tingem do verde amoroso da esperança na vida, quando o Sol inunda o ar de luz e calor,

muitos homens folgazões e desinteressados dos objetivos superiores da vida vestem rica indumentária de couro e madrugam, de tocaia, nas matas festivas, onde a passarada canta feliz e poética. E sob os alvares da manhã começa então a faina ceifadora, enquanto o odor da pólvora queimada inebria as narinas dos que se divertem matando a beleza das matas! Cai a avezita manchada de sangue, cujo cântico se transforma num gélido estertor; mas os caçadores nada temem, nem mesmo um acidente na caça, pois quase todos, ao saírem de seus lares, encomendaram-se gravemente à "proteção" do seu santo predileto.

Pergunta: - *Certamente, essa disposição devota das criaturas ainda é uma decorrência do paganismo antigo; não é assim?*

Ramatís: - De fato; os homens do século XX ainda imitam os antigos pagãos, que tinham deuses para todos os seus atos, bons ou desregrados; agora apenas sublimam o politeísmo de antanho, devocionando novos ídolos modernos na figura de santos do hagiológico católico, na dos "guias" do Espiritismo ou na dos pais e caboclos da Umbanda, a fim de que lhes protejam as insânias e as estultices espirituais, enquanto olvidam a sua necessidade e responsabilidade de experimentação, confiando apenas no mérito do esforço alheio. E quando o santo, guia ou caboclo não consegue atender a todas as suas ambições e caprichos egocêntricos, alguns blasfemam e repudiam a sua devoção costumeira, e outros chegam a se suicidar diante do altar do seu santo predileto, lavrando-lhe afrontosa acusação pública e atribuindo-lhe maquiavelicamente o motivo do seu suicídio mórbido.

Muitas mocinhas tolas e histéricas também se suicidam como protesto contra qualquer providencial advertência paterna ou materna que lhes coíba a paixão perigosa e precipitada; na realidade, essa impiedosa vingança contra os próprios afetos humanos ou espirituais quase sempre revela a alma cruel e egocêntrica que, não satisfeita em destruir desonestamente o seu valioso patrimônio carnal, ainda deposita sobre os ombros alheios a culpa de sua crueldade mental.

Pergunta: - *Na última guerra, certos homens deixaram-se destruir nas condições de torpedos ou pilotos suicidas para defender suas pátrias. Quais as responsabilidades desses seres, que concordaram em abdicar da vida física para a liberdade do seu povo? Porventura estarão nas mesmas condições do suicida comum?*

Ramatís: - O suicídio, em geral, é uma demonstração gritante de egoísmo e preocupação pessoal: só merece atenuante quando, apesar de ato insensato, a morte é em favor alheio. A abdição voluntária de si mesmo e a renúncia aos seus próprios interesses para favorecer outrem pode servir de abrandamento após à desencarnação, fazendo também desaparecerem os reflexos suicidas e as lesões do perispírito na encarnação seguinte, mas isso quando a vontade de morrer não se estigmatiza pelo protesto ou rebeldia contra a vida humana, mas se eleva pelo espírito de sacrifício e o desejo ardente de salvar outros seres.

Certos povos orientais têm pouco apego à vida física, em comparação com os da civilização materialista da Ocidente que, em sua aparência religiosa, oscila num contínuo misto de descrença e temor, sem força suficiente para sobreviver ao medo da morte. Devido à facilidade intuitiva com que os povos asiáticos admitem a sobrevivência da alma e a reencarnação, atribuem pouco valor à vida corporal e quase não temem a morte. Daí a

existência do haraquiri, suicídio muito comum no Oriente e dependente da psicologia desse povo, que mais o pratica como um desagravo de tradição secular do que mesmo como ato de rebeldia para com a vida física. A convicção da imortalidade e da reencarnação do espírito enfraquece o tradicional pavor da morte, como sucede com os espíritos estudiosos, que já não pranteiam tão escandalosamente a desencarnação da sua parentela, o que ainda 'é muito comum entre os religiosos dogmáticos e assustados pelas proibições infantis do sacerdócio sentencioso. A doutrina espírita muito contribui para um conhecimento mais valioso da criatura a respeito do valor da vida, e as estatísticas já comprovam que é inexistente a prática do suicídio por parte do espírita conscientemente convicto de sua realidade imortal.

Os cristãos morriam nos circos romanos de modo imperturbável, porque não acreditavam na morte da alma; por isso, alguns desses torpedos ou pilotos suicidas, que aceitam a sugestão malévola dos seus maiores e abdicam de suas vidas em favor da coletividade pátria, não podem ser julgados sob a mesma severidade espiritual, porque estavam convictos de realizar ação meritória em favor do seu povo e não suicídio como revolta contra a vida. Reconhecemos, entretanto, que tudo isso decorre da estulta concepção de nacionalismo, muito comum na Terra. Os torpedos suicidas, ou pilotos suicidas, ainda são produtos da estupidez humana e dos poderosos "fazedores de guerras", aos quais será depois pedida conta de todos os males que provieram de suas indústrias maquiavélicas e intentos homicidas.

Pergunta: - Então não há sofrimento para o suicida pátrio?

Ramatís: - Toda vida interrompida antes do tempo produz sofrimento! Quando se corta a vergôntea da roseira antes da época normal de sua poda, a planta violentada demora-se para o seu reajustamento vegetal, pois o imprevisto seccionamento perturba todo o seu metabolismo de vida e crescimento natural. Verte pelos seus ramos amputados a seiva violentada, como se fora a lágrima vegetal chorada pela planta. Toda vida que é seccionada antes do tempo marcado pela natureza biológica, ou antes do prazo determinado pelos mentores do Além, traz sofrimentos tão acerbos quanto seja o grau da "vontade" que se concentrou para a sua destruição.

O sofrimento desses suicidas pátrios pode variar no Além, pois enquanto alguns aceitam o sacrifício voluntário de salvar sua pátria e destruir as armas inimigas, como um ato de renúncia, outros o fazem por espírito de rebeldia, descaso pela vida ou puro instinto de maldade e de vingança.

A Lei do Carma então ajusta cada consciência à experimentação dolorosa de sua responsabilidade e conseqüente recuperação espiritual, mas o faz de acordo com a intenção íntima e o propósito que acionou cada piloto ou torpedo suicida. Entretanto, esses heróis suicidas não conseguem furtar-se aos atrozes sofrimentos e inesperados problemas de adaptação no Além-Túmulo, para onde são arremessados pela morte violenta, que os torna imensamente infelizes.

Por ser o sofrimento mais suave ou mais acerbo, conforme os feitos espirituais de cada um na vida humana, o torpedo suicida que viveu produzindo benefícios e socorrendo os seus semelhantes justifica qualquer amparo conveniente depois de sua morte precipitada, embora não possa eximir-se da culpa de destruir estupidamente o seu corpo, como combustível para a sanha guerreira. Aquele, porém, que antes de abdicar de sua vida em favor da pátria e destruir outros seres, já era péssima criatura no trato do mundo, penetra no

Além envolvido pelos mais tenebrosos desesperos e sem oferecer condições para qualquer amparo dos corações mais apiedados.

Pergunta: - *Poderíamos supor que todo suicida, cuja vida seja digna e benfeitora, ficará livre dos sofrimentos atrozes provenientes da desencarnação violenta?*

Ramatís: - Salvo quando se trata de sacrifício pacífico a favor de alguém que está perecendo, o verdadeiro homem digno e benfeitor, que ama ao seu próximo e pretende servir à humanidade, de modo algum o faz através do suicídio, pois qualquer suicida não passa de um fujão da vida física. Credes que se deva glorificar aquele que salta da embarcação em perigo e abandona os demais companheiros às angústias do provável naufrágio? O benfeitor nunca se trucidaria num ato de rebeldia, desagravo ou vingança contra a vida; o seu corpo, ele sempre o considerava utilíssimo até o derradeiro momento de sua existência, determinado pelos poderes superiores. A vida na carne pode ser considerada como fruto de um contrato bilateral, em que Deus, como Doador, se coloca de um lado e o espírito do homem, como o Beneficiado, assume obrigações do outro lado. A destruição prematura do corpo significa o rompimento violento do acordo bilateral, que muito se agrava pelo fato de a criatura humana nem ao menos poder indenizar o Criador, quando pratica esse ato excessivamente egocêntrico.

E convém lembrar que variam também os pseudoméritos desses torpedos ou pilotos suicidas, que mencionastes, quando comparados, por exemplo, a outras mortes heróicas em favor do bem humano. Se os suicidas pátrios se deixam abater, instigados pelos seus brutais instintos guerreiros e pelo orgulho de salvarem os seus patrícios, e se alguém acha glória nisso, que dizer dos cristãos que se deixavam imolar em favor de uma idéia salvadora de toda a humanidade? Os atos heróicos dos torpedos suicidas ficam completamente anulados, porque tinham por fim favorecer orgulhosamente a sua comunidade familiar, além de serem eles responsáveis por outro grande número de vidas, que trucidaram por intermédio de suas mortes desesperadas! Os cristãos, no entanto, foram queimados nos postes de tortura, despedaçados pelas feras ou crucificados pelos romanos, sem que disso resultassem outras mortes, pois o seu holocausto solidificou uma nova fé e uma nova crença, que se tornaram a esperança da própria vida!

De pouco vale a estupidez do louco suicídio que, se prolonga a vida dos conterrâneos, é um sacrifício destinado a destruir muitos outros corpos que são necessários à educação de outras almas! O torpedo suicida é arma viva, mórbida e cruel, mais um produto do orgulho de raça e ferocidade inata do que mesmo do heroísmo, que se confunde com a própria índole belicosa. O heroísmo louvado pelo Criador ainda é aquele que aumenta a probabilidade de vida em todas as suas manifestações comuns. Toda destruição deliberada ou sugerida a outrem provém do espírito diabólico, pois Satã é bem o símbolo das Trevas e o inimigo da Vida!

Pergunta: - *Que podeis dizer sobre o haraquiri, esse tipo de suicídio muito comum e tradicional dos povos orientais, e que às vezes se estende à família inteira, como um desagravo sacrificial pela perda de insígnias, de dignidades, da confiança pública, ou devido a qualquer abatimento moral? Tratando-se de um suicídio de tradição nacional e*

secularmente considerado como um princípio de honra e não um ato de rebeldia para com a vida física, porventura tem atenuante perante a responsabilidade espiritual?

Ramatis: - Os povos asiáticos também se subordinam diretamente às comunidades espirituais de sua raça, que lhes supervisionam os costumes sem violentar brutalmente as suas tradições. Dessa forma, também varia o sentido de suas expiações e culpas cármicas, pois se situam noutras regiões diferentes do vosso país e se ajustaram psicologicamente a outra responsabilidade de vida.

É de senso comum que às vezes varia tanto a moral de uma raça ou de um povo que, se fosse adotada por outra raça ou povo, poderia até se tornar imoral! A poligamia, que é moral estatuída pelas tribos onde há grande excesso de mulheres, naturalmente seria considerada imoral no vosso país, onde o razoável equilíbrio de homens e mulheres preceitua a monogamia. Em conseqüência, o haraquiri, que é um suicídio consagrado como ética tradicional de certo tipo de raça oriental, é encarado pelas autoridades espirituais dessa raça dentro do sentido de responsabilidade espiritual condicionada aos espíritos ali reencarnados.

Não podeis julgar esse fato tomando estritamente por base as vossas tradições brasileiras, nem mesmo deveis encará-lo sob o ponto de vista latino.

***Pergunta:** - Mas a prática do haraquiri não implica também em uma fuga deliberada da vida e, portanto, num ato de rebeldia contra Deus? Embora fundamentado numa tradição milenária, o haraquiri parece-nos sempre um propósito dramático e de afronta orgulhosa à divindade; não é isso mesmo?*

Ramatis: - Evidentemente é um fato lamentável, decorrente da ignorância espiritual desses povos, por cujo motivo também se lhes reduz algo da responsabilidade perante a Lei Cármica; mas é evidente que outros povos e raças, embora não pratiquem tão facilmente o haraquiri por qualquer banalidade, como o fazem esses orientais, chegam a cometer desatinos iguais ou ainda mais graves.

Em todos os povos e raças terrícolas ainda predominam as mesmas veleidades humanas, obscurecendo a realidade espiritual e que, na forma de dignidades, tradições, ancestralidades, direitos e reivindicações, cegam e escravizam os homens às tolices da existência, impelindo alguns até à prática do suicídio ou do homicídio infamante. A posse de títulos, cargos e comandos transitórios no mundo material, ainda aliados a outras preocupações pessoais como herança biológica, tradições de família, insígnias pátrias, diplomas, anéis de grau, postos honoríficos e dignidades sociais, infelizmente ainda são valores que invertem o sentido exato da verdadeira vida do espírito imortal.

No entanto, ensinou-nos Jesus que os bens definitivos da alma e superiores a quaisquer tesouros da matéria, chamam-se renúncia, mansuetude, coragem, bondade, tolerância, devoção ao Bem e amor à Verdade! Em conseqüência, não podemos louvar essas "dignidades" insensatas que são desagravadas pelo suicídio ou homicídio, quando o corpo físico é ofertado pelo Senhor da Vida para ser aproveitado até o final de sua pulsação, embora o homem permaneça soterrado numa masmorra de pedra ou na lama. As vossas vidas são traça das pelo Alto sob o mais elevado senso de justiça, merecimento educativo e felicidade espiritual, apesar das maiores desgraças ou sofrimentos humanos. Assim como da grotesca lagarta gera-se a encantadora libélula, que depois efetua o vôo feliz pelo céu ensolarado, também da mais horrenda deformidade humana, ou da existência mais humilhante, Deus ainda plasma a configuração belíssima do anjo.

Por isso, a vida deve ser cultuada até o seu derradeiro fim, e o haraquiri, como um suicídio tradicional praticado sob mórbido ritual por certos povos orientais, é sempre a destruição prematura do corpo, sem compensar a vida de outrem. Diante da criação divina, é um crime de "lesa-propriedade", pois o corpo carnal é concessão que deve ser respeitada até o prazo marcado. O suicídio sempre produz graves conseqüências e longas lamentações por parte de todos os seus tresloucados autores, quer o pratiquem na forma de um torpedo suicida de extravagante heroísmo ou através do mórbido e orgulhoso ato de haraquiri, que é fruto de profunda ignorância espiritual.

É certo que, em essência, o haraquiri associa-se ao sistema de suicídio comum aos ocidentais, malgrado variarem os seus motivos, como sejam o medo da pobreza, vinganças freudianas, desagrvos patriotas, paixões repelidas, frustrações políticas ou humilhações sociais. Quando Moisés, sintetizando a voz do Alto, compilou os "Dez Mandamentos", traçou um programa mínimo espiritual para a humanidade, evidenciando que o conceito do "Não matarás" se resume em regra severa e de garantia incondicional a todas as formas de vida. Daí o grande malefício praticado pelo suicida, pois quem se mata não só destrói a vida que requereu e que não lhe pertence, como ainda trai a confiança dos mentores que lhe endossaram a existência humana.

Pergunta: - *Como poderíamos encarar o suicídio de Judas, após ter ele traído o Mestre Jesus?*

Ramatís: - É fora de dúvida que existiu um motivo de suma importância capaz de levar Judas à prática do suicídio. Mas isso ele não o fez como rebeldia contra a vida humana ou impelido pelos estímulos suicidas de outras vidas; também não o fez devido à perda de fortuna ou por doença incurável. A História Sagrada diz que Judas suicidou-se porque traiu Jesus e, embora fosse o tesoureiro da comunidade cristã, vendeu o seu Mestre por trinta dinheiros, o que bem vos diz da absurdidade da narrativa. Em verdade, Judas Iscariotes suicidou-se desesperado de só haver compreendido muito tarde qual a missão e a exata realeza do Sublime Jesus. Foi tomado pelo mais pungente remorso e sofrimento atroz jamais concebido pela mente humana, sentindo-se o único responsável pela tragédia do Gólgota. Só então percebera a sua precipitação, ao ver aquele a quem tanto amara e servira ser crucificado no madeiro ignominioso e torturado sob o sol causticante das três horas de Jerusalém.

Mas não fora uma traição deliberada e nem sequer ele imaginara abandonar Jesus, embora sempre tivesse sido o discípulo mais imprudente, avaro e calculista, tendo se perdido pela excessiva confiança depositada em si mesmo. Considerava que os outros apóstolos eram criaturas demasiadamente transcendentais, pusilânimes e desprovidas do sentido prático que estava a exigir a obra do Mestre Galileu; achava-os irresolutos e incapazes de empreender movimentos entusiastas e contaminantes as massas. Integrados numa empreitada de vulto, os apóstolos despreocupavam-se do dinheiro, que Judas considerava a mola de todas as coisas; eis por que, encerradas as pregações do Mestre, ele corria a bolsa em torno dos presentes, advertindo que a obra pereceria sem o alicerce do metal, que considerava a máquina propulsora do mundo. Cioso de si mesmo, guardava a idéia de que Jesus vivia sofrendo pela falta de adeptos entusiastas e de grupos ousados, que muito em breve pudessem conduzi-lo ao poder tão conclamado desde a sua primeira pregação. De outro modo, como poderia o Messias ser o rei de Israel e expulsar os romanos das terras santas?

Sorradeira e deliberadamente, agindo mais por sua vontade isolada e tecendo planos que afagava intimamente sob delirante entusiasmo, mal sabia Judas que se encontrava atuado e dirigido pelas perigosas sugestões dos espíritos das trevas, que envidaram esforços para se infiltrarem na missão do Divino Cordeiro. O imprudente apóstolo buscou, então, aliados em todas as camadas sociais e esferas de maior importância em Jerusalém, tendo recebido promessas entusiastas e impressionado muitos oportunistas que viam crescer o prestígio de Jesus, mas ainda temiam qualquer adesão pública a ele.

Sem lograr perceber a imprudência de suas decisões perigosas, Judas passou a despertar a atenção do sacerdócio e das autoridades públicas, que dali por diante vigiavam-no continuamente e investigavam todos os seus contatos, arregimentando falsos adeptos de destaque, que fingiam aderir incondicionalmente ao "grande plano" para a consagração do Messias no seu verdadeiro posto de honra e glória traçado por Deus para a libertação de Israel. Num mundículo de traições, interesses subvertidos e negociatas escusas entre vencedores e vencidos, como era a situação em Jerusalém naquele tempo, infelizmente Judas trabalhava como médium dos gênios das sombras, coligindo provas que se faziam preciosas para enquadrarem Jesus sob as leis hebraicas e sanções romanas.

Jesus não só pressentia os movimentos ocultos de Judas, como ainda o advertia bondosamente, pois notava-o cada vez mais vigiado e submetido a melífluos louvores que tinham por objetivo principal auscultar-lhe as intenções. Judas era constantemente solicitado para atender aos "grandes", que o procuravam às ocultas, animados pelas informações sibilinas do imprudente apóstolo, mas cautelosos quanto a aderirem incondicionalmente à comitiva de Jesus. A festiva entrada de Jesus em Jerusalém, os presentes incessantes e certa fatura de moedas, que principiavam a aparecer para o êxito da obra no plano material, já não deixavam dúvidas quanto ao plano imprudente em andamento pelo assisado discípulo. Então o Mestre chamava Judas ao convívio amoroso e advertia-o de que o "seu reino não era deste mundo", e que não viera buscar as glóriolas do fausto e da prepotência, mas libertar o gênero humano da escravidão do pecado.

Mas os gênios das sombras já se haviam apossado completamente de Judas - que se movia enfermo e acossado pela idéia fixa do triunfo glorioso do Messias -, então transformado num prolongamento vivo do astral inferior. Cegavam-no os falsos entusiasmos das últimas horas, quando o sacerdócio e os afortunados expunham seus falsos júbilos pela missão de Jesus, ansiosos, porém., para enquadrarem o Divino Cordeiro sob os preceitos severos das leis que puniam os sediciosos. Judas fora o mais eficiente colaborador dos planos maquiavélicos dos sacerdotes e dos próprios magnatas hebreus, que temiam uma sublevação incontrolável das massas inquietas, embora tudo fizesse crer no pacifismo da mística pregada pelo profeta da Galiléia.

Enfim, Jesus tornara-se inoportuno, enquanto Judas se transformava na mais preciosa seqüência viva, no momento, para situar o Mestre sob as leis hebraicas!

Pergunta: - *Mas Judas não percebia que, sem forças armadas e um plano sensato, o seu trabalho só redundaria na prisão do Mestre a quem tanto amava?*

Ramatís: - Judas estava certo de que as "falanges de anjos" de que Jesus falava, eram poderes invencíveis, que obedeciam submissamente ao Messias, acreditando em sua mente enferma que seria bastante atear fogo ao rasilho, para então Jesus ser obrigado a lançar mão de suas legiões celestiais, estabelecer o seu reino de glória na Terra, socorrer os

humildes e libertar os escravos! Os céus teriam que se abrir em catadupas de fogo na hora aprazada, assim que a mais ousada mão se estendesse sobre o Enviado Celestial, pois, como sempre verificara, aquele que tinha o poder de ressuscitar os próprios mortos e curar os mais desarticulados aleijões, também não poderia comandar os anjos? Que não poderia fazer no momento glorioso de se revelar o Messias o salvador do povo de Israel?

Então Judas, perante Jesus e os demais apóstolos, seria considerado o emérito general que tudo articulava e soubera precipitar os acontecimentos felizes, que a pusilanimidade dos demais discípulos teimava em protelar. Eis por que ele vivia um dos momentos mais extraordinários de sua vida quando, à frente de um grupo misto de soldados romanos e auxiliares hebreus, comandados por Malcus, apresentou-se sorridente, feliz, apontando Jesus, seu Mestre, como sendo realmente o esperado Messias, aquele que sempre afirmara ter vindo para libertar Israel do jugo dos romanos. Infelizmente, a venda mefistofélica caiu-lhe dos olhos e os fatos o desmentiram e arrasaram cruelmente.

Em vez de se abrirem os céus e brotarem legiões de anjos de todos os ângulos do horizonte, Jesus, humilde e submisso, estendera as mãos para as amarras e até impedira Pedro de reagir! Quando Judas, apavorado, percebeu o seu equívoco, não pôde mais controlar o seu psiquismo desesperado, nem apagar as chamas furiosas que lhe queimavam o coração! Julgando-se o responsável pela crucificação do Amado Mestre, nada mais lhe restava no mundo depois de tão terrível acontecimento. Era tarde demais para reconsiderar os seus atos imprudentes; o Mestre fora desmascarado publicamente ao encontrar-se promovendo sediciosa reunião oculta, para reagir contra os poderes públicos organizados e solapar as bases da sustentação religiosa do povo hebreu! Judas suicidou-se, completamente alucinado, enquanto junto a si ouvia o gargalhar mordaz dos agentes das Sombras, que haviam levado o infeliz apóstolo a tão cruciante destino! Mas também ignorava que o sangue do generoso galileu fora a sementeira de Luz para o orbe; o Cordeiro vencera as Trevas pela sua renúncia à violência e pelo amor aos seus algozes.

O suicídio de Judas foi mais decorrente da sua imprudente irresponsabilidade e angustiada precipitação na obra em que devia cooperar e não intervir. Não foi um suicídio fruto do remorso decorrente de uma deliberada traição, conforme tem sido tolamente apregoado pela História do Mestre, mas sim um ato conseqüente do remorso produzido pelo terrível equívoco de haver confundido o reino espiritual de Jesus com o reinado material de Israel. E o Divino Mestre, tão justo e complacente para com os seus próprios algozes, tudo fez, no Além-Túmulo para balsamar o espírito de Judas tão imprudentemente vítima das ciladas que lhe haviam armado os solertes malfeitores do astral inferior.

Pergunta: - *Podeis nos dar alguns exemplos dos efeitos a que se sujeitam aqueles que se suicidam, mas que não podem ser socorridos no Espaço?*

Ramatís: - Tomemos para exemplo aqueles que ingerem arsênico, ácido sulfúrico, potassa, formicida, que são violentos corrosivos que atacam as contrapartes etéricas do corpo carnal, pois já vos explicamos que todas as coisas, substâncias e seres possuem o que convencionamos chamar de "duplo-etérico".

Embora vos pareça absurdez, os venenos também atacam e depredam terrivelmente a tessitura do perispírito do suicida, pois produzem nele lesões astrais que se prolongam pelas encarnações seguintes, causando incessante aflição e enfermidade no futuro

corpo de carne. O eterismo remanescente e destrutivo do corrosivo continua a circular pela fisiologia do perispírito do suicida ainda muito tempo depois de haver desencarnado.

Além do sofrimento dantesco que o suicida tem de suportar após a sua morte tresloucada - vivendo incessantemente todo o fenômeno de sua agonia final, que só se extingue quando também atinge o limite exato que lhe restava para viver fisicamente ele não pode se furtar a efeitos daninhos e enfermidades que ainda se prolongarão vigorosamente pela encarnação seguinte. A sensação permanente de "acidez etérica" circulante no perispírito permanece longo tempo atuando no espírito desencarnado, mesmo depois que já tenha ultrapassado o prazo em que deveria desencarnar naturalmente, na Terra, e que interrompeu pelo suicídio. O fenômeno é facilmente explicável, pois se trata da própria contraparte etérica, ou seja, do remanescente fluídico da substância material utilizada pelo suicida, que se dissemina e adere fortemente à delicada fisiologia astral do perispírito, nas regiões onde fisicamente também produziu maior dano. Então a Lei Cármica providencia para que, através de outra encarnação, o tóxico etérico seja condensado pelo corpo carnal e depois drenado para a terra, quando o cadáver se dismantelar no sepulcro. Daí o fato de em posterior existência serem muitos ex-suicidas portadores de organismos enfermos e lesados principalmente no sistema nervoso e circulatório, ou nos principais órgãos atingidos, como sejam a faringe, a laringe, o esôfago ou o estômago.

Inúmeros epiléticos, parkinsonianos, coréicos ou neuróticos, que não gozam harmonia no seu sistema nervoso são ex-suicidas, trãsufugas das vidas anteriores, vitimados pelos tóxicos e corrosivos que ingeriram um momento de loucura. Por isso ainda sofrem presentemente o efeito pernicioso do energismo etérico do veneno, que ainda se conserva na textura do perispírito e perturba o seu ajuste ,harmonioso ao novo organismo carnal.

Pergunta: - *Qual seria uma comparação mais objetiva para que melhor pudéssemos entender o assunto?*

Ramatís: - Para o vosso melhor entendimento, suponde que o corpo de carne do suicida funciona como admirável "mata-borrão", que enxuga o perispírito de sua lavagem de ácido ou de corrosivo etérico. Durante a fase em que enxuga ou condensa os venenos etéricos do perispírito, produz-se nele a enfermidade e, quando depois da morte do corpo, fica ele dissolvido no seio da terra do cemitério, é a hora em que verte ou drena todo o conteúdo tóxico absorvido durante a nova encarnação.

Pergunta: - *Diante das vossas explicações, ficamos algo convictos de que todas as enfermidades nervosas e circulatórias se derivam de um suicídio em existência anterior; não é assim?*

Ramatís: - Nem todas as situações caóticas do corpo físico, ou perturbações psíquicas dos seres humanos, são exclusivamente provenientes de suicídios provocados em existências anteriores, mas a verdade é que grande parte dessas condições enfermas provém, realmente, dessa condenável precipitação do homem em destruir o seu corpo terreno. Se os suicidas em potencial, do vosso mundo, pudessem entrever, num segundo, o panorama e a situação pavorosa que os aguardam no Além, após a fuga covarde da vida humana, extinguir-se-ia neles definitivamente qualquer laivo de rebeldia ao sentido educativo da vida.

O suicida é um rebelde que violenta o seu próprio destino, após haver escolhido, em sua consciência, o corpo que considerou o melhor para a sua futura existência. Além de perturbar terrivelmente o curso natural do seu progresso espiritual e a ventura mais breve, desmente a sua própria inteligência e a aquisição psíquica já consolidada no pretérito.

Pergunta: - *Quais as outras conseqüências desastrosas ou deformantes, que podem decorrer das várias formas de suicídio?*

Ramatís: - Aqueles que rompem o cérebro com a bala mortífera ou com qualquer objeto perfurante também deformam o seu duplo-etéreo astral, ou seja, o cérebro do perispírito, que é exata contraparte do organismo de carne. Quando, na encarnação seguinte, o perispírito tiver de aglutinar o novo conjunto de moléculas e as fibras neurocerebrais, para a formação de outro corpo de carne, nas regiões lesadas do perispírito essa aglutinação se processa na forma de calosidade, estenose ou deformações. As superposições dos átomos físicos se dificultam e perturbam a harmonia do pavilhão auricular e da região da glote, que são intimamente ligados e se ajustam para o equilíbrio sensato entre as faculdades de ouvir e falar. São essas contrapartes etéricas que mais sofrem diante dos impactos arrasadores do suicídio que destrói a região cerebral, pois ficam perturbadas na sua aglutinação e se tornam incapazes de organizar a perfeita conexão molecular entre os órgãos auditivos e o aparelhamento de fonação necessários à nova existência carnal!

E assim a criança vem à luz da vida física congenitamente surda e muda, em face do desarranjo existente no cérebro do seu perispírito, que não pôde harmonizar as células responsáveis por tais faculdades humanas.

Pergunta: - *Gostaríamos de compreender melhor a função do perispírito em face das conseqüências do suicídio. Podeis atender-nos?*

Ramatís: - Conforme já enunciamos anteriormente, o perispírito é organização indestrutível e semelhante a um poderoso negativo que, durante as várias encarnações do espírito, preexiste e sobrevive a todas as mortes dos corpos físicos. Em cada encarnação ele se serve dos elementos biológicos da ancestralidade à luz do mundo terreno. Mas embora se trate de um novo organismo carnal, independente dos outros que se desintegraram pela morte física em existências anteriores, representa uma nova conta no extenso colar de corpos, que se unem através do perispírito, sempre a ligar a vida física que se findou com a vida física que se renova. Em conseqüência, o novo corpo carnal ou novo positivo, que é revelado pelo negativo constante do perispírito, sempre apresenta todos os prejuízos, estigmas ou aquisições que o espírito houver cultivado anteriormente. Ele é o molde original, que sempre serve para confeccionar os sucessivos organismos de carne, necessários para que a alma possa efetuar o seu aprendizado nos mundos físicos. Todas as modificações que o aperfeiçoam, para o seu melhor desempenho na matéria, também precisam se efetuar primeiramente em sua intimidade etéreo-astral, sob a vontade e a ética espiritual que, através de repercussão vibratória, depois se operam sobre o corpo material. Na contextura plástica e sutilíssima do perispírito cunham-se as marcas, os sinais ou estigmas duradouros produzidos pela mais sutil reflexão do espírito, até culminarem nos desmandos que podem levá-lo à sua separação da carne. Espelho divino e intermediário, que permite ao espírito atuar nos mundos

planetários, para a consolidação de sua consciência individual, o perispírito é o verdadeiro revelador da "vontade" e do "desejo" da alma.

Daí o fato de o suicida progresso reproduzir na encarnação seguinte as tremendas conseqüências oriundas da sua autodestruição anterior, pois essa nova vida carnal só se plasma sob o comando e a influência integral do seu perispírito. E desde que este se apresente alterado em sua organização etéreo-astral, é óbvio que também não poderá modelar um corpo físico perfeito em sua fisiologia e estrutura anatômica. E como o suicídio e outros crimes abomináveis deformam o perispírito sob os impactos violentos das mentes rebeldes, as cidades do mundo material se povoam de criaturas torturadas, que desde o berço arrastam suas deformidades ou gemem sob as moléstias incuráveis que as tornam infelizes e martirizam o seu corpo cansado.

Pergunta: - *Quais alguns outros tipos de suicídios e suas conseqüências posteriores enfermas e deformantes?*

Ramatís: - Aqueles que se enforcam ou se afogam num momento de desespero também fotografam na memória etérica do seu perispírito, durante as vascas de sua agonia, todos os tremendos esgares, repuxos, aflições e sufocamentos, criando-se então os estigmas perispirituais deformativos, que são alimentados pela mente revoltada. Em conseqüência, posteriormente esses infelizes podem renascer corcundas, gibosos, atrofiados e mesmo terrivelmente asfíxiados pela asma brônquica, que os tortura, durante toda a existência.

Os que se suicidam através de quedas e se estatelam arrebatados sobre o solo, ou que se atiram sob as rodas dos veículos que lhes trituram as carnes, comumente tornam a se encarnar vitimados por cruciantes enfermidades, que se situam na patologia dos artritismos e reumatismos deformantes, sofrendo as dores dos ossos que estalam, nervos que se rompem e músculos que se rasgam. Alguns se arrastam penosamente como aleijados congênitos, com os corpos quebrados e os músculos torcidos. Outros, que atearam fogo ao seu corpo e preferiram abandonar o mundo sob a destruição pelas chamas, quase sempre retornam ao meio de onde fugiram, reproduzindo em si mesmos a terrível forma patológica do pêfigo foliáceo, ou seja, a moléstia popularmente conhecida como "fogo selvagem". Esses sofrem intermitentemente, na carne nova, as angústias e a causticidade da loucura suicida da existência física anterior quando, rebelando-se contra a Lei da Vida, se consumiram nas chamas ardentes. Atravessam a encarnação seguinte com a sensação atroz do combustível destruidor, que ainda parece queimar-lhes as carnes destruídas pela revolta contra a vida dada por Deus.

O punhal fatídico ou o tiro mortal que dilacera o coração do trãnsfuga da vida humana deixa-lhe no perispírito a marca fatal e lesiva para a outra existência, criando-lhe o pesado fardo da incurável lesão cardíaca a torturá-lo incessantemente com a ameaça da morte. O chacra cardíaco, como órgão intermediário do duplo-etérico, responsável pela diástole e sístole do coração físico, não se desenvolve a contento na zona cardíaca do perispírito violentado pelo suicídio da última existência. Então se vê obrigado a reduzir a sua função dinâmica costumeira, mantendo-se em débil rotação energética durante o comando do novo coração carnal do ex-suicida, atendendo-lhe apenas ao mínimo de vida exigível para as suas relações com o mundo exterior da matéria.

Pergunta: - Poderíeis nos informar qual o benefício que obtém o ex-suicida quando, após ter-se destruído pelo tiro ou punhalada no coração, renasce depois na matéria com grave lesão cardíaca?

Ramatis: - Através desse reajuste doloroso, executa-se o inteligente e útil tratamento da vida física e recuperação espiritual, pois durante o resgate cármico, oprimido pela lesão cardíaca, o ex-suicida envida os maiores esforços e cuidados para sobreviver no ambiente do mundo físico, onde já encontra estímulos, amizades e ensejos novos de prosseguimento na vida.

Essa incessante ansiedade de viver gera no seu subconsciente a vontade ou o desejo, que então substituem os estímulos negativos da mente enfermiça do passado. Atravessa a nova existência verdadeiramente agarrado ao "fio da vida", economizando as mais débeis energias e evitando violências mentais a fim de não se "incomodar" e alterar a função cardial. Então a causa negativa que gerou a morte é substituída pelo efeito positivo, que alimenta a vida. Sob essa terapêutica de economia energética e retificação mental, o trânsfuga do passado desenvolve as credenciais necessárias para o prosseguimento do curso espiritual interrompido num momento de loucura. Raramente se suicidam aqueles que nascem aleijados ou que se acham gravemente enfermo, e são justamente eles os que manifestam o mais veemente desejo de viver. Os que se suicidam são, em geral, os que possuem corpos sem deformação. Os primeiros, submetidos a inteligente terapêutica espiritual, por terem reduzido a probabilidade de sobrevivência, apegam-se ardentemente à vida! Acontece também que no subjetivismo das almas dos ex-suicidas ainda perdura o eco terrível das expiações que o suicídio pretérito fê-las suportar atrozmente no Além, e que ainda apresentam estigmas cruciantes na forma de enfermidades ou deformações na nova existência.

Pergunta: - Diante das vossas considerações, pelas quais sabemos que os infelizes suicidas são submetidos a um resgate cármico tão doloroso e milimetricamente ajustado ao seu tipo de morte tresloucada, quer-nos parecer, pelo menos nesse caso, que Deus pune tais delitos sob a implacabilidade da lei do "olho por olho e dente por dente"; não é assim? Isso não será uma cobrança muito avara e própria das desforras humanas?

Ramatis: - A Lei Cármica não pune, mas "reajusta". O processo de retificação espiritual propende para um só objetivo, que é consolidar a consciência ignorante e depois emancipá-la na sua configuração individual no Cosmo. É um processo severo e disciplinado, mas sempre ascensional, visando a ventura do espírito, o qual, à medida que gradativamente aumenta ou amplia a sua área de consciência e afina o seu sentimento, opera a metamorfose do animal em anjo. No caminho da evolução espiritual, a Lei Cármica encarrega-se de indicar o caminho certo ao viajante despreocupado e teimoso, corrigindo os desvios que o retardam no caminho da angelitude. Desde o princípio do mundo o Criador tem enviado aos homens instrutores espirituais, que encarnam em todas as latitudes geográficas e entre os povos mais exóticos do orbe terráqueo, dando-lhes em linguagem pátria e acessível a todo entendimento as rotas exatas do caminho certo e das realizações ascensionais do espírito. Eles têm aconselhado tudo o que se deve fazer em todos os momentos de angústias e complicações humanas, apontando os labirintos ilusórios e afastando as sombras perturbadoras. Hão deixado sobre a Terra ensinamentos de todos os matizes e em todas as línguas, nos moldes mais científicos ou nas asas da poesia mais pitoresca, tudo de

conformidade com a ética divina e a legislação da verdadeira e definitiva pátria espiritual. Nenhum povo e nenhuma criatura deixou de ser atendida, pois cada homem é o prolongamento de uma extensa cadeia de renascimentos em que, através de várias raças, ambientes e oportunidades diferentes, o seu espírito trava conhecimento com todas as formas de doutrinas e ensinamentos ministrados pela pedagogia sideral, a fim de desenvolver em si mesmo o sentido da universalidade e a definitiva consciência de sua imortalidade.

Pergunta: - *Queixam-se algumas criaturas de que a Lei não tem sido explicada com bastante clareza, pois quanto à realidade da vida espiritual, permanecem dúvidas constantes. Que nos dizeis a respeito?*

Ramatís: - Porventura a Lei não vos tem sido explicada ininterruptamente, sob todos os aspectos, modos e possibilidades? Em tantas vidas que esposastes no passado, quantas vezes já manuseastes os valores sublimes da espiritualidade! Em vossos dias atuais, quantos sonhos, intuições, advertências e inspirações tendes recebido para compreenderdes quais são os preceitos da Vida Superior.

A humanidade terrena jamais poderá alegar ignorância ou carência de ensinamentos espirituais sobre a verdadeira vida da alma, pois já sabe o suficiente para avaliar quais são as infrações contra a Lei Cármica.

Hermes foi insigne instrutor dos povos egípcios, ofertando-lhes em linguagem entendível, mesclado de ciência, filosofia e devoção, o conhecimento da imortalidade da alma; Moisés consolidou a idéia do Deus único entre os hebreus; Confúcio, em pitoresca linguagem impregnada da poesia dos povos orientais, completou para os chineses o trabalho já iniciado por Fo-Hi e Lao-Tseu, ensinando o culto à família, aos antepassados e o ciclo dos renascimentos; Zoroastro integrou-se na psicologia dos persas e pregou ensinamentos morais de extraordinária beleza espiritual; Buda abrangeu a Ásia, e milhões de budistas aprenderam o que deveriam fazer para a sua ascensão definitiva aos páramos divinos. Finalmente Jesus, o inconfundível Instrutor Maior, não só falou ao povo hebreu e se sacrificou glorificando a raça de Israel, como ainda sintetizou todos os princípios de elevada moral que antes de si foram espalhados para a salvação espiritual do homem, iluminando o orbe com as luzes definitivas do Evangelho!

Recentemente, a bondade do Senhor dos Mundos ainda vos enviou Allan Kardec, que simplificou carinhosamente todo o conhecimento oculto provindo dos templos iniciáticos e codificou o Espiritismo, oferecendo então moderno e adequado veículo doutrinário de êxito espiritual, com um programa prático, lógico, sensato e facilmente acessível às massas espiritualmente incultas do Ocidente.

Pergunta: - *Não discordamos de vossas considerações nesse particular; apenas, no nosso entendimento humano, julgamos que exista algo demasiadamente patético e excessivamente dramático nos acontecimentos expiatórios do suicídio que, às vezes, é produto de um minuto de justificado desespero! Não vos parece que o fato de um homem suicidar-se através do fogo ou enforcar-se, e depois retornar para a terrível prova do pênfigo foliáceo ou nascer giboso ou renascer asmático, não passa de um resgate que ainda parece perfeitamente enquadrado dentro da máxima do "olho por olho, dente por dente"? Tal disposição cármica não reflete a antiga ferocidade mosaica?*

Ramatís: - Porventura supondes que Deus permaneça atento e vigilante, qual cérebro implacável, intervindo a cada momento no processo cármico evolutivo, para aplicar a Lei tradicional da colheita do "ceitil por ceitil", ou da de "quem com ferro fere, com ferro será ferido"? Na verdade, a Lei Cármica não é punitiva para o espírito; este é que causa sofrimentos a si mesmo quando contraria as funções educativas, qual a criança que queima a mão no fogo, não porque este seja vingativo e castigue, mas apenas porque é um comburente, Na essência de Deus não há cogitação de culpa nem deméritos, com relação às suas criaturas; é a Lei equânime e sábia que, no exercício do próprio Bem, apanha os retardatários ou rebeldes que estacionam à margem dos caminhos da vida ilusória da matéria e então os coloca novamente no curso da mais breve ventura sideral. No vosso mundo, quando os motoristas infringem as leis do trânsito e são multados na conformidade da infração em que incorreram, de modo algum podem se queixar das autoridades, que criaram essas leis para o benefício e segurança de toda a coletividade.

Na verdade, a multa não significa vingança ou punição excessiva por parte da fiscalização responsável pelo tráfego seguro, pois apenas ocorre uma reação que a lei do trânsito especifica para cada tipo de infração. Em conseqüência, a multa resulta em moderação da velocidade excessiva por parte do motorista, aguça-lhe o espírito de observância e também de respeito para com os demais companheiros de tráfego, proporcionando-lhe o bom êxito no curso da viagem e garantindo a sua própria segurança na direção do veículo.

Desde os primórdios das civilizações já extintas todas as advertências dos líderes espirituais de todos os povos - embora citando os conceitos draconianos do "olho por olho e dente por dente" - sempre se referem particularmente ao sentido elevado e equânime do preceito "cada um colherá conforme as suas obras".

A essência de todos esses conceitos e advertências não se refere particularmente à relação de homem para homem, ou de criaturas para com outras criaturas mas, fundamentalmente, à relação da alma para com a própria alma ou de cada ser para com os seus próprios atos, identificando a sua liberdade e o seu livre arbítrio perante a Lei Imutável.

Quem propositadamente se suicida ateando fogo ao seu corpo, que é fruto de milenários esforços de adaptação e experimentação da Criação Divina operando desde os reinos inferiores, evidentemente está decidido a enfrentar a Lei que regula essa infração! Agindo por sua livre e espontânea vontade, coloca-se sob a penalidade do preceito de "olho por olho e dente por dente" que, embora tão imperativo, resume-se também na outra advertência aparentemente mais suave: "cada um há de colher conforme as suas obras".

Quer o suicida tenha se enforcado, trucidado pelo fogo, esfrangalhado as carnes através de quedas violentas ou perecido debaixo de algum veículo, é samente ele quem, por sua livre e espontânea vontade, lavra a sua sentença futura, perfeitamente ciente de que a loucura do suicídio obriga-o a envergar, noutra existência, um traje carnal de conformidade com o sistema de sua própria destruição, seja um corpo giboso, chagado, asmático ou desarticulado. O tipo de morte que aplica a si mesmo - diz-lhe a Lei - servirá de modelo da sua indumentária física na existência posterior!

Assim, a regra de "olho por olho e dente por dente" é profunda advertência da própria Lei do Carma para que o homem, sem qualquer equívoco, saiba que é o exclusivo agente da sua felicidade ou desventura, devendo sofrer exatamente na conformidade do modo com que se puser a agir.

Ainda poderíamos glosar a máxima de "olho por olho e dente por dente" da seguinte forma: para um corpo são, outro corpo são; para um corpo incinerado, outro corpo incinerado, o que se ajustaria também ao conceito de que "quem com fogo queima, com fogo será queimado".

Em conseqüência, a criatura coloca-se diante de sua própria obra, auferindo benefícios ou sofrendo malefícios, conforme norteia a sua vontade e traça os seus objetivos. Insistimos em que ausculteis o espírito dessa sentença, que implica na responsabilidade da própria alma para consigo mesma.

Pergunta: - *Estamos vendo agora que o efeito doloroso do resgate parece ultrapassar a intensidade da causa, como no suicídio, em que um minuto de desespero gera dezenas de anos de sofrimento! Estamos equivocados?*

Ramatís: - O processo de reajustamento espiritual, no suicídio, realmente é doloroso, porque corresponde milimetricamente a cada átomo psíquico ou físico que tenha sido prejudicado por aquele que se suicida. Na lei de correspondência vibratória do Cosmo, pela qual os semelhantes atraem os semelhantes, a mente humana funciona como poderosa usina de força e se torna o potencial criador do seu próprio destino, que deve ser corrigido logo que perturbe a harmonia coletiva.

Há muitos séculos que a pedagogia divina recomenda que o primeiro objetivo a ser alcançado pelo encarnado deve ser o de conhecer-se a si mesmo, pois a criatura intimamente esclarecida sabe governar certas paixões animais que tanto degradam o espírito, mas que são imprescindíveis e valiosas para a vitalidade do corpo humano. O homem que resvala pelo atoladouro das suas insânias mentais e devota completo descaso às advertências rigorosas das leis espirituais, quando se suicida, a quem fere senão a si mesmo? Porventura será injusta a retificação severa mas necessária para ele readquirir o imprescindível equilíbrio psicofísico, que perturba por sua estulta autodestruição? Quando ele se mata em um minuto de insânia, materializa o psiquismo subvertido, que pode requerer algumas dezenas de anos para a sua completa renovação sadia, assim como o estouro da bomba, que se efetua num segundo, também pode causar depredações que durem lustros para serem reparadas.

Pergunta: - *Não seria suficiente que a expiação do suicida se limitasse aos tormentos dantescos, a que depois se sujeita no Além-Túmulo? Justifica-se o fato de ainda se prolongarem expiatoriamente pela existência seguinte?*

Ramatís: - O suicida não causa prejuízos apenas a si próprio; as conseqüências de sua truculência se estendem a outras criaturas, pois não só sacrifica o trabalho dos desencarnados, que cooperaram para o êxito da sua encarnação, como ainda subestima o carinho, os cuidados, as aflições e os serviços prestados pelos seus progenitores, parentes, educadores, subalternos e demais seres que a ele se haviam ligado pelos elos da estima e dos mútuos deveres.

A responsabilidade de uma vida sacrificada estupidamente antes do seu prazo legal não cessa apenas pelo fato de o suicida esgotar a sua dor no mundo astral. É preciso que ele, depois de ter vivido no perispírito os efeitos atroz dos estímulos mórbidos mentais e emotivos, deva ainda drenar os venenos aderidos ao seu psiquismo doentio, avaliando

também a dádiva do corpo carnal, que ainda terá de utilizar por vezes no mundo material, a fim de concretizar o seu destino angélico. A técnica retificadora induz o espírito do suicida a substituir o "desejo da morte" pelo "desejo da vida" e a liquidar a insignificante quantidade de "horas-sofrimento" para mais breve usufruir a eternidade de "horas-ventura".

É necessário que ele enfrente outra existência, mais oprimido pelo instinto de conservação da vida, que passa a vigiar atentamente todos os seus atos, evitando que seja novamente surpreendido por outro ataque de insânia psíquica suicida, destruidora do corpo físico. É por isso que os consultórios médicos, os centros espíritas, os terreiros de Umbanda, as casas de curandeiros ou lugares de milagres vivem repletos de aleijados e deserdados da sorte em busca da saúde e que, embora se encontrem deploravelmente enfermos, buscam ansiosamente os meios de sobreviver mais um pouco!

Quantos suicidas em potencial existem em tais lugares porque o instinto animal os obriga a se agarrarem vigorosamente à mesma vida física que no passado repeliram num momento de insânia espiritual!

Pergunta: - *A fim de melhor entendermos as vossas considerações sobre o suicídio pelo fogo, com a sua conseqüente prova cármica no futuro, podeis nos dizer algo sobre a natureza do pênfigo foliáceo e a sua relação com o suicídio pelo fogo?*

Ramatís - O pênfigo foliáceo ou, popularmente, o "fogo selvagem", apresenta toda semelhança com as queimaduras graves que uma criatura tenha sofrido. Manifesta-se por uma dermatose caracterizada por bolhas avermelhadas, com serosidade, que de princípio lembram as bexigas e as necroses conseqüentes das grandes queimaduras; mais tarde essas bolhas transformam-se em chagas que exalam mau cheiro, deixando as criaturas em carne viva e com dores atrozes.

A vertência tóxica do psiquismo enfermo é muito acelerada, e por isso se traduz em vida torturada, para o cumprimento do legado cármico da criatura. Comumente, os flagelados pelo pênfigo morrem reduzidos no tamanho dos seus corpos, com características semelhantes às das pessoas que hajam sido carbonizadas.

Existem zonas geográficas, no vosso orbe, que servem de verdadeiros pontos de concentração apropriados para ali se juntarem, com preferência, os infelizes encarnados que se suicidaram pelo fogo na vida anterior. Os prepostos siderais os reúnem nesse infortúnio imprescindível a fim de que melhor se auxiliem pelo mútuo apoio fraterno e pela conformação trazida pelo fato de ser uma provação coletiva. Principalmente a África, Ruanda no Congo Belga e Mato Grosso no vosso país, são pontos catalogados na psicoterapia do Espaço como "zonas eletivas" de astral "apropriado que melhor favorece a afluência das toxinas etéricas à periferia do corpo carnal, procedentes das contrapartes fluídicas, portadoras ainda dos efeitos da comburência do corpo anterior destruído pelo fogo.

Uma das provas da grande relação ou afinidade astral do pênfigo foliáceo para com o suicídio pelo fogo está na terapêutica atualmente empregada para minorar esse mal através do pincelamento com alcatrão no corpo chagado, pois esta substância, de acordo com a lei de que "os semelhantes atraem os semelhantes", é um produto também comburente obtido através do aquecimento da madeira ou da hulha.

Como os doentes do pênfigo também apresentam a anemia característica das pessoas que são queimadas pelo fogo ou produtos corrosivos, é preciso que, antes de serem tratadas pelo alcatrão, sejam fortalecidas por medicação vitamínica e de grande revigoramento

hepático. Conforme é do conhecimento comum, o alcatrão de hulha contém compostos como fenol, naftalina, benzeno, antraceno e outros, enquanto o alcatrão de madeira, além de conter óleos combustíveis, creosoto e substitutos da gasolina, serve para conservar as madeiras contra a putrefação. Como o perispírito se constitui de inúmeras substâncias astralinas, que têm certa analogia científica com os mesmos produtos físicos e químicos do vosso mundo, sendo em verdade as contrapartes etéricas desses corpos materiais por vós conhecidos, no suicídio pelo fogo tanto se queimam aquelas substâncias astrais - pela combustão no perispírito submetido ao fogo etérico - como ainda surge grande quantidade de combinações e toxicoses que, depois, precisam ser expelidas da delicada vestimenta etéreo-astral.

Para vossa melhor compreensão, supõe-se que no caso do suicídio pelo fogo se devam extinguir os elementos astrais que lembram a naftalina, a benzina, o creosoto, o fenol, aromáticos, antraceno, guaiacol e outros, e que no tratamento físico pelo alcatrão eles devam ser repostos magneticamente no perispírito, embora sem a quantidade e a dosagem terapêutica exata e eficiente. Então, pela repercussão vibratória, esses elementos vão reduzindo o veneno astral na vestimenta perispiritual e promovendo a conseqüente cicatrização no corpo físico. Supondo-se, ainda, que a ciência humana possuísse capacidade suficiente para ativar o energismo dos corpos físicos sublimados até o estado etérico e às suas condições astrais atuantes "do lado de cá", haveria então compensação ou cobertura dos elementos faltantes no perispírito, que foram subvertidos pelo fogo etérico, obtendo-se a cura do pênfigo foliáceo de modo quase miraculoso! Curado o perispírito, automaticamente cura-se o corpo, pois este é o prolongamento do que está materializado na Terra.

Pergunta: - *Podeis nos dar mais alguns exemplos desses efeitos da terapia astral repercutindo no corpo físico?*

Ramatís: - Que é o benzimento (ou mesmo o "passe") senão um tratamento astral magnético levado a efeito quando os benzedores transformam objetos, ramos, galhos e folhas de vegetais em condensadores astralinos, através dos quais descarregam a massa fluídica perniciososa, que se encontra aderida ao perispírito? Quase todas as espécies de dermatose que resistem à terapia comum da medicina terrena, tais como os eczemas ou, popularmente, "fervor do sangue", as erupções e crostas chamadas "cobreiros" e algumas espécies de "fogo selvagem" que se assemelham a queimaduras, são facilmente curadas com o benzimento feito com galhos de pimenta brava, onde ainda se comprova o efeito dos "semelhantes", pois a cura é conseguida com um elemento de natureza cáustica! O benzedor solicita um galho verde de pimenteira e, através de exorcismos e orações, que funcionam como os "mantrans" sagrados, consegue ativar o astral ainda latente no ramo da planta, transformando-o num condensador que passa a atrair os fluidos enfermiços da aura do doente. Comumente, quando o galho fica seco, o enfermo também está curado, pois o galho captou toda a cota de fluidos perniciosos e, então, extingue-se a sua própria vitalidade astral e vegetal.

Pergunta: - *Uma vez que o suicídio através do fogo implica posteriormente no sofrimento do pênfigo foliáceo, o enforcamento na produção do futuro corcunda e o afogamento na asfixia asmática, aqueles que contraem o pênfigo nas regiões onde tal moléstia é epidêmica não desmentem porventura essa regra cármica de causa e efeito?*

Parece-nos que o pênfigo proveniente de contágio local é uma prova de que ele não é exclusivamente uma forma patogênica proveniente de suicídio pelo fogo; não é assim?

Ramatis: - Ainda não há provas indiscutíveis quanto ao contágio pessoal do pênfigo foliáceo, pois muitos enfermeiros, médicos e missionários, que têm se devotado ao tratamento dessa moléstia, continuam imunes a ela.

Nem todos os corcundas ou portadores do pênfigo se enforcaram ou carbonizaram no passado; entretanto, é certo que todas as pessoas que se enforcam retornam gibosas e atrofiadas, enquanto as que se matam pelo fogo não escapam ao pênfigo ou às provas de gerarem novos corpos repletos de chagas tão dolorosas que até se assemelham a queimaduras de terceiro grau. No futuro, a ciência terrena verificará que o perispírito também é composto da maioria das substâncias conhecidas na vida física, com a diferença de que no mundo astral se encontraram em estado fluídico e são profundamente influenciáveis pelos pensamentos e emoções dos espíritos. Assim como no homem não existe uma "doença", mas um "doente", o mesmo se dá em relação ao perispírito, pois não é este que realmente enferma, mas é a mente que se desequilibra.

Daí o caso de dois indivíduos, vitimados pela mesma truculência suicida, poderem apresentar diversidade nas suas provas e retificações cármicas na carne, porque também variam as suas reações energéticas e a sua natureza psíquica.

Pergunta: - Os suicidas pelo fogo aceitam o pênfigo foliáceo como prova redentora, ou como expiação obrigatória?

Ramatis: - Advertimos-vos sempre de que não vos deveis deixar dominar pela idéia da existência de expiações, vinganças divinas ou punições nas provas dolorosas da vida humana, pois estas são resultantes da escolha consciente do próprio reencarnante que, durante a sua liberdade no Astral, as aceitou como sendo o processo mais eficiente para obter a sua renovação espiritual. A alma dispõe do seu livre arbítrio, dentro do limite traçado pela segurança de sua consciência e de sua responsabilidade espiritual para com o meio em que atua, o qual cessa assim que dos seus atos decorram prejuízos a outrem. Muitas vezes os técnicos e mentores siderais ainda aconselham moderação na escolha das provas dolorosas, mas os espíritos desencarnados vivem tão castigados pelo remorso atroz do passado, que se recusam a atendê-los e preferem arriscar a sua estabilidade psíquica nas provas extremas, tentando melhorar rapidamente o seu padrão espiritual e recuperar a ventura perdida.

Por isso, esses espíritos interessados na sua mais breve renovação espiritual, em lugar de considerarem as suas provocações como castigos ou expiações, aceitam-nas como recursos do cientificismo sideral, em que a lepra, por exemplo, torna-se eficiente canal drenador dos terríveis venenos e corrosivos que perturbam a harmonia espiritual; o pênfigo foliáceo significa a catarse das toxinas astrais do comburente do passado; quanto ao giboso, quando desencarna liberta as energias que se representavam na sua deformidade e que depois o exaltam devido à existência humilhante e dificultosa que viveu.

Pergunta: - Há outros tipos de delitos ou de acontecimentos trágicos provocados pela alma, que também produzam casos futuros de pênfigo foliáceo?

Ramatis: - Além de servir de resgate específico para os suicidas aniquilados pelo fogo, o pênfigo também serve de expiação a muitos envenenadores do passado, cujos tóxicos

familiarmente usados muito se afinizam com o efeito ardente do fogo e lembram a causticidade das chamas. Numerosos mandatários e verdugos, que muito se serviram do fogo para torturar ou aniquilar seus adversários e competidores do mundo, purificam-se através dessa técnica dolorosa, mas de elevado benefício espiritual. Obedecendo à técnica sideral que, em sua aplicação, varia de espírito para espírito, o carma dos incendiários e dos famigerados inquisidores do Santo Ofício - que no século XIV tanto tripudiaram sobre a ternura de Jesus, matando infiéis em seu abençoado nome - normalmente se compensa por terríveis acontecimentos, em que os corpos carnis desses espíritos também se carbonizam em incêndios ou provas semelhantes. Muitas vezes a Lei os reúne propositadamente em um mesmo veículo terrestre, barco, edifício ou aeronave, enquanto os jornais, depois, estampam notícias tétricas e confrangedoras do inexorável ou inexplicável destino ou "acaso" que reuniu um grupo de criaturas estranhas entre si, fazendo-as sucumbir em um mesmo local, sob o fogo indomável ou pela explosão destruidora. Certas criaturas que antevêm em sua intimidade espiritual as provas de sua expiação retificadora, sempre procuram evitar transportes, passeios ou atividades em que haja o perigo de fogo ou de explosão, que devem caracterizar os seus desenlaces escolhidos quando se achavam em liberdade no mundo astral.

Embora para a maioria da humanidade tais acontecimentos pareçam acidentes que vitimam criaturas boníssimas reunidas por "mera coincidência", trata-se de liquidações cármicas que congregam comparsas do pretérito, malgrado as suas raças, idades, sexos e condições sociais no mundo. É a Lei que os convoca e os ajusta para cumprirem o severo resgate da máxima inexorável que tanto subestimaram: "Quem com ferro fere, com ferro será ferido".

Pergunta: - *Aqueles que se suicidaram no passado conseguem recordar-se do seu ato tresloucado, na presente encarnação?*

Ramatís: - Eles não se recordam de modo claro e compreensível do seu suicídio, pois ainda são raros os encarnados que conseguem perceber o seu próprio passado espiritual. A memória etérica só se sobrepõe ao cérebro físico, da existência humana, naqueles em que a Lei o faculta para melhor desenvolvimento de sua sensibilidade psíquica, ou então nas criaturas muitíssimo espiritualizadas e capazes de ultrapassar os grilhões do corpo carnal.

A comprovação das encarnações anteriores pode servir de reajustamento para algumas almas titubeantes mas sensatas, enquanto que para outras ainda imaturas de espírito só causaria graves perturbações, pois nem todas estão capacitadas para suportar os quadros terríveis ou imorais que já vivera:m no perispírito.

Por isso, aquele que renasce agravado pelo estigma do suicídio passado é justamente o que menos pode e convém se recordar do passado. Entretanto, as almas mais sensíveis e dotadas de certa bondade, cujo suicídio progresso se deve mais à sua debilidade espiritual do que mesmo à revolta contra a vida humana, guardam no subconsciente uma invencível aversão por todos os atos e coisas capazes de os associar ao motivo fundamental que lhes provocou a loucura suicida no passado.

Pergunta: - *Poderíeis nos dar algum exemplo mais objetivo sobre esse assunto?*

Ramatís: - As almas de bom sentimento, por exemplo, que no passado se suicidaram desesperadas pela perda de seus bens no vício do jogo de cartas ou nas roletas dos cassinos, na encarnação seguinte se tornam adversárias sistemáticas e hostis de tais vícios, porque, devido à associação de idéias, o seu subconsciente lhes recorda o motivo fundamental que foi responsável pelo seu suicídio passado. Quando, em lugar do jogo, o ato tresloucado foi devido a paixão ilícita e explorada pela mulher viciada, também não escondem a sua aversão e temor instintivo pelos ambientes da vida fácil. Na intimidade de suas almas há sempre o grito acusador do pretérito, onde o motivo fundamental ainda é evocado na penumbra do psiquismo frustrado. Em muitos casos, o vício, a riqueza, o álcool ou então os fracassos emotivos ou as decepções políticas, parecem criar nas almas ex-suicidas uma segunda natureza, que lhes comanda o psiquismo e as obriga a reagirem, até com violência, diante dos mesmos ambientes ou acontecimentos que no passado motivaram a sua alienação mental.

Pergunta: - *O suicida de uma existência pode repetir o mesmo gesto tresloucado noutra encarnação?*

Ramatís: - Sem dúvida, pois tudo depende não só do seu maior ou menor grau de resistência espiritual, como também da força atuante das paixões a que se deixa escravizar novamente para com este ou aquele objetivo perigoso. Na encarnação seguinte, e de conformidade com o seu grau espiritual, o espírito torna a sentir os estímulos suicidas do passado e a incoercível tentação para repetir o seu antigo ato tresloucado, principalmente quando atinge a idade provecta que coincide com a mesma época em que, noutra vida, se suicidou. Incontestavelmente, desde que na nova romagem física ele não esteja revigorado pelas forças superiores e renovado no seu entendimento espiritual dos objetivos sagrados da vida humana, é certo que poderá fracassar novamente. E a situação ainda se torna mais periclitante quando, no período da maior recrudescência dos reflexos suicidas do passado, o ex-suicida ainda se encontra envolvido por novas angústias emotivas, vicissitudes econômicas ou físicas, que possam debilitar-lhe a resistência espiritual e abalar-lhe a serenidade, sob o impulso mórbido de liquidar o seu corpo mais uma vez. Quando o homem se encontra perturbado em espírito e batido pelas vicissitudes da vida humana, não só é mais vulnerável às emoções doentias dos destinos suicidas do pretérito, como ainda se torna presa mais fácil das sugestões perigosas dos espíritos das sombras.

Pergunta: - *O espírito do ex-suicida porventura fica propositadamente sujeito a outra tentativa de suicídio, só porque antes foi vítima desse ato desesperado? Não seria isso um excessivo sadismo da própria Lei Divina que, então, já não se contentaria apenas com o resgate tradicional do "ceitil por ceitil"?*

Ramatís: - De modo algum a Divindade impõe tal exigência; o sofrimento a que o suicida se sujeita no mundo espiritual, após à sua desencarnação, decorre exclusivamente da reação natural e científica do seu ato tresloucado, assim como as enfermidades e deformações físicas manifestadas na existência porvindoura serão consequência do trucidamento provocado no perispírito. O problema situa-se exclusivamente no campo técnico de forças

disciplinadas por leis de química e física transcendentais, as quais o suicida perturba violentamente, pela sua morte propositada e não acidental.

Embora vos pareça paradoxal, o espírito sofre em vida posterior apenas os efeitos trágicos das causas truculentas que se processaram no seu corpo físico violentado em vida anterior, pois a sua vontade imprimiu na substância sensível e plástica da mente indestrutível a exata fotografia do ato tresloucado, que no futuro o compromete diante da responsabilidade espiritual reencarnatória. A imagem trágica persiste no arquivo mental da memória etérica, encarnada na vida seguinte; grava-se de modo cruciante e atua como um potencial de reflexões negativas permanentes, que intervêm com insistência em todos os momentos de invigilância ou de associação mórbida da alma com fatos ou motivos semelhantes aos que a predispueram ao suicídio do passado. É uma idéia fixa, um tema ou motivo fundamental mórbido, que tenta a sua eclosão perigosa no reencarnado, sintonizando-se e encorpendo-se com todas as circunstâncias de angústia, desânimo ou desespero que, embora sejam comuns à vida humana, no caso dos ex-suicidas servem como multiplicadores de freqüência alienada noutra vida.

Essa idéia mórbida e tenaz só se enfraquece ou regride à medida que o ex-suicida também vai se distanciando cada vez mais da idade que coincide com o acontecimento trágico ocorrido no passado, ou então se o espírito faltoso se resguarda decididamente sob a prática dos sublimes ensinamentos de Jesus.

Não é a Lei Divina que impõe draconianamente os sofrimentos atrozes e punitivos ao suicida após a sua desencarnação, ou lhe aplica estigmas em nova encarnação. O Criador não se diverte em acostrar os seus infelizes filhos desequilibrados, o que seria prova de condenável sadismo, incompatível com a sua imensa bondade. O próprio cientificismo sidério é que faz repercutir no psiquismo os desequilíbrios e as desarmonias praticadas, em conformidade com a própria correspondência vibratória dos fatos trágicos do pretérito.

Sob o império dessa lei justa, as mesmas circunstâncias trágicas que criam reflexos destrutivos e na encarnação seguinte ativam, em épocas semelhantes, o impulso suicida, quando forem de natureza benfeitora também produzirão estímulos nobres, exaltando as almas para as realizações superiores. Enquanto o espírito faltoso se sente envolvido pelos estímulos gerados pela truculência contra si mesmo, os quais se refletem aflitivamente no seu novo organismo de carne como tara suicida, aquele que se sacrificou em favor de outras vidas humanas também será acionado pelos reflexos de heroísmo nas vidas posteriores, e que atestarão nele o fogo sagrado das sublimes emoções e das realizações superiores.

Pergunta: - *Quais são os fatores que podem auxiliar o ex-suicida a atravessar incólume a sua nova existência, vencendo a fase crítica dos estímulos mórbidos do passado, que poderiam levá-lo novamente ao suicídio?*

Ramatís: - Não vos esqueçais de nossas asserções anteriores; na época crítica desses estímulos ou reflexões suicidas do passado, o perigo de novo fracasso se torna mais intenso se o ex-suicida se encontrar onerado por outras provas cármicas, tais como acontecimentos trágicos na família ou perturbações emotivas, econômicas ou morais. Não vos devem ser estranhos certos acontecimentos dolorosos em que, devido a desastres trágicos, a perda de membros da família ou desregramento moral completo de esposo ou esposa, os sobreviventes se suicidam por não poderem suportar a ausência dos que morreram ou os efeitos humilhantes dos escândalos. Muitas vezes essas épocas angustiosas surgem em

conexão com os estímulos suicidas do passado, que estão vibrando intensamente em coincidência com a época do ato tresloucado e então se tornam a chave ou o detonador para explodir a contenção mórbida. É óbvio que esses fatos aflitivos acentuam ainda mais a força pretérita da "sintonia" suicida, porque alimentam o clima psicológico propício à alienação mental e conseqüente autodestruição. É muito raro o fato de o homem alimentar idéias de suicídio quando tudo lhe corre bem e se encontra em fase venturosa, satisfeitíssimo com o resultado de seus caprichos e objetivos, pois nessas condições os estímulos suicidas mais veementes não encontram ambiente favorável para atuar com a devida força destruidora.

A Lei da Vida não cria sucessos trágicos ou angustiosos com o fito de estimular novo suicídio ao espírito delinqüente, assim como não alimenta as deliberações homicidas. Tudo é conseqüência de maior ou menor concentração de forças psíquicas, motivos ou desejos que possam alimentar o clima eletivo para outra violência da alma contra si mesma. As imagens mentais que se focalizaram na autodestruição do passado é que continuam, no futuro, atuando na mente do espírito que sobrevive à desencarnação, associando-se a outros estímulos de desespero e aflições, que mais encorpam na época correspondente ao perigoso estímulo suicida. Dir-se-ia que o negativo suicida do passado se revela na substância viva do cérebro na mesma idade crítica que coincide com a morte violenta na existência passada.

Em conseqüência, essa fase crítica, perigosa e estimulante de um novo suicídio, poderá ser atravessada incólume, como se fora a impressão de um brado longínquo de apatia, desespero ou aversão à vida humana, sem a força de operar a consumação tresloucada, desde que o ex-suicida, agora reencarnado, se tenha devotado com ânimo espiritual superior ao seu novo curso de vida física, repudiando todas as influências perniciosas e rendendo culto exclusivamente aos objetivos elevados da vida espiritual.

Os estigmas do pecado no corpo físico e no perispírito

(INDAGAÇÕES FINAIS)

PERGUNTA: — *Poderíeis nos dizer qual a vossa impressão e a dos espíritos de vossa esfera com referência ao Espiritismo, que é doutrina de simpatia ocidental e que acaba de comemorar o centenário de sua codificação na Terra?*

RAMATÍS: — A doutrina espírita é profundamente ele-tiva tanto aos ocidentais como aos orientais, porquanto os seus postulados são intrinsecamente baseados nas experimentações do Oriente. O seu centenário foi nobremente reverenciado na nossa esfera de atividades espirituais, porquanto confirma o êxito de um dos mais louváveis movimentos de apressamento angélico para a grande massa de almas reencarnadas no Ocidente.

PERGUNTA: — *Quais as vossas considerações sobre a afirmativa de que o Espiritismo é a Terceira Revelação, já prevista nos labores espirituais do passado?*

RAMATÍS: — Moisés revelou ao mundo a Lei da Justiça Divina; Jesus foi o mensageiro da Lei do Amor, e Allan Kardec codificou a Lei do Dever.

A Primeira Revelação atemorizou o homem com a figura de um Jeová feroz e sanguinário, que não trepidaria em lançá-lo eternamente no fogo Infernal, sem qualquer esperança de fuga ou de perdão; a Segunda Revelação transformou esse irascível Deus guerreiro em um Pai Magnânimo, como doador de graças e providências para a salvação dos que sofrem e amam; a Terceira Revelação, como o "Consolador" prometido por Jesus, fixou as bases definitivas do "Dever" que o próprio espírito reencarnado tem para consigo mesmo.

Moisés foi rigorosa exigência para o Céu, através do temor e da ameaça; Jesus foi o convite celestial, pela renúncia e pelo amor; Kardec foi a inteligência e o bom-senso, para que o homem se emancipasse pelo conhecimento espiritual e pudesse alcançar a sua íntima ventura.

O Espiritismo propicia essa emancipação psicológica do Espírito através dos caminhos tortuosos da vida humana; revela que o homem é anjo em potencial e autor fiel do seu destino bom ou mau. Assinala também quais os principais deveres da alma no comando da carne e aponta as responsabilidades e as culpas que podem decorrer dos seus deslizes e afoitezas provocadas pelo descaso espiritual.

O homem não se gradua para situações meritórias pelo simples fato de ser bom sob ameaças de punições eternas; nem tampouco na passividade do fatalismo inconsequente de que "precisa sofrer" para evoluir, pois o sofrimento é tão-somente o produto da ociosidade e da ignorância da alma para com as disposições da Lei Sideral.

A mensagem espírita ensina a alma a despertar para a compreensão dessa Lei de Causa e Efeito, que rege a formação de sua consciência no Cosmo, exigindo o resgate total dos seus débitos do passado, mas também oferecendo os poderes e meios para que se faça a tão desejada libertação do fardo cármico das existências nos planetas físicos. Os ciclos das reencarnações físicas ainda são produto da incapacidade espiritual da humanidade.

PERGUNTA: — *Achais que o Espiritismo é o Cristianismo redivivo?*

RAMATÍS: — O Espiritismo, quer quanto aos seus objetivos de purificação moral do homem, quer quanto à sua mensagem consoladora prometida por Jesus, é sem dúvida alguma a revivescência do próprio Cristianismo, que se forjou com o sangue dos heróicos mártires sacrificados nos circos de Roma. Mas ainda se revela extraordinariamente valioso na sua mensagem edificante para a conquista dos bens da alma, porque ousou descerrar o misterioso "Véu de Ísis", que estabelecia a fronteira temerosa entre o mundo espiritual e a matéria densa. Kardec revelou-vos à luz do dia, num texto disciplinado e progressivo, o próprio conteúdo tradicional dos templos iniciáticos e das práticas reservadas, favorecendo o homem comum para que pudesse ativar a sua ascensão espiritual e integrar-se, mais brevemente, no divino mistério do "Eu Superior". Em vésperas do milénio do Mentalismo, que é o Terceiro Milénio já no limiar dos vossos dias, a doutrina espírita significa valioso recurso para a alma se libertar dos dogmas asfixiantes e afirmar a sua consciência de memórias acumuladas no tempo, para um melhor ajuste à Consciência Cósmica de Deus.

A singeleza didática do Espiritismo, aliada à grandiosa mensagem que se oculta na sua contextura íntima, asseguram-no como a doutrina atualmente mais favorável para a ascense da vossa humanidade, tão distanciada dos preceitos superiores do Espírito imortal. Graças à sensata e admirável acuidade psíquica de Kardec, entreabriram-se as cortinas pesadas que velavam às massas o mistério do ser e do seu destino. Mas a codificação também significa severo programa final, elaborado pelos Mentores da Terra, que vos servirá como a última arguição para serem aliciados aqueles que realmente se interessaram pela ética ditada pelo Cristo. Em verdade, é o "teste" para o rigoroso exame final que precede a mais importante transformação do vosso planeta, desde que este foi corporificado no trânsito sideral pelo Cosmo!

É por isso que os postulados espíritas não de penetrar em todos os lares e preocupar todos os seres. Mas é necessário que não os confundais com princípios de seitas imbuídas de exclusivismos isolacionistas, pois o Espiritismo é intérprete de Jesus, na sua função de Cristianismo Redivivo; é divino fermento que modifica e nutre o meio em que atua, assim comotambém é fonte de esclarecimentos, nas contendas do fanatismo humano. De modo algum tem ele por função criar novas fronteiras separatistas nas competições religiosas do mundo pois, na figura de elevado movimento filosófico espiritual, que amplia a visão da alma subvertida pelas ilusões do mundo carnal, é, acima de tudo, um condutor evangélico de feição universalista; é força coesiva e vigoroso cimento de solidariedade entre todos os homens. Mas também deve afastar-se da ideia de promover ecletismos religiosos formalísticos à superfície do Espírito imortal.

A mistura heterogénea de seitas adversas, embora sob respeitável entusiasmo de alguns adeptos do Espiritismo, sempre sacrificará a sua pureza interior, pois que a qualidade será sacrificada pela quantidade. E o Espiritismo, antes de tudo, deve ser considerado como

ecletismo espiritual, pois de sua presença em qualquer elemento de vida humana resulta sempre melhor interpretação da técnica real da Vida Superior.

PERGUNTA: — *E no futuro, não haverá perigo de os valores puros do Espiritismo se promiscuírem com outras seitas ou doutrinas exóticas?*

RAMATÍS: — É preciso que compreendais que Allan Kardec não poderia estabelecer todos os postulados e as linhas sensatas e fundamentais da doutrina espírita apenas no decurso de sua última existência física na França, no século passado; ele apenas deu corpo disciplinado, entendí-vel ao homem comum, aos princípios que já se haviam fixado em sua retina espiritual durante cerca de três milénios de preparativos iniciáticos em várias romagens reencarnatórias pelas diversas latitudes geográficas do orbe terreno. Quando se reencarnou no Egito, na figura ponderada e estudiosa do sábio Amenófis, o espírito que futuramente seria Kardec pôde reviver toda a sua trajetória anterior e meditar nos inúmeros labores espiritualistas dos templos consagrados aos mistérios da alma. Em sua alma ainda vibravam as evocações do politeísmo da Lemúria, as revelações dos génios da Atlântida e os esforços dos infatigáveis mentores siderais que auxiliaram a raça adâmica nos seus primórdios de civilização organizada. Kardec sempre conviveu em contato com os grandes hermetistas, no Egito e na misteriosa Índia dos Vedas, onde assimilou os fundamentos e as práticas do Bramanismo; mais tarde peregrinou pelas regiões que serviram de cenário ao Sublime Jesus, acompanhando de perto os surtos evolutivos do Cristianismo.

As suas existências no pretérito já definiam o seu futuro ideal e revelavam os primórdios de um grandioso plano elaborado pelo Alto, pois sempre habitou a Terra com o espírito endereçado particularmente aos objetivos da Espiritualidade Superior. Essa decisão indesviável e firmeza de intenções tornaram-se o milenário cimento de garantia insuperável à doutrina espírita, que se revelou ao mundo ocidental assim que a sua humanidade apresentou condições psicológicas exigíveis para um intercâmbio sensato e progressista com o plano invisível.

É indiscutível a superioridade da pedagogia espiritual codificada por Kardec em favor da mais breve ascensão humana, porque os seus fundamentos não residem tão-somente na seleção de valores fenomênicos observados em sua última existência terrena. As principais raízes do Espiritismo perdem-se nos milénios já transcorridos e aprofundam-se em quase todos os templos iniciáticos, ligando-se também às demais filosofias de proveito espiritual de quase todos os povos. Trata-se de bases edificadas desde os santuários egípcios até às instituições sagradas da Índia, as quais, assim que foram entrevistadas por Allan Kardec, na comunicação dos Espíritos, na França, despertaram-lhe a memória etérica e se associaram aos novos acontecimentos. E então, enquanto a maioria dos apreciadores, de tais fenómenos se mantinha ignorante da realidade milenária do Espírito Imortal o genial codificador foi tomado por uma avalanche de ideias que lhe inundou a alma tão experimentada no pretérito, reconhecendo familiarmente os velhos prantos da Lei da Reencarnação, da Lei do Carma e da sobrevivência espiritual.

Sob o fascínio dessa evocação pretérita, em sua retina espiritual delinearam-se os vultos heráldicos dos severos sacerdotes de Ra e Osíris-Ísis, no suntuoso culto aos "mortos que sobrevivem"; as figuras imponentes dos druidas na filantropia; a oferenda no seio das florestas dos gregos presidindo aos mistérios de Elêusis.

Hermes, Krishna, Lao-Tsé, Zoroastro, Rama, Buda e o divino Jesus influenciaram-lhe a alma por algum tempo, embora Kardec se sentisse condicionado na existência francesa a uma severa disciplina científica. Atuava-lhe na mente sensibilizada por essa evocação incompreendida o resultado da longa caminhada através das instituições espiritualistas do passado, quando buscava conhecer os motivos da vigorosa imposição da matéria planetária sobre a entidade espiritual.

É por isso que a doutrina espírita nunca se extinguiu na sua linhagem iniciática, nem há de se subordinar aos exotismos dissolventes, recrutados em labores espirituais imaturos, pois a sua força principal reside exatamente nesses alicerces milenários de pesquisas e experimentações adultas, totalmente forjadas no terreno sólido das realizações tenazes dos povos devotados aos problemas espirituais. A própria natureza religiosa que forma a textura essencial do Espiritismo é profundamente universalista, porque se firma no Evangelho, que é o tratado cósmico de orientação espiritual no mundo de formas.

PERGUNTA: — *Afirmam alguns espiritualistas efrater-nistas iniciados que a doutrina espírita não pode sobreviver a contento, porque lhe faltam o método e a disciplina, que só a cultura e o ritmo iniciático poderão despertar nos seus adeptos. Acreditam eles que a sincronização espiritual consciente, familiar aos ambientes de linhagem iniciática, é que há de produzir a desejada emancipação sideral. Que podeis nos dizer a esse respeito?*

RAMATÍS: — Existem épocas psicológicas apropriadas à revelação de cada sistema de ascensionamento espiritual. Conforme podeis avaliar, difere entre si o tecnicismo evoluda Atlântida e os esforços dos infatigáveis mentores siderais que auxiliaram a raça adâmica nos seus primórdios de civilização organizada. Kardec sempre conviveu em contato com os grandes hermetistas, no Egito e na misteriosa Índia dos Vedas, onde assimilou os fundamentos e as práticas do Bramanismo; mais tarde peregrinou pelas regiões que serviram de cenário ao Sublime Jesus, acompanhando de perto os surtos evolutivos do Cristianismo.

As suas existências no pretérito já definiam o seu futuro ideal e revelavam os primórdios de um grandioso plano elaborado pelo Alto, pois sempre habitou a Terra com o espírito endereçado particularmente aos objetivos da Espiritualidade Superior. Essa decisão indesviável e firmeza de intenções tornaram-se o milenário cimento de garantia insuperável à doutrina espírita, que se revelou ao mundo ocidental assim que a sua humanidade apresentou condições psicológicas exigíveis para um intercâmbio sensato e progressista com o plano invisível.

É indiscutível a superioridade da pedagogia espiritual codificada por Kardec em favor da mais breve ascensão humana, porque os seus fundamentos não residem tão-somente na seleção de valores fenomênicos observados em sua última existência terrena. As principais raízes do Espiritismo perdem-se nos milênios já transcorridos e aprofundam-se em quase todos os templos iniciáticos, ligando-se também às demais filosofias de proveito espiritual de quase todos os povos. Trata-se de bases edificadas desde os santuários egípcios até às instituições sagradas da Índia, as quais, assim que foram entrevistadas por Allan Kardec, na comunicação dos Espíritos, na França, despertaram-lhe a memória etérica e se associaram aos novos acontecimentos. E então, enquanto a maioria dos apreciadores, de tais fenômenos se mantinha ignorante da realidade milenária do Espírito Imortal o genial codificador foi tomado por uma avalanche de ideias que lhe inundou a alma tão experimentada no pretérito,

reconhecendo familiarmente os velhos prantos da Lei da Reencarnação, da Lei do Carma e da sobrevivência espiritual.

Sob o fascínio dessa evocação pretérita, em sua retina espiritual delinearam-se os vultos heráldicos dos severos sacerdotes de Ra e Osíris-Ísis, no suntuoso culto aos "mortos que sobrevivem"; as figuras imponentes dos druidas na filantropia; a oferenda no seio das florestas dos gegos presidindo aos mistérios de Elêusis.

Hermes, Krishna, Lao-Tsé, Zoroastro, Rama, Buda e o divino Jesus influenciaram-lhe a alma por algum tempo, embora Kardec se sentisse condicionado na existência francesa a uma severa disciplina científica. Atuava-lhe na mente sensibilizada por essa evocação incompreendida o resultado da longa caminhada através das instituições espiritualistas do passado, quando buscava conhecer os motivos da vigorosa imposição da matéria planetária sobre a entidade espiritual.

É por isso que a doutrina espírita nunca se extinguiu na sua linhagem iniciática, nem há de se subordinar aos exotismos dissolventes, recrutados em labores espirituais imaturos, pois a sua força principal reside exatamente nesses alicerces milenários de pesquisas e experimentações adultas, totalmente forjadas no terreno sólido das realizações tenazes dos povos devotados aos problemas espirituais. A própria natureza religiosa que forma a textura essencial do Espiritismo é profundamente universalista, porque se firma no Evangelho, que é o tratado cósmico de orientação espiritual no mundo de formas.

PERGUNTA: — *Afirmam alguns espiritualistas efrater-nistas iniciados que a doutrina espírita não pode sobreviver a contento, porque lhe faltam o método e a disciplina, que só a cultura e o ritmo iniciático poderão despertar nos seus adeptos. Acreditam eles que a sincronização espiritual consciente, familiar aos ambientes de linhagem iniciática, é que há de produzir a desejada emancipação sideral. Que podeis nos dizer a esse respeito?*

RAMATÍS: — Existem épocas psicológicas apropriadas à revelação de cada sistema de ascensionamento espiritual. Conforme podeis avaliar, difere entre si o tecnicismo evolutivo das mensagens reveladas separadamente por Moisés, por Jesus e por Kardec. A textura e a localização mental de cada uma dessas mensagens variam exatamente conforme a psicologia e a cultura espiritual dos povos, na época de sua revelação. A Direção Superior não costuma violentar a imaturidade espiritual dos povos em aprendizado no mundo de formas; gradua-lhes as revelações ou então veste a realidade ainda ofuscante com a simbologia protetora e só entendível aos iniciados. A figura do feroz Jeová, descrita por Moisés, distancia-se bastante da ternura do Deus revelado por Jesus, se bem que por isso certos crentes aguardam ingenuamente as "graças" e "providências divinas", subvertendo o sentido dinâmico do Evangelho. Essa pretensão foi mortalmente ferida pela severidade das "obrigações" e "deve-res" que Allan Kardec assinalou em sua genial codificação. E por isso, depois do advento do Espiritismo, a entrada no céu se tornou mais dificultosa para os ociosos de todos os tempos, que vicejam à sombra dos templos religiosos e praticam deslizes sob a proteção das "graças" a serem requeridas à última hora...

O melhoramento espiritual é fruto de auto-sacrifício, e Deus não faz concessões levado por compungidos louvores de suas criaturas que, só à perspectiva de sofrimentos compulsórios, despertam a vontade adormecida. E o Espiritismo surgiu no momento psicológico exato, assim que o homem terrícola principiou a transpor as fronteiras da letargia das formas

para atuar na intimidade da energia em liberdade. A magnanimidade do Criador só entreabriu as cortinas do milenário mistério às massas quando verificou a realidade do seu despertar mental para as forças ocultas.

Por isso, enquanto os homens ainda não podiam conceber a natureza das forças poderosas desse mundo oculto, era muito justo que os esclarecimentos se fizessem por etapas preparatórias, no interior dos templos iniciáticos, por intermédio dos hierofantes entendidos do assunto. Mas, desde que a humanidade apresenta um índice científico capaz de compreender as causas geratrizes dos fenômenos da matéria, na feliz concepção de "energia condensada", justifica-se agora que o que era oculto ao homem comum seja explicado à luz do dia. A codificação espírita já estava prevista por Jesus quando predisse: "Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vós fará lembrar de tudo que vos tenho dito" (João, 14:26).

A maturidade científica e a receptividade psíquica, sensibilizada nos milênios findos, recomendam que a mensagem do Espiritismo, em sua plenitude oculta, seja transferida para o entendimento cotidiano do homem comum. Cada homem deve ser o seu próprio fiscal na trama da vida de relações; há que vigiar severamente os seus atos e intercâmbio com os demais seres, pois em face da proximidade dos tempos das aflições, profetizados por Jesus, o cenário aberto do mundo profano já substitui as abóbadas severas dos templos iniciáticos.

O exaustivo entrechoque de ideias e o crescimento do conflito emotivo, entre as criaturas cada vez mais dominadas pela cobiça, o egoísmo e oportunistas anticristicos, significam as provas que devem graduar os discípulos para as glórias do "Eu Superior". E o Espiritismo, embora para alguns se afigure apenas um conjunto de princípios reduzidos, do mundo oculto, é realmente a porta entreaberta para as almas dotadas de ânimo, coragem e perseverança, decididas a encontrar a "pedra filosofal" da purificação interior e que, diante do umbral do Templo, repleto de sugestões equívocas e seduções perigosas, não temem em levantar completamente o decantado "Véu de Ísis", da tradição iniciática.

Mas, recordando as severas advertências do passado, dir-vos-emos que, se o Espiritismo significa a porta do Templo de Revelação Espiritual, é preciso que o seu adepto deixe as sandálias impregnadas da poeira do mundo ilusório, para então ali ingressar ao encontro da divina "voz sem som" do Cristo e conhecer a realidade do "Caminho, a Verdade e a Vida".